

QUADROS DE UMA EXPOSIÇÃO

"O maior bem para um homem é justamente ocupar-se todos os dias com a virtude e com as outras questões sobre que me ouvis discorrer, examinando-me a mim próprio e aos outros. Uma vida sem exame não vale a pena ser vivida (...)

É o que vos afirmo Atenienses, embora não seja fácil convencer-vos."

SÓCRATES

(In "Apologia de Sócrates" de Platão)

III

GIRASSOIS

"De modos estranhos, difíceis de reconhecer, os deuses estão entre os homens. Realizaram muitas coisas para lá de de toda a esperança e o que era procurado surgiu de outra maneira. Um caminho que nunca imagináramos, os deuses encontraram para nós. Assim tinha de acontecer".

Eurípides.

INDÍCE

- <i>Prólogo</i> -	4
- <i>Capítulo I</i>	8
- <i>Capítulo II</i>	36
- <i>Capítulo III</i>	80
- <i>Capítulo IV</i>	113
- <i>Capítulo V</i>	134
- <i>Capítulo VI</i>	164
- <i>Capítulo VII - Interlúdio</i>	210
- <i>Capítulo VIII</i>	224
- <i>Capítulo IX - Final</i>	244

PRÓLOGO

(que podia ser Epílogo, mas também não o é)

Elsa semicerrou os olhos, deixou cair o livro sobre os joelhos e ficou como que suspensa entre o céu e a terra, sorrindo, perdida em recordações e esperanças. Sentiu um frémito imperceptível percorrer o corpo e eriçar-lhe a pele. Sentia quase um frio, mas era antes um enorme desejo de ternura, de ser abraçada, de não ficar ali parada e calada, ao sol que descia para poente.

Esquecera tudo; a vida aparecia-lhe como um abismo, uma maravilhosa caverna de Aladino, onde é preciso descobrir a palavra de passe e armar-se de coragem para a percorrer e ganhar as suas belezas e riquezas.

Viver! Respirou fundo várias vezes, quase suspirando; podiam notar-se os pequenos seios ganharem forma e desaparecerem novamente sob a blusa azul de ramagens.

Entreabriu os olhos. O ar lavado pelas últimas chuvas da Primavera recente revelava ao longe a silhueta cinzenta das ilhas Berlengas e, mais pequenas, os Farilhões; a costa alongava-se até Peniche em arribas escuras, esverdeadas, com recantos de areia franjeados de espuma.

Na distância tudo parecia calmo. Na praia quase deserta as gaivotas, os vultos que passeavam sossegadamente; aqui e além um pescador equipado de enormes canas na expectativa de apanhar robalos.

Elsa lembrou-se então de Tomás.

Como gostaria que ele estivesse ali, que ficassem a conversar até tarde, até, na praia, se acenderem as pequenas lanternas dos pescadores. Então, falar-lhe-ia de como "díficeis de reconhecer, os deuses estão entre os homens". Explicar-lhe-ia... Riu-se para si, encolheu-se um pouco, talvez pelo fresco do fim da tarde, de horizonte límpido e róseo.

Ele então viria com outra frase. Contaria uma história, que pareceria não ter que ver com o assunto até que ela compreendesse que "um caminho que nunca imagináramos os deuses encontraram para nós".

E ficariam muito tempo a conversar, a conversar, os dois, esquecendo as hesitações e a timidez de ambos, até que a noite, com seu manto negro tudo encobrisse.

Elsa dissera: Eu sei o que quero. Sabia? Não. Claro que não. Como podia saber! Como podia decidir?

Amanhã levo-lhe o livro.

Somos iguais. Iguazinhos.

- Elsa! Elsa! Já estou cansado de esperar naquele Café! Vamos embora. Já é tarde. Sabias? Nunca ligas às horas.

Elsa olhou o marido, distante, ainda não regressada do sonho.

- E o miúdo. São horas de comer! Ou também não te lembras do miúdo.

- Sim. O miúdo...

Devagar, Elsa levantou-se olhando-o. Depois, disse com voz contrariada:

- Também a tua mania das horas.

- Afinal o que é que queres! Já não estás farta de estar aí?

Elsa encolheu os ombros e caminhou vagarosamente subindo da praia para o Café-Restaurante, passando ostensivamente junto a César sem o olhar. O filho brincava na areia junto à escada que ligava a esplanada à praia. Sentiu-se desalentada, os ombros a descaírem.

- Tinha de ser... A brincar na porcaria.

Passou a mão pelos cabelos alourados, apanhados numa fita azul atrás, como que para afastar ideias e correu para o filho.

- Pai... E o amor. Existe? Existiu?

Tomás curvou-se para a frente no sofá, apertando as mãos, fitando sem expressão os olhos ansiosos do adolescente, o cabelo sobre a testa, a pele rósea e macia. Na penumbra da sala o silêncio. As janelas coavam a luz e os ruídos da rua. Gritos, risos, apelos. Perdidos nos pensamentos e na escuridão que invadia a sala, pareciam apenas esboçados reflexos da última luz do dia.

- Existiu sim. Existiu.

- Então?

- Tudo passa. O que nasce e cresce, morre; desfaz-se, perde-se. É assim.

- Como foi que conhecestes a mãe, pai?

- Oh! Já lá vai tanto tempo.

- Mas... namoraram-se. Amaram-se.

Resposta curta e breve.

- Oh! Sim...

- Então...

- É a vida. É cruel. É horrível, parece que o homem foi amaldiçoado: fere, destrói, consome, pelo desejo, pela ambição do prazer, sem saber porquê nem para quê como se dentro dele houvesse uma força maligna, pela qual só o excesso lhe dá prazer. Os seus impulsos arrastam-no para crises e desastres...

- E eu, pai?

- O quê?

- Eu! Desejaram-me ao menos?

- Claro. Não tenhas dúvidas.

- Sobro eu... Ao menos amaram-se. Não nasci por acaso.

- Não. Certamente que não.

- Ainda bem. Pelo menos não tenho esta dúvida. É um pesadelo não se ser desejado.

- Não. Talvez pior seja o pesadelo de já não se desejar...

Tomás olhava o Rui Manuel sentado no sofá à espera de respostas.

- Pensas que a vida é simples. Pensas que há respostas simples. O significado das palavras é o das nossas próprias experiências ou das que entendemos.

Novamente se calou perdido nos fios condutores de recordações.

Silêncio. A noite é plena. Rui Manuel, fala baixinho:

- Pai, vamos buscar a mãe a casa da avó?

Sem ouvir o filho, Tomás pensa que o seu passado já está tão longe que parece nem ter sido com ele.

- Pai, o que esperas?

- O quê? O que espero... O que esperamos cada um de nós, o que esperamos uns dos outros... O que esperava a tua mãe de mim o que eu esperava dela. Sabes, às vezes gostava de pensar: amamo-nos e mais nada, o resto vem por si. Isto está certo. Talvez completamente certo... Mas quanto tempo dura o amor assim? É este o problema, mas há outros. A nossa sociedade não é uma selva, porque aí há regras bem definidas e conhecidas de todos, aceites por todos. É uma floresta devassada pelo homem e cheia de armadilhas, com um clima de lassidão, pronto a corromper tudo o que é puro. Acaso duas crianças podem seguir de olhos vendados e encontrar o caminho num bosque cerrado? Não, a vida seria simples se a sociedade em que vivemos fosse simples.

A noite penetrara na sala, os contornos definidos apenas pelas réstias de luz proveniente dos candeeiros da rua. Fazia frio e Tomás encolhia-se, parecia até encurvado, no sofá. Falava lentamente procurando as palavras sem se importar em convencer ou saber se era seguido, como se ditasse um testamento:

- Vê os casais que nos cercam, vê o que está sob a capa de respeitabilidade, sob o convencionalismo. A maioria deles não se amam já, é apenas coexistência... nem sempre pacífica. Mas o problema é diferente: não importa apenas viver juntos, o que importa é saber como. Não basta falar em felicidade, verdadeira ou fingida, é preciso beleza...

A sua voz era rouca como se as palavras lhe arranhassem a garganta.

- Pai, e eu? – perguntou Rui Manuel

Tomás levantou-se e foi espreitar a escuridão das ruas, o halo de luz e humidade à volta dos candeeiros, o brilho no piso molhado.

E ele? Ele... um dia aquele rapaz fechar-lhe-ia os olhos e acompanharia o seu caixão até ficar coberto de terra. Dissimularia as lágrimas, recordar-se-ia dele e desta noite, como ele próprio daquela manhã em que a enfermeira colocou o cestinho com uma fita azul junto ao vidro...

- O cestinho branco com a fita azul e tu bebé, de cara redonda a chorar, mas eu não ouvia nada...

- O quê, pai?

- Quando eras pequeno não deixavas ninguém dormir.

O rapaz olhou-o com um ar desolado.

- Pai, não foi isso que eu perguntei...

I

Quando Sara, rindo-se, voltou a cabeça, ficou surpreendida ao descobrir fixado nela o olhar daquele rapaz sério, que de relance lhe pareceu simpático e levemente triste, mas não o demonstrou.

Desejava a cada momento, comprovar que ainda a olhava e pelo canto do olho descobria a cabeça dele voltada na sua direcção. Queria encará-lo de novo; queria e não queria. Não por vergonha, não porque achasse mal, mas por não aceitar a ideia de poder estar a desafiar um homem, isto é, um rapaz. Havia as que entravam nesse jogo, ela nunca. Contudo, o apelo do sexo ou a curiosidade, ou ainda a vaidade, não a deixavam tranquila.

Por instantes, não via o campo de jogos, não via os amigos e amigas, não via a equipa da sua Faculdade, apenas existia aquele olhar que sentia agarrado à sua nuca. Isso irritava-a. Acabou por voltar-se, com um ar de reprovação ou de desafio que se perdeu em admiração e num sorriso, ao encarar o jovem que, de mão apoiada, a olhava, sorrindo, com ar de parvo, como se ali, por único espectáculo, nada mais houvesse senão ela.

Este foi o momento da conquista. Como sempre se disse, mas que não o é, pois quem conquista quem? Agora, pensava Sara, tranquila, sabendo-se rendida e disponível, é com ele: se estiver interessado... que tente. Sorriu-se, ela era difícil e arisca. Recusava namoros e não se aventurava em intimidades. Podia arranjar-se durante horas se fosse preciso, só para se saber admirada e desejada. Tinha um pouco da crueldade ingénua das crianças, que a brincar podem incendiar edifícios.

Suportava os olhares penetrantes dos homens, velhos ou novos, casados ou sem compromissos, com vaidosa indiferença, de quem está num mundo à parte onde a vida sexual é apenas um vago ponto de referência. Era lógico o homem cobiçar a mulher, era natural esta recusar.

A Maria José, vizinha e amiga desde os tempos da escola primária, descomplexada e namoradeira, tentava arrastá-la nas suas andanças, provavelmente para ter mais cobertura para a sua sã mundaneidade ou simplesmente por não entender que as suas irritações e ardores não fossem comuns a todas as raparigas, mais propriamente à Sara, que não tinha nada que ser diferente.

Era assim que Maria José a subtraía, de casa dos pais ao sábado à tarde, para irem ao café, por vezes ao cinema ou, como naquele dia, ao Estádio Universitário, para conviverem, a propósito de quaisquer competições desportivas entre colegas. Os pais de Sara, naturalmente desconfiados e ciosos da filha, aceitavam as solicitações da Maria José que conheciam desde petiza.

Sara ia, enfim, cheia de recomendações, com seu ar delicado, muito arranjadinha e perfumada, de soquetes e saia curta levemente rodada (como se usava em meados dos anos 60), mostrando as pernas elegantes, mas bem cheias. A Maria José já tinha insistido para ela aceitar o namoro do Jo, um tal Joaquim Manuel filho de um construtor civil e que frequentava o Instituto Superior Técnico.

Mas Sara não se decidia. Percebia-se que o rapaz estava pelo beicinho - podia mesmo dizer-se, atendendo ao seu lábio inferior, pela beizola -, mas o seu ar algo boçal, intimidava-a. A Maria José não entendia como era possível recusar o filho de um construtor civil, ainda para mais, no Técnico.

- Que diabo. Aceita, experimenta e depois logo vê. Se não gostares, corres com ele.

Era este o método da Maria José, talvez até ao dia em que lhe aparecesse uma espécie de Robert Redford - para falar num galã daquele tempo - ou o filho de um construtor civil.

Porém, Sara, ou muito insensível ou demasiado romântica, ignorava estes artifícios lógicos e prosseguia o seu caminho, olhando em frente, com o ser ar ingénuo e firme, balouçando as ancas e os bem proporcionados seios, mostrando as suas belas pernas, que a saia generosamente descobria.

Seria este conjunto, tentador, mas sem nada de especial, que atraía Tomás? Porque Sara não era propriamente uma beleza. Interessante, gira como diriam os colegas, mimosa sem dúvida. Teria mesmo um ar insípido com a sua boca pequena, de menina mimada, se não fossem os seus olhos de amêndoa sob as sobrancelhas arqueadas, revelando insuspeitados desejos.

Durante a semana, na Faculdade, Sara percorreu corredores e átrios à espera de encontrar novamente aquele olhar e, caso curioso, foi ela que pediu a Maria José para voltarem ao estádio universitário no sábado seguinte.

Nada há mais sensacional e inexplicável que a transmissão de pensamento dos apaixonados! Talvez a mesma força que faz voltar as aves, de centenas, de milhares de quilómetros de distância, ao seu ninho de Primavera, também fez que Sara e Tomás se olhassem de novo, precisamente no mesmo local da semana anterior.

Voltaram a olhar-se e a sorrir, mas não propriamente a encontrar-se. Nem Tomás sentia coragem, nem Sara era capaz de sair do sítio onde a tinham posto.

A Maria José que não deixava passar nada, dava cotoveladas na amiga e dizia:

- Olha, lá está aquele outra vez!

- Ah! Sim... Quem?

- Afinal conhecem-se ou não? Mas ele não te fala... põe-se a olhar e nada.

Tomás sentia-se perdido sem saber o que fazer, furioso consigo próprio pela falta de iniciativa, vermelho de vergonha, desejando não ter vindo. No fim, viu-a partir com a Maria José e outros colegas, achando ainda coragem para lhe sorrir e acenar um adeus.

Ela respondeu e ficaram assim, um momento, com as mãos paradas, suspensas, olhando-se frontalmente, olhos nos olhos, admirados deles próprios, enquanto Sara ia sendo arrastada no movimento.

Tomás revia-a, sonhando. À noite adormecia imaginando o seu sorriso, o seu olhar, o seu adeus. Fazia planos, agora mais seguro para uma futura abordagem. Calculava tudo como se se tratasse de uma campanha militar, como encontrá-la, o que dizer, onde ir, até uma prenda para lhe oferecer. Na noite, descobria novos encantos no seu rosto, novos fascínios nos seus cabelos, novos milagres no seu corpo.

E Sara? Sara não se permitia sonhar muito. Cerrava os lábios e afastava os pensamentos perniciosos da ilusão e da tentação. Satisfeita consigo própria, enroscava-se mais e, num recanto do seu espírito, deixava uma pequena luz guiá-la na noite, mais de sono que de sonho, garantindo-lhe que tinha um apaixonado a sério, que lhe interessava e que não deixaria escapar esta oportunidade, como deixara o namorico do liceu, contrariado, ou melhor, reprimido pelo pai.

O pai. O pai era um chato, mas não tinha nada que interferir. Só quando estivesse tudo definido e decidido por ela, é que saberia.

Sim! Porque tinha a certeza: ia mesmo namorar com o Tomás. E namoro para Sara só tinha uma via: a sério, isto é, para casar.

Durante a semana, Tomás, pôs a sua estratégia em acção, mas, por mais que a procurasse pelas Faculdades, não a encontrou. Apanhava um autocarro desde o Instituto Industrial e corria para a Cidade Universitária; faltava até às aulas para a procurar. Nada. Perdera-a?

O ânimo arrefecia, mas de tanto sentir a falta do chamado objecto da paixão, amava-a - convenciam-se disso - ainda mais. Tinha tanto para dar e só encontrava o vazio...

Encontrou, sim, a Maria José num plenário da RIA a Reunião Inter Associações de Estudantes, centro de união dos estudantes universitários e de contestação ao regime.

Preparava-se nessa altura uma greve académica, concentração junto ao ministério e manifestação. Como habitualmente, terminaria com as correrias e os espancamentos da carga policial, dirigida por distintos oficiais que, posteriormente, bons anos depois da queda do regime, seriam sabiamente agraciados e distinguidos pelos democratas da altura, devido aos seus bons e exemplares serviços.

Tomás, na multidão de estudantes junto à Reitoria procurava sem esperança a ainda praticamente desconhecida Sara, mas quem o viu foi Maria José que se aproximou com ar galhofeiro.

- Parece que andas à procura de alguém!

Tomás ficou confuso e teve dificuldade em reconhecê-la.

- Ela não veio... - continuou a Maria José.

- Ah! A tua amiga... Bom diz-lhe que gostava de falar com ela. Eu sou o Tomás. Dizes?

- Está bem, e já que estamos em apresentações ela é a Sara e anda em Letras. No 2º ano, tem aulas à tarde e tu tens andado por cá a outras horas não é?

- É. Eu... - ia a dizer que era do Instituto, mas envergonhou-se. Afinal não era Universitário.

Um ruído de aplausos entusiásticos interrompeu-o. No final, conforme decidido no plenário, foram ao Campo Grande em manifestação de protesto e a distribuir panfletos,

até as famosas carrinhas, designadas por "creme nívea", devido à semelhança com as cores daquelas embalagens, despejarem os "agentes da ordem" que, provocando a maior desordem, os obrigaram a correr rua abaixo. Tomás deu a mão a Maria José para a ajudar a fugir. Valeu-lhes um colega atrás que tropeçou e caiu; os polícias que iam à frente, por reacção instintiva, atiraram-se logo à pancada a este, perdendo assim a pegada dos outros. Maria José e Tomás enfiaram-se no primeiro autocarro que viram.

O condutor sabendo que eram estudantes a fugirem da polícia não lhes cobrou o bilhete; aproveitando-se da quase ausência de passageiros disse-lhes baixinho, cheio de ingénuas esperanças:

- Têm que ser vocês... Com os estudantes é que isto leva uma volta.

No caminho, cansados da correria e da agitação nervosa de toda a tarde, sentiam-se satisfeitos de se verem a recato; orgulhosos do desafio à autoridade; confiantes de se sentirem olhados como raios de esperança, como forças portadoras de futuro. Entraram em confidências numa fraternidade simples e imediata. Tomás queria saber tudo de Sara e acabou por confessar que andava no Industrial:

- Mas depois vou para o Técnico – apressou-se a declarar.

Acompanhou Maria José quase até casa e ela mostrou-lhe onde morava a amiga, mas não se atreveu a bater à porta. Não queria confusões com a família da Sara que era, na sua opinião, mais que retrógrada. Sentia aliás um certo prazer em empurrar um sujeito para os braços da querida menina que os papás achavam ser mais que as outras. Despediram-se e ficou combinado um encontro para o dia seguinte.

Tomás queria levar uma flor, mas teve vergonha. De flor ao pé da malta toda...

Quando se encontraram ficaram sem saber o que dizer. Maria José já tinha feito a cada um deles mais do que as apresentações, as declarações. Foram dar uma volta pelo pedaço de campo à volta da Faculdade, já que os "vigilantes" – uma recente instituição universitária criada pelo regime para acabar com a subversão – não permitiriam a entrada de Tomás nas salas de convívio ou na cantina.

Lado a lado, caminhando devagar, Tomás inventava uma história parva, de que já a conhecia de qualquer lado. Não se lembrava? Não. Ah! Mas desde aquele dia no estádio não deixara de tê-la no pensamento. Sara sorriu condescendente e Tomás encorajado aproveitou para apanhar umas florzinhas amarelas e dar-lhe. Ela olhou-o

surpresa e encantada, ele pegou-lhe nas mãos e aproximou-se como se fosse beijá-la. Sara voltou a cara, libertou-se e voltaram então para sítios mais concorridos.

Tomás acompanhou-a quase até casa, pois Sara não permitiu que ele se aproximasse do prédio onde morava, porém no fim do caminho já iam de mão dada e Tomás à despedida disse-lhe:

- És tão linda... Como uma boneca.

Mas não chegou a dizer que a amava. E no entanto como isso era verdade... Todas as raparigas e mulheres tinham desaparecido da face da Terra: com sexo só existia Sara.

Nos primeiros tempos, Maria José foi ainda o esteio de saídas, camuflando o namoro aos olhos dos pais. Sara rapidamente pôs termo a esta situação, para ela pouco clara, e comunicou que tinha um namorado.

- Isso é o que vamos ver... - disse o pai.

- Vamos sim - replicou Sara - Pode já combinar o dia para ele vir cá falar consigo.

Tomás não estava minimamente preparado para este género de situações. Gostava de Sara, sonhava com ela, passeavam juntos quando podiam, gostava de lhe fazer festas na pele macia, quando e onde ela deixava, de a beijar, de a sentir também apaixonada, de ficarem encostados a olhar a distância sem contudo nada verem, dizendo palavras meigas, palavras como carícias suaves, banais, mas importantes. Daqui a ir falar com o pai...

O amor para ele não era nada disso; era liberdade, sem convenções que marginavam o rio impetuoso da paixão. Tomás era assim, mas teve de ser conformar. Como poderia entristecê-la, contrariá-la, se ao ver os seus olhos castanhos, amendoados, se sentia comovido e sem força. Além disto, ela tinha inegavelmente razão...

Foi assim que subiu ao 3º andar esquerdo de um prédio antigo, mas bem conservado, no chamado Bairro das Colónias.

O pai da rapariga queria apresentar uma atitude severa, de quase desprezo, para impor respeito, mas acabou por simpatizar com Tomás.

Pareceu-lhe sério, sensato, trabalhador e delicado. Ficou sobretudo atento à intenção de tirar o curso do Instituto Superior Técnico. Insistiu nisso. Indagou da família. Indirectamente queria saber das posses. Descobriu que Tomás era afinal filho

de gente remediada, trabalhadores como ele. Embora o jovem tentasse dourar a pílula, o pai de Sara não se deixou enganar. Na realidade isto não o desfavorecia, provinha de gente modesta como ele próprio que subira um pouco na vida e cujos filhos subiriam ainda mais. Cada um deles, afinal, teria um curso como o seu pai nunca lhe pudera dar,... lembrou-se. Via que o rapaz era bem educado, tinha bons princípios. Oxalá não se estragasse.

- E a tropa?

- Pode ficar adiada enquanto tirar o curso.

- Pois. Pois... - meditava o pai de Sara a avaliar o futuro da filha sem conseguir chegar a conclusões. Apesar disto, deu as recomendações habituais quanto à seriedade da filha, ao respeito da família, às boas intenções que devia ter, aos riscos que correria se provocasse a sua inimizade. No fim, talvez para se convencer de que tinha algum poder no assunto, autorizou-o a namorar e a ir lá a casa.

Tomás dizia a tudo que sim enquanto ansiava pelo retorno de Sara, naquele dia com o rosto ainda mais maravilhoso, com o corpo ainda mais gracioso sob a saia preta, curta e travada, e a blusa branca, um pouco transparente.

Quando Sara voltou a entrar na sala com a mãe, que vinha perguntar se não queriam tomar nada, foi sentar-se ao pé do Tomás, encostando-se a ele, de mão dada, o braço puxado para o seu colo. Corada e sorridente, encarava o pai - que, vendo pela primeira vez as intimidades da filha, disfarçava o olhar. Era como se ela dissesse:

- Este é o meu homem.

Tomás tinha 20 anos e Sara 18.

Quando Tomás desceu pela primeira vez as escadas da casa de Sara, que debruçada no patamar lhe acenava e enviava beijos, a vida parecia-lhe uma nuvem de felicidade e beleza. Uma nuvem que, porém, podia ser arrastada para horizontes menos riosos: naquele momento eles não sabiam que iriam chumbar o ano e Tomás para o serviço militar mais cedo do que pensava.

Dada a autorização do pai de Sara, Tomás, ia buscá-la à Faculdade, levava-a até casa e ficava. A rapariga não o deixava sair, preparava-lhe um lanche, convidava-o

para jantar, ficavam na sala, aos segredinhos e em pequenos jogos amorosos que a mãe tolerava.

Quando se despediam, ele já não tinha tempo para estudar, e ela ficava de livros abertos e olhos fechados a sentir ainda o calor de Tomás no seu corpo, as suas carícias, os seus beijos. Além disto, passavam um bom bocado da noite ao telefone.

Quem desesperava era o pai de Sara que, perdida a sua preciosa privacidade, embirrava com a mulher contra o intruso.

- Já não se pode estar à vontade! Sempre aqueles dois. Que diabo, parece que têm mel...

O pai também via que o ano lectivo estava perdido: - Logo agora isto, na altura dos exames...

E assim foi. Chumbaram.

O pai pegou em Sara e levou-a de férias. Naquela altura o Algarve apenas começava a ser descoberto (ou inventado) como local de veraneio, de forma que Sara ia até à Costa da Caparica, quinze dias com os pais nos pavilhões da FNAT, a Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, e 15 dias em casa de umas pessoas conhecidas, como família.

O pai esperava que os ânimos arrefecessem, que ela olhasse para outro e se preparasse para os exames de segunda época. Mas nada disto aconteceu: Sara não estudava, preocupava-se principalmente com a hora do telefonema do Tomás e com as suas visitas no fim-de-semana.

- Devia era ter ido para o Algarve que ainda não conheço... – lastimava-se o pai.

Depois da 2ª época de exames em Outubro, verificava-se que não tinham passado para o ano seguinte.

Os pais de ambos os jovens nada podiam fazer para alterar a situação; como consequência, o ambiente em casa de cada um piorava, com frequentes recriminações e discussões. Esta situação ainda mais os aproximava. A rapariga lastimava-se e dizia que não podia aturar o pai. Tomás com o coração a sangrar desesperava-se e calava, com medo de a magoar, que o mesmo se passava com ele. Assim, ia amadurecendo uma decisão que hesitava em firmar e em comunicar a Sara: casarem-se, isto é, comecem a pensar nisso.

A partir desta altura, escola, família, futuro, ficaram para segundo plano, apenas uma coisa contava: o casamento, a partir do qual tudo se resolveria.

À medida que o tempo passava, a lista das restrições impostas pelo pai de Sara reduzia-se; agora davam grandes passeios, conversavam, conheciam-se melhor, tinham pequenas brigas, cenas de ciúme, birras de Sara, assomos de autoridade do Tomás, que ficava muito espantado que, apesar das consagradas fragilidades femininas, a namorada ignorasse a preponderância masculina, para ele a ordem natural das coisas.

Um dia, já no princípio do ano seguinte, apanharam o comboio até Paço d' Arcos e foram caminhando ao longo da margem do Tejo, parando num pequeno recanto de praia rochosa. Estava frio, mas o céu era azul, sem nuvens.

- Sara?

Ela respondeu-lhe com uma carícia, fazendo deslizar os lábios levemente, pela sua face:

- Miúdo mais querido...

- Estive a pensar.

- Quem ama a sua boneca?

- Eu amo-te e estive a pensar... não posso, não quero viver sem ti. Não temos outra solução...

Tomás ia a dizer: casarmos, mas tinha a palavra presa na garganta. Sara, calada, adivinhava o que ele queria dizer.

- Isto assim não dá. Desde que perdi o ano que não falo com o meu pai, quase nem nos olhamos. Cada vez que te telefono fica furioso, já ameaçou mandar desligá-lo. Nunca te disse isto, mas não posso mais aturá-lo. Agora até fala no dinheiro que gasta comigo e ameaça cortar despesas. Não aguento. Não posso viver assim. Se pudessem, lá em casa proibiam-me de te ver.

- Sim? Eu não sabia... Suspeitava alguma coisa, mas... Tenho muito a aprender, não é...

Tomás quase não a ouviu, sentia o coração saltar, encostado a Sara, os olhos cravados numa rocha ali próxima, apertava as mãos da namorada.

- Depois, tu também perdeste o ano. Nenhum de nós tem agora cabeça para estudar. Sabes estive a pensar...

- O quê, diz.

- Estive a pensar em casarmos.

Sara ficou calada, à espera do resto. Aquilo não era propriamente um pedido. Claro que eles iam casar-se, por isso namorava, por isso ela saía com ele, beijava-o, recebia-o em casa. Desde pequena que achava que seria assim, com alguém, certamente daquela forma.

- Sim - disse ele baixinho - casarmos.

Sara, confusa, sentia passar-lhe pela cabeça um inquietante rol de ideias perturbantes, umas românticas, outras práticas. Mas como? Casar, e viver onde? De quê? Depender dos pais, não estava para isso, não! Continuava, porém, calada embora o olhasse com ternura.

- Aceitas, Sara?

- Mas casar como?

- Não digo que seja para já. Escuta o que eu pensei. Acho que o melhor é ir para a tropa.

A rapariga fez um ar espantado e desiludido.

- Não é para a tropa. Ofereço-me como voluntário para a Força Aérea, para os serviços técnicos. Faço o requerimento e entro na próxima incorporação. Ao fim de seis meses parece, acabo a recruta e vou ver se convenço o meu pai a meter umas cunhas para ser colocado perto de Lisboa. Nessa altura já sou aspirante. Tenho o ordenado e aproveito as facilidades para acabar o curso ou ir para o Técnico, então... casamos?

- Mas não vais para o Ultramar?

- Não, já estive a informar-me. Na Força Aérea metem cunhas mas é para ir. Pudera, ganham muito mais. Claro que indo como voluntário vou ficar pelo menos cinco anos. Mas não tem importância, tenho o ordenado, as promoções e se tirar uma boa classificação no curso não vou ter dificuldades em ficar numa unidade aqui perto.

Sara meditava.

- E eu? Que faço eu?

- Podes acabar o teu curso. O principal problema é arranjar uma casa... Então queres começar a pensar em casar? Não disseste nada.

Sara achava que o problema era de como e quando.

- Sim – disse, ainda assaltada por dúvidas, mas inspirada e resoluta, com a certeza de que era preciso ir para a frente.

Tomás olhava-a extasiado, ela parecia-lhe tão bela, tão frágil. Tocou-lhe como numa boneca, como numa flor, apenas com a ponta dos dedos, apertou-a contra si, beijou-lhe o rosto, os olhos, o pescoço sussurrando:

- Minha, mulher, minha pequena mulher, meu grande amor...

E tinha lágrimas nos olhos.

E sentia-se responsável por ela.

Naquele dia regressaram a casa silenciosos e carinhosos.

Tinham um segredo e um objectivo: casarem-se. Parecia-lhes que davam um passo noutra mundo, só deles, esqueciam o resto e começavam de novo a viver, como se até aí fossem apenas crisálidas de novos seres em embrião.

Tomás passou a sua recruta na Ota, tentando adaptar-se o melhor possível à situação. À noite, antes de adormecer estafado pelos exercícios do dia, tinha um pensamento para Sara.

No fim-de-semana, era o delírio, o êxtase, o reencontro, os passeios, as confidências, os pequenos nadas práticos que começavam a nascer entre eles. Sara esquecera o curso, apesar das insistências de Tomás, e dedicava-se a juntar o enxoval. Fazia, comprava com o dinheiro que ia arrançando, pedia a ajuda da mãe que, seduzida pela ideia do casamento e do enxoval, passara definitivamente para o lado da filha.

O pai, vencido, mas não convencido, resmungava, entre suspiros e encolheres de ombros, sentindo-se envelhecer desde há meses; acabava fazendo também projectos para o futuro dos dois, pensando e repensando no que poderia dar de mesada à filha, para os ajudar nos primeiros tempos.

Sozinho, Tomás rememorava todos os detalhes da sua vida com Sara. Aqui e além pequenos problemas, discordâncias, amuos. Nessa altura, numa das últimas cartas que lhe escrevera dissera:

"É natural que não compreendas tudo o que digo. O que é preciso é que compreendas o espírito. Também tu me amas e eu não posso compreender a maneira como me amas. Que significo eu para ti? Muito, sem dúvida, neste momento quase tudo. Mas não te iludas com as minhas qualidades, vê também os meus defeitos, adivinha-os, só assim saberás, amar-me, aceitar-me, ajudar-me."

Sara lia, achava engraçado o conteúdo, qualquer que ele fosse, e escrevia umas criancices sobre o seu dia a dia, sobre os preparativos para o casamento, que Tomás

achava maravilhosas e nas quais procurava descobrir segundos sentidos. Para Sara as coisas eram simples e ria-se das complicações que ele arranjava; para ela o que era preciso era que as pessoas se gostassem, se amassem.

A simplicidade pode resultar de duas ordens de razões: da ordenação do complexo ou da ausência de complexidade, nisto se distinguiu Tomás de Sara. Para Sara, na vida, havia uma linha geral evidentemente simples e verdadeira: a sua. Tudo o que se afastasse daí devia ser de uma forma também geral riscado, banido, considerado deformação ou perversão, pura e simplesmente fazendo parte de outra realidade, da qual não havia que tomar conhecimento. A complexidade não era a variedade, a riqueza da vida, era desvio à normalidade, ao que estava certo.

Simple. Sara era uma jovem simples e directa (como era natural que o fosse) e nisto residia um dos seus maiores atractivos para Tomás: a admirável linearidade do seu espírito. A admirável simplicidade e linearidade que a levava nas primeiras vezes em que recebia o marido após o casamento, a pensar de si para si, com uma íntima alegria, sem sentir ainda um pleno prazer:

- Tem graça. Nunca pensei que fosse assim...

Acabada a recruta, Tomás conseguiu o almejado lugar numa unidade nos arredores de Lisboa. Sara e a mãe tinham encontrado um pequeno apartamento nuns prédios novos não longe dali. Tomás teria preferido um outro, em Lisboa, mais barato, sem dúvida de pior qualidade, mas mais próximo da Universidade. Sara argumentava que estava próximo do quartel e que o pai ajudava a pagar a renda. Acima de tudo não poderia contrariá-la.

Sara tinha a sua casinha, com um quarto, uma cozinha-casa de jantar-sala de estar, casa de banho e dispensa, arranjada com rendinhas e jarrinhas com flores. A mãe e as tias ajudaram na decoração. Juntando o dinheiro dado pelos pais de ambos, compraram uns móveis e puderam ainda passar uma semana de "lua-de-mel" num local no ainda tranquilo Algarve, aproveitando as curtas férias concedidas pela Força Aérea. Foi assim que, depois de regressarem, Sara descobriu, ao ficar sozinha em

casa, sem nada para fazer além de visitar ou receber as visitas da mãe, novamente vontade de estudar, acompanhando o Tomás que se tinha matriculado no Técnico e conseguia, quase sempre, maneira de sair mais cedo do quartel e assistir às aulas mais importantes.

Ao fim da tarde encontravam-se, vinham juntos para casa, compravam qualquer coisa para jantar e ficavam a estudar e a ouvir no rádio a "23ª Hora", pois estava-se no tempo em que talvez 80% dos espectadores de Televisão eram-no, saindo de suas casas e reunindo-se em cafés, tascas, clubes de bairro.

Por volta da meia-noite deitavam-se, apagavam a luz e acontecia amor. Aproximavam-se, tocavam-se, como num ritual discreto, metódico e quotidiano; possuíam-se casta e plenamente, antes de adormecerem rapidamente até manhã cedo. Sara dava pequenos e rápidos suspiros, apreciava a energia do seu marido, que de desfazia em ondas de prazer e por vezes acontecia-lhe também aquela explosão do seu sentir, dos seus reflexos íntimos.

Nos fins-de-semana, levantavam-se tarde, languidamente, tomavam banho juntos e depois, despertos e limpos, faziam novamente amor, de pé, apoiando-se um no outro e em qualquer peça da casa de banho.

À tarde saíam. Partiam em passeios, pela cidade, pelos arredores, descobrindo recantos ignorados, observando as gentes, as casas, as paisagens, inventando recordações.

Como o dinheiro era pouco, as viagens eram curtas. O mais importante era a imaginação, a satisfação da descoberta em comum. Levavam merenda, livros para estudar, ou meramente fazer companhia. Por vezes iam ao estádio nacional ou ao universitário, apanhavam ar puro e não gastavam dinheiro. Sentavam-se a ver as provas, de mão dada, à parte, como que envergonhados. Sara convivia pouco, alguns conhecidos acenavam, mas nem mesmo com a Maria José retomara a amizade antiga, mantendo apenas uma cordialidade distante. Definitivamente, Sara expulsava da sua vida actual o que a ligava ao passado.

À noite, jantavam em casa dos pais dela e, regularmente uma vez por semana, com dinheiro poupado ou o auxílio da mãe, iam ao cinema. Regressavam com Sara dormitando no comboio, encostada ao ombro de Tomás e tudo recomeçava pacífico e linear.

Recomeçava, mas diferente, pois entretanto Sara ficara grávida.

O bebé tinha uma cara redonda e avermelhada, os olhos apenas fendas; a pequena boca abria-se e fechava-se, mas de trás do vidro vinha apenas um ruído distante. Tomás olhava-o sem se aperceber que era seu filho! Comparava-o com os outros bebés acabando por descobrir ou imaginar uns ares de parecença consigo sem contudo se aperceber ainda de que já estava estabelecida uma ligação rígida, indissociável, entre os dois. Olhava-o de fora do vidro, como de longe, como um ser estranho num ambiente irreal e desconhecido. Foi a enfermeira que, simpática e sorridente o despertou, talvez intrigada com o seu ar absorto:

- Esse é o seu filho!

À tarde trouxe flores para Sara, tivera que pedir dinheiro ao pai para as comprar. Sara, enfraquecida e cansada, estava nervosa, apertava-lhe a mão, ria, chorava e só queria o menino ao pé dela. Ao dar-lhe o peito, falava com ele, que sôfrego a aleijava.

- Oh! Ruizinho, não sejas mau.

Sara e Tomás acordavam durante a noite ao choro do Rui Manuel molhado e com fome.

Davam-lhe biberão, mudavam-lhe a fralda e ficavam a brincar com ele, deitado no meio da cama entre os dois, até adormecerem. De manhã, sonolentos, pesados, olhavam recordando-se de passados desejos, beijavam-se à pressa e cada qual corria para os seus afazeres. Sara por causa da criança ficara novamente com o ano perdido.

Esses tempos eram dífices, sim. Duros, mas doces, que saudades. Se ao menos...

- Isso já eu sei, pai. Não falo do passado, falo do agora, falo do futuro. Tu ficas pendurado em galhos partidos. Pai, não te entendo.

- Escuta. Não há nada mais errado e ilusório do que pedir respostas à vida. A vida leva-nos, arrasta-nos como folhas dispersas pelo vento. Apenas podemos tentar orientar-nos. Os condutores de homens, os chefes, são joguetes das paixões que acendem e dos fervores que despertam. São escravos dos vícios que instilam, do desprezo que cultivam, dos ódios que semeiam. Os grandes e pequenos senhores do poder, são presas de imensas cadeias cujos elos se perdem em meandros e voltas escusas. E todos eles vivem no terror, do dia em que aqueles que exploram e dominam se reconheçam...

- Ora, ninguém fala assim, pai. Isso não nos leva a lado nenhum...

- Não estejas revoltado, filho.

- Eu sou um revoltado, pai.

Tomás parou junto à janela. Hirto. Apetecia-lhe dizer: estás doente e eu não posso curar-te. Não sei.

Mas era pior que isso. Os adultos adoeciam e contaminavam os jovens. Ninguém podia curar ninguém.

Revoltado, não... Não era isso, já não era isso, a revolta pode ser saudável. Agora as pessoas não se revoltam: desesperam.

- Eu sou um revoltado - disse Tomás.

O Cláudio voltou-se calmamente, olhou-o pousando os olhos e disse com voz baixa, mas firme e penetrante, de modo que só ambos ouvissem.

- O que precisamos é de revolucionários.

Estavam numa pequena sala que servia de vestiário aos oficiais.

Cláudio abriu o seu cacifo, olhou em volta e deu-lhe umas pequenas folhas finas, muito brancas com caracteres negros.

Tomás olhou quase aterrorizado.

- O Avante!!

- Toma. É o último sítio onde viriam procurar. Diz-me alguma coisa depois de leres. Está bem? Tenho aqui mais se quiseres.

Tomás leu-o. Tinha prometido passar a um colega do Técnico, mas não teve coragem e deitou-o na sanita da casa de banho. O Cláudio tentou pô-lo em contacto com alguém de forma a integrar-se no trabalho dos estudantes, mas Tomás recusara. Tinha a mulher e o filho. Acima de tudo, medo.

Estava de acordo. Apoiaria e auxiliaria no que pudesse, mas não podia ou não queria integrar-se de forma rígida e comprometedora. Depois acrescentou com um sorriso de desculpa:

- Também há muitos católicos e poucos são padres.
- Sim, lá isso é verdade – replicou o Cláudio, sem o querer contrariar.

Aliviado do peso de uma militância clandestina, Tomás continuou a relacionar-se com o Cláudio. Podiam até ser mais livremente amigos, já que não estava ligado à organização. Contudo Cláudio não perdia oportunidade de, por seu intermédio, ir, pelo menos, fazendo chegar a outros a contestação ao regime, à guerra colonial e a mensagem do socialismo.

Tomás tinha agora vários amigos íntimos. Pela primeira vez depois do liceu, passado o interregno dos primeiros tempos de casado reencontrava no quartel o gosto pelo convívio, pela camaradagem. Aproveitando as facilidades na frequência das aulas e dos exames para os militares, ficava-lhe agora tempo livre que aproveitava para conhecer a literatura e apreciar o cinema, como arte.

Tomás sentia o fosso enorme que o separava em termos de cultura de um Cláudio, de um Macedo, de um Pinheiro. Queria devorar todos os livros que apanhasse. Ler não era então só um prazer, mas uma devoção, que vinha dar à vida um novo significado.

Tentava acompanhar as discussões dos amigos acerca de Sartre e Camus, Felini e Visconti. Entrara também para um cineclube e procurava resolver o tal problema da arte e da política, do compromisso entre estética e eficácia.

Seria que se dispersava? Sara achava que sim, que ele queria fazer de tudo e não conseguia nada.

Por exemplo, podia pelo menos estar um ano mais avançado no curso, se não tivesse apanhado a mania dos livros. Além disso era dinheiro mal gasto. Ela gostava de livros também - dizia, mas face às necessidades deles e do menino, pôr-se a comprar livros... Ela sabia que ele os comprava às escondidas e dizia-lhe que eram emprestados. Isso irritava-a. Era mentira. Queria fazê-la parva.

Ele não respondia. Reconhecia-lhe razão, mas mesmo assim por vezes deixava escapar:

- Estás cada vez mais chata, rapariga...

- Sou chata! Agora sou chata. Mas trabalho não é. É bom chegares a casa, teres tudo feito e brincares com o menino. Eu não posso dar-me ao luxo de literaturas, tenho que tratar do teu filho.

Sara tinha razão, convencia-se Tomás, embora continuasse a fazer pouco trabalho em casa, a ler, a estudar, a conviver com os amigos o mais possível; tinha pena de Sara, reconhecia-lhe o esforço, o sacrifício do seu 3º ano de germânicas, que recomeçava agora, novamente, mas pensava também na sua liberdade, no tédio enorme de pessoas cansadas pelo quotidiano, sem forças nem entusiasmo para vibrarem de paixão. Talvez a culpa de tudo fosse daquele regime, onde não se vivia: vegetava-se. Era preciso, sim, uma revolução, uma moral nova, um homem novo.

Um dia sem saberem como, veio a primeira briga séria, por cima dos amuos - esquecidos numa ida ao cinema e numa noite de mais atenção e ternura. Tomás tinha combinado com os amigos um almoço no sábado. Talvez com receio da reacção da mulher nada dissera em casa até sábado de manhã. O rosto de Sara toldou-se, mas ficou calada, como se o assunto lhe passasse despercebido. Tomás arranjava-se e andava de volta das suas coisas, fazendo horas e temendo o desencadear de uma tempestade doméstica. Quando estava quase pronto, Sara interveio desabridamente da porta do quarto:

- Se vais com os teus amigos eu também vou passear. E escusas de contar comigo. Não sei a que horas venho.

- Mas o que se passa, quem é que te fez mal? - tentou gracejar Tomás.

- Não penses que brincas comigo. Eu não sou tua escrava para andares a divertir-te.

- Escuta. Até parece que eu desapareço de casa por sistema.

- Isso não me interessa. Tu já não ligas nada ao que se passa cá em casa. Queres fazer de mim gato-sapato. Tens tudo combinado, mas eu não sou parva.

- Mas parva porquê? Qual o mal de ir almoçar uma vez com os amigos.

- Eu fico com o menino e tu divertes-te.

- Mas vem comigo!

- Não acompanho com essa gente. Tenho vergonha. O que eles estão habituados é a putas. Mas eu não sou! Querias era que também te pusessem os cornos!

- O quê?! - gritou por sua vez Tomás - isso é falso. Não admito que fales assim!

- Se vais não sabes quando me vês!

Berraram como uns doidos os mais diversos disparates, por fim calaram-se. Sara tremia de raiva e indignação. Tomás abatido achava-se desprezível, sem saber porquê. Vexado telefonou ao Cláudio pretextando uma indisposição do Rui Manuel e ficou em casa.

Quando na noite de domingo fizeram as pazes, parecia-lhes que tudo fora um pesadelo, que nada daquilo tinha acontecido com eles, nem voltaria a acontecer.

E contudo, frequentemente, acontecia...

Seria porque Sara tinha uns interesses e Tomás outros, diferentes? Antes, Tomás falava, eram monólogos, mas Sara escutava. Talvez respondesse com outro assunto totalmente diverso, mas havia uma comunhão, uma identidade, cada um sentia-se escutado. Agora a vida pesava. Agora também Sara tinha problemas só dela. O seu curso obrigava-a a estudar até altas horas. Afastavam-se. Havia cada vez mais preocupações não partilhadas. A vida sexual começou a tornar-se casual, rotineira, cada um procurava o seu interesse ou deixava que acontecesse, pois tinha de ser assim. Sara continuava a desejar fazer amor, porém desejavam-no em alturas diferentes. Quando ele queria ela dormia e não aceitava que a incomodassem, quando ela desejava ele tinha sono.

Tudo isto começava a implicar um enorme esforço físico e mental para ambos. Tratava-se, sem dúvida de uma fase menos boa, em que cada um intimamente se atribuía culpas e se procurava emendar, sem o confessar ao outro; uma fase que acreditavam motivada pela tensão nervosa, devido ao excesso de trabalho, e à saturação do ambiente opressivo em que viviam.

Tomás, tinha pedido prorrogação da sua permanência no serviço militar, de forma a acabar o curso, o que estava para breve. Ansiava pelo dia em que abandonasse o quartel, se dedicasse à sua profissão e pudesse ter uma casa, comprar um carro, etc.

Sara, concluía também o seu curso de Germânicas, preparando-se, obviamente, para seguir a carreira docente no ensino secundário.

Alguns dos amigos de Tomás tinham já abandonado a vida militar. Prometiam encontrar-se, mas os contactos eram cada vez mais raros e, pouco a pouco, iriam

sentindo-se distantes. Tomás ficava com a frustração de ter perdido aquele estímulo intelectual que lhe abria novas visões do mundo.

Conhecera a paixão e conhecera a amizade, ia ser-lhe difícil viver sem elas.

Tomás passou da sala de espera para o gabinete do dr. Joaquim Alfredo Aires Brito, guiado por um velho contínuo, que o veio buscar dizendo:

- O menino está à sua espera.

O menino, com os seus cerca de 35 anos, tinha o cabelo penteado para trás, mas farto, caindo sobre o pescoço, com risca a meio; um penteado que misturava as modas dos últimos 30 anos, como se quisesse agradar à mamã, à esposa, às amigas da família, e às moças das "boites" que devia frequentar. Debruçava-se sobre uma prancheta, colocada em cima da secretária, onde estava, num papel vegetal espetado com pionaíses o desenho de um barco.

Mal levantou os olhos, acenando com a cabeça ao tímido cumprimento de Tomás. Compenetrado começou a dissertar como se a presença do engenheiro tivesse que ver com o que o ocupava.

- Este mastro não pode estar tão à vante e esta quilha deve começar aqui no alinhamento do mastro e ser prolongada para a ré. É mais profunda... O barco mete-me demasiado para a orça. Reduzo a vela grande, aumento o estai e deixo-o equilibrado ou mesmo ardente com ventos largos. É preciso contar que quando inclina, à bolina, já tem tendência para orçar.

Tomás observava em silêncio: vestia um blazer de botões dourados, calça cinzenta e sapatos de camurça, picotados, uma camisa azul celeste clara e uma gravata azul almirantado com largas riscas vermelho escuras, ornada com um brasão sobre uma âncora.

Apesar de sentado percebia-se que era alto e forte; tinha o rosto moreno, cheio, olhos negros e penetrantes mas infantis, o olhar móvel.

Quando cessou as suas reflexões sorriu-lhe satisfeito:

- Sabe, é o meu "hobby". Este não é para mim... um amigo pediu-me. Percebo um pouco disto. Mas sente-se. É o engenheiro Tomás, não é?

- Tomás Alves Branco, muito prazer.

- Iguamente... Sente-se. Então é candidato a um lugar no nosso serviço técnico. Muito bem. Tenho aqui a ficha que preencheu no departamento de pessoal. Gostava de saber qual a razão que o levou à FAMAT. Já a conhecia? Tem alguma ideia sobre esta empresa?

Tomás não podia dizer que tanto lhe fazia a FAMAT como outra qualquer. Do que precisava era de um emprego urgentemente. Tossiu para esconder a perturbação e optou pela sinceridade:

- Para dizer a verdade o que me levou a escolher a FAMAT não foi nenhuma razão em especial. Foi basicamente necessitar de emprego, pois vou terminar o serviço militar.

Devo dizer que pouco sei da vossa empresa, para além do que genericamente é conhecido no mercado. É uma empresa sólida, com boas referências e que procura evoluir tecnologicamente. No entanto estou muito interessado neste emprego e teria muito gosto em ser colaborador da FAMAT.

Alfredo Brito sorriu deixando Tomás incomodado.

Começava a sentir-se mal. Afinal, um engenheiro e estava ali como que de barrete na mão à mercê do feitor. Prosseguiu com ar sério:

- Gostaria de acrescentar que não me interessam empresas do tipo comercial, como as de importação-exportação. Prefiro ligar-me à engenharia e à produção. Durante o serviço militar estive num sector técnico e posso assegurar-lhe que não tendo neste ramo grande experiência, tenho boa formação de base e não me assustam nem o trabalho nem dificuldades. Neste aspecto a minha disposição é total.

Depois de ter feito ver ao engenheiro quem era ali o patrão, Alfredo Brito, dispôs-se a simpatizar com Tomás.

- Muito bem. Pois nós precisamos de gente com garra, sabe. Esta empresa vai evoluir. Se não sabe, esclareço-o: é formada por 3 unidades distintas: a parte comercial e de assistência a ligeiros; a de fabricação de peças e componentes para os outros sectores; e a de pesados, onde deve realizar-se o nosso principal esforço de investimento. Queremos produzir e competir mais e melhor. Para isso é preciso pensar em alargar a colaboração com os nossos licenciados e passar a fazer cá mais coisas.

Não podemos só montar peças feitas por outros, sem entender nada do que se faz, nem como, nem porquê.

- Não é possível dominar a produção sem dominar a engenharia do sistema - atreveu-se Tomás.

- É isso mesmo. Vê como percebe o que eu quero dizer. É preciso lá ir, à fonte, negociar com eles, trazer elementos, elaborá-los cá e pôr o pessoal a fazer trabalho qualificado.

- É preciso também formação e motivação.

- É evidente. Tomara eu que se tomasse consciência disso. Nós até estamos dispostos a abrir cursos, aqui na empresa, para formação do pessoal e a dar mais regalias sociais. Temos é que fazer cá as coisas; somos tão bons como os estrangeiros. Vai ver que os ingleses não são mais inteligentes que nós.

- Têm mais experiência.

- Como aprender sem fazer? Veja os espanhóis. Começaram a fazer carruagens de comboios. Andou nelas? Eram barulhentas e desconfortáveis. Um horror. Porém, hoje exportam. Nós temos de aproveitar esta fase. Copiar se for preciso.

- Como fazem os japoneses.

- Adaptam. Tentam fazer igual e depois melhorar. Felizmente ainda temos um mercado relativamente protegido, o que nos dá alguma margem de negociação no estrangeiro. Temos de nos actualizar e desenvolver. Compreende?

Tomás compreendia, embora lhe fosse difícil acreditar que o Alfredo Brito realizasse os seus planos a desenhar barcos, que provavelmente nunca navegariam. Porém a tarefa de pôr a fábrica a funcionar em moldes mais actualizados estava destinada a Tomás.

- Não escondo que preciso não só de uma pessoa de confiança, mas de estabelecer relações de confiança. Sabe, é preciso dar a volta a isto.

Somos uma empresa familiar. No entanto há outros accionistas, fundamentalmente a banca, que foi preciso ir buscar por razões de crédito e financiamentos. O meu pai foi o presidente, até morrer, depois passou a ser o meu tio. Trabalhadores, muito capazes, mas com ideias antiquadas, nunca deixaram avançar a empresa. Sabe como é? Os velinhos...querem ser eles a fazer tudo e não deixam que se altere nada. Por isso pensamos admitir mais técnicos, nomeadamente um engenheiro exclusivamente dedicado à produção, o que é muito importante, para nos

tornarmos menos dependentes dos ingleses... Eu quero ver, se com o apoio dos outros administradores damos uma volta a isto tudo. Aumentar e diversificar a produção, melhorar os equipamentos. Separar a comercialização da parte fabril.

Tomás sorriu. Agradava-lhe o Joaquim Alfredo. Que raio de nome para um capitalista – pensou – o velhote devia ser mesmo à antiga. Tomás sentia-se atraído pelo facto de ter à sua frente campo aberto para trabalhar, para desenvolver e realizar um projecto, com interesse e inovador.

Começaram então a falar de detalhes.

Tomás se ingressasse na empresa devia ir imediatamente fazer um estágio a Inglaterra, à concessionária, para tomar contacto com os processos e com os equipamentos. Posteriormente se trataria de elaborar novos protocolos de cooperação e licenças tecnológicas.

- Então - perguntou finalmente o Brito - já combinou os detalhes com o Sr. Ribeiro?

Referia-se ao ordenado. Havia outros candidatos, mas este agradava-lhe; parecia-lhe mais maduro, mais competente. Não procuraria mais. Quanto às cunhas de família ou de amigos, tinha ficado combinado no Conselho de Administração que estavam postas de parte neste caso: era preciso alguém para trabalhar a sério.

- Sim. Já me fez uma proposta.

- Que acha?

Tomás engoliu em seco. Os 18 contos por mês indicados pareciam-lhe ao mesmo tempo muito bom e muito pouco.

- Francamente, se quer que lhe diga, atendendo às funções que vou desempenhar... Acho insuficiente. Não acha?

- Funções que ainda não desempenha. Olhe, se ficarmos de acordo vai a Inglaterra. Tem tudo pago e é um estágio. Quando vier voltamos a falar e se tudo correr bem, aumento-o para 20 contos.

- São 14 meses, não é verdade? - arriscou Tomás, pois não era ainda uma prática corrente.

- São... - disse o Brito enquanto pensava, sorrindo: aqui apanhaste-me.

- Bom, então estamos de acordo, parece-me. Quando quer que comece a trabalhar?

- Quando quiser... Amanhã, ou depois. Tem assuntos a tratar? Sim? Então no princípio da semana pode ser? OK. Entretanto vou dizer à secretária que lhe mostre o seu gabinete, quando sair.

Alfredo Brito carregou num botão.

- Não há intercomunicadores nem nada. Está a ver? Ainda é por campainhas. Bom então até...

- Até segunda-feira, dr. Alfredo Brito.

- Até depois, engenheiro.

Uma mulher muito jovem, dos seus 23 ou 24 anos, de cabelo castanho claro alourado, destacava-se na porta do fundo à direita.

- Elsa, leve aqui o engenheiro Tomás ao gabinete que está vago ali do outro lado. Vai ser dele a partir de segunda.

Depois do primeiro mês em que tomou contacto com a empresa, Tomás seguiu para Inglaterra para o seu estágio na fábrica licenciadora da FAMAT. Durante o dia Tomás trabalhava tenazmente; tinha reuniões, fazia visitas, preparava relatórios. À noite passeava um pouco e no hotel estudava a documentação recebida.

Como não estava longe de Londres não deixava, por vezes, de fazer uma visita à grande capital, à exótica e excitante Londres do início dos anos 70, que o deixava tonto e exaltado. Os Beatles já não incomodavam e eram apreciados por todos; os hippies eram absorvidos com os seus vícios e virtudes pelo sistema; as "sex-shops" e o "strep-tease" integral mostravam a faceta de uma moral alegre, anticonvencional, que podia coexistir numa sociedade onde as classes pareciam deixado de ter hierarquias, pelo menos rígidas. Carnaby Street era o exemplo de uma nova liberdade oferecida sem constrangimentos, tolerante para todos.

Quando Tomás, sózinho, caminhava por Oxford e Regent's Street, dando a volta até chegar de novo à estação de metro em Picadilly, pensava na tristeza da sua terra. A seita colonialista que não admitia contestação, os fascistas do aparelho de Estado e

do governo arrogando-se o direito de decidir o que mais convinha aos outros sem os consultar, o clericalismo que onde podia os ajudava a manter as consciências no estado mais medieval possível.

Visto por outra óptica, Londres, era também a capital de um império em estilhas. O estertor de uma sociedade que não podendo controlar a contestação a assimilava e se assemelhava de qualquer forma aos subprodutos que ia gerando. Entretanto a decadência industrial era evidente: na siderurgia, no carvão, na mecânica, no material eléctrico e electrónico, perdia competitividade e os seus equipamentos e produtos tornavam-se obsoletos. A riqueza da City era feita em grande parte com a sofisticada exploração das ex-colónias e as remessas dos lucros das suas companhias no estrangeiro. Entre as quais Portugal! - Concluía.

Embora nessa altura as teses neoliberais vegetassem ainda, mitigadas, nos manuais especializados, Tomás descobria que também ele tinha que trabalhar um pouco mais, ser explorado um pouco mais, para ajudar a manter aquela fachada, que já tinha dificuldade em encobrir o trágico Carnaval da droga, do desemprego, dos sem abrigo.

Era a primeira vez, em quase sete anos de casamento, que Sara e Tomás ficavam separados tanto tempo. Aproveitava para calmas deambulações pela cidade e pela sua memória, deixada disponível para raciocínios mais gerais, que a solidão estimulava.

Exceptuando as noites de serviço no serviço militar nunca tinham dormido separados, por isso aquelas três semanas em Inglaterra serviam-lhe para meditar, para fazer a revisão da sua vida, para sentir a saudade dos momentos bons, pois só esses agora lhe apareciam: como Sara aprendera a amar, como a torrente de ternura que tinha consigo se libertara, como, por ele, se tornara outra, se fora modificando, de quase criança a mulher. Então desejava-a, como da primeira vez – como nunca. Gostaria de lhe dizer imensas coisas belas que trazia caladas, abafadas, pelos dias baços e sem momentos de pausa. E para exprimir o que sentia e o que o preocupava escrevia. Escrevia para Sara as suas dúvidas, os seus entusiasmos, os seus projectos. Dizia-lhe:

"O amor não se fala, vive-se. É um simples olhar, um simples sorriso que deve revelar mais que todas as palavras, comentários ou discussões inúteis. Será este o estado perfeito, mas para lá chegar é preciso que discutamos sempre, sem medo, sem

limites, até ao fim de todas as divergências ou de tudo o que nos desgoste no outro. Só depois, um dia, sem darmos por isso, estaremos no estado de compreensão mútua... sem deixarmos de ser nós próprios. Sim, porque, apesar de tudo, tu serás sempre tu e eu serei sempre eu. Este o dilema do amor, ou melhor, da vida em comum. Quantos casais não vivem uma solidão a dois, tolerada por inércia, cobardia, comodismo.

Houve tantos que falharam, que por vezes tenho medo. Creio que nunca foram sinceros, porque esconderam muitas coisas ou porque foram egoístas. Entre duas pessoas que se amam não pode haver vencido e vencedor.

Outra coisa que eu penso é que o amor não é só um sentimento é uma prática, isto é, praxis, que significa actividade.

Quando voltar tenho imensas coisas para recordar. O facto de sair do ambiente normal, de nada nem ninguém ser meu "conhecido" desperta-nos a atenção para coisas em que talvez nunca tivesse reparado. Enfim, a sensação geral que tenho, além do que vejo (e é bem bonito) das pessoas que me recebem bem, sem dúvida formalmente (claro os negócios...), é de tristeza.

Vive-se mal. Vive-se sem espírito."

- *Pai, não entendo.*

Tomás, de pé, tinha-se acercado de um móvel com prateleiras onde estavam alinhados bibelots, pequenas lembranças, peças curiosas, com sua história, com sua graciosidade, com seu pedaço de recordação que as tornava peculiares. Pegava numa ou noutra tentando reconhecê-la, recordar o fragmento de vida que a individualizava na sua banalidade. A claridade escassa da rua dava-lhes novos contornos, confundia-os com suas sombras.

Tomás voltou-se lentamente. Havia alturas em que as pessoas pareciam querer falar, falar, como um vício, um impulso incontrollável, como o esbracejar numa corrente, uma fuga sem destino, no meio da multidão. Palavras, quebrando o medo da solidão e do escuro, do destino e do futuro. E no entanto como, para além de uma certa dose, são inúteis as palavras. Por vezes também ele queria falar, falar. Mas agora tinha necessidade de repouso, de procurar no dédalo de emoções e sentimentos o fio

condutor de uma condição nova, de uma nova unidade e identidade. Dizer o quê! A vida não se altera com palavras.

- Difícil se torna entender o que está em crise...

Rui pensava: Mas quando é que ele deixará de fugir às questões.

Tomás pensava: Não é isto que ele quer ouvir. Eu sei.

- Em japonês crise é descrita por 2 caracteres que significam: perigo e oportunidade. Mas não devemos temer a crise. As crises são as grandes oportunidades de mudar, reformular, avançar, progredir. Numa sociedade doente, a crise é a purga, a sangria pela qual se poderá salvar ou parecer. Ainda não atingimos o ponto em que a evolução humana seja harmoniosa e controlada. Tanto na esfera social como pessoal. Nós não descortinamos o essencial e andamos às apalpadelas, tacteando, procurando saídas ferindo-nos nos obstáculos que nos cercam.

O essencial... Se o víssemos, não o entendíamos, se o entendéssemos não conseguíamos varrer o alienante, ilusório, perecível, transitório e ficar só com o definitivo, o essencial, perene, e encontrar a própria condição fundamental.

Ora pois, vivemos em perpétuo desajuste connosco, com os que nos rodeiam, com a sociedade inteira. Peças desajustadas e primitivas. É o que nós somos.

Imagina-se tanta coisa. Fazem-se tantos projectos. Mas sobretudo, uma vez que se imagina é o que temos na cabeça. É o instinto lúdico que perpassa no amor, na procura do outro ser. É também a necessidade de criar, de recriar a nossa imagem, de nos vermos como por outros reflexos, de sermos fora de nós. Isto poderia distinguir o amor de apenas sexo. E daí... O que se procura? Só procuramos o que temos dentro de nós, o que é nossa condição justificar, completar, resolver, reflectir, exorcizar.

Agora... É preciso prosseguir. Não sei, é preciso procurar as respostas em si mesmo. Sobreviver, acabar o ódio, o desencanto. Esbater arestas. Partilhar espaços.

- Sabes Rui, partilhar um espaço implica disciplina. Só é possível com organização. Necessita julgamento e decisão.

Rui pensava - Lá está ele com a mania da lógica e dos esquemas. Por isso é que nunca resolve nada...

- Uma coisa é o político e o social e outra o pessoal. As relações do casal não podem ser um terreiro de luta, de contradições e confrontos, regulados por acordos ou por equilíbrio de poderes.

O que se trata é de saber quais as funções de cada um, qual o papel de cada um. E assumir esse papel. Assumir as diferenças... A igualdade existe porque há diferenças senão era uma identidade. Ora a igualdade não pode ser a ausência de regras de equivalência.

E depois a estabilidade... Os jovens que crescem necessitam estabilidade, referências para eles próprios se orientarem.

De que lado vem a luz, de que lado está o Sol? Perguntar-se-à diariamente um girassol. Mas como encontrá-la na nossa sociedade que mudou e muda constantemente.

Lembras-te o que escreveste uma vez quando eras pequeno, ias fazer uns 11 anos. As tuas preocupações na altura. Guardei-o, ainda ontem o recordei e meditei no que querias dizer, no que parece temias. Está aqui nesta gaveta. Ouve:

"As atitudes dos adultos preocupam bastante os jovens. São por vezes traumáticas (a professora corrigira para "traumatizantes") perante a juventude tais como o envolvimento dos pais com outra pessoa ou a separação.

No 1º caso o jovem tem dificuldade em encarar a realidade, torna-se menos assíduo nas aulas, pois tem raiva à escola e começa a ter tendência para a droga.

No 2º caso também implica o uso de drogas e por vezes obriga o jovem a fugir de casa e a ter de escolher com quem vai ficar.

Portanto, os jovens têm de ficar preparados para isto".

A vermelho a professora escrevera o seguinte comentário: "Pouco explícito, linguagem confusa."

- Também não sei porque dás importância a essas coisas de miúdo. O que interessa é resolver os problemas. Não dizes que as palavras são inúteis?

- Talvez, mas não digas isso. São importantes. Porém, há tantos factores que os mais importantes quase perdem o significado. Hoje, tudo perde o significado. A família está reduzida à sua função simples e primordial de organizadora de continuação da espécie, incapaz de garantir a continuidade dos princípios. Função cada vez mais reduzida aliás, devido ao excesso de população e à redução da natalidade nos países mais ricos. Quanto ao amor é um acto individual, um grito de liberdade, como sempre poético e subversivo, que pode acontecer uma vez, nunca, ou muitas vezes, conforme a loucura de cada um, ou o desespero de cada um. Não o confundamos com desejo.

Rui pensava - Não me quer entender. Só quer ouvir-se a ele próprio.

- No casamento está-se preso pelos laços únicos da paixão ou da completa falta de paixão. Não suporta o meio-termo. Ora as paixões, segundo a psicologia, resolvem-se ao levarem à loucura ou pelo seu esgotamento. Porém, a falta de paixão é a incapacidade de viver plenamente, a renúncia, o comodismo.

Não há nada a fazer. O casamento cumpre as funções sociais que a sociedade de cada época lhe destina; pode ser o reafirmar dos interesses de grupos, a sedentarização do homem, por instinto nómada e predador de fêmeas. Depois limita-se a reflectir os apelos da civilização onde se vive, os excessos de prazeres e requintes.

Rui pensava - Fala sózinho. Endoideceu...

II

Nesse ano de 1974 a Primavera foi completa e permanente, tanto na meteorologia como no social. Os pássaros, as flores, os frutos apareciam mais cedo. Nos jardins a relva estava viçosa, os canteiros resplandecentes de cravos, o ar era límpido e o céu azul, esmaltado pelo brilho do Sol.

No dia 25 de Abril o Brito fazia calmamente a barba após o banho matinal, preparando-se para ir até à FAMAT e entrar tarde, como era habitual - o patrão deve ser o último a chegar, pensando vagamente na agenda do dia, quando a mulher gritou do quarto:

- Alfredo! Há uma revolução.

Aparecendo logo de seguida à porta da casa de banho.

- Alfredo! Não saias, há uma revolução!

- O quê? T'ás parva! Qual revolução? Nesta terra não há revoluções.

- Não brincues. Telefonou-me a minha cunhada. O Zé também não sai de casa.

Está até a pensar fazer as malas e sair de Lisboa para a quinta dos pais. Diz que pode ser grave.

- Ora! Esse agora geme. Quem o mandou andar metido com a ANP, e a empregar legionários, para ficar bem visto no ministério... Vamos mas é ao pequeno-almoço. A criada?

- Está lá dentro a arranjar as coisas. Mas olha que anda com ar suspeito. É preciso cuidado. Nunca se sabe. O papá bem dizia que isto um dia virava e depois é que iam ser elas.

- Calma. Não tenho nada com isso. Tenho a minha empresa, pago bem aos empregados. Não me meto em política. A rádio disse alguma coisa...

- Já vou ver. Elas lá dentro é que ligaram agora e estão a ouvir. Não há programas. Estão a dar marchas militares e música daquela, contestatária ou o que é, e comunicados no Rádio Clube. A Emissora parou.

O Alfredo bocejava, mas ficou a meio. Que diabo, devia ter-se levantado mais cedo.

- Telefona ao Zé - implorou a mulher, agarrando-se a ele com ar choroso e meigo
- Não saias para a rua.

- Já vou ver isso. Diz ao pessoal para apagar a telefonia. Não quero confusões cá dentro de casa.

Em vez de ir tomar o pequeno-almoço telefonou ao cunhado, depois de se inteirar das lacónicas informações então emitidas.

- Então, pá? Ainda não fugiste...

- Cala a boca. Isto é a sério. Não deram cabo deles nas primeiras horas e já têm colunas militares a cercar Lisboa. O aeroporto está fechado. Ocuparam a rádio e a televisão.

- Até parece que estás com medo.

O outro gaguejava sem ânimo para se defender:

- Lá estás tu com as tuas coisas. Não brinques que isto é grave. Não compreendes o perigo?

- Olha por mim quero que se lixem uns e outros: o regime nunca me fez favores.

- É o que tu pensas, é o que tu pensas.

- Vou ver o que se passa na empresa. Vou telefonar.

- Isso isso, depois safa-te.

Combinaram voltar a telefonar à medida que houvesse mais notícias.

Da FAMAT ninguém respondia.

- Diabo. Hoje é feriado está-se a ver...

Alfredo foi, finalmente, tomar o pequeno-almoço, com calma e resignação procurando saber pela rádio o que se passava. Ao longo da manhã começou então lentamente a tomar consciência dos acontecimentos. Estava-se a assistir ao afundar de um regime que parecia imune às vicissitudes do tempo na sua inquestionável estabilidade e ninguém aparecia para o salvar.

O que mais o aborrecia eram os planos frustrados: o almoço previsto com gente bem relacionada para os seus negócios, a ida a Sesimbra no fim-de-semana no iate mais os amigos, com aquele tempo magnífico.

- Vai-se pôr uma bela brisa de noroeste – pensava para se distrair. - O pior é a fábrica, os negócios, tudo parado...

O cunhado entretanto parecia cada vez mais desorientado: À hora do almoço, voltou a telefonar:

- Alfredo, isto está mau. Tomaram o Terreiro do Paço, os ministros fugiram ou renderam-se sem luta.

- Foi o melhor que fizeram.

- Ouviste o comunicado há bocado? O tal Movimento das Forças Armadas diz que domina a situação. Pelos vistos o Marcelo está refugiado no Carmo. Ao que parece só pode contar com a guarda republicana. Não sei. Agora já anda povo nas ruas. Isto está um problema. Se não se resolve não sei o que pode acontecer... Já viste, vandalismo, vinganças. A populaça... Eu vou ver se desando daqui com a mulher, os filhos e os valores. Sei lá o que pode acontecer. Faz o mesmo. Faz o mesmo que é melhor.

- E a tua empresa?

- Já telefonei ao guarda. Quero tudo fechado. Disse ao guarda para ficar. Prometi-lhe até um prémio extra. Quanto ao resto que se lixe. Depois se vê. A empresa é minha. Pensas que vou aparecer por aí, com a tropa na rua e a malta toda excitada. Aliás a rádio estava a dizer para as pessoas ficarem em casa. Mas não obedecem, ao que parece já anda meio mundo pelas ruas à volta dos militares revoltosos.

- Basbaques!

- Desobediência. Começou a desobediência. Vais ver.

- És capaz de ter razão - disse por fim o Alfredo - És capaz de ter razão.

- Tenho homem, tenho. Tanto mais que isto pode ser o começo do caos. Olha, eu nem digo nada... Para já vou para Sintra para casa da sogra e tu pira-te também.

Passado pouco mais de uma hora, voltou a telefonar.

- Alfredo! Não saias de casa. As estradas estão cheias de tropas. Lisboa está cercada. Revistam os carros. A populaça está na rua e a polícia desapareceu. Nem se vê. Já viste isto! Não se compreende. Agora só um milagre.

- Um milagre! Essa é boa. Então querias um milagre. Parece que a Senhora de Fátima se esqueceu do regime.

- Não brinques. Adeus. Se souberes novidades diz. A Virgínia só faz é choramingar. Até irrita.

E desligou. Alfredo passou a tarde de um lado para o outro, do escritório para a sala enquanto ia ouvindo a emissão de rádio.

- Já conhecias estas músicas, Emília? Algumas até são giras...

A mulher tomou a frase como graça de mau gosto, ficando ainda mais mal disposta. Estava cheia de medo. Sabia-se lá se não ia haver uma guerra civil.

- Ó rapariga, guerras já temos, no Ultramar, não é preciso afligires-te tanto.

A Emília deu meia volta e foi para o pé dos filhos: a Francisca Isabel de 10 anos e o Nuno Miguel de 7, que brincavam no quarto, satisfeitos por não irem ao colégio.

Alfredo, remexia em revistas náuticas antigas para passar o tempo. Telefonou de novo para o escritório por várias vezes, ligou para amigos, uns que reagiam com piadas, outros mais sérios, outros desorientados quase em pânico. Já era tempo de acontecer alguma coisa nesta terra de marasmo.

Só para ver alguns gajos borrados de medo valia a pena...

Depois lembrou-se de ligar para o Tomás. Esse agora era o seu braço direito na FAMAT, tinha obrigação de se preocupar alguma coisa.

- Está? É de casa do Engenheiro Tomás?

- É sim - respondeu Sara - Quem fala?

- É Alfredo de Brito... o patrão. Ele está?

- Não, não está.

- Ah... Bom. Não sabe para onde foi. Terá ido à empresa?

- Não... isto é, olhe não sei. Aliás ele saiu mesmo há bocadinho...

- Está bem. Quando chegar... não, deixe não vale a pena. Obrigado, sim. Boa tarde.

- Muito boa tarde, dr. Brito.

O que irá este pensar? - interrogou-se Sara - Num dia assim e ele não está em casa.

Mas Tomás comera qualquer coisa à pressa e saíra. Ia para o Carmo - dissera - Então acabava o fascismo e ele ficava em casa, não?

No Carmo assistiu à partida do ex-aprendiz de ditador escondido num carro blindado, uma Chaimite. Depois rua abaixo até ao Rossio, tomou o seu primeiro banho de multidão, com uma sensação de espanto por não ser perseguido, por não ter de fugir nem correr o risco de ser espancado, por não ver polícias, por poder gritar junto com o vizinho, sem desconfiar, sem temer o próximo, nem os outros, nem ninguém.

Encontrava conhecidos, abraçavam-se de lágrimas nos olhos e punhos fechados no ar.

Telefonou à Sara e voltou para casa tarde. Queria sair de novo, ela opôs-se:

- Deixa-te dessas coisas que ainda te metes em sarilhos. Lembra-te do teu filho.

À noite já se sucediam as reportagens, entrevistas, declarações de pessoas de quem até há pouco se ouvia falar, mas que não eram ouvidas falar.

A grande personagem contudo era o povo de Lisboa – da Grande Lisboa –, o cidadão anónimo que enfim, vinha para a rua, dava a sua opinião, rejubilava, contava a sua história, desfiava as suas esperanças e brandia aceradas críticas, caladas durante décadas, ao poder derrubado; fazia, e convencia-se de que fazia, história.

Nas ruas, em casa, todos sentiam a enorme densidade dos momentos que se seguiam. À uma hora e meia, já no dia 26, a Junta de Salvação Nacional assumia o poder. Pela manhã a Pide cairia como fera traiçoeira que sempre fora; antes, matara, ao cair da noite, 4 pessoas e ferira para cima da dezena, ao disparar rajadas de metralhadora sobre grupos de populares. Mais um crime que, como os outros, ficaria impune.

As novas autoridades recomendavam calma, sossego e o regresso ao trabalho. Tomás rejubilava e ansiava pelo dia seguinte. O futuro estava aí. Agora tudo parecia possível e simples.

- Anda-te deitar – chamava a Sara.

- Vou já. Também não percebo como é que não acabam com aqueles tipos da Pide à bomba, à granada. Ali entrincheirados, a queimarem documentos. Provocadores. Aquilo também está por pouco, a tropa se quisesse arrasava aquilo tudo à bomba.

Depois, é preciso acabar com os gajos. Os tubarões. Os Tenreiros, os Melos, os Champalimauds... Não ouviste o comunicado do MFA: estratégia antimonopolista e antilatifundiária!

- Anda deitar-te que já é tarde. Dizem sempre o mesmo...

- Vou já. Amanhã já se sabe tudo... Ainda não me tinha lembrado, o marido da Elsa é do exército, Capitão ou Tenente parece.

Mas Elsa não sabia de nada. Ria-se com ar nervoso, excitada de se ver o centro de todas as atenções. Estava feliz por ser mulher de um militar, de um capitão; ainda há dois dias ignorados ou desprezados, desde ontem tratados como heróis e salvadores.

Claro que César não lhe tinha dito nada. Ficara de serviço na sua unidade, o Trem Auto, e ela terrivelmente nervosa e cheia de medo quando a mãe lhe telefonou a falar na revolução. Do marido teve apenas notícias à hora do jantar a dizer que estava tudo bem e não ia dormir a casa, ficava no quartel.

No dia seguinte, o Brito chegou ao emprego um pouco mais cedo que a hora do costume, ainda não eram 10 horas.

Embora não quisesse deixar transparecer, vinha inquieto, excitado. Queria saber notícias, queria sobretudo aperceber-se de que modificações se teriam operado.

A primeira evidência é que ninguém trabalhava: fosse nos escritórios fosse nas oficinas, o pessoal formava grupos conversando, comentando os acontecimentos da véspera, relatando factos ainda desconhecidos, inventando outros.

Traçavam-se planos, desenhavam-se políticas; o debate era intenso, mas reduzido o confronto de ideias; todos estavam de acordo e do lado dos vencedores. Por uma vez ou outra colocavam-se dúvidas, apenas para se sentir melhor a força da vitória. E a Espanha? Seria que o Franco iria invadir Portugal? Não estava previsto, secretamente, no Pacto Ibérico assinado pelos ditadores?

Convicto houve quem assegurasse:

- Ora ora, os blindados de Santa Margarida já viraram as torres dos canhões para o outro lado.

Os interlocutores calavam-se convencidos e no silêncio momentâneo, tranquilizante, imaginavam os generais franquistas, temerosos a mandarem as suas colunas recuarem.

-E se viessem, era a revolução em Espanha!

O Brito passou cumprimentando todos delicadamente e refugiou-se no escritório. Quando voltou costas, o pessoal fez caretas circumspectas uns para os outros dizendo:

- Ena. Já temos direito a bom dia.

E desataram a rir.

No escritório o Brito estava abatido: não tinha tido coragem de mandar ninguém trabalhar.

Tudo fora do lugar na conversa, nem sequer se mexeram quando ele passou, obrigado a cumprimentá-los, como se não fosse o patrão da empresa.

- Então a liberdade é isto! Ninguém trabalha e eu pago. Bonito serviço...

- Elsa - chamou pelo intercomunicador.

A jovem apareceu.

- Olá, Elsa. Bom dia. Bem disposta?

- Estou sim Sr. Brito. Hoje, está toda a gente feliz.

- Claro. É um grande acontecimento. Qual é a agenda?

- Qual agenda?

- Qual agenda? O que há marcado para hoje, o que é que eu tenho que fazer - mas será que é preciso agora explicar tudo, pensou o Alfredo Brito.

- Desculpe, mas está tudo alterado... penso eu.

- Tem razão... É preciso começar... de novo. Chame o eng. Tomás, por favor.

Brito tentava orientar-se e prever o futuro. Agora tinha que se definir como chefe.

Ou então...

- Olá, Tomás. Entre. Entre. O seu homónimo está em maus lençóis.

- Nunca tive nada que ver com ele.

- Claro. Nem eu. Nem eu. Mas o que me diz a isto. Acha que foi bom?

- Com certeza. Qual é a dúvida? Já deveria ter sido há 30, há 40 anos...

E riu-se. O Brito acompanhou-o.

- Pois é, foi um grande acontecimento. Há tanta coisa para resolver. A guerra no Ultramar.

- Nas colónias.

- Isso, isso. Desenvolver o país. Acabar com as limitações ao funcionamento das empresas.

- Claro. Acabar com o sistema monopolista, com o atraso no campo, com os latifundiários. Apoiar as pequenas empresas. Há tanta coisa para fazer.

- Pois é. Pois é.

Decididamente, pensou Brito, com esta linguagem não nos entendemos.

- Bem, engenheiro, a revolução é lá fora, aqui temos que tratar da vida, a empresa...

- Revolução... isto é. Não sabemos ainda se foi ou vai ser revolução. Pode ter sido apenas golpe de Estado - explicou Tomás - Revolução é outra coisa.

Bolas! - exasperou-se silenciosamente o Brito - se para dizer que é preciso trabalhar para ganhar o dinheiro do salário, for preciso discutir política, revoluções e não sei o que mais vou-me mas é embora. Não estou para ser roubado. Que raio,

então um patrão na sua empresa não tem sempre razão perante os empregados? Tem de explicar e torneir as questões?!

Crispado, Alfredo Brito, quase gaguejava:

- O que eu quero dizer é: Vamos trabalhar. Isto para mim é uma oportunidade de fazer singrar a empresa. Há leis que limitam a nossa actividade; há que relacionarmos mais ... livremente com outros países.

- Orgulhosamente sós...

- Sim. O velho Salazar era casmurro que se fartava - riu-se o Brito - Não era?

- Pois era. Pois era - retorquiu Tomás.

- Estou a consultá-lo a si em primeiro lugar sobre as medidas aconselháveis nas novas condições. Como está o pessoal? Não quer trabalhar?

- Não. Está satisfeito. Só isso. Que diabo, correr com estes tipos ao fim de 48 anos, vale a pena comemorar.

- Pois é. Pois é. Tem razão, claro. Bem, temos é que tomar medidas para o bom funcionamento da empresa.

- Olhe, por agora é difícil saber em que condições estamos ou vamos ficar ao certo. Neste momento há trabalho nas oficinas, a carga é razoável. Quanto ao resto não sei: futuras encomendas, problemas de contabilidade não são comigo. Aliás acho que cada sector devia fazer uma análise da situação caso a caso e depois termos uma reunião.

- Sim, neste momento ainda é difícil saber como orientar as coisas.

- Ah! Mais uma questão: acho que os trabalhadores devem ser ouvidos. Também têm uma palavra a dizer sobre a situação deles e da empresa em que trabalham.

- Estou de acordo. Havemos de ver isso. É tudo. Agora vou falar com o Teixeira da contabilidade e com o Ribeiro do pessoal. O melhor é fazermos uma reunião conjunta mais tarde, se calhar só daqui a uns dois dias, quando cada um tiver bem definida a situação do seu sector e tivermos mais informações sobre a conjuntura. Vamos aguardar e ver o que se passa lá fora.

- Também acho.

Alfredo Brito teve diferentes conversas com os outros responsáveis. Diferentes não da sua parte, mas dos interlocutores. O Teixeira estava positivamente desorientado. O Ribeiro, com mais sangue frio, dera rapidamente o salto e

desdobrava-se em explicações de como lidar com o pessoal, procurando tornar-se útil e necessário a qualquer das partes.

O Brito saiu meio enjoado, no mínimo enfastiado com a manhã. Voltou a ver pelas vidraças do corredor grupos a conversar animadamente, sentados nos tampo das secretárias. Gente de secções diferentes nas mesmas salas. Operários nos corredores do escritório. Homens e mulheres fora dos locais de trabalho, todos em animadas conversas.

Fugiu para o automóvel e voltou para casa. Tinha que falar com o tio.

Na volta sentiu um ambiente estranho nas ruas. Não havia polícia, grupos de pessoas reuniam-se nas praças ou andavam de um lado para o outro.

- Mas o que é que esta gente quer? Não têm nada que fazer?!

Numa paragem, junto a um sinal luminoso, chamaram-lhe fascista, bateram mesmo no capot do seu luxuoso carro. Através dos vidros esverdeados viu por diversas vezes dedos apontados, gargantas abertas em risos que pareciam esgares, gargalhadas mudas que não ouvia, olhares de desprezo e ódio. Quando chegou a casa arrumou-o ou melhor, escondeu-o, na garagem e correu para dentro. Um whisky! O meu reino por um bom whisky... Mas nem isso lhe soube bem, olhava o copo de cristal com desgosto.

Que iria acontecer? Com os índios à solta na rua, sabe-se lá o que poderia acontecer. Para já, não andava mais com aquele fato, a camisa branca e gravata de seda. Quanto ao automóvel nem pensar, passaria a utilizar o Mini da mulher. Ela que andasse de táxi ou de transportes públicos que era mais democrático.

Quando a Emília entrou teve um sentimento especial de ternura e segurança.

- Senta-te aqui. Queres uma bebida?

- Não. Mas o que tens. Aconteceu alguma coisa grave?

- Ora... Nada, nada. Estou cansado.

Sentou-se junto ao marido e ficaram abraçados em silêncio.

- Que tal o pessoal aqui, Emília?

- Não notei nada. Falam do golpe de Estado, da revolução ou que é, mas só dizem disparates.

- Valha-nos isso, porém, cuidado. Nada de falares contra o MFA e a Junta, de dizer bem dos antigos ou mal dos de agora. Não dês opiniões.

- Eu? Mas porquê? Que diabo, não estou em minha casa. Não somos livres?

- Vais ver que livre eras tu, antes... Olha, já não saio. Aquilo no emprego está uma bagunça. Falei com os chefes, agora quero é falar com os amigos e com o tio. Se o teu pai souber alguma coisa também pode ajudar. É preciso pensar, juntarmo-nos para saber como agir daqui para a frente.

Calou-se, absorto.

- Estou a ver que nem sequer almoçaste. O que queres que eu mande fazer?

- Qualquer coisa... Sabes, não era má ideia mudar daqui, ir para os lados do Estoril ou Sintra. Não me agrada o Restelo nestas circunstâncias, está-se muito metido em Lisboa...

- Mas se a casa fica abandonada ainda a assaltam.

- Sabe-se lá. Bem, é um caso a considerar.

O tio do Alfredo não estava. Tinha ido para Tomar: ou estaria na casa da cidade ou na quinta perto de Ferreira do Zêzere. Encontrou o tio na cidade.

- Ainda bem que telefonas Alfredo. É bom não nos esquecermos uns dos outros nestas alturas. Eu já sabia que querias falar comigo.

- Tio, o que é que eu faço?

- Por agora nada. Deixa ver. Conheces a história dos 3 macacos: não vês, não ouves, não falas. Espera.

- E a empresa?

- Tem calma. Vocês os novos... Olha, ainda não há dados para ver com clareza o que se está a passar. Eu estou em contacto com outras pessoas. No próximo fim de semana, eu e alguns amigos vamos reunir-nos na minha quinta. Aparece domingo de manhã, mas cedo. Se quiseres vem com a família no sábado.

- Se calhar é isso que eu faço.

- Bom, então até sábado. Beijos à Emília e aos pequenos.

- Um abraço tio e obrigado. Cumprimentos a todos. Beijos à tia.

Alfredo ficou reconfortado e mais seguro. Via-se que as fileiras da gente como deve ser não se rompiam.

A reunião foi contudo inconclusiva. Alguns dos indigitados participantes faltaram, de resto serviu para disfarçar a tensão e a incerteza que se apoderava de todos. Mais parecia um acto de contrição e um rosário de lamentações pelo que se devia ter passado antes e pelo que se temia vir a passar depois. Navegava-se no mar desencontrado dos "ses" que retiravam todo o sabor à excelente cozinha tradicional e

à garrafeira do tio Jerónimo. Almariado com a insegurança geral, Alfredo Brito, regressou a casa com as magras esperanças do "Tenhamos calma" e "Vamos ver" e a recomendação final do tio, de dedo espetado, séria, carregada de presságios: "Tenham cautela. Muita cautela".

Logo de seguida foi o calafrio do 1º de Maio. Na televisão eram só imagens daquela massa de gente, convergindo, impossível de ser detida, para um ponto onde estavam os que de momento, pareciam ser os únicos capazes de se fazerem escutar e obedecer: socialistas e comunistas, juntos - os inimigos da propriedade privada.

Um calafrio percorreu-lhe a espinha. Fechado em casa não conseguia ouvir rádio nem ver televisão.

Amigos e conhecidos que moravam para a Av. de Roma, Guerra Junqueiro, Areeiro, contaram-lhe como tinham passado um tão lindo dia de janelas fechadas, suportando a gritaria dos magotes de gente a passar à porta. Nem coragem tiveram para sair à rua. E para quê? Estava tudo fechado, restaurantes, cafés, cinemas.

Era de esperar o pior, e o facto é que as notícias não auguravam nada de bom. Aquele clima que se começava a viver de contestação atrás de contestação; de ordens dadas, posições tomadas e logo a seguir abandonadas. Afinal onde estava o poder, que o outro antes de sair prisioneiro numa "chaimite" não quisera deixar cair na rua? Primeiro fora a questão dos presos pela Pide: os processos seriam analisados caso a caso antes da libertação; depois foi dito que os delitos abrangidos pelo foro civil não seriam amnistiados; afinal saíam todos.

Agora falava-se em saneamentos das pessoas ligadas ao regime anterior. Falava-se em delegados do MFA nas principais empresas e bancos. Tudo isto era vago e inquietante. A rádio não se podia ouvir: só política e canções revolucionárias. Tinham mudado os locutores. Na Televisão o Zé Povinho falava, dizia os disparates lhe que vinham à cabeça, apareciam sindicalistas e comissões de trabalhadores nas empresas, por todos os lados. Não estava para ouvir, nem ver, daquilo.

Reduziu drasticamente a sua permanência no emprego. Telefonava, falava com os chefes, dava umas passagens rápidas pelo escritório, pretextando afazeres. Não podia tolerar, calado, o ambiente de indisciplina, de grupinhos por aqui e por ali em animadas discussões.

O que é que aquela gente tinha tanto para falar na hora do trabalho? O tio advertiu:

- Devem estar para pregar alguma...

De qualquer modo os problemas começavam a aparecer, e em primeiro lugar o financeiro. Chamou as chefias para lhes comunicar a situação:

- Sabem, a questão do crédito está complicada. Os bancos não estão ainda a funcionar como deve de ser. Depois... com os controlos que introduziram. E os contratos com o estrangeiro? Só problemas. Vocês avancem com o trabalho aqui, que eu trato do resto.

Tomás riu-se para dentro: qual resto? Mas respondeu com ar sério:

- Esteja descansado. Nós tratamos de tudo. Não faz cá falta...

O Brito ficou varado. Siderado. Não deu parte fraca, mas nem teve coragem para responder. No caminho mordida-se de raiva:

- O que queria o gajo dizer com aquilo. Não faço falta. Grande pulha. Sacana. E eu calado... Hei-de dizer ao tio.

Aqueles dias passaram-se em desgostosa expectativa. Cada um trazia notícias piores. Os nomes conhecidos desapareciam, os jornais mudavam de tom, alinhando com a alienação geral. Alfredo na empresa usava a recomendada prudência, sorria quando lhe apetecia gritar, suportava com calma o que antes seria considerado inadmissível insolência.

Na empresa continuava a bagunça: aumentava. O 1º de Maio dera-lhes força, agora Brito constatava chocado, mas já não surpreendido, que preparavam a formação de uma Comissão de Trabalhadores, que estava a ser elaborado um Caderno Reivindicativo e um plenário.

Alfredo Brito tinha razões para estar inquieto. É certo que a agitação nas ruas e nos espíritos era contagiosa. É certo que sem uma autoridade fiel aos bons princípios nenhum contabilista saberia mais acertar as suas contas. E aqui estava a raiz dos problemas.

A legislação existente, isto é, a do regime de depósito era complicada, um monumento construído em várias épocas e com vários estilos, sobrepondo-se sem tocar no que estava e era pressuposto ser infalível. Subjacente, quais alicerces, havia condicionamentos, restrições, controlo pelo Estado, que apoiava o capitalismo, mas desconfiava dele, como desconfiava de tudo e todos. Não que não apoiasse os direitos da propriedade e dos proprietários, mas a ditadura tinha uma concepção pessimista do

homem e da sociedade, algo de medieval sobre a origem pecaminosa do progresso, resultante da apetência pelos frutos dessa árvore do bem e do mal.

Assim, ainda que garantisse a tranquila remuneração do capital e que os interesses da empresa, isto é, em primeiro lugar dos donos, se sobrepusessem aos dos trabalhadores, freava o desenvolvimento da iniciativa com condicionantes legais, meandros formais ou praxes em uso. O lucro declarado e exibido era mal visto. A modéstia elogiada. Digamos que o ambiente era de hipocrisia generalizada. Mas era assim que funcionava. Mal visto era o truculento, mas sagaz e expedito, Champalimaud. Desconfiava-se tanto do liberalismo económico como da social-democracia, que na altura ainda tinham cores diferentes.

O chamado consulado de Marcelo Caetano, embora aspirando a "imperator", ficara assoreado em contradições. Os empresários eram considerados os condutores do progresso, estimados e elogiados - não tanto como alguns anos após o 25 de Abril, diga-se -, mas já o suficiente para nomes começarem a ser apontados ao povo como estrelas de um firmamento que sobre as suas cabeças se acendia. Porém, os empresários, para darem livre curso à sua ambição, à sua iniciativa criadora de riqueza, isto é, de lucros, que os legitimava a considerarem-se benfeitores da sociedade à medida que enchiam os seus bolsos, viam-se obrigados a tornear leis e despachos, a obter silêncios oportunos, a solicitar apoios para as imprescindíveis exceções.

Todos viviam assim. Um pouco à margem da lei. Fazendo enfim funcionar o sistema. Mas não seria essa a função dos empreendedores? Interrogava-se Alfredo Brito no fim-de-semana, num solitário exame de consciência, olhando melancolicamente o relvado da vivenda, onde brilhava um arco-íris nas gotas de água do aspersor. Ridícula aquela calma. Nem lhe sabia bem face ao que acontecia lá fora.

Sentia-se inquieto com a mudança dos tempos e das vontades. E se alguém agora desatasse a aplicar as leis, mesmo as em vigor no passado? Ou a meter o nariz nos negócios de cada um? O regime, como lhe havia de chamar... fascista. Qual fascista? O que era isso? Se o fascismo era ordem e progresso então ele... não se importava com nomes. E a malta aos gritos nas ruas sabia o que era? Sabia o que queria? Como gostava de falar com um deles a sós, dialogar com um das manifestações. Expor ideias. Falar de economia e política. Ignorantes. Desfazia-o com argumentos. Mas aquela gente ouvia alguém? Safa... só gritos.

Não há lei: as antigas são fascistas... as novas revolucionárias. Onde vamos parar? E querem aplicar as leis da mesma forma a todos. Então e as empresas... os empresários? Não há distinção entre mim e um operário? Eu é que lhe pago o ordenado. Tem de haver um tratamento especial, senão seria o caos.

E poderia ser... Alfredo Brito via bem que poderia ser. Se alguém começasse a meter o nariz nas contas, a ver os livros, poderia concluir distorcendo a realidade, não entendendo os mecanismos, os delicados equilíbrios necessários ao investimento e ao progresso que...

Que poderia acontecer com a Bolsa sem cotações - que descalabro aconteceria quando abrisse? -, com o crédito a rarear, os juros a irem por ali acima? Por aquele caminho, a situação não podia ser mais clara: a empresa ficaria tecnicamente falida ou quase e o verdadeiro dono, em nome do crédito concedido, a Caixa Geral de Depósitos.

Fizera mal em movimentar os capitais da empresa? Que raio! Como podia perder as oportunidades que o clima eufórico antes da crise oferecia? Deixar o dinheiro imobilizado só por causa de manter uns ratios... Forçara um pouco, e depois? Em condições normais de mercado seria uma má conjuntura que passaria, própria do sistema económico. Mas, os doidinhos dos militares de braço dado com os trabalhadores iriam entender isto? Que fazer? - perguntava-se. Só o tio pode ajudar. Temos de nos unir.

O tio Jerónimo era presidente do conselho de Administração da FAMAT desde a morte de certo modo prematura e inesperada do pai de Alfredo, aos sessenta e seis anos, com um cancro no esófago. Por decisão unânime da família, isto é, a mãe, a irmã e ele, acordaram em entregar a presidência ao tio. Por um lado, Alfredo Brito, até ali desportista e bom "vivant", não estava minimamente preparado para assumir tais responsabilidades, por outro, o tio Jerónimo possuía uma parte do capital e boas relações na banca e no governo. Nos meios empresariais era respeitado. Tinha interesses no Ultramar, em casas bancárias, no sector dos transportes, na produção de azeite, na fabricação de rações, além de propriedades no Ribatejo, na região de Tomar. Era difícil saber onde começavam e terminavam todos os seus interesses.

As empresas da família tinham origem na antiga casa bancária do avô, que a família ainda controlava e expandira para o comércio e a indústria. O pai de Alfredo embora dois anos mais velho fora a partir de certa altura ultrapassado pelo mais

dinâmico irmão, o Jerónimo, que acabara por efectivamente gerir os interesses da família.

Alfredo Brito guardara para si a gestão da FAMAT fundada pelo pai. Embora houvesse um Conselho de Administração este sempre fora uma mera formalidade apenas para obter apoios nos vários escalões do poder estatal. Além das pessoas da família faziam parte do Conselho de Administração um representante da Caixa Geral de Depósitos, como principal credor e porque lhe pertencia algum capital, o coronel Junqueiro antigo governador provincial em Angola, a quem o tio devia favores, com bons conhecimentos nos corredores do exército e entre a gente ligada às colónias, e o Prof. Paulista, da ANP, da Câmara Corporativa e da Faculdade de Direito.

Na situação de surpresas e incertezas que se vivia, onde em cada hora parecia acontecer algo de importante, Alfredo aguardava ansioso uma nova reunião com o tio. Tantas vezes o considerara ultrapassado, de princípios antiquados e, contudo, agora era ele que se sentia inseguro, necessitando de apoio e orientação para dar rumo à vida. Era bom poder contar com a prudência e com o aviso tranquilo do tio Jerónimo.

Ora acontecia que o tio procurava ele próprio uma orientação. Embora retirado em Tomar, multiplicara contactos, deslocara-se ao Porto e a Coimbra, tivera reuniões com outros empresários.

Em meados de Maio reuniu finalmente na quinta próxima de Ferreira do Zêzere os familiares e amigos a quem estava mais ligado, particularmente por interesses nos negócios.

Alfredo chegou cedo naquele encantador domingo de Primavera. O tio recebeu-o com a jovialidade dos seus sessenta e oito anos:

- Aqui não chegou a revolução.
- A quem o dizes, tio. Mas nunca fiando.

Alfredo verificava encantado o ar de respeito com que os criados o tratavam, isto é, da mesma maneira de sempre, embora só naquele momento verdadeiramente reparasse. De certa forma, assim parecia, era como se pedissem protecção. Foi sentar-se à sombra das amoreiras que bordejavam o tanque no pátio interior da casa solarenga; rodeado de azulejos do século XVIII, pintados com cenas de caça. Uma gárgula jorrava água fresca e límpida, ao fundo destacava-se uma devoção, também de azulejos, a Santa Eulália. Uma jovem criada fardada de bata preta, com touca, gola redonda arrendada e punhos brancos, trazia uma bandeja com refrescos; os

convidados iam chegando; o canto das aves misturava-se com os ruídos da água da fonte e das crianças que acompanhavam as famílias. Se ao menos pudesse esquecer o motivo da visita...

Mas não podia, o tio chamou-o para a sala envidraçada que dava precisamente para o pequeno pomar-jardim onde estava o tanque. O tio Jerónimo não quisera dar à reunião um ar muito formal por isso não havia mesa, cada um sentava-se nos sofás ou nas cadeiras de estilo como lhe aprouvesse. Era, conforme disse no início, ao dar as boas vindas, um encontro de parentes e amigos, para troca de pontos de vista, experiências e análises para o futuro.

Já nessa altura os convivas competiam em contar as desventuras próprias e as que sentiam pesar sobre o país. O tio Jerónimo acenava com a cabeça e repetia com ar circunspecto:

- Vamos ver. Vamos ver...
- Isto é tudo uma cambada de índios... – dizia um convidado.
- Se calhar ainda temos de ser como eles... – incitava outro.
- E já cá temos o Cunhal. Viram, essa gajada toda a entrar por aí adentro.
- O que é curioso é que as pessoas têm um ar satisfeito. Andam alegres. Deixaram de ser sorumbáticos. Estão todas confiantes. Não reparam no que lhes pode acontecer no futuro...
- Pudera, ganham o dinheiro e não fazem nada.
- O que me preocupa é como é que os vamos arredar desta farra e pô-los ao trabalho.
- Deixa passar uns meses e já vêς...
- Sr. Comendador, é preciso fazer qualquer coisa - disse o Matias, ligado à indústria do azeite cujos interesses partilhava com o tio Jerónimo - Se não agirmos, deixamos o campo aberto ao vandalismo, ao comunismo. E já viram, se vêm a devassar o campo como estão a fazer nas principais cidades. Que seria do orgulho e tranquilidade dos portugueses?
- Tem toda a razão o meu amigo. É preciso fazer qualquer coisa. E fazemos. Mas temos de ter confiança em nós. E isso eu não vejo, meus amigos.

Protestos vários interromperam o comendador, que sorriu enterrado na sua poltrona, com um copo de sumo de tomate fresco ao lado.

- É preciso aguentar. Agora é preciso aguentar. É a primeira coisa. Aguentar o embate. Destapa-se a rolha da garrafa, salta espuma, mas o líquido ainda lá fica... na nossa mão. Por agora não se podem contrariar. Isto vai durar uns 6 ou 9 meses. Vai ser um período conturbado, mas eles não percebem nada do povo. Comunistas e Socialistas, conhecem o povo através de livros e teorias, mas nós conhecemos o povo porque lidamos com ele, não é verdade, desde há muitos anos...

Apoiados e “muito bem sr. Comendador” sublinharam as afirmações do tio Jerónimo.

- Quando o povo começar a ver o que lhe trazem esses demagogos, quando estiver farto de cantar e dançar nas ruas e nas praças como a cigarra, vai voltar-se para nós. Quando não tiverem trabalho, nem sossego.

- É isso mesmo!

Durante um certo tempo cada um interveio na conversa, de uma forma ou de outra, acentuando o tema com variações.

Alfredo preocupava-se mais com a empresa do que com o país em geral. A política nunca lhe interessara nem muito nem pouco: barcos e mulheres isso sim.

- Tudo isso está certo, mas, o tio desculpe, a gestão das empresas é agora o mais importante. A nossa força vem daí.

- É importante, claro que é importante. Acalma-te que já lá vamos. Os principais problemas das empresas são agora, não o aspecto económico, mas o financeiro. O lucro ou prejuízo é nesta situação relativamente secundário. As empresas vão afundar-se se não tiverem dinheiro disponível. Por isso muita atenção à tesouraria.

Como se o comendador lhes tivesse tirado as palavras da boca, cada qual quis contar o seu caso, as suas dificuldades. Parecia que nas desgraças ninguém queria ficar atrás do vizinho.

- Se não se resolve o problema da falta de liquidez, não sei onde vamos parar - alvitrou alguém.

- Os pagamentos começam a atrasar-se. O que está a acontecer é que cada qual deixa de pagar, vai ver, caro doutor, isto é um baralho de cartas. Olá, se é!

O comendador aguardou atentamente que a conversa abrandasse e ponderadamente falou, pontuando bem as palavras:

- Meus amigos, prioritário é pagar aos nossos fornecedores. Se alguma coisa tem de ficar para trás, só podem ser os salários - concluindo depois de uma breve pausa: É preciso manter o sistema a funcionar.

A concordância fez-se com um silêncio pesado e meneios de cabeça uns para os outros.

A questão estava entendida e não valia a pena voltar ao assunto. O comendador prosseguiu:

- Agora outro problema. Um grupo de importantes empresários que puseram de parte rivalidades antigas, já sabem de quem estou a falar, reuniram-se e prepararam-se para apresentar ao governo ou ao Presidente da República, projectos de intenção de investimento no valor de dezenas de milhões de contos. É a nossa contra ofensiva.

- Mas onde é que se vai arranjar tanto dinheiro...

- Para que servem os bancos?

- E os projectos existem? Não são coisas que se inventem do pé para a mão.

- Existem: hotéis, urbanizações, fábricas, coisas já conhecidas. O que é preciso é que sejam aceites as condições que os empresários querem para realizar os investimentos. Por isso se pede um esforço a todos para colaborar. É preciso pensar em projectos que revelem intenção de investimentos.

- Era o que faltava arriscar com esta malta...

- Ninguém arrisca nada. Pomos é as nossas cartas na mesa.

Este assunto foi também bastante discutido. No final ficaram de acordo.

- Temos de reconhecer que também há ou podem haver aspectos positivos na actual situação – opinou alguém.

No início da reunião seria certamente acusado de comunista ou revolucionário, mas agora era mais fácil aceitar a afirmação, sem contudo concordar com ela.

- Tudo tem o seu lado bom e o lado mau – disse o comendador Jerónimo – mas se não formos nós a controlar, dificilmente vamos aproveitar o que possa haver de bom.

As suas palavras foram declaradamente aprovadas.

- Sem dúvida - tornou o outro - Pode-se acabar com o condicionamento industrial e as guerras nas colónias também não nos levavam a parte nenhuma. Os nossos aliados não nos apoiam. Essa é que é essa. Além disto vemo-nos livres de uns certos parasitas.

- Deixa estar que hão-de aparecer outros, e ainda mais - houve quem replicasse.

As referências às colónias evitaram a gargalhada que poderia ter estourado. O tio Jerónimo sorriu. A ausência de homens como o coronel Junqueiro, o prof. Paulista e outros ligados à situação política anterior, os chamados situacionistas, era notória. Alguns já tinham fugido para a Espanha ou para o Brasil.

- É preciso que os empresários mostrem que são capazes de viver em democracia. Esta é também a chave do nosso êxito.

O tio disfarçou o encolher de ombros com um sorriso. Um dos participantes porém, agarrou na ideia, de forma um tanto precipitada:

- Talvez fosse preciso mudar de gente. Por agora, alguns dos nossos amigos não poderão acompanhar-nos. É melhor para nós e para eles. Mas penso sobretudo neles. Seria muito traumatizante. Que se deixem estar sossegados. Além disto há-de haver sempre quem queira fazer parte de Conselhos de Administração, não acham?

O comendador fez-se desentendido e prosseguiu:

- É preciso reorganizar. Penso que se devem tornar mais flexíveis as ligações nas nossas empresas; mais descentralizadas algumas funções. Nós próprios devemos aparecer menos e só contactar com um número restrito de responsáveis. Devemos evitar os contactos directos com pessoal nos problemas de gestão corrente, como acontecia em muitos casos. Centralizava-se de mais. Agora, compete-nos controlar e não proceder às tarefas executivas do dia a dia. É preciso promover, chamar até nós quadros de confiança: descentralizar. Acima de tudo, meus amigos, não é a altura de fazer ondas...

Este assunto foi objecto de bastantes pedidos de esclarecimento. Era o contrário da gestão habitual. Tratava-se, na maioria, de pessoas que controlavam a quantidade do papel que era ou devia ser gasto nas casas de banho da empresa ou o tempo que nelas se podia passar. É certo que ignoravam muita coisa sobre a tecnologia e sobre os mercados dos produtos que vendiam. Alfredo não tinha, porém, esses problemas. A sua gestão diletante enquadrava-se bem nesses princípios. Tanto como em quaisquer outros.

Para o fim da reunião já na hora do almoço, - ao domingo comia-se sempre para o tarde em casa do comendador - passou-se a falar das personalidades mais conhecidas. Ninguém gostava é claro daqueles militares.

- Eu tenho confiança no Spínola - dizia o dono de uma empresa de construção civil - vi-o comandar tropas. Sei do trabalho dele na Guiné. É um homem de ordem e disciplina. E os soldados gostavam dele.

- O pior é o MFA. E quem está por detrás desses. Nem os conhecemos.

- Ora, comunistas e socialistas.

- Isso deixá-lo. Dentro de seis meses hão-de comer-se uns aos outros...

- Nós temos é que aguentar. Não é verdade Sr. Comendador?

- Claro, e para melhor o fazer, agora, meus amigos, vamos ao almoço.

O almoço foi servido no caramanchão ao lado da casa.

Videiras e cravos de cheiro. Criados fardados serviam respeitosamente primeiro sável frito com açorda, cabrito assado no forno, queijo meio curado daquelas serras, vinhos da quinta do Comendador, um branco meio seco e um tinto a atirar para o clarete, leve e espirituoso, que contrariamente às regras habituais o comendador achava ir melhor com o assado.

- Eu agora rezo é pelas minhas propriedades no Alentejo – dizia a esposa do industrial dos azeites.

- Ah! Pois. Pois... E eu, e eu... – corroboravam as outras.

Cada uma casquinava as suas desgraças e escândalos.

- E agora cuidado até com as criadas. Vejam lá que querem sindicato.

- Sindicato?! Era o que faltava: as criadas!

- Criadas não, empregadas domésticas!

Ao comendador Jerónimo irritava de sobremaneira que à mesa as mulheres conduzissem a conversa. Aí estavam os tempos a mudar. Sem se dar por isso... mesmo sendo contra e lá se iam os bons princípios.

Desta forma decidiu intervir, marcando as palavras com autoridade:

- Por favor. Falemos doutras coisas. Falemos de coisas agradáveis. Afinal nada está perdido, minhas senhoras. Falemos de viagens. Como está a temporada em Paris? E por Londres?

O Alfredo em tom de chiste apoiou procurando provocar o riso dos restantes:

- Sim, falemos de viagens parece-me uma conversa oportuna. Alguns já viajaram contra vontade, vamos ver se não vai ser o nosso caso. Cá por mim não tenho problemas. Levanto o ferro do barco, iço a genoa ou o spi e vou por aí abaixo pela alheta até Marrocos ou às Canárias.

Ninguém achou graça. Quem é que pensava em divertir-se a velejar, naquelas condições?

O ambiente de facto não era dos melhores, apesar do requinte da confecção do almoço e da solicitude dos criados.

- E o dinheirinho onde é que fica? Viajamos, mas eles não permitem a saída de divisas.

- Pode ser transitório.

- É o és... - interrompia o representante de uma firma britânica de equipamentos para a indústria naval.

- Há uns anos uns amigos ingleses estiveram cá, só podiam trazer 150 libras. Os Trabalhistas do Harold Wilson controlavam a saída de divisas. Estes não vão ficar atrás.

- Vejam o que a democracia fez ao império inglês - gritou a anafada esposa do construtor civil.

Aqui o tio Jerónimo decidiu intervir:

- Não minha senhora. Não foi a democracia que fez mal ao império britânico que aliás se expandiu em democracia. Foi o socialismo que fez mal. O socialismo. E é esse o veneno que o 25 de Abril trouxe ao afirmar-se antimonopolista e antilatifundista.

Os convivas comentaram abanando a cabeça uns para os outros:

- O socialismo, sim o socialismo.

- E nós somos democratas? - perguntou a senhora.

- Somos - retorquiu candidamente o comendador - Somos democrático-sociais.

- Ou social-democratas? - aventou alguém.

- Não. É muito diferente. Eles querem a economia social de mercado e nós ...

- A economia de mercado social - não é tio?

- Mais ou menos, mais ou menos. Como vêm...

Esboçaram-se sorrisos de assentimento, mas houve quem não compreendesse. O tio Jerónimo permanecia sério como um professor que, severo, verifica os conhecimentos dos alunos. O construtor civil aproveitou para abrir o saco:

- Ora, ora. Tenho uns tipos que se iam a esses das esquerdas que era um gosto. É só eu dizer. Eles que apareçam lá.

- Cuidado amigo Cardoso, esses métodos por agora não são convenientes podem voltar-se contra nós. É preciso entender que a Pide acabou. E nós somos contra a Pide.

- Mas éramos?

- Somos, é o que interessa.

- Mas se já não existe... - balbuciou a mulher do Alfredo um pouco confusa.

- Precisamente por isso, minha sobrinha.

Todos riram e acharam adorável a Emília. Sentiram até inveja do Alfredo. Uma encantadora mulherzinha com todas as qualidades necessárias para fazer um homem feliz: estúpida, rica e, fisicamente, rechonchuda como um querubim.

Depois da sobremesa os homens voltaram a isolar-se. Foi servido café e espirituosos. Fazia sensação uma aguardente que o comendador envelhecia em cascos que tinham servido a Vinho do Porto. Fazendo um brinde aproveitou para frisar as suas posições e recomendar prudência e sangue frio. Acrescentou ainda:

- Para nós a liberdade só é possível com e pela iniciativa privada. As medidas de carácter socializante que se começam a exigir, como tantos desbragadamente reivindicam, são obra de invejosos e parasitas. O socialismo seria substituir uma ditadura, que afinal era benévola e tolerante, por outra, mas essa baseada na destruição, no roubo e na insolência. Lembrem-se que há quem esteja a trabalhar para suster a onda de vandalismo que quer destruir o que de mais caro tem a nação e pô-la na órbita de Moscovo. Temos de os apoiar e ter confiança. Não é a altura de nos dividirmos. São os interesses de todos nós que estão em jogo. É preciso que apareça gente nova para defender os nossos princípios e os nossos interesses. E é preciso que cada um se prepare para pôr a recato os seus bens em caso de necessidade.

Depois da reunião com o tio, Alfredo vinha moralizado. Parecia-lhe ter encontrado o rumo para se orientar com vistas ao futuro. No dia seguinte chamou o Tomás, o Teixeira, chefe da contabilidade e o Ribeiro, chefe do serviço de pessoal. A ideia era fazer uma direcção mais colegial, mais participativa, em que os principais responsáveis estivessem informados em profundidade dos problemas da empresa, conhecessem as soluções e participassem nas decisões. Ele, pessoalmente, coordenaria e seria evidentemente o elo de ligação com a Administração a quem competia a orientação estratégica.

Toda a gente estava de acordo. Até ali a gestão era uma espécie de anarquia, bem organizada, em que nenhum sector sabia nada do outro, pelo menos de forma orgânica e funcional. Alfredo nos tempos deixados livres pelas actividades extra empresa, nomeadamente as náuticas e os belos almoços ou passeios com certo grupo de amigos conhecedor de belas jovens, ia dando despacho aos assuntos que as chefias lhe traziam. Como o lema era não levantar problemas não havia grandes dificuldades para que tudo corresse bem; nos casos excepcionais recorria-se ao Conselho de Administração, ou melhor, ao Presidente, que acabava por decidir. Era definitivo e encerrava-se o assunto.

Nas condições em que se vivia, a nova organização parecia mais adequada. A empresa não deixava de ser uma monarquia como até ali, mas o poder aparentemente diluía-se e, utilizando a palavra mágica que tudo congregava: democratizava-se. Na realidade, introduzindo novas hierarquias, diluíam-se responsabilidades, ganhava-se tempo para tomar decisões, tanto mais que o verdadeiro poder continuava onde sempre tinha estado, agora, porém, pretendia-se utilizá-lo apenas para os assuntos realmente importantes. Procurava-se ganhar uma dinâmica adequada aos tempos agitados que se viviam e chamava-se uma nova camada que devia integrar-se e partilhar dos problemas e preocupações da gestão corrente da empresa. Por outras palavras: como a sociedade estava sobre brasas, os quadros que tirassem as castanhas do lume.

Tomás fez ainda uma proposta:

- Devíamos considerar a presença, pelo menos em certas reuniões ou com certa periodicidade, de representantes dos trabalhadores.

Alfredo Brito procurou pelos olhares dos outros saber o que pensavam, mas estes mantinham-se esfíngicos como se Tomás tivesse apenas falado do tempo que fizera no mês passado.

- Bem. Vamos ver. Vamos pensar nisso e ver – rematou por fim Alfredo.

Os efeitos práticos da reorganização foram de imediato nulos, tirando o facto de que Tomás ocupava agora um gabinete mais próximo do patrão Alfredo e passara a ser designado por Director Técnico. Quanto ao resto tudo se precipitava: o comendador Jerónimo e amigos alinhavam táticas com os seus aliados, os trabalhadores da FAMAT elegiam a sua Comissão de Trabalhadores e anunciavam um caderno reivindicativo preparado com base nas opiniões recolhidas.

Alfredo pensava ganhar tempo com a reorganização, cedendo nalguns pontos, fazendo algumas promoções e promessas, mas a sua empresa não era uma ilha.

O governo caía. O MFA assumia responsabilidades executivas ao entregar a chefia do novo governo a um dos seus mais considerados membros o coronel Vasco Gonçalves. Spínola era contestado em certos meios do MFA. Nas empresas havia reivindicações, saneamentos, greves; começavam a proliferar o verbalismo esquerdista e as atitudes gratuitas do obreirismo e do igualitarismo.

Foi neste contexto que ao chegar ao escritório numa 2ª feira do princípio de Julho, Alfredo encontrou na sua secretária o comunicado da CT convocando um plenário para o fim do dia.

Quase sem respiração leu-o saltando linhas, atónito:

"Comunicado da Comissão de Trabalhadores da FAMAT

Camarada:

Hoje às 17,30h vamos todos votar uma moção proposta pela tua comissão que diz respeito ao saneamento da Administração e de elementos anti-operários e às exigências imediatas do Caderno Reivindicativo a que a Administração não deu resposta, tentando ganhar tempo para nos enganar e para nos dividir.

Assim:

1º Administração

Quanto à Administração exigimos o saneamento dos elementos ligados ao fascismo nomeadamente e para já do coronel colonialista Junqueiro e do professor fascista Paulista que foi colaborador de Caetano na repressão das Universidades.

Estes elementos não podem ser substituídos por outros do mesmo timbre que desconhecidos na empresa passem por democratas. O que se tem passado até aqui noutras empresas é a dança das cadeiras. São eles que continuam com o poder nas mãos a explorar o povo. São outros defensores do capital que aparecem. Não Camaradas! Não vamos aceitar isto, queremos na Administração defensores dos trabalhadores!

Para isso os nomes propostas pelo capital para a Administração têm de ter a aprovação dos trabalhadores. Senão serão vetados.

2º Saneamento dos Lacaios

O capital fez agora promoções tentando aliciar trabalhadores com menos consciência e chefias para o seu lado. Essas chefias devem comportar-se como trabalhadores e não como lacaios do patronato, como nossos inimigos. Se querem que nós os aceitemos.

Exemplo disto é o do laçao Teixeira chefe da contabilidade que no passado cortava nos aumentos, que fazia de polícia do patronato, denunciante e intriguista, que fez carreira à custa do ataque e da repressão impune aos trabalhadores.

Este laçao tem de ser saneado e substituído por um elemento da confiança dos trabalhadores.

Esperamos que os substitutos tomem para o futuro atitudes de acordo com os interesses dos trabalhadores. Estaremos vigilantes.

3º Caderno Reivindicativo

A Direcção tem andado a enganar-nos.

Escusa-se a respostas. Desculpa-se com a Administração como se nós não soubéssemos que são todos o mesmo! Claro que o patronato está interessado em explorar o mais possível e em pagar o menos para arrecadar mais lucros.

Temos de lutar pelos nossos direitos e pela melhoria das condições de vida. Por isso exigimos já:

- aumentos de salário igual para todas as categorias
- redução do número de horas de trabalho para 42h por semana
- Um mês de férias para todos
- Melhoria do funcionamento da cantina
- Existência de médico do trabalho e enfermeira
- Melhoria das condições de segurança dos postos de trabalho

Camaradas!

Temos de participar e de decidir sobre o que nos diz respeito.

O que reivindicamos é justiça!

Isto é a razão da classe trabalhadora contra a exploração que só pensa em servir-se de nós em seu benefício.

Todos ao plenário!

Fim à exploração!

Pela democracia ao serviço dos trabalhadores

Aqui, hoje mesmo!"

- Que escumalha! - balbuciou Alfredo, lívido. - Passam ao ataque. Então é a guerra.

Claro que aquilo ia ser votado à saída do trabalho, de braço no ar. Promessas, quem as pagava era ele.

Pensou em falar para o tio, mas não dali: podiam escutar. Foi para casa. O tio recomendou-lhe calma. Que fosse adiando. Negociando.

- Tio, temos uma greve às costas. Os gajos vão para a greve.

- Deixa-os ir... Deixa-os ir.

Os acontecimentos desenvolviam-se rapidamente e Alfredo, desorientado, desabafava com o Dr. França, consultor jurídico:

- O meu amigo repare: agora são as CT que querem mandar nas empresas.

- É preciso actualizarmo-nos. Antes do 25 de Abril já existiam representantes dos trabalhadores em certas empresas. Tenha calma. É preciso integrar as pessoas no sistema; não as marginalizar. Vivemos em democracia.

- Está bem, mas em Portugal isso não dá. Além disso, quem não quer ser marginalizado sou eu! - respondia Alfredo, céptico.

Céptico e com razão. É que todos lhe davam bons conselhos, diziam-lhe o que devia e não devia fazer. Mas Alfredo não queria conselhos: queria soluções.

- Tio - protestava - os gajos preparam-se para a greve ocupando a fábrica, se não cedemos ainda me fecham lá dentro.

Por resposta obtinha as habituais lamentações e suspiros. As senhoras da família olhavam-no com admiração, quase com devoção, como se fosse o mártir de uma boa causa. Atitude que o seu espírito desportivo aceitava de mau grado.

- Tu não podes fazer nada, Alfredo... – dissera-lhe o tio ao vê-lo à beira de uma crise nervosa, acrescentando, em surdina, algo que nunca esperara vir a dizer acerca do que lhe pertencia – nem eu.

O silêncio do gabinete ainda mais pesava, envolvido nos apelos a uma manifestação ao som de canções como "O Povo unido nunca mais será vencido" e "Venceremos, venceremos, com as armas que temos na mão".

Alfredo não respondeu, farto de queixas.

O tio prosseguiu:

- Já era de esperar que desse nisto. Só os ingénuos é que podiam acreditar no contrário.

- Tio, não há dinheiro em caixa. Não conseguimos pagar aos fornecedores. Os clientes também não pagam.

- Eu sei, eu sei. Ninguém paga a ninguém...

- Este ano vamos ter um prejuízo enorme.

- O problema vai ser quando não tivermos cartas de crédito para os fornecimentos do estrangeiro.

- O pior é que nem sequer aparecem encomendas novas...

- Com esta banguçada.

- Só querem plenários e manifestações.

- Deixa, que eles ou alguém por eles, hão-de pagar... Sabes o que te digo? Estão a tomar banho na água que vão beber...

- Imbecis, rejeitaram as propostas do Movimento dos Empresários Democratas. O que é que querem fazer agora?

- Foram os comunistas. Estão a tomar conta de tudo. A nossa esperança ainda é o general de Belém. De resto está tudo minado.

- A começar por esse primeiro-ministro. Como é possível?!

- Vamos ver - concluía o tio - Isto é um incêndio. Vai durar aí mais uns seis meses. Depois, faz-se o rescaldo...

- Sim - disse Alfredo refreando um riso sarcástico - A questão é saber quem o apaga.

Ora, na Comissão de Trabalhadores havia quem o tentasse, à sua maneira, se bem que, do lado das chamadas bases, outros pareciam lançar óleo sobre as chamas, acusando-os de "traidores", "revisionistas" e "social-fascistas". Para esses, a lei fundamental era: "Todo o bom senso fica proibido" e a palavra de ordem: "Já!".

O imediatismo, obviamente sem eficiência alguma, era a forma mais eficaz de mobilizar um povo sem cultura e cuja memória tinha passado a ser o último boato ou a última reivindicação irrealista que lhe apontavam.

A Comissão de Trabalhadores tinha ido ao Governo e à Comissão Coordenadora do MFA expor a difícil situação da empresa e não largava a sua congénere da Caixa Geral de Depósitos por causa do dinheiro para os salários ao fim do mês e para pagar

a alguns fornecedores. Todo este processo tomava uma dinâmica própria, independente da vontade dos principais intervenientes, que mais tarde foram acusados de o terem preconcebido e deliberadamente produzido. Assim, no Governo e no MFA, sem pôr de parte a participação das Comissões de Trabalhadores desejava-se que as Administrações não se alheassem das questões, assumindo as suas responsabilidades. Na FAMAT como a Administração estava incompleta devido à saída de alguns elementos, foi sugerido pela CGD que deveria completar-se para as decisões serem válidas. Os nomes indigitados, porém, foram recusados no plenário de trabalhadores: não davam garantias de antifascismo nem de defender a Aliança Povo-MFA, tanto Alfredo como o tio acharam melhor não insistir.

Uma tarde, já em Setembro, Alfredo, excitado correu a falar com o tio. Soara-lhe que a Comissão andava a mexer-se para a empresa ser intervencionada pelo Estado argumentando com as dificuldades que atravessava, o elevado número de postos de trabalho em causa e a sua importância no sector.

Falava-se em meter na Administração um militar, representante do MFA e um delegado da C.G.D., como principal credor.

Ao contrário de Alfredo, o tio não se emocionou:

- Bem vistas as coisas. Se tem que ser assim, seja. Quanto aos outros administradores o Paulista e o Junqueiro desapareceram, um está em Espanha, em Madrid, e o outro finge-se doente lá para a quinta da Beira Alta. De qualquer forma não contavam para nada, e já não são necessários. Na situação financeira em que estamos, a Caixa Geral tem todo o direito de nomear um Administrador, até de tomar conta disto... Vamos ver quem é o tipo. Não vamos decidir nada sem ele estar na Administração. Quem vai pagar os custos das reivindicações vai ser ele, isto é, a C.G.D. Estão a fazer a revolução não é? Então paguem. Nós não temos dinheiro, não é verdade.

A fracassada manifestação da "Maioria Silenciosa" a 28 de Setembro de 1974, que o Presidente da República promoveu, sem olhar para as cores dos seus apoiantes, contra o Primeiro-Ministro, teve como consequência não a saída deste, mas a demissão do daquele.

A situação parecia tornar-se mais clara, tentando resolvendo-se os imensos problemas pendentes. Entrou para a administração da FAMAT o major Guedes,

elemento do MFA e um tal dr. Simões da C.G.D., cuja principal função durante o período revolucionário consistiu em dizer que sim ao major.

Foram satisfeitas as reivindicações dos trabalhadores. O Alfredo e o tio colocaram-se na posição de boas pessoas, desorientados, tentando defender uma empresa em dificuldades, agora sem meios, apenas com boa vontade, vendo os sacrifícios da sua vida e da família irem por água abaixo.

- Nós até somos democratas - acentuava o tio Jerónimo.

- Eu sempre estive a favor dos sindicatos, como há lá fora, na Inglaterra ou na Alemanha - corroborava o Alfredo.

Para fazer funcionar a empresa o major endossava cheques e pedia empréstimos à Caixa Geral.

Era um homem trabalhador, arguto, e com espírito de organização. Escutava todos atentamente deixando apenas transparecer o seu interesse, sem que o interlocutor soubesse se acreditava ou se aceitava o que lhe diziam.

Efectivamente, e mesmo que não o quisesse, o major Guedes tomava cada vez mais a direcção da empresa. Se ninguém queria tomar decisões, tinha que ser ele. O comendador pretextava o cansaço, a idade e escusava-se a deliberar ou a dar opiniões, nada se fazia portanto sem a opinião do major. De qualquer forma, nem o comendador nem o sobrinho queriam pôr um tostão que fosse na empresa, assim as verbas tinham de vir da C.G.D. com as imprescindíveis assinaturas do militar e do Dr. Simões.

O major Guedes bem entendia o jogo em que o metiam e começava a sentir um enorme irritação, quiçá desprezo, pelo Brito que falava, falava, mas nunca dizia o que pretendia. Alfredo Brito queixava-se das perturbações psicológicas causadas pelos ataques da Comissão de Trabalhadores, pela virulência dos partidos da extrema-esquerda que subiam o tom das exigências.

Da sua boca apenas saíam hiperbólicos problemas que se esbatiam no horizonte de novos problemas e interrogações.

Era opinião do major que aquilo não passava de encenação encobrendo outros desígnios, evidentemente contra-revolucionários. Tratou, pois, de reunir à sua volta os elementos em quem pudesse confiar e apoiar-se. Quanto ao Tomás não tinha problemas, desde o princípio que lhe pareceu competente, sério e interessado. Os

elementos do PCP tinham-lhe aliás confirmado tratar-se de um homem "honesto e progressista".

Havia em primeiro lugar que reorganizar a contabilidade e os serviços administrativos. A extrema-esquerda queria o saneamento do Teixeira, com expulsão da empresa, os comunistas aceitavam que ficasse desde que deixasse de ter funções de chefia e interferir nas questões do pessoal.

O homem vivia em pânico. Emagrecera. Não olhava as pessoas de frente. Oriundo de famílias pobres, toda a vida lutara para fugir do ambiente em que nascera e para se evidenciar da massa anónima dos trabalhadores comuns. Era um chefe, conquistara o seu lugar lambendo as botas dos patrões, subserviente e zeloso, descobrindo sempre novas formas de economizar (os trabalhadores chamavam-lhe roubar) nos subsídios, nas regalias, nos ordenados, em tudo que pudesse, pela lei ou pelo cálculo para reduzir as verbas que o patrão despendia com empregados e operários. Desprezava-os, por impedirem que se retirasse mais lucro, olhava-os apenas como um factor de custo. Era por sua vez detestado pelos trabalhadores. Aceitava este equilíbrio como normal e saudável.

Porém na sua área era competente. Conhecia as leis, os regulamentos, os fornecedores e clientes, as relações com a banca, os meandros comerciais, financeiros e legislativos. Não era fácil a empresa funcionar sem o Sr. Teixeira.

Quanto ao Ribeiro do serviço de pessoal vivia idênticas angústias apesar de menos atacado, ou porque o seu caso estivesse para mais tarde ou porque o seu papel era mais de carácter administrativo-burocrático. Rapidamente pusera-se sob a tutela dos ideólogos que pontificavam no seu serviço e procurava não fazer nada pelo qual fosse responsabilizado directamente.

Não deixava de ser curiosa a forma como a extrema-esquerda fazia deles inimigos. Parecia até que a família Brito não existia. Estes eram o capital, um "tigre de papel", perigosos eram os Teixeiras e os Ribeiros, além claro do "inimigo principal" os "sociais-fascistas".

Para resolver a situação o major e o Tomás falaram com a Comissão de Trabalhadores, maioritariamente comunista, pedindo-lhes para não se deixarem embarcar naquela demagogia que podia inviabilizar a empresa. O caso mereceu uma reunião de Tomás na sede do PCP, na Av. António Serpa, com um dirigente da organização de Lisboa que os escutou sorrindo com ar cansado e distante por detrás

de resmas de papéis, numa sala mal iluminada e poeirenta. Tomás perguntava-se se ele o ouvia mesmo, por fim murmurou com ar conformado, como se pedisse desculpa, qualquer coisa sobre "esquerdismo" e "obreirismo". A reunião foi curta; pareceu-lhe que tanto o problema como a solução deviam estar previstos em algum manual das revoluções. Ficou no ar a ideia de admitir alguém de confiança para as funções do Teixeira e manter o homem ao serviço, embora controlando-o. Tudo dependia da força da Comissão em fazer valer estes pontos de vista.

Em troca de se satisfazerem algumas reivindicações e garantir o pagamento dos salários ao fim do mês a solução foi aceite, não sem que a extrema-esquerda espalhasse pela fábrica cartazes com frases de Mao e dísticos denunciando a traição dos lacaios da burguesia: os revisionistas do partido do Barreirinhas Cunhal.

Com a admissão de um economista, o Dr. Neves, homem ligado ao Partido, o major pensava que, juntamente com Tomás, se poderia levar a empresa para a frente. Claro que os formalismos legais, face ao direito comercial, e ao efectivo estatuto da empresa, não o preocupavam. Tratava-se de legalidade revolucionária, frase que provocava sempre em todas as circunstâncias sonoras risadas de alegria e orgulho.

O Alfredo, dizia-se adoentado, mas andava fazendo turismo, aparecia de vez em quando e retirava-se com ar enjoado e impotente que não escapava ao trio. Elsa, secretária da direcção assim continuava, partilhava os segredos, ou antes os projectos, as visões, as aspirações comuns, mas inconfessadas até então: pôr a FAMAT ao serviço do país e do povo, numa lógica que não fosse a capitalista. O facto de Elsa ser mulher de um capitão do MFA, dava-lhe uma auréola de nobreza, que se reflectia na amizade, na consideração que todos lhe dedicavam.

Havia confiança, alegria, determinação é certo, mas também imensas dificuldades, lutas e incertezas.

A situação da empresa não era brilhante. A carteira de encomendas diminuía, a facturação dava apenas para pagar salários e materiais, a produtividade era baixa, o absentismo subia. As regalias obtidas pelos trabalhadores (férias, compensação do subsídio de doença, melhorias na segurança e na cantina, entre outras) tinham feito aumentar os encargos de forma drástica, face aos rendimentos da empresa naquele momento.

Nesta situação o Brito esfregava as mãos. Pouco aparecia no emprego às voltas com indisposições e nervos e conferenciava com o tio:

- Os gajos não se aguentam. Aquilo está cada vez pior. Os encarregados das oficinas têm medo dos operários...

- Deixa-os. Não perdem pela demora. O que levam em velocidade perdem em força – concluía o tio.

Mas a precipitação foi dos que pretenderam retirar o MFA da cena do poder: em 28 de Setembro verificou-se que o novo regime era mais forte do que parecia.

- A guerra agora é outra – concluía o comendador - Precipitaram-se. Aquilo ainda não estava maduro.

O major Guedes reconhecia que a empresa não podia continuar a degradar-se. A clarificação política originada com o 28 de Setembro permitiu que se traçasse enfim uma orientação económica para o país, na base do consenso sobre uma estratégia dita socializante.

Neste contexto e aproveitando o entusiasmo popular que se seguiu, talvez único na história do país, um pouco por toda a parte, especialmente nas cidades do litoral e nos centros industriais, gente sem sono, discutia, inventava, criava, projectava novas formas de viver e estratégias económicas e sociais.

Por um momento o povo pareceu unido e determinado à volta de uma figura, a do primeiro-ministro, quando respondeu ao seu apelo do domingo de trabalho gratuito.

O próprio comendador confessara na altura, abatido:

- Pode ser um tipo honesto e um patriota, mas é louco. E só vê o vermelho...

Porém o Plano de Estratégia Económica e Social, urgente num país em plena inflação de -ismos, levou mais do dobro do tempo a preparar. Criou-se um vazio no qual os germes da intriga e da desorientação se infiltraram e cresceram até ao dia em que foi aprovado. Poucas semanas depois estava desactualizado e ia para o lixo: foi em 11 de Março.

O 11 de Março foi o incidente de que todos tinham conhecimento, mas em que (depois) ninguém estava envolvido. Até os mortos e feridos terão sido inventados. Para não haver derrotados a "intentona" tornou-se mais tarde na "inventona".

A partir daqui passou-se da estratégia socializante à transição para o socialismo. Porquê?

Possivelmente, porque já muitos (ou quase todos?) mentiam ao querer pôr-se do lado dos vencedores, quando na véspera desejavam a sua derrota.

Possivelmente, porque não havia outra solução e porque todos estavam de acordo: até os mais se classificavam como “moderados” se apressavam a esclarecer que as medidas tomadas sê-lo-iam também por eles, mas mais tarde, pela via das reformas.

A história dos meses seguintes foi apenas o desenrolar deste equívoco, em que os vencedores do 28 de Setembro e do 11 de Março vão ser derrotados pela intriga - fácil de se infiltrar devido à sua falta de projecto - pelo caos, em que todas as ambições pessoais apostavam; pela ingenuidade com que sucessivas figuras militares se deixavam manipular. Não lhes restaria mais que entregar o país aos mesmos interesses de sempre e regressar, sem glória, aos quartéis e repartições, daí para a reforma ou reserva antecipadas.

Nem podia ser de outra forma, porque afinal o MFA caída a tinta dos (legítimos) interesses corporativos ficava com a casca oca do populismo. Não podiam competir simultaneamente contra eles próprios, contra os tribunos profissionais da política e contra a única força social completamente implantada a nível de freguesia: a Igreja.

Os Britos, tal como tantos outros, habituados à incontestação durante tantos anos, sentiram momentaneamente o peso da derrota e da impotência. Quando Alfredo apareceu na fábrica para tomar o pulso à situação, levou uma surriada enorme dos trabalhadores, foi insultado, chamado, entre outras coisas, de fascista e não o deixaram entrar na empresa. Isto consagrava o seu afastamento tácito. Continuava na Administração, mas as suas funções eram quase decorativas, servia contudo para manter relações com fornecedores e associados estrangeiros que insistiam, de forma polida mas firme, em reconhecer apenas os compromissos com os Britos.

- Agora que se lixem - dizia o comendador desgostoso e deprimido - Que se comam uns aos outros. Canibais. Triste país possuído por este frenesim vandálico.

- Agora está tudo nas mãos dos comunas. E os outros vão por medo. Até o Tomás. Até o desgraçado do Teixeira.

- Deixa-os. Quando se acabar o ouro hão-de cá vir bater à porta.

- A Rússia vai ajudá-los...

- Não sejas parvo. Esses precisam é de quem os alimente. O que esta gente precisa é ter fome. Depois veremos. Isto não interessa. Ficar é colaborar; o melhor é partir também. É o nosso protesto, é a nossa forma de lutar. Desfaz-te ou leva o que

puderes, nem deixes cá o barco, só por maldade ainda são capazes de te darem cabo dele.

Desta forma Alfredo Brito e o tio fugiram para Espanha com a família: acharam que além de inútil, seria perigoso ficarem. É que...

É que já não eram segredo os dossiers que o Guedes, o Neves e o Tomás tinham preparado e que de uma forma ou de outra os comprometiam em contabilidade paralela, fuga ao fisco, endividamento excessivo, má gestão em benefício próprio.

Para quê permanecer numa empresa onde já não podiam mandar, tutelada pelos comunistas, via major Guedes e Comissão de Trabalhadores?

A empresa era dos Britos, mas só nominalmente. Se o Estado após a nacionalização da Banca e de outros sectores, como o dos Transportes, assumisse a parte que lhe pertencia como accionista e como credor, se tomasse a posição que lhe competia como principal cliente, que restava para o Brito? Que direito tinha ele de decidir? E em nome de quê?

Aliás, que importava se o Brito era ou não dono, gerente, administrador, o que fosse? O importante para o major, para o economista, para o engenheiro, para a Comissão de Trabalhadores é que as decisões deviam ter outra lógica: a social, não a do lucro.

O assunto tinha já sido debatido em reuniões nas quais o Dr. Neves pautava as considerações teóricas.

O Neves fazia ver ao major, ao engenheiro, à Comissão de Trabalhadores, o imenso e exaltante trabalho a realizar, na reestruturação económica, no planeamento, na coordenação sectorial e regional, nos grandes empreendimentos dinamizadores da actividade económica, que permitiriam projectar o desenvolvimento de uma forma harmoniosa e acelerada, orientada no interesse moral e material dos cidadãos, na participação activa e consciente dos trabalhadores.

- O importante é quem controla a economia dizia - e no que se refere à nossa empresa, qualquer que seja o ponto de vista, deve ser o Estado. A sociedade tem de orientar-se pelos interesses colectivos, pelos da maioria e não pelos interesses egoístas do capital, em monopólios privados, apoiados e sustentados pelo Estado - o Capitalismo Monopolista de Estado.

Segundo ele, à Comissão de Trabalhadores e aos Sindicatos competiria a tarefa fundamental de esclarecimento e mobilização com o objectivo de se conseguir a

planificação económica. A democracia basear-se-ia no desenvolvimento económico e na participação em objectivos comuns. Em suma, esta seria a mais elevada expressão da liberdade.

Enfim, na parte em que lhes competia contribuir para o avanço geral do processo revolucionário, estava fora de dúvidas que a FAMAT podia ser fundamental para a dinamização do sector e redução do défice da Balança Comercial.

Do ponto de vista prático, o Neves assumia a direcção financeira e administrativa, mantendo contudo o Teixeira, moralmente abatido desde que estivera em risco de ser saneado. Inicialmente tinha pedido apoio ao Brito, mas ficou desiludido, nada. Dali não levada nada. Nem uma ajuda, nem ir para outra empresa. Nada. Que se aguentasse. Todos sofriam naquele momento.

- Mas o patrão garantiu-me apoio. Protecção no que se referia ao meu trabalho.
- Protecção preciso eu... Quem ma dá?

Pela primeira vez revoltou-se contra os Britos. Em casa não dormia, tinha palpitações no coração, estava em desassossego:

- Cabrões. Eles cheios de dinheiro e eu aqui sem saber para onde me voltar. E à minha custa. Nunca mais me enganam.

A mulher dizia então às amigas que o marido também era uma vítima do capital.

O Neves apercebeu-se que sem o Teixeira não se dava a volta à empresa. Aquilo era uma anarquia, organizada por ele e pelo Brito. Por isso procurou a sua colaboração com simplicidade e sinceridade.

- Sr. Teixeira temos de trabalhar juntos para ver se conseguimos aguentar esta casa. O que acha?

- Não acho nada. Só tenho apanhado pontapés. Veja, um homem como eu ao fim de tantos anos de trabalho para a empresa e acontece-me isto. Que mal fiz eu àqueles tipos da Comissão para quererem dar cabo da minha vida? Só cumpria ordens. Quantas horas extra não fiz eu aqui sem ganhar nem mais um escudo? Sempre fui um explorado.

- Parece que não foram só eles que lhe fizeram mal... O "menino" Brito também não quer nada consigo - acrescentou o Neves malicioso, utilizando o termo pelo qual os velhos empregados do tempo do pai designavam Alfredo.

- É tudo o mesmo. Que hei-de fazer? Que querem de mim agora?

- Calma, Sr. Teixeira. Estou aqui para trabalhar, só pretendo saber se está disposto acompanhar-me. Quero combinar consigo a melhor forma, tanto para nós os dois como para a FAMAT de o fazer.

O Teixeira levantou a cabeça desconfiado e pela primeira vez pareceu reparar no interlocutor. Não estava habituado a que falassem assim.

- Não quero ter nada a ver com a Comissão. Dizem muitas teorias, mas atacam os outros trabalhadores. Eu também sou trabalhador.

- Talvez tenham algumas razões. Quem sabe?... - antes que o outro replicasse o economista continuou:

- Não vai ter contactos com a Comissão. Verá que se tudo correr bem, daqui a uns tempos está tudo esquecido.

- Duvido...

- O Sr. Teixeira vai trabalhar directamente comigo. Temos que pôr isto a funcionar como deve de ser. Nesta altura, não há nada: nem plano de tesouraria, nem controlo dos empréstimos. Não há gestão de clientes nem de fornecedores. É preciso verificar as reservas, analisar onde estão os fundos. É necessário para já um relatório sobre a situação financeira, senão asfixiamos. Depois temos de elaborar um plano de investimentos. Não podemos permitir a degradação do património.

- Isso é verdade, Doutor.

Foi a primeira vez que o tratou assim. O Dr. Neves, comunista desde o princípio dos anos 60 quando frequentava o curso de Económicas, era tecnicamente competente, o que cativava o Teixeira. Além disso, possuía uma alegria e um dinamismo contagiantes e uma franqueza rude, aliás normal numa época que passara a ser desengravatada.

Durante algum tempo o Teixeira debateu-se com o problema de dizer ou não dizer o que sabia; por seu lado o economista pensava em como sacar-lhe as informações que percebia estarem escondidas: uma empresa daquelas havia de ter os seus alçapões.

Por fim, o Teixeira, para ficar tranquilo com a sua consciência, a passada e a presente, optou por encolher os ombros, voltar-se para o lado e não ajudar nem a descobrir nem a encobrir o que quer que fosse. O economista que desvendasse o jogo oculto se pudesse, pela sua parte não o iria encobrir, quando fosse o caso.

Foi desta forma que por alturas do 11 de Março já havia matéria suficiente para pôr o Brito em péssimos lençóis. E não estava tudo à vista.

- O Alfredo Brito fugiu – gritou numa manhã, ao chegar, o major Guedes à porta do gabinete do engenheiro Tomás.

- Fugiu?! Para onde? - exclamou o engenheiro levantando-se da cadeira.

- Sei lá. Para o raio que o parta. Deve estar em Espanha, com a escumalha contra revolucionária. O Neves já veio?

- Penso que sim. Elsa – chamou pelo intercomunicador – diga ao Dr. Neves para chegar ao meu gabinete. Não. Ao gabinete do major.

- Ela pode vir para secretariar. Vamos fazer uma reunião.

- Elsa! Venha também... Com que então fugiu o passarão.

- É. Devem estar convencidos que as fábricas não funcionam sem eles. Ele e os outros – disse o major encaminhando-se para a porta com o engenheiro atrás em direcção à sala de reuniões ao lado do antigo gabinete do Brito.

- Temos que analisar o que vamos fazer. Ah! Vem aí o Neves. Olá. Bom dia. Entre Elsa sente-se também.

- Bom dia. Então novidades?

- Chegou a altura. Como sabem os capitalistas fogem como ratos. Chegou a vez ao nosso, nem esperou pelas eleições. Chegaram-lhe as nacionalizações e as intervenções. Agora, ou sabemos o que fazer e fazemos ou está tudo perdido. Tenho de apresentar propostas concretas no gabinete do Vasco. É preciso saber se todos estão de acordo em intervencionar a empresa. Se os trabalhadores aceitam. Convém que o pedido venha da parte deles. É preciso denunciar as sabotagens do Brito, os erros de gestão e vigarices. Isso é contigo, Neves. Não chegam bocas. Provas. Provas. Ouviste bem. Não chegam os comunicados da Comissão, aqui quero provas.

- Existem.

- Bom, já vamos ver. E é preciso completar o dossier técnico. O governo precisa de alinhar a estratégia económica e sem o nosso contributo, sem as bases a fornecerem elementos, nada é possível. Não podem ser as cúpulas a decidir o que vai fazer esta ou aquela fábrica. Isto é consigo, Tomás. Está pronto?

- Quase. Também aqui não bastam bocas. É preciso quantificar, valorizar. Fazer estudos económicos. Projecções de mercado: nem o governo as tem. É assim: não dispomos de dados! Alguns obtive o Neves, mas só os deu a semana passada.

- No Ministério da Indústria estão a preparar um estudo sobre o sector e os camaradas entregaram-me os elementos disponíveis - esclareceu com uma ponta de orgulho o economista.

-Então, se temos o que é preciso, mesmo que não seja tudo, é avançar...

- Hoje é terça.

- . Tem de estar concluído até amanhã...

- Eh! Pá... Não pode ser assim.

- Durmam cá. E nada de exageros. Arranjem já um dossier resumo para apresentar. O resto, cálculos, etc., se for preciso entregam depois.

- Então, tiramos as conclusões antes...

- E já não as tiraram? Bom, vamos a isto. Quero ver o estado do trabalho e o que falta completar. Vamos combinar o que se vai fazer e amanhã está pronto. Não é Elsa?

- Por mim...

- Estão a ver! - disse o major - Neves, diz o que se pode apresentar neste momento.

- Bom, Guedes, tens a mania de simplificar, mas calma aí – começou o Neves – Queres provas. Pois bem, só após o relatório da Direcção Geral de Contribuições e Impostos podemos ter os números correctos e a documentação.

- Por aí não vamos lá, isso nunca vai estar pronto.

- Vai. Está nas mãos de um amigo e ele não vai largar. Para já, comprovado pelos documentos da empresa ou solicitando um inquérito, podemos indicar o seguinte, dada a forte suspeição de verdade: o Brito e família faziam da FAMAT uma espécie de banco particular levantando indevidamente dezenas de milhares de contos, para jogar na Bolsa, investimentos no imobiliário, etc.

- Quanto? - perguntou o major.

- Apurámos entre 69 e 74 cerca de 60.000 contos.

- 60.000! Cambada de gatunos! - exclamou Tomás.

- Calma. Prossegue.

- Eram depositadas comissões pelos principais fornecedores nas suas contas pessoais. Isto representa uma fraude para a empresa e para o fisco, pois corresponde a aumentos de custo dos aprovisionamentos. Os stocks eram sistematicamente valorizados em cerca de 30%, deste forma provocando fuga aos impostos, cerca de

100.000 contos. Ah! O montante das comissões de que falei terá sido entre 69 e 74 de quase 100.000 contos, parte deles aliás depositados no estrangeiro.

- Sub e sobrefacturação.

- Que quanto a nós continua. Os capitalistas lá de foram mantêm os acordos e respeitam-nos em relação ao Brito e não a nós... Além disto, a empresa pagava-lhes seguros e outras despesas pessoais, como mobiliário e viagens. Até o arrais na doca para o barco dele era debitado à empresa.

Recebiam os lucros cujo montante acabava por ser reduzido face aos outros números: cerca de 100.000 contos entre 64 e 74, e havia ainda os ordenados de 60 contos por mês para o Alfredo Brito e para o tio...

- Cerca de trinta vezes o salário de um operário - interrompeu Tomás.

- Com isto tudo a empresa estava descapitalizada. O capital era apenas 1% do volume de vendas anual, recorrendo-se sistematicamente ao crédito e endividando a empresa, fundamentalmente junto da C.G.D., em benefício das fortunas pessoais. Aliás, parte destes empréstimos eram muitas vezes utilizados também pelos Britos para as despesas pessoais, os jogos na Bolsa, a especulação imobiliária.

- Em resumo - disse o major Guedes - defraudaram a empresa e o fisco. Há declarações falsas para obter vantagens fiscais no valor de dezenas de milhares de contos, o que segundo o Código Penal, pode ser punido com prisão maior. Organiza tudo, tira cópias e amanhã de manhã vamos os dois, ou melhor, os três, entregar os relatórios no gabinete do Vasco, no Ministério da Indústria, no das Finanças e também uma cópia na Coordenadora do MFA. É claro que eu quero que isto seja confirmado pela Inspeção Geral de Finanças. Agora fala o Tomás.

- Bem, em certos sectores isto era uma espécie de caos. Havia compras sem critério. Vendas sem contrapartidas para a empresa. Má gestão de stocks. Foram compradas máquinas em segunda mão que não eram tecnicamente adequadas pelo que essas instalações não funcionavam ou funcionavam mal. De qualquer forma foram dadas como novas e o investimento concluído e em funcionamento, para se obterem isenções fiscais e outros benefícios.

A situação da empresa é de que não houve renovação do equipamento. Mesmo as máquinas que foram compradas eram-no mais por recomendação dos vendedores, sem base em critérios objectivos para a empresa. O antigo técnico de manutenção, que entretanto abandonou a empresa e foi para o Brasil, era a única pessoa ouvida e

que fazia recomendações apenas em função do que já conhecia e das comissões dos fornecedores habituais. Devo dizer que o Alfredo Brito queria que eu alterasse estas situações e elaborasse estudos com vista à melhoria dos processos e do aumento de produtividade. Tarefa que eu tinha entre mãos. No entanto, esbarrava normalmente com as cumplicidades de certas chefias e com o comprometimento ou as indecisões do Brito.

- E para o futuro?

- Para o futuro... É preciso em primeiro lugar reorganizar: criar novos inventários, reduzir stocks, utilizar as equipas de trabalho e os equipamentos de forma mais racional. Depois, tenho também um plano de desenvolvimento da empresa a ser articulado na planificação geral do país. Assim, na parte de manutenção de viaturas: reorganizar a rede, nomear um responsável pela coordenação e fiscalização do serviço e elaborar uma contabilidade analítica e uma conta de exploração digna desse nome. Que não havia. Quanto às peças e acessórios, penso que é possível negociar com os ingleses a produção em Portugal de componentes. Eu cheguei a estar em Inglaterra e isto pareceu-me possível, inclusivamente fazer acordos para exportar parte da produção como pagamento. Mais tarde seria possível alargar a capacidade de montar veículos. O Brito tinha também esta ideia, vagamente, vagamente...

No que se refere à montagem de camiões e autocarros é necessário renovar contratos com as empresas licenciadoras para o aumento do valor acrescentado. Há que definir o tipo de veículos que nos interessa e preparar-nos para remodelar a oficina de fabricação de carroçarias. Está antiquada, tem má produtividade e qualidade insuficiente. Há que formar e motivar o pessoal.

- É tudo? - disse o major.

- Para completar o relatório tenho que desenvolver alguns pontos: queria detalhar os custos e melhorar a previsão de vendas. Enfim queria apresentar uma conta de exploração previsional.

- Isso era bom. Mas como vais quantificar o mercado? - perguntou Neves.

- Não sei. Aí é que está.

- Estima. Estima. Faz estimativas. O que é preciso é fazer qualquer coisa. Depois de vê. Isto é uma revolução. É tudo para já - ironizou Neves.

O major Guedes levantou-se terminando a reunião:

- Desculpem-me não almoçar com vocês. Tenho um almoço com um tipo do ministério das Finanças, à tarde preciso de ir à Caixa Geral, à noite tenho reunião com os camaradas do MFA. Mas ainda cá venho. Elsa tomaste nota de tudo?

- Tomei.

- Pronto. Vamos ao almoço.

Começaram a arrumar os papéis, o Guedes voltou-se para Elsa e perguntou:

- Então o César?

- Sei lá. De vez em quando vejo-o em casa.

- Oh! O César é um dos homens sem sono.

- Sem sono só se for fora de casa. A única coisa que lá faz é dormir.

Os outros riram comprometidos pensando neles próprios e o Neves rematou com ar de farsa:

- As mulheres são as grandes sacrificadas numa revolução...

- Certo. Certo. Agora desculpem-me, mas eu vou-me embora. Vou tratar de intervencionar a empresa.

Os outros levantaram-se aplaudindo o major.

- É assim mesmo! Olha, um camarada contou-me que na Bulgária quando chegou a altura das nacionalizações o ministro da indústria andava com um carimbo no bolso. Ia, via o que se passava nas fábricas e era logo ali que punha a assinatura e carimbava - disse o Neves.

Todos riram. O Guedes despediu-se. Voltaram a sentar-se cansados.

- Há montes de trabalho a fazer - reflectiu Tomás.

- Vamos almoçar e depois pensas nisso. A Elsa ajuda-te. Vens connosco Elsa?

- Não. Vou a casa da minha mãe. Está lá o menino.

A FAMAT foi intervencionada em Maio de 1975. Tomás sentia-se agora mais próximo da realização dos seus ideais. A propriedade colectiva dos bens de produção aparecia como fonte de liberdade; o fim da exploração do homem pelo homem; o

alicerce de uma igualdade e de uma fraternidade que permitisse a cada um a mais ampla expansão das suas potencialidades.

No dia a dia, estes ideais não se revelavam senão como pequenas estrelas, adivinhadas como imensos sois nos espaços longínquos para onde ele acreditava que se caminhasse.

Tomás sonhava transmitir os seus conhecimentos aos que, mais desfavorecidos, não os tinham podido adquirir. Pensava em melhorar a formação do pessoal, de forma a dominarem novas técnicas e a terem a noção da produtividade e do controlo da produção. Agora, ia ser possível levar à prática, tornar realidade o que por vezes debatia em conversas informais com os operários. Fazer circular a experiência dos mais antigos para aumentar o nível profissional dos restantes. Que riqueza desperdiçada, o saber intuitivo, a habilidade dos seus operários!

Mas como é árduo e solitário o caminho até às estrelas, através das convulsões de uma Revolução. Na empresa as dificuldades cresciam. As divisões no pessoal eram nítidas: os encarregados recusavam-se a impor a disciplina com receio dos operários, as medidas de reestruturação e aumento de produtividade de Tomás ficavam no papel dos comunicados ou instruções de serviço e eram recebidas com sorrisos irónicos em vários sectores.

A extrema esquerda-maoísta apoiada aberta ou tacitamente pelas outras forças políticas em nome da democracia e do socialismo, servia de tropa de choque da contestação e da desestabilização, com as suas críticas contundentes: “Que representavam aquelas medidas senão poeira para os olhos dos trabalhadores? Que pretendia a nova burguesia do P" C " P e a tropa colonialista do MFA, com o papão da crise económica e a batalha da produção, senão impedir que a classe operária tomasse o poder?”

As propostas de fundo destes grupos limitavam-se a eliminar os chefes (excepto eles próprios...) e entregar a fábrica aos operários. Seria o passo decisivo para a terra prometida.

Nos escritórios ainda mais que nas oficinas passava-se o dia em conversas, em discussões ditas político-ideológicas, sobre os últimos boatos. Os responsáveis escudavam-se com o controlo operário, para se demitirem das funções e deixarem andar. Se os grupos esquerdistas não atacavam directamente o major, era por pressentirem ainda a força do MFA e ser ele que assinava os cheques para o

pagamento de salários; se não atacavam muito o Neves, membro identificado do partido comunista com o apoio da organização local e, portanto, de parte significativa do pessoal, passaram sobretudo a atacar Tomás, o elo mais fraco da cadeia hierárquica, o novo patrão apoiado pelos social-fascistas que pretendiam ressuscitar a repressão dos Britos, favorecer a burguesia, aumentar a exploração.

No meio desta desorganização Tomás contava com a forte implantação dos comunistas, com os que lhes eram próximos e partilhavam os mesmos objectivos, os chamados unitários, e com aqueles que nada mais sabiam fazer senão trabalhar. Era então acusado de querer monopolizar cargos e tomar conta da empresa em seu benefício.

Cansado, preocupado, Tomás, procurava não desapontar os seus amigos. Sem ter a força das convicções do Neves, nem o suporte de uma organização determinada e entusiasta, sentia-se cada vez mais desgostoso com os ataques que lhe eram movidos, com a agressividade e oportunismo dos oponentes, baseados exclusivamente em calúnias e processos de intenção.

Em casa, a sensação de estar cada vez mais sózinho adensava-se. Sara, pouco dada às ingenuidades do "Povo Unido", achava que se vivia um regabofe que inevitavelmente tinha de terminar e quanto mais breve melhor. O que mais a irritava, ou melhor, enraivecia era o marido ter praticamente deixado de ter fins-de-semana, de comer em casa ou a horas certas, de a levar a um cinema ou a um teatro.

- Merda para a revolução! O que era preciso era alguém para acabar com esta fantochada e pôr todos ao trabalho.

- Mas é isso que nós queremos – protestava Tomás.

- Estou farta de ti e dos teus amigos. Já ninguém os apoia.

Afinal o que é que ganharam com isto?

- O povo... – ia a replicar Tomás mas calou-se.

O povo... Pelo povo todos os sacrifícios, com o povo até às estrelas. "Ad astra"!

Dias mais tarde, Sara, depois de uma violenta discussão decidiu partir sozinha de férias para o Algarve. Em Lisboa, que ficasse Tomás, se quisesse, com o povo, na bagunçada e nas manifestações.

No dia seguinte, esgotado pelo cansaço físico e nervoso, deixou-se adormecer por momentos no gabinete.

Tomás sonhava que subia uma montanha, rochosa, escalavrada, mergulhada no nevoeiro, arrastando às costas um enorme fardo, lá em cima sabia que o sol brilhava. Como era arriscada e dolorosa a ascensão. Tantos os riscos de mergulhar de novo na profundidade de abismos deixados para trás. Lá no alto o sol resplandecia, no cume uma flor estranha, desconhecida daquelas paragens brilhava. Tomás tombou no chão arfando sobre o fardo que arrastava. À sua frente, fitando-o com o seu sorriso nos lábios finos, estava Elsa. Trazia nos braços uma pasta com a gravura de um enorme girassol colada. Tomás perguntara-lhe um dia:

- Qual é a sua flor preferida, Elsa?
- Os Girassóis.
- Girassóis? Porquê, girassóis?
- Eu amo o Sol. Eu amo os espaços livres.

A flor da montanha transformou-se em girassol, mas Tomás não a colheu. Olhava-a sem coragem para lhe tocar.

III

Novembro foi um mês quente. Na Ordem dos Engenheiros a reunião fazia-se de portas e janelas abertas. Lá fora, a noite era ocupada pelos carros com bandeiras e altifalantes, clamando contra a ditadura, pela liberdade e a favor do almirante-sem-medo que, segundo constava, remetera do alto da sua tribuna os trabalhadores da construção civil para a bardamerda.

O "companheiro Vasco" já tinha sido demitido, mas a luta continuava. Se o sonho dos profetas é salvar a humanidade a vocação dos militares é salvar a sua Pátria. Tanto uns como outros, quando os sujeitos da sua acção não querem ser salvos pelo caminho que lhes é oferecido raramente resistem à tentação de os mandar figurada ou realmente para outras partes - no normal, execráveis. Diga-se que os primeiros são mais perigosos que os segundos. A combinação de ambos é que é terrível. Os militares, raramente deixam de ser títeres, mais ou menos enfatuados pela lisonja pública, enfunada pelos que do poscénio os empurram e puxam os cordéis.

Meses depois, também o dito almirante sem medo via a sua estrela apagar-se, fundir-se no cadinho de outras ambições pessoais e ele esquecido, ignorado pelos companheiros que ludibriara, desprezado pelos que lhe tinham preparado a jogada. Acontecera a vários, aconteceria a mais. A classe política – como viria curiosamente a ser chamada – e a classe capitalista, não perdoariam que a sua submissa noiva – as Forças Armadas – tivesse perdido a virgindade política. De nada valeriam os arrependimentos e as vergonhas a que tantos se prestaram, simplesmente para sobreviverem, pelo menos socialmente.

Por agora, no entanto, o almirante vivia o seu transitório momento de glória. Ainda havia militares do 25 de Abril, uns bons e outros maus: anos depois seriam todos maus e classificados abaixo dos esbirros que tinham aterrorizado a nação durante décadas.

Dentro da sala da Ordem, cheia, Tomás cansado pela agitação nas ruas, decepcionado pela intriga, pela desordem nos espíritos, pela incapacidade de diálogo e convergência, escutava com espanto acabrunhado um antigo membro da juventude católica, actualmente filiado numa organização intitulada marxista-leninista, ele próprio ainda há pouco envolvido no saneamento e sequestro de colegas, abrir as hostilidades contra o apoio da Ordem à greve dos Sindicatos da construção civil.

Um certo consenso tinha começado a estabelecer-se no sentido de evitar que os engenheiros fossem acusados de divisionismo, o que poderia ser aproveitado por certas forças para degradar ainda mais o ambiente nos locais de trabalho.

O jovem engenheiro exclamava então, com veemência:

- Nós também somos trabalhadores, portanto não temos que ter atitudes de seguidismo. Não temos que receber lições de ninguém, nem mudar de opinião seja em nome da unidade, seja do que for. Temos é que esclarecer que esta greve, neste momento, é contra este governo e é errada. Não devemos ter receio de elucidar e esclarecer os trabalhadores. Eu já fiz isto com os meus. Eles precisam do nosso esclarecimento acerca dos seus verdadeiros interesses. Também somos trabalhadores!

A direita e sectores do patronato congregado na Ordem aplaudiam entusiasmados. Rodearam-no no corredor para o ouvir. Os tempos mudavam.

No final tudo ficou indeciso. A Ordem não tomou posição: quem quisesse apoiar que apoiasse; ponderasse a relação de forças no local de trabalho.

Tomás saiu mais que abatido, envergonhado.

Então as pessoas não percebiam que era preciso unidade, convergência? Não queria a esmagadora maioria, o socialismo - esse lugar de Paz e Solidariedade? Então, porquê, aqueles ódios, aquelas lutas, nas ruas, nas empresas, nos jornais, nos corações e nos espíritos?

Dias depois – a 25 de Novembro – a resposta a esta questão estava dada, o que se tratava em Portugal não era do socialismo, por muito abstracto ou real que se quisesse que fosse: era do poder.

E agora? - perguntava-se Tomás, passado Novembro - teria sido tudo inútil? A montanha manter-se-ia sempre na bruma? Uma melancolia estranha invadia-o.

Que aconteceria às conquistas da Revolução? Quem as defenderia? Sem dúvida que os trabalhadores iriam ficar mais unidos, iria haver mais firmeza e mais calor

humano para defenderem a sua Revolução, para se protegerem das acusações e das calúnias, que de todo o lado sobre eles choviam. Não seria possível deter a imparável dinâmica popular.

Porém, os novos mentores trataram de dar por encerrada a Revolução e, curiosamente, os que de melhor grado acataram a directiva, foram os anteriormente ultra revolucionários.

- Neves, e agora?

- Tem calma e confiança. As ideias justas...

- Sim, mas o que vai acontecer? A reacção avança. A discriminação e as perseguições estão aí.

- O partido não precisa autorização para existir. As massas estão muito consciencializadas.

Existir. Sobreviver. Invejava o Neves, sabia sempre exactamente o que queria. Nunca tinha dúvidas nem falta de confiança.

Absorto, Tomás nem reparou em Elsa que entrara silenciosamente, como de costume. Estava na hora do almoço.

- Precisa de alguma coisa engenheiro Tomás?

- Não, Elsa.

- Parece cansado.

- Não acha que tenho razões?

- Então, não desanime. Nada está perdido.

Elsa riu-se. Tomás sorvia o brilho dos seus olhos, o seu riso, a sua figura esbelta. Cansado. Mas não infeliz. O desalento dava-lhe uma tranquilidade e uma resistência, que o endurecia para o trabalho. Não estava vencido. O Neves tinha razão. Não precisamos de licença para existir.

Tomás, perdido em pensamentos, foi despertado pela expressão intrigada e irritada de Elsa, dirigida para a porta. Do lado de fora, o Duarte, responsável pelo trabalho de desenho, procurava chamar a atenção. Surpreendido, avançou com a sua delicadeza descontraída, perguntando:

- Como está, eng.? Passou bem? Muito obrigado.

- Olá Duarte - respondeu Tomás - Que tal vai isso? Deseja alguma coisa?

- Bom... não... Era só para ver se... - e sorria comprometido, como se tivesse vergonha de incomodar.

Elsa expedita resolveu a situação:

- Dá-me licença, sr. eng.?

Com a porta mal fechada, Tomás, ouvia algumas partes da conversa:

- Então, Elsa?

- Não, não pode ser!

- Não vens almoçar comigo?

- Não, não posso. Já disse.

-

- ... Tenho que fazer. Com licença, adeus.

Tomás intrigou-se acerca do que poderia motivar aquela quase discussão. Irritava-o que o Duarte pudesse ter direito à companhia de Elsa ou que quisesse disputar-lhe a sua atenção. Sim, disputar-lhe, pois passada a agitação revolucionária dos últimos meses, Tomás e Elsa tinham agora mais tempo para se verem e para conversarem. Tomás sentia-se ternamente atraído pela sua calma, pela sua doçura, que talvez encobrisse uma indefinida tristeza. Se ela imaginasse o que representavam para ele o interesse com que o ouvia e a perspicácia (ou seria ingenuidade?) das suas perguntas...

Na empresa, apesar do ambiente estar longe de estabilizado vivia-se uma certa calma e readquiria-se confiança, gerada na luta contra a política que no dizer de Neves não representava senão a "recuperação capitalista, latifundiária e imperialista". A influência esquerdista esgotava-se a si própria e os operários voltavam-se para os sindicatos e para a Comissão de Trabalhadores maioritariamente influenciados pelos comunistas, à medida que se sentiam ameaçados pelo desemprego, pela crise económica e pela inflação, que roía os ganhos anteriormente obtidos e constituía a mais liberal e democrática forma de se voltar à anterior repartição e concentração da riqueza.

Assim, as convicções optimistas do Neves e as notícias geralmente menos animadoras que dia a dia surgiam tornavam-se mais um motivo para as conversas entre Elsa e Tomás; rapidamente derivavam para os gostos comuns e por fim perdiam-se em silêncios que escondiam o que não tinham coragem de confessar.

Uma vez, no início de Março, ante o olhar de Tomás, intenso, longínquo, triste, Elsa, perturbada, sorriu involuntariamente para disfarçar a emoção e aproximou-se da janela:

- Está muito frio. Mas o céu limpo. Eu gosto. Quando era nova, nestes dias passeava sozinha pelo Parque. Chegava a faltar às aulas na Maria Amália só para passear.

- Como gostava de a ter conhecido nesse tempo. Quando tinha 16 anos.

- Eu não era nada de especial...

- A Elsa é especial...

Elsa corou ligeiramente e baixou os olhos.

Tomás insistiu:

- Gostava de a ter conhecido quando tinha 16 anos. Eu passeava por aí às vezes. Naquelas tardes de férias em que ficava sem nada que fazer e me sentia bem a passara sózinho. Podíamos ter encontrado e conhecido. Quem sabe? Há-de mostrar-me um retrato seu quando tinha dezasseis anos.

- Mas eu não era nada de especial...- repetiu confusa.

Elsa abriu os olhos com ar admirado e divertido, apertando os lábios, fingindo evitar um sorriso. Tomás sem coragem para lhe dar as respostas que o seu espanto ou o seu desafio solicitavam, olhava na sua direcção, sem a fitar, englobando-a no panorama que se distinguiu pela janela.

Elsa adivinhava-lhe o pensamento, mas não adivinhava que Tomás com a mão fechada dentro da gaveta segurava uma pequena porcelana azul celeste, da cor dos olhos de Elsa, sem ter coragem para lha oferecer.

Sem nada dizer, quase sem fazer ruído, foi recuando até à porta, sentindo-se envolvida por aquele olhar distante, como se estivesse num mundo imaginário, como se aquilo tivesse sido uma forma de adeus, ou antes, de um reencontro adiado.

Especial. Especial é ter-se 16 anos e passear num jardim com Sol, entre as flores e com livros debaixo do braço.

Especial é a brisa, o Tejo lá ao fundo, os silêncios e os murmúrios. Especial o corpo branco e liso, flor e livro por abrir e desfolhar. Especial o sonho e a ilusão.

Especial o andar por veredas e descobrir um olhar de ternura e desejo. Especial porque não voltamos mais às mesmas árvores, aos mesmos canteiros, ao jorro da mesma fonte, à estátua nua e imóvel, indiferente e amável companhia dos nossos passos lentos, dos nossos esquecimentos, ânsias e sonhos.

Onde estão as marcas dos passos de Elsa, os canteiros das suas recordações, os recantos, os arbustos, as sombras das primeiras carícias, do primeiro beijo fugidio. Um primeiro suspiro, uma primeira incerteza, como o céu de Abril. Os olhares que a desejaram, o adolescente que a seguiu. O seu sorriso simpático e tímido, o tal encontro evasivo, as mãos que se tocam, o momento da despedida:

- Onde moras... Até amanhã?

O beijo e as mãos inexperientes que deslizam sobre o vestido. O seio apertado com força.

Devia ser assim que se namorava... E as férias que os separavam sem despedidas. Os jogos complexos do que é simples e natural. O voo das aves perde-se na luz e o olhar procura espaços.

Quem se lembrará ainda, da sua saia azul curta e rodada, dos soquetes, da penugem fina e loira nas pernas. Quem se lembrará de Elsa, quando passava naquele jardim, deixando o seu rasto de banalidade e diferença, a sua pele branca, os cabelos alourados, o seu corpo belo, recatado e secreto; e das suas mão finas, delicadas, inexperientes e sábias.

E o encontro com Carlos Eduardo? Um bailado incompleto, uma dança que se perdeu no ritmo dos desencontros.

Carlos Eduardo encontrara-a a ler. Elsa ficara sozinha no banco, sem dar por isso, depois daquela mamã ter partido com o seu bebé. Quando levantou os olhos é que reparou no rapaz que a fitava em frente, esperando o seu olhar. Surpreendida percebeu que ele se levantava, se aproximava devagar até junto dela e lhe perguntava as horas.

- Não tenho.

- Nem eu – disse ele – Não sei é como fazer nestas ocasiões. Se soubesse guiava-me pelo Sol.

- Devem ser quatro horas – replicou Elsa para se ver livre daquele intruso na sua tranquilidade.

- Como sabe?

- Pelo Sol!
- Sabe? Ensina-me?
- Não que já é tarde. O melhor é ir para casa. Não estava com pressa?
- Eu? Não. Tenho muito tempo. Posso sentar-me?

Elsa não respondeu. Estava a ver que não lia mais nada e tinha que se ir embora de vez.

- Posso ver o livro que está a ler? - perguntou o rapaz.
- Não. Isso é ser indiscreto.
- Anda no Liceu Maria Amália não é? Está-se a ver. Eu ando no Pedro Nunes.
- No Pedro, então que faz aqui?
- Ora. É-se livre de passear e eu gosto de ver as meninas do Maria Amália. Agora a sério, que livro é esse?

- O Barranco de Cegos, do Alves Redol.
- Já li!
- Verdade?
- Já sim.
- Então quem era o Diogo Relvas e a Maria do Pilar?
- Ah! Já não me lembro.
- Mentiroso.
- Eu?? Não sou nada. Por acaso sou Carlos Eduardo.
- Não tenho nada com isso. Agora, já não me apetece ler. Vou-me embora.
- A mim também não me apetece ler mais. Vamos...
- Você a ler! A ler o quê?
- É verdade, distraí-me. Sabe aquela anedota do homem que inventava histórias.
- Não gosto de anedotas.
- Palavra? Eu sei imensas.
- Eu esqueço-me logo.
- Como se chama?

Elsa olhou-o, sorriu, pôs-se de pé e foram andando devagar pelo Parque.

Elsa não recusou os novos encontros. Agradava-lhe a presença de Carlos Eduardo, gostava de falar de livros e de ouvir as suas histórias, embora não fosse de forma alguma um leitor persistente.

Teria sido um grande amor? Seria o tal amor dos 16 anos? Seria que Elsa acreditava no grande amor? Não. Para ela Carlos Eduardo era um rapaz banal, simpático, agradável, que tinha uma certa sedução e alegria. Aliás, para Elsa, quase todos os rapazes eram um pouco simpáticos e engraçados. Também não saberia dizer "não" por muito tempo, se a requestassem. Não se entregaria a ninguém com facilidade, mas não desejaria menos fazê-lo, só queria que a solicitassem como ela gostava.

O "não" em amor parecia-lhe absurdo; desde o princípio da adolescência que pensava assim, desde que começara a perceber e sentir um pouco o mecanismo do sexo e da sedução. Era antes de mais, fêmea: se a vida tinha que ser assim, então que o fosse, agradavelmente.

Os passeios com o Carlos Eduardo foram interrompidos pelas férias. Elsa esperava a todo o momento que ele voltasse a aparecer, mas não a procurou mais. Carlos Eduardo gostava de Elsa, apreciara os seus beijos tímidos, sentira um pouco do calor do seu corpo macio, tinham-se divertido ambos - pensava ele, não longe da verdade, mas havia tantas raparigas bonitas para descobrir e apreciar. Porquê parar em Elsa?

Elsa ficou aborrecida. Teve pena de não o ver, mas não entrou no drama, nem caiu na paixão. Achava que o pior era para ele. Na camaradagem da praia conheceu outros rapazes, foi a bailes, sentiu novos corpos contra o seu e, por vezes, na noite, carícias e beijos furtados no escuro. Elsa não abatia as defesas nem cedia muito. Achava divertido, seria ridícula se recusasse.

Quando regressou às aulas, era o último ano do liceu, voltou a passear pelo seu Parque, sozinha ou em grupo, estudava e lia, frequentava a esplanada ou os cafés ali perto, mas sempre que podia isolava-se.

Não era mais aquela garota de quem os rapazes se podiam aproximar por brincadeira nem uma mulher a quem os mais velhos se dirigiam com seriedade. Andava numa certa terra de ninguém à procura dela própria, mas não corria: passeava e apreciava o que podia da vida, reconstruída no imaginário com as frontarias tiradas dos livros que apanhava à mão. Como aluna era média. Tinha pouca paciência para exercícios escritos e exames, para a disciplina do caderno diário, do livro obrigatório, do trabalho de casa. Estudar, para ela, era como correr num prado colhendo do que mais gostava, lendo páginas ao acaso.

Podia perguntar-se o que a atraía no seu deambular pelos bosques das estantes. Sabe-se lá. Talvez emoção, talvez um pouco de tudo, a vida através de filtros, a recriação do prazer e da dor, o participar no jogo, na enorme farsa do espelho da ficção a pretender reflectir e recriar a vida. Mas não acreditava em Sartre: apesar de tudo, o inferno não são os outros.

Como antes, caminha rápida nos lugares sós, pára em bancos onde há senhoras com crianças para despistar os que aguardam e perseguem as jovens. Vai para a beira do lago tão igual e sempre diferente, com seus peixes vermelhos e castanhos, com patos e cisnes. Por vezes, em grupo, com colegas; mas as outras não têm paciência para os seus livros nem para meditar junto de cisnes. Preferem a esplanada. A esplanada incomoda-a e no entanto foi lá que conheceu César, isto é, que César a viu, abandonou a mesa e os colegas e foi sentar-se junto dela, à borda do lago.

César tinha-se perguntado quem seria aquela ave solitária com ar concentrado, alheada do que se passava à sua volta, que ao mesmo tempo o irritava, o intrigava e atraía. Por pressão de César uma colega que a conhecia - um tanto despeitada - convidou Elsa para se juntar ao grupo.

O que mais surpreendeu César, foi não se ter posto de parte nas brincadeiras nem se mostrar tímida ou desajeitada. Sabia rir e tinha espírito nas respostas; simplesmente, não parecia dar muita importância nem sentir-se especialmente atraída pela alegre convivência do grupo, que não deixava de esconder invejas, ciumes, relações de força em equilíbrio instável, humilhações e desprezos, tudo cimentado numa juvenil amálagama de pequenas frustrações e de desejos imensos.

Elsa sentiu-se atraída e intimidada pelo interesse de César, pela sua firmeza, pelo olhar decidido nos seus olhos negros, pela pele morena, pelo cabelo preto liso de risca bem marcada e melena caindo sobre a testa. César tinha feições muito correctas, vincadas, o nariz afilado, os lábios bem desenhados, cerrados mas não contraídos, antes irónicos. As mãos delicadas, mas com viris cabelos negros nos pulsos e nas falanges. Elsa ainda procurou soltar-se do laço onde se sentia prender, resistindo à atracção que a invadia, perguntando a si própria: porquê ela? Convencendo-se que César, com tantas raparigas atrás dele, apenas viera ter consigo para... brincar.

César sentiu-se atraído por Elsa, escapando ao círculo das companhias habituais cujas facilidades e limitações conhecia de cor. Coursava Direito por pressão da família que lhe augurava um bom futuro junto do tio, advogado com escritório e tabuleta,

especialista em direito comercial. Porém não digeriu as sebatas e enjoava os mestres demasiado meticulosos e metódicos nas suas exposições. Pode dizer-se que as aulas eram a maior parte das vezes passadas na cantina da Cidade Universitária, nos cafés, nas esplanadas e nos cinemas.

Quando se despediram César disse-lhe:

- No sábado vamos ao Cinema.
- Não sei se posso.
- Eu telefono para combinar.

Elsa olhou-o, riu-se e enquanto se afastava disse:

- Não deves ter sorte nenhuma, mas não custa nada tentar!

César ficou a pensar nas palavras de Elsa.

- Que queria ela dizer?

Telefonou-lhe na sexta-feira e para sua surpresa aceitou de imediato, mas com uma condição: tinha que ir buscá-la a casa. Não contava com esta situação, imposta pela mãe de Elsa:

- Podem ir. Mas ele que venha cá a casa buscar-te. Quero vê-lo.

Foram e vieram, bem comportados e de mão dada. Elsa deixou-se beijar no cinema e à porta de casa, mas recusou outros avanços: não estava nos seus projectos que isso acontecesse numa primeira vez. César teria de se esforçar e demonstrar dedicação. Não muito, mas mais um pouco. Mostrou-se uma companhia animada. Falou bastante, ao contrário do que se podia esperar dos seus hábitos: é que só era calada porque gostava de estar só; quando acompanhada, desde que gostasse da companhia (era o caso), falava e normalmente bem.

Claro que Elsa gostava de cinema, porém, por formação literária, desmistificava as ilusões e artifícios de palavras e imagens que, como em jogo de espelhos, tendem a criar a sua própria realidade e querer ser analisados a partir daí. Podia dizer-se que via cinema com os olhos do seu idolatrado Stendhal: sabia que os espelhos apenas reflectem, quer poças de lama quer belos colares de pérolas, e, por muito que incomodem ou deslumbrem, a lama não é menos lama nem as pérolas menos nacaradas por causa do espelho, que afinal será orientado conforme os desejos do respectivo dono. E para sentir a lama é preciso meter os pés na estrada e não basta tecer raciocínios sobre imagens refletidas.

Elsa não tinha muitas ilusões sobre o seu destino: acabado o liceu, com boas ou más notas, iria para uma escola de dactilografia, aprender um pouco de secretariado, línguas e estenografia e depois tratar de arranjar – o melhor possível – um emprego e um marido. Só década e meia mais tarde a Universidade passaria a ser um horizonte pertinente para as jovens das famílias médias.

César pensava a vida de forma muito diferente. A sua cabeça vivia ainda uma indefectível e quase dourada adolescência. Tinha 21 anos mas estava tão homem ou tão menino como aos 17, quando conheceu pela primeira vez uma mulher a sério, não contando com o outro caso aos 15, em que no fim de um casamento um primo e amigos mais velhos lhe tinham arranjado uma alegre companhia para o desflorar. Ela teria quase três vezes a sua idade e ele a barriga cheia das misturas de bebidas da festa.

César, como uma ave no paraíso, saltava de ramo para ramo que a vida lhe estendesse, sem precisar de se definir e de optar. Tinha uma amante para se sentir homem; uma namorada para se convencer da sua seriedade e romantismo; os amigos para os devaneios nocturnos por dancings e boites onde tomava a sua dose de libertinagem; as amigas e colegas para apreciar e aproveitar no que podia da variedade e beleza das criaturas de Deus, postas à disposição dos homens. Não ter que optar era o seu lema, nem em política nem em arte (cinema já se vê) nem mesmo nas lutas académicas. Seguia criticamente as maiorias com ironia e enfado; acima de tudo não queria ficar sozinho não por medo, mas porque como a vida era um espectáculo, a dele precisava de público e figurantes.

A amante, que continuava a ser visita da casa, compreendera que ele tinha agora um caso a sério. Até aí a sua preocupação fora de que ele não andasse com "mulheres da rua", por causa das doenças.

- E gostas dela - perguntara-lhe.
- Gosto.
- Que idade tem?
- Vai fazer 19.
- E pensas casar-te?
- Eu? Sei lá - era a primeira vez que tal pergunta lhe era colocada - Sou muito novo...
- Já sei. Vais-me abandonar. Tinha que ser.

- Nunca... E se fosse, ainda falta tanto tempo.

Ela sorriu das contradições do jovem. O tempo. Aproveitar o tempo... Cada um de sua forma, com objectivos diferentes mas com os mesmos meios.

Abraçaram-se e foi uma manhã maravilhosa.

Estranhamente, César quanto mais relações sexuais tinha mais lhe apetecia. Era como se exercitasse um músculo: a prática não lhe diminua a força.

Em casa de Elsa era diferente, sentia-se numa família, que o considerava um homem e queria agradar-lhe; é certo que em sua casa gostavam dele, mas sem respeito: como a uma criança. A mãe da namorada, que via nele um futuro advogado, recebia-o com um sorriso delicado e preparava-lhe belos pães quentes com bifinhos e um copo de cerveja fresca, sentava-o num sofá da sala e regalava-o deixando-o sozinho com a filha, mas de porta aberta. Elsa só de vê-lo comer com apetite, dando dentadas grandes e fortes, sentia-se arrepiada e cheia de desejo de ser devorada por aquela boca, olhava-o apaixonada.

Quando saía dali jantava a correr, pedia dinheiro à mãe e desaparecia porta fora depois do telefonema da noite para a namorada: ia estudar. A mãe à saída recomendava inutilmente:

- Não venhas tarde filho. Assim não descansas.

Não. Nem precisava. Até às 10 e meia 11 horas, falava-se por alto da matéria de qualquer disciplina, nos intervalos das piadas e da má-língua sobre o dia a dia, sobre a vida deste e daquela. Depois, concluindo não ser capaz naquele dia de decorar mais nada, ia com quem quisesse até algum bar-boite dançar, beber um copo, conversar com as "miúdas da vida" e não raro acabar o dia, antes de voltar a casa lá para depois das duas, possuindo uma das raparigas conhecidas, com violência e paixão, tal como devia fazer um homem a sério como ele.

Tudo certo, naquele paraíso artificial chamado juventude e que então se perdia cedo. Tudo certo para César, se não tivesse chunbado novamente o ano, se não tivesse de mudar de Faculdade ou ir para a tropa. Mas, mesmo assim, para ele não foi optar, foi seguir a corrente onde forçosamente acabaria por desaguar.

- Se tem que ser, seja já. É como se não perdesse o ano. Posso tirar o resto do curso no serviço militar. E nem todos embarcam. Se os meus amigos também vão, que fico aqui a fazer? - explicava-se e consolava-se, para não reconhecer o fracasso do seu esquema. Outra vez para a Faculdade? Não, estava farto. Na tropa aquilo não é

tão mau como isso. E um tipo diverte-se. E ganha-se dinheiro. Agora precisava era de um carro.

A mãe resignou-se. A amante chorou nos seus braços, com lágrimas escondidas. Chorou não só com saudades. Com raiva. Era outro homem seu que Africa lhe ia levar. O marido desaparecera da sua vida por lá, arranjava outra mulher, mandava dinheiro para o filho, mas quando voltasse, se voltasse, não seria mais para ela. Este tinha a noiva, ridiculamente casta e pura à espera, e ela, sem forças nem coragem para recomeçar com outro jovem a quem satisfizesse as necessidades ou algum homem feito, em escapadelas às escondidas da mulher.

Coisas daqueles anos que, não muito mais tarde, apenas um pouco mais velha, lhe pareceriam ridículas, como se fossem de adolescente: haveria tantos homens, tantas mulheres, tudo seria tão fácil e tão possível, que a solidão pareceria antes um bem, uma exigência espiritual, um requinte na promiscuidade geral.

Elsa, embora contestatária era tímida por natureza, criticava, mas aceitava com resignação. Estava mal, mas tinha de ser assim. Até um dia. Tinha, como as outras, que esperar o seu homem, contentar-se com o sabor agridoce das cartas de longe e tratar do seu futuro. Do seu emprego. Quanto ao resto continuava a gostar de ler. Lia como se fosse uma obrigação conhecer todos os autores e irritava-se quando falavam num livro que não conhecia.

A mãe de César foi quem mais contrariada e preocupada ficou, tratando de culpar a namorada do filho pelo curso incompleto, pelo rumo ao Ultramar, numa espécie de contra-ataque às vicissitudes da vida.

O Ultramar era para defender, com certeza, mas pelos filhos dos outros. Além disso aquela rapariga nunca seria pessoa para o sobrinho do sr. dr. advogado. O pai estava-se nas tintas para estes e outros assuntos. Não falava com o filho porque sempre achava que a educação dos filhos era com as mães; não falava com a mulher porque não estava para aturá-la. Chegava a casa, jantava do que havia quando lhe agradava (o que não era frequente) via um pouco de televisão, ouvia a rádio e lia na cama o Diário Popular porque tinha mais páginas e distraía. Quanto ao filho, intimamente estava satisfeito: acabavam-se as manias da mulher com o tio advogado. Que se fizesse à vida sózinho (como ele), assim é que se sobe e se vence (ou não - como ele). Acerca de Elsa, não tinha nada com isso, sabia que o filho era garanhão, lá nisso não saía a ele, e tanto fazia aquela como outra: o rapaz dificilmente se

aguentaria só com uma. Por isso era melhor que não fosse rica, que fosse de origem modesta, talvez aguentasse melhor as golpadas do filho. E era tudo como raciocínio por parte do pai de César, cujo intelecto se esgotava em intensas discussões futebolísticas com os colegas.

A primeira decepção teve César ao sofrer as incomodides da recruta em Mafra. O cansaço, a tensão da disciplina, a dureza do tratamento, a brutalidade dos exercícios, as incertezas de um ambiente em que abundavam deveres e regulamentos e escasseavam direitos. Ao fim do dia, caía à cama morto de sono e de madrugada levantava-se como um robot controlado pelos toques de clarim. Até a sua imponente virilidade tinha desaparecido.

Com os outros passava-se o mesmo.

- Os gajos põem coisas no café. Há uma semana que não tenho tesão - lamentavam-se.

Odiavam a tropa e os oficiais. Faziam-se por vezes ameaças para o futuro. Mas com o tempo, perdidos os hábitos da paisana, iam-se integrando na aparente linearidade da vida militar e (aleluia!) até a bela virilidade de jovens de vinte anos reaparecia como uma consolação e uma reconciliação com a nova vida. Tal como o major director da instrução prometera: "Faremos de vós uns homens e uns soldados." Já ninguém duvidava disso a partir do momento em que com a alegria de crianças dispararam com as G3. Era a primeira vitória dos futuros combatentes.

No fim-de-semana, corria para Elsa. Sentia-se bem no carinho das suas mãos, no recato das sensações suaves sem o nervosismo da pressão sexual, tão longe, tão enternecedoramente diferente da promiscuidade militar. Admirava a sua capacidade para o ouvir, as suas atenções, o seu humor, a sua curiosidade quase infantil. Depois eram os últimos beijos de despedida e a longa carta que ela escrevia durante a semana. Depois era sonhar com a suavidade dos seus contornos, com os cabelos que pareciam até mais alourados, com os olhos azuis, com a sua boca mágica de lábios finos, mas longos, que imprimiam carícias inolvidáveis.

Amava Elsa. Amava-a sem deixar de visitar a antiga amante nem perder a oportunidade de uma boa noitada com as raparigas dos bares. Amava-a cada vez mais, no silêncio e solidão das noites do quartel, naquele mundo baço, castanho esverdeado e cinzento, de homens, palavrões e maus cheiros.

Elsa era o cantinho à parte, puro e reservado para ele. Só não lhe entendia a teimosia de querer que houvesse livros para ler à noite na caserna. Afinal quem era o Alves Redol?

A segunda decepção teve César quando foi mobilizado para Angola: o tio não servira para nada. Cortara-se de meter a cunha aos gajos do regime. Se calhar até o oferecera para parecer mais patriota!

Quanto ao resto tudo bem. Depois de aspirante estivera em Tavira dando instrução aos recrutas. Dormia noite sim noite não e fazia brutíssimas farras com os colegas, isto é, com os camaradas. Fumava, bebia, jogava ao que calhava, pesquisavam-se as mulheres até aos sítios mais recônditos e passava-se ao ataque onde quer que fosse e com quem quer que fosse. Felizmente não havia falta de gente para consolar, para se divertir, para passear, para esquecer e a quem ajudar nas dificuldades da vida.

César acabou por se conformar com a mobilização. Mostrar desagrado era perigoso e a preocupação podia tornar-se ridícula: não era de homem mostrar medo. Além disso ganhava-se mais, quando viesse tinha para comprar um carro e, com sorte, a entrada para um andar. Dizia-se ainda que em Luanda havia melhores bares e "dancings" que em Lisboa, que lá se viam os melhores espectáculos de "strip-tease", que o whisky e o marisco eram quase de borla e que mulheres não faltavam. Luanda teria a melhor vida nocturna (ou a pior, conforme os pontos de vista) de Portugal, evidentemente do Minho a Timor.

Para quê preocupar-se. Em Angola tudo estava calmo, garantiam. Ele estava cheio de sorte: se fosse para a Guiné... Em boa verdade não se podiam tirar conclusões. Os que regressavam dividiam-se entre os que tinham levado boa vida e enchido os bolsos sem disparar um tiro, não podendo nem desmascarar-se nem desmobilizar os que com o seu esforço iriam contribuir para que tal estado de coisas não terminasse. Os outros preferiam não falar nisso, não recordar os colegas mortos e feridos, eles próprios doentes, envelhecidos, perturbados, a quem por vezes o bater mais forte de uma porta fazia saltar em sobressalto.

Em Angola, era fácil os chefões do "regime", os seus propagandistas e os profissionais da guerra, aparecerem como vencedores e proclamarem a estabilidade da situação e o progresso da terra em estradas aqui, fontanários ali, postos sanitários acolá, tal como já estavam habituados na metrópole. Afinal tudo isso era necessário à

tropa. Mas o que se conquistava de dia perdia-se de noite; o que se venciam em combate no campo perdia-se politicamente pelas cidades e aldeias. Quanto ao resto era só esperar: uma mina, uma emboscada, quando menos se previa. Mais, ou menos, calmamente cada um tentava habituar-se a conviver com a excepção e o absurdo e acabava por se instalar no quotidiano.

Claro que a guerrilha estava derrotada: uma derrota que tinha tornado o principal movimento de libertação em força política nacional e organizado teias que minavam o edifício colonial; edifício, cuja fachada retocada arvorava monumentais artifícios. Bastava um sopro e não apenas tudo aquilo caía como ateava fogo.

Ao fim de uns meses, patrulhando, deslocando-se em colunas entre os postos militares, lutando em escaramuças e emboscadas de grupos que atacavam e fugiam, regressou a Luanda e mais tarde mandaram-no para o Sul, para a então Sá da Bandeira, terra pacífica e rica onde arranjou tempo para conquistar uma cabeleireira oxigenada, ex-ocupante de uma casa do Conde Redondo, agora próspera empresária e amante de um dono de armazéns de materiais de construção civil, além de patrioticamente contribuir para a satisfação do seu (ou seus) alferes.

Com tudo isto, Angola não o seduzia, aquela terra vasta, rica e suave inspirava-lhe repulsa, tão saturado estava. Na realidade, para além do círculo estreito dos militares com quem convivia não se integrava na comunidade. Aliás, o problema era saber se isso existia. Em Angola coexistiam 3 grupos sociais que, não se podendo ignorar, viviam de costas uns para os outros: os colonos brancos, os negros e os militares. Omnipresente, separando uns dos outros como um septo, infiltrando-se nos seus interstícios, a Pide, que não dava solidez ao conjunto, mas mantinha artificialmente uma situação quase irreal, de insustentável e insuportável instabilidade.

Os brancos, passado o período de agressão indiscriminada, dos primeiros ataques de terrorismo e guerrilha, à medida que esta se confinava a zonas e objectivos militares, em que entrava numa quase rotina, começavam a considerar os militares como intrusos. Ganhava força a ideia de, dentro de uns anos, prescindirem do exército português e serem suficientemente fortes para obterem a autonomia negociando com os movimentos de libertação. Ora, o facto é que estes tinham praticamente deixado de preocupar os colonos portugueses, que podiam circular com suas mercadorias pelo território, pagando impostos ao Estado português e portagens à guerrilha.

A população negra, meio aterrorizada e já habituada a ser brutalizada com perseguições e arbitrariedades, obrigada a participar em manifestações de desagravo, de boas-vindas, de saudações a governadores e governantes - transportada em camiões e com bandeirinhas -, aparentava conformar-se, pois não tinha outro remédio, mas não deixava de estar cada vez mais infiltrada, especialmente pelo MPLA que prosseguia o seu trabalho clandestino e ganhava expansão política praticamente em todo o território.

Quanto aos militares, tirando os títeres do governo, os altos comandos preocupados com a promoção, os fanáticos ciosos de glória e os que faziam da guerra um bom negócio, os outros sentiam-se manipulados numa causa que era apenas de uma dúzia. Enfim, depois de vitórias gloriosas e de implacável repressão, continuava a poder-se ser atacado e morto. Mortes e ferimentos que continuavam a acontecer com uma regularidade que dispensava estatísticas a anulava esforços.

É certo que para alguns havia promoções, boa vida, dinheiro para o condomínio ou para o prédio conforme a patente, mas cada vez se perguntavam mais se não teriam direito ao automóvel e ao condomínio sem patinhar naquele lodaçal sem horizonte, sem terem de se colocar na quase marginalidade ou na transgressão de regulamentos e princípios.

Em breve, César ficou farto de Angola. Farto de prostitutas, de whisky, de negrinhas com e sem "cabaço" que o pessoal da companhia ou os ajudantes negros encomendavam. Desejava regressar a Lisboa, reencontrar Elsa e os fios perdidos das malhas da sua vida.



Em Lisboa, Elsa, esperava o noivo. Tinha arranjado um primeiro emprego como dactilógrafa numa pequena firma em que o patrão, pequeno, careca e mauzinho, era além do mais misógino. Ganhava-se mal, vivia-se um ambiente de medo em salas velhas, poeirentas e mal iluminadas. Ele trabalhava dia e noite, odiava os trabalhadores do mesmo modo que os percevejos, por terem horário, por terem uma

semana de férias, por conversarem nas suas costas, por ganharem ordenado, por ter de fazer os descontos das contribuições para a Segurança Social.

Foi aí, contudo, que Elsa encontrou emprego pela primeira vez e onde lhe foi dado praticar: para os bons lugares de secretariado havia muitas candidatas, de modo que sem prática nem cunhas não podia arranjar melhor.

Cerca de 1 ano mais tarde, graças a um conhecimento da família, apresentou-se na FAMAT, fez testes e foi admitida como secretária.

Faltava-lhe agora César: mas este voltou, pela primeira vez na vida com um desejo, tão forte que lhe doía, de paz, de uma família, de amor, de se deitar cedo numa cama conhecida em lençóis frescos, com Elsa ao lado.

César seguiu então o percurso de tantos outros: casar-se e, como não tinha nem modo de vida nem curso, continuar no exército tentando ficar bem colocado e aproveitar as facilidades para concluir o curso mais ano menos ano.

Passado o tempo regulamentar, digamos, Elsa deu à luz um rapaz de 3,5 quilogramas, grande para o seu corpo meio franzino. Elsa apreciava a virilidade de César, a regularidade do seu amor; às vezes, na noite, encostava-se a César adormecido e pousava a mão no seu sexo pendente, sempre admirada e mesmo um pouco atemorizada, um pouco infantil.

Elsa gostava de fazer amor e embora os seus voos de olhos fechados não fossem nem tão altos nem tão longos como desejaria, achava que desse lado estava tudo bem e não reclamava nem se colocava questões. Pensava, sim, tirar também um curso, mas como conciliar o tempo do emprego, da casa e do filho bebé, mesmo com a ajuda da mãe? Projectos não lhe faltavam, mas ia adiando para mais tarde, quando o Carlos Manuel fosse mais crescido. Agora até a leitura se tornava rara; cansada, quase que só relia obras que apreciara antes. Mas Elsa era de ânimo forte ou pelo menos assim se considerava, achando que nunca é tarde para esperar: o que é preciso é desejar e quem deseja e espera com força, acaba por alcançar.

Foi isto, um pouco, o que aconteceu com o 25 de Abril de 1974.

César estava, nos princípios de 74, prestes a interromper a fase final do seu curso e partir como capitão, provavelmente para a Guiné, quando surgiu o esperado, o desejado e finalmente alcançado fim da ditadura.

Pela primeira vez, desde que estava no exército César não se envergonhava de andar fardado e sentia, pelo contrário, orgulho em ser militar. Sabia que o seu prestígio aumentava junto das suas relações, os próprios vizinhos e as amigas da mulher mostravam por ele uma consideração diferente.

Como uma estrela na ribalta, recebera também os aplausos do povo aos militares. O calor das aclamações que escutara tinha-lhe dado aquele estado de graça de ser protagonista no palco da história, o sentimento de exaltação e predestinação que recebia directamente do povo. Assim, sem nunca antes ter pensado no assunto foi sucessivamente e cumulativamente democrata, democrata-revolucionário, socialista, socialista-popular, na procura infrutífera de continuar unido àquela entidade mítica, abstracta, indefinida e sem contradições, em que se conceptualizava o povo, à falta de conhecimentos sobre estas questões.

Talvez a responsabilidade maior coubesse aos que com uma religiosidade bem latina, faziam de um programa político um êxtase, uma ascese de paraíso na terra, uma idolatria em que diligentes prosélitos arvoravam as grinaldas da intriga, entrelaçadas pelos tribunos, e onde o moralismo substituía a economia e os complexos de Édipo a democracia.

A intransigência era sinónimo de pureza: quem mais indignadamente gritasse, mais razão tinha; quem mais dedos apontasse aos indigitados bodes expiatórios mais confiança merecia.

Para César tratava-se cada vez mais de um filme de mau gosto, cujos excessos começavam ou a aborrecer ou a tornar-se perigosos. Espantado, assistia ao facto de miraculosamente todos serem socialistas, de a própria social-democracia afirmar-se como sendo apenas uma forma de transição. Timidamente, os que defendiam o capitalismo apenas pretendiam algumas oportunidades. Quanto ao liberalismo seria algo tão obsoleto como as máquinas a vapor. A construção da democracia e do socialismo era pois certa e eminente: faltava apenas afastar os comunistas das áreas

do poder segundo uns, travar o passo ao social-fascismo e aos revisionistas segundo outros; o que na ocorrência queria significar o mesmo.

Por isso, quando apareceram bombistas também César os tomou por genuína luta popular; quando arruaceiros ligados aos interesses protegidos do antigo regime se aproveitavam de procissões e feiras para atacar e incendiar sedes de partidos da esquerda mais conseqüente e portanto mais perigosa, também César aceitou que representavam a vontade do povo. Aliás, com toda a oportunidade, assim foi considerado em todos os sectores menos, é claro, pelos atacados.

Por detrás de imensas e intransigentes discussões, tornadas ridículas entre gentes que diziam querer a mesma coisa, perfilava-se a intriga, encobria-se a conspirata; boatos monstruosos, que meses depois ninguém tinha coragem para dizer que acreditara ou propalara, eram tidos como verdades irrecusáveis e quem duvidasse catalogado no sector oposto, isto é, inimigo.

As vozes que, secundando o então primeiro-ministro, apelavam à produção e ao trabalho eram acusadas tanto de querer instaurar uma nova ditadura como de estarem ao serviço da burguesia.

No quartel, apareciam grupos aos fins-de-semana para receberem instrução militar e dar instrução política. Queriam ser uma espécie de Comitês de Defesa da Revolução: ao mesmo tempo que aprendiam o manejo de armas tratavam de politizar a tropa, mas na realidade acabavam por se envolver em intermináveis discussões recheadas de insultos; comunistas e extrema-esquerda, tanto se enredavam no balbuciar de abstrusas teorias como na arte do maldizer, os militares tomavam-nos por vizinhas desavindas. O sargento para não contrariar ninguém e não se comprometer, habituado que fora desde sempre a obedecer, fingia que era de todos e encolhia os ombros para o tenente: serviço era serviço, e ele fazia qualquer, mas bagaço era bagaço... Para César todo aquele ridículo podia tornar-se tragédia.

César era pela unidade do MFA onde pela primeira vez e provavelmente pela última, percebeu e aceitou um objectivo e um ideal, que o identificava com a comunidade em que vivia; sentia-se porém vacilar. Em certa altura, ao fazer parte de uma comissão do MFA, acompanhou uma delegação húngara que promovia o intercâmbio de experiências e a amizade entre os dois países. César com o espírito hospitaleiro típico dos portugueses, pensando agradar ao convidado, tecia loas às perspectivas da construção do socialismo em Portugal. O húngaro seu interlocutor

ouvia-o delicadamente, mas conhecendo as inusitadas metamorfoses das convulsões sociais permitiu-se com aquela rudeza que não exclui um espírito gentil, dizer:

- Vocês... se chegarem à social-democracia já não é nada mau.

César embatucou sem nada para responder. Nitidamente as discussões ideológicas não eram o seu forte. Desiludido, pensava agora:

- Ninguém nos leva a sério.

Mas o que se passava era para levar a sério?... - interrogava-se, quando todos os ideais tinham sido transformados em chistes, todas as esperanças em anedotas, todas as mudanças em boatos, todos os esforços em farras, todas as lutas em intrigas.

Ao integrar-se no que foi chamado "o grupo dos nove", fê-lo sinceramente, acreditando que ia melhorar o socialismo que todos queriam. Primeiro, porque achava que a razão não podia estar com a minoria, segundo porque não podia deixar de acreditar nos que tinham democraticamente o apoio do povo, terceiro porque não conseguia entrar nos conceitos que apressadamente assimilara de que o povo podia enganar-se ou ser enganado.

No final de contas, a realidade aparecia-lhe cada vez com menos nexos: deixara de compreender os múltiplos enredos, aguardando com insuspeitado alívio um fim que não fosse necessariamente trágico nem absurdo. Aliás, um fim que parecia simples, o povo, ou os seus representantes, ou os que na imprensa falavam, evidentemente, por ele, reclamavam que os militares cumprissem o seu dever e as suas promessas e impedissem a ditadura da minoria. Cumpriu-se então o 25 de Novembro. Precipitadamente uns, lentamente outros, os protagonistas deste período de pouco mais de ano e meio iam sair de cena, à excepção dos que souberam servir-se mais e melhor das pessoas do que das ideias.

Com espanto, compreendeu que o que se passara até ali não fora senão o prelúdio, o prólogo, o bailado de abertura para as verdadeiras estrelas ficarem com a cena só para si.

Os militares, heróis da liberdade, etc., etc., regressavam envergonhados aos quartéis. Era como se posta a mesa, lhes tivessem tirado a cadeira e dissessem: este banquete agora não é para vocês.

Deixou então de se ver nos jornais a defesa da "terra a quem a trabalha", nem indignadamente se reclamava contra as decisões tomadas nas "costas dos trabalhadores", em unísono todos eles clamavam que : "a política para os políticos".

Entrava-se no chamado processo de "normalização" das Forças Armadas. que na opinião de um dos visados se traduziu por "centenas de saneamentos, perseguições pessoais, atropelos administrativos, invenções jurídicas como o perfil militar".

Na primavera de 1976, César foi colocado num departamento de contabilidade do exército onde abundava o pessoal civil. Preparava-se também para dar aulas à noite numa escola secundária. Dos tempos da unidade Povo-MFA ficavam-lhe as longínquas recordações de algumas emocionantes manifestações populares e a solicitude com que os elementos femininos dos diversos partidos, grande ou pequenos, de esquerda ou de direita - que naquela altura não se apresentavam assim, bem entendido: eram todos de esquerda ou todos de direita conforme o ponto de vista - procuravam, pelos meios que lhes eram próprios, captar o seu apoio para os ideais que militavam.

Mais tarde, mais velho, mais calmo, recordaria estes tempos nimbados de romantismo. Valera a pena, mas que oportunidades se tinham deixado perder... Embora no fundo achasse que fora melhor assim.

Na dúvida, César nunca deixou de comparecer aos almoços comemorativos do 25 de Abril que os seus colegas, isto é, camaradas, organizavam anualmente.

- Prazer em conhecê-lo, capitão. César, não é verdade? Sente-se. Sente-se. À sua vontade. Pois então, mandaram-no para aqui. Sim, senhor. Sim, senhor. Espero que goste - o major Praxedes olhava César com um ar irónico pela parte de cima dos óculos bifocais - Isto aqui não deixa de ser um lugar agradável... para passar férias. É um sítio calmo tem bons ares e uma bonita vista - levantou-se e foi calmamente até à janela olhando a parte da cidade que se estendia até ao rio, ao fundo. Depois, voltando-se encarou-o com dureza:

- Férias é o que eu preciso. Férias definitivas e indeterminadas: a minha reforma. Já pedi a passagem à reserva. Sabia? Creio que deve ficar tudo claro entre nós. Por isso o mandaram. Não admira que eu esteja satisfeito por vê-lo. Desculpe sim - e

voltou a afivelar a máscara irónica - Desculpe lá caro capitão, mas 10 anos aqui chegam - e espalmava as mãos sapudas de unhas cortadas rentes excepto a do indicador; César pensou que tocasse guitarra. Dedicar-se-ia ao fado ou eram resquícios da boémia antiga?

Tinha o nariz grosso e torto, os olhos papudos e manchas vermelhas na cara - sofria do fígado, diagnosticou César. Bêbado é claro. Chegava-lhe bem. Estava-se a ver, depois do almoço: sorna.

César olhava-o com ar divertido onde se misturava um certo desprezo. O major Praxedes voltou a sentar-se.

- É como lhe digo. Isto aqui é pior que África e não dá comissões nem promoções. É pior que um daqueles postos no interior da Lunda ou de Cabinda. Mandaram-no para aqui e ninguém mais se lembra de si. Desapareceu na selva. Abatido ao efectivo. E você, meu amigo, não me diga o que lhe aconteceu... É pior que um saneamento! - escarninho o major saboreava a sua vítima. César imaginava há quanto tempo não lhe aparecia alguém digno de ouvir os seus desabafos, a sua fúria, as suas frustrações.

- Não me diga que se meteu em políticas! Que era das esquerdas... - César franziu o sobrolho pronto a dar-lhe uma resposta dura. O outro compreendeu que se estava a exceder e acalmou-se. Já tivera a sua dose de desopilação, como dizia, não devia abusar ou estragar tudo. Foi ao pensar nisto que se pôs sério: - Não leve a mal, capitão. Não leve a mal - disse com amizade. - Mas que quer que pense? Creia-me, ninguém o mandava para aqui se não houvesse uma razão. Devem querer ver-se livres de si em qualquer lado. Isto agora já não interessa. Só não fecharam por causa do pessoal civil. Eu explico: os computadores fazem tudo, além de que sem mobilização, sem operações não é preciso, não se justifica. Isto, aqui, na minha opinião, que passei a vida militar com brio em quartéis, é tão mau que só de castigo. E agora, quais são os castigos ou quais são os castigados? Eu sempre fui da opinião que a tropa não se devia meter em política. Depois, meu amigo, aprenda, são sempre os mesmos que ficam por cima. O que é que vocês queriam, afinal?

César fez um aceno com a cabeça. O homem apanhava-o e não se calava. Nem queria pensar que ia desembuchar tudo: dez anos de recalcamientos em cima dele. Era demais. De facto, pior que um posto no interior de África. Como tinha de o interromper de qualquer forma, pediu para que lhe conceder a tarde livre:

- O meu major vai desculpar-me, mas hoje tenho uns assuntos a tratar. Concorri para dar aulas numa escola secundária e tenho que lá ir: preciso conciliar o horário com o serviço.

- Aulas? Muito bem. Esteja à sua vontade. Quer ir-se já embora?

- Não é necessário. Gostaria contudo que me informasse sobre o serviço, o pessoal.

- Ah! O serviço. Não tenha problemas. Aqui é tudo civil. Até os militares: o sargento, os 2 cabos e as praças é como se fossem civis. Vestem a farda como um guarda pó; às vezes é só a camisa. Eu deixo andar. Então depois do 25 de Abril: se os obrigasse a qualquer coisa, era reaccionário. Não estou para isso. Já trabalhei muito. Agora preciso descansar, senão nem me gozo da reforma. Ir para a reforma agrária... - riu-se da piada estafada - isto é, não me interprete mal, tratar da minha horta, do meu quintal aí na província.

- Queria que me esclarecesse quanto ao serviço - continuou César formal.

- Quanto ao serviço? O serviço... Não há. Havia. Hoje é tudo com computadores. Qualquer dia as meninas nem têm que meter os dados, pois ficarão interligados, a dialogar. Agora transmite-se manualmente. Recebem-se dados e transmitem-se dados. Você só tem que assinar umas folhas. As que se recebe em como foram recebidas e as que se emitem em como foram emitidas. Mero pró-forma. Ninguém vai discutir com os computadores. Erros? Estou a ver que vai perguntar-me pelos erros. Não tenha problemas. Aqui, enganam-se, nos outros lados, enganam-se. Há referências diferentes, há números mal entrados, valores que não conferem. A bagunça do costume. Do costume não, que no meu tempo, quando era tudo à mão, batia certo. Enfim, as asneiras são o sal da vida, não é verdade? É isso que nos entretém. Desta maneira cada um fica com a ideia de que é muito importante e necessário ao serviço.

Eu explico. Um subordinado descobre um engano nas folhas, qualquer coisa que não confere e vem-mo dizer. Eu telefono ao chefe do outro departamento e começo por explicar dizendo que não percebo o que vem nas folhas que ele mandou. Nunca diga que está errado. Diga que não percebe. Nem deixe que lho digam a si.

- Mas o pessoal não podia tratar disso directamente com os que elaboraram a folha do outro lado.

- Podiam. Mas e depois?... Que é que você fazia?... Dormia?

- Eu arranjo sempre que fazer.

- Não caia nessa. Os outros chefes não lhe perdoavam. Quanto ao resto não se iluda. Tenho a impressão que se esqueceram de nós. Isto não serve para nada, nem percebo porque ainda existe. Não devem saber o que fazer connosco. Quando vim, já lá vão 12 anos era diferente: o antigo chefe o coronel Martins trazia tudo direito. Eram folhas e folhas de contas feitas à mão, conferidas, vistoriadas, assinadas. O Martins até com os números embirrava. E tinha razão. Tinham de se fazer como ele dizia e sempre alinhados. Era a letra desenhada. Hoje ninguém sabe o que é isso. Já nem eu. Logo de seguida começaram a vir máquinas eléctricas, mecanográficas e, atrás delas, os civis. Primeiro vieram uns cabos milicianos, mas depois transferiram-nos para o Ultramar e começaram a meter mulheres.

- Bem, quanto ao serviço estou esclarecido. Agora quanto ao pessoal.

- Agora há menos gente. Já fomos uns 30, atulhados nas salas, cheios de papelada. Agora está-se melhor. Somos para aí metade. Olhe, até temos ar condicionado... por causa dos computadores. Aqui nem foi preciso 25 de Abril: as mulheres fizeram a revolução sozinhas. Já se viu a dar ordens a mulheres - a gritar com o serviço, a dizer uma das fortes, daquelas que sabe bem quando se está chateado, bem à homem, bem à quartel! Aqui só quem pode falar mal são elas. Já viu, senão queixam-se, as ordinárias.

No princípio ainda quis impor respeito, mas não havia nada a fazer. Queriam andar de calças no serviço. Não deixei. Aqui, mulheres é com saias. Então vinham pôr-se à minha frente com saias curtas. Sentavam-se aí a mostrar o perneão. O que eu passei. Era cada coxa. E um homem sem poder fazer nada. Vinham mostrar um mapa ou trazer correspondência para assinar e encostavam-se, debruçavam-se sobre a mesa com o material à mostra. Gozavam. Problemas tive eu. A velhota agora não liga, já sabe o que isto é, mas na altura... Ciumenta. O que eu passei. E sem poder fazer nada. Ainda davam cabo de mim e da minha carreira. Cá me aguentei, com um biscatezito pelo meio, mas não houve nada a dizer. O que é preciso é saber fazê-las, estar sempre na mó de cima.

- O major exagera.

- Olhe que não. Olhe que não. Você vai ver. Eu não digo que não haja mulheres sérias, casadas, com a sua família. Tudo bem. Mas ... ora, já fizeram das suas e depois também nunca se sabe se estão casadas ou descasadas.

O major Praxedes ria-se, satisfeito de se ouvir dizer mal do que o cercava.

- Desculpe, sinto aquele alívio que se tinha quando alguém nos vinha render no mato. Esteve em Africa?

- Em Angola.

- Que terra. Hoje está tudo destruído. Os restaurantes na restinga. Lembra-se? Agora já não existem. Nem há que comer. No Tropical servem arroz e peixe frito. E os cubanos? Esses até as torneiras e os puxadores roubaram dos hotéis. - Por um momento ficou calado à espera que César pegasse no assunto para uma conversa.

César não confirmava nem desmentia, conservava o seu ar de enfado. Além disso tinha que fazer; era preciso cortar com aquela conversa.

- Meu major, já estou esclarecido e se não houvesse inconveniente, hoje pretendia resolver uns assuntos. Necessitava que me dispensasse.

- Pois vá, vá.

No dia seguinte, o major levou César pelo serviço, mostrou-lhe as salas e apresentou-lhe as pessoas.

O seu domínio era pequeno e poucos os subordinados: apenas 5 militares: um sargento, dois cabos milicianos e dois soldados que faziam de porteiros e contínuos; além destes havia uma dúzia de civis, a maioria dos quais mulheres.

Depois de ter concluído aquela pequena volta, disse-lhe enquanto esfregava as mãos:

- Deixo-o aqui no seu gabinete. Agora é altura de tratar da minha vida. Quanto a si esteja à vontade: isto é seu.

- Mas o senhor é que é o responsável.

- Por agora, por agora. Vai ver que não há-de tardar muito a ficar sózinho. Por mim passo-lhe a pasta. Nem sabe como me tem andado a doer a coluna. E as artroses? Uhh... Coisas de Africa. Já não dou para isto... Preciso tratar de mim. É a altura de eu fazer a minha pequena revolução - ria-se - Vou passar à reserva. Não sabia? Eu não lhe disse? Pois não, mas já entreguei os papéis. E agora vou entrar de baixa. Vou para a Junta Médica. Hein?!

César, formalista contra o seu feitio, não queria deixar-se ir na conversa:

- Quanto ao serviço ainda deve haver muita coisa para me dizer...

- Não há. Mas se quiser... mais tarde, noutra altura. Quanto a mim pode entender-se com o sargento Barata, é o meu ajudante de campo, ele é que controla tudo.

- Esse também não deve faltar muito para se ir embora.

- Pois não. Olhe faça como achar melhor. O pessoal é todo muito competente, não duvide. Eu é que nunca tive paciência para os computadores, os manuais davam-se um sono diabólico - riu-se - É como eu lhe digo não vai ter problemas. Esteja descansado.

- Não tenho problemas, quero é saber como são as coisas.

- Pois sim, tem razão. Olhe eu vou andando. Adeus capitão.

Sozinho no gabinete César pensava que o major possuía pelo menos a qualidade de saber retirar-se a tempo, o que em estratégia pode ser considerado de grande talento. Claro que aquela guerra na cidade, com mulheres e computadores não era para o antigo tarimbeiro, veterano das colónias, dos velhos bons e maus tempos. Parecia-lhe que o seu problema fora não ter que fazer, dar ordens, berrar, ameaçar soldados, para depois os desculpar, ver olhos piscando com receio do seu vozeirão, sentir tensos silêncios presos na sua vontade, no seu palrar irónico, mordaz e no fim talvez até benevolente para quem merecesse. Queria ser, e fora-o, admirado, mas por homens, à sua maneira. Porem-no a comandar mulheres, ele que não conseguia vê-las senão de duas formas: as respeitáveis, para tratarem da família, as outras, para divertirem os homens, os combatentes.

Agora, provavelmente, o sargento seguiria o major ou pediria transferência. Quer dizer, o serviço... civilizava-se. Por ele tudo bem, tinha mais que fazer: dar aulas, preparar as lições, ver provas. Provavelmente acabar o curso

Enquanto pensava bateram à porta e abriram-na:

- O Senhor Capitão dá licença.

Já tinha entrado. Era uma das funcionárias, loura, de formas exuberantes e ar nervoso.

- Entre. Entre. Diga.

- Trago as folhas para assinar. São os resumos - respondeu com um sorriso que se pretendia sedutor e maroto, acrescentando em ar de confiança: - O meu nome é Luci.

- E em que dia ou dias têm de estar prontas e para onde são enviadas? - perguntou.

- Isso não sei - e fez um requebro, mas via-se que era a maneira dela embora fizesse por parecer mais sofisticada.

- Não sabe?

- Não. Ninguém nos disse. Mandamos para a repartição central, uns cinco dias depois de recebermos os dados. Se está alguma coisa estipulada não sei. Talvez o major soubesse.

- Quer dizer que cinco dias chegam?

- Até podia ser menos, mas assim deve estar bem. Dantes era à mão e era de um mês para o outro, é por isso que ninguém diz nada senhor capitão - riu-se.

- Estou a ver. - O melhor é não fazer perguntas, pensou César, senão armo em palhaço - Ora pronto, mal cheguei ao serviço já estou a fazer assinaturas.

- Ainda há mais! Vai ver que não se aborrece. Aqui não faltam.

César pela porta aberta descortinou mais dois funcionários no corredor.

- E aqueles também querem assinaturas?

- É melhor entrarem não acha?

- Entrem, fazem favor - disse César.

Eram uma mulher jovem, dos seus vinte e seis anos e um homem magro não muito alto que vestia uma camisola azul celeste e calças cinzentas.

- Com licença, Senhor Capitão - traziam papeis nos braços cruzados sobre o peito.

- Mais assinaturas.

- A esta hora...

- O melhor é virem ao mesmo tempo.

- E viemos - disse a primeira - mas eles não quiseram entrar. Tiveram vergonha.

- Lá estás com as tuas coisas, Luci.

- Chama-se Luci? - disse César.

- Chamo. Já há pouco lhe disse, mas esqueceu-se de mim. Não lhe perdoe.

- Paciência.

- Só se aceitar o nosso pedido.

- Pedidos? Ainda agora cheguei.

- É por isso mesmo! - vendo o espanto de César, Luci, era ela que falava pelos outros, continuou - Sabe meu capitão - acentuou o "meu" - aqui somos uma família, como uma família, mas unida, porque o que se vê por aí...

- E o nosso major também fazia parte dessa família?

- Fazia pois. Era o avozinho - replicou Luci - Sentava-se aqui e não queria que nos portássemos mal. Sempre a ralar. Nós fazíamos o possível por não incomodar: deixávamo-lo aqui sossegadinho - Os outros esconderam o riso atrás das folhas que seguravam - E o meu capitão também vai fazer parte da família - Luci olhou os dois colegas pedindo confirmação e apoio - o nosso capitão vai ser o "tio".

- Eu, tio? Com tantas sobrinhas é difícil - respondeu César sem saber como resistir a entrar naquele jogo.

- Vai ver que se dá bem connosco. Olhe, entre nós, quando alguém vem de novo, ou faz anos, ou lhe sai o totobola, ou morre o avô - e ria-se com vontade acompanhada pelos colegas, que não ficavam indiferentes à sua maneira de falar, como se representasse, cheia de animação e mímica - fazemos uma festa. Agora, quanto à chegada dum novo chefe ainda não tínhamos experimentado. Mas achamos que também deve ser comemorada.

César escutava com curiosidade. Luci não teve outra alternativa senão continuar.

- Às vezes fazemos uma pequena festa, outras vezes um almoço, outras vezes um lanche. Mas isto de lanche é só entre nós que somos pobrezinhos. Não é?

- Um almoço?! - admirou-se César.

- Não. Não há nada decidido, é o que o nosso capitão quiser. Mas olhe, há aqui uma tasquinha perto, barata e onde se come bem. Já nos conhecem. Nós só gostávamos é que o senhor viesse connosco, para conviver e nos conhecermos. Depois, não se trata de pagar o almoço a todos.

- Não é isso... - César estava incomodado com a conversa; não sabia como sair daquilo

-... é só uma brincadeira, para estarmos juntos.

- Como quiserem. Quantos são?

- Não vão todos. A D. Juliana da limpeza não vai, alguns não podem, outras vão a casa por causa das criancinhas, normalmente alinhamos uns nove.

- Bem. Então à hora do almoço lá estaremos.

- E repare o nosso capitão, se quiser pagar o almoço nós não nos importamos...

- Oh! Luci, és muito descarada - disse a outra funcionária que até ali se tinha mantido calada.

César riu-se: - Isso logo se vê. Se não comerem muito...

- Descarada eu! - Luci abanou-se para a colega com a mão na anca - Já sabe, o café e as bebidas são por conta do grupo. É o costume...

César concluía as assinaturas:

- Bem, então até ao almoço.

- Até já, senhor capitão - disseram.

- E desculpe o atrevimento aqui da Luci - disse com um sorriso a outra funcionária.

- Não tem importância. Não há nada melhor do que sermos sinceros. A propósito qual é o seu nome?

- Célia Maria. Trate-me por Celi. E este aqui é o Jaime.

- Muito gosto, meu capitão - respondeu o Jaime saracoteando-se.

César abanou a cabeça e respondeu com um suspiro:

- Então até já, Celi.

Além dele próprio, César, seriam umas nove pessoas: o Jaime, as duas amigas e outros civis do serviço, que lhe tinham sido apresentados, mas de que já não se lembrava o nome nem sabia nada sobre eles.

Sentado entre Celi e Luci, em bancos corridos, em frente do Jaime, numa pequena sala do famoso restaurante de 3ª, a tasca, onde eles mandavam e gritavam tanto como o dono, comiam-se bons petiscos, trocavam-se as doses que cada um tinha pedido, provava-se do que calhava. A cozinha era boa e a D. Adelaide, na cozinha, esmerava-se para eles, velhos conhecidos; havia de tudo o que já dificilmente se encontra na cidade: moelas, caracóis, passarinhos (codornizes), eirós fritas, chouriço assado ou morcela de arroz com mel, carapaus de escabeche. lulas fritas e choccos com tinta. Às vezes, por encomenda, especialidades como os túbaros de carneiro, para não falar das caldeiradas, feijoadas, cozido à portuguesa, iscas - feitas numa frigideira que nunca ou muito raramente se lavava.

- É só saúde! - dizia um deles fazendo-se ouvir por César e despejando os restos das pequenas travessas.

- Olha lá ó Lopes, isto não é nenhum restaurante chinês. Misturas tudo. Tá quieto que as moelas são minhas.

- Ai que o Lopes papa a moela do Jaime - saiu-se Luci.
- A minha não, só se forem as tuas - ripostava o Jaime.
- A mim não me comem que eu não deixo. Só vêm com os olhos... mas não mexem.

Os outros riam.

Celi bebia vinho branco com César. Ele escolhera Vidigueira do corrente, banal, mas com o sabor doce, um pouco acidulado, a fruto. Luci bebia cerveja como o Jaime e bebia bem. No final mandaram vir pudins e arroz doce. Ali até havia arroz doce, com canela, caseiro, da D. Adelaide. Uma maravilha a acompanhar o bagaço amarelo pálido. Celi depois de muito instada bebeu uma ginjinha despejando meio cálice no de César e no do Jaime, já no fim a pedido de Luci mostrou o retrato do filho.

- O meu sobrinho - afirmava a Luci.
- Meu - dizia o Jaime.
- Com um tio como tu o menino nem cresce como deve de ser.
- Olha quem fala. A minha família tem um solar em Coruche.

Desataram todos à gargalhada. César não percebeu a piada. Deviam ser histórias antigas.

- Então o nosso capitão não vai ser tio do Licas.
- Não gosto que chames Licas. Luís Alberto.

César olhava o retrato da criança, na outra face da carteira o retrato, tipo passe, de um homem de bigode e cabelo preto ondulado. Devia ser o pai.

- Tio! Com certeza. Eu sou para já, tião do Luisão! - proclamava César, rindo-se olhando Celi, que encolhia os ombros e abanava a cabeça para ele, fingindo-se enfasiada.

- Hoje está tudo tão parvo, capitão.
- César...

Há quanto tempo César não se divertia daquela forma, directa, livre de preconceitos e preocupações. O major fizera-o pensar que ia como que para um posto nos Dondos ou em Cabinda e sentia-se verdadeiramente na cidade, reencontrando as raízes da Lisboa alegre, folgazã, compincha, que desaparecia na desculturação multinacional, abafada por subúrbios incaracterísticos, também estes submersos por vagas de imigração concentracionária.

Era um bando alegre e contagiante. Ali ao almoço não o tratavam como chefe, como capitão, mas como um deles, um amigo, sem contudo deixar de ser distinguido por uma consideração especial que se revelava nas pequenas atenções, na maior delicadeza do trato, sem que ninguém se limitasse ou coibisse de ser como era.

Comeu-se, bebeu-se e do princípio ao fim, riu-se com brincadeiras que em parte só eles conheciam os segundos sentidos, com piadas sobre todo e qualquer assunto. A política entrava com risos e saía com gargalhadas. Havia de tudo: comunistas, socialistas, pepedês, um ou outro esquerdista mais ou menos arrependido, que aceitava com sorriso amarelo, baixando os olhos meio comprometido, as alfinetadas sobre o Mao Tse Tung e os educadores da classe operária. Os comunistas ainda respingavam às sátiras sobre a reforma agrária e ao seu grande chefe cabeça branca. Quanto aos socialistas eram os primeiros a entrar no gozo ao seu bochechudo líder

César divertia-se sinceramente, encantado com Celi, a simpática morena de cabelos pretos, curtos, olhos grandes, boca formosa, pequena mas de formas bem definidas, perfeitas, com ar de menina atrevida e um certo requebro brasileiro, e que se revelava uma rapariga livre, alegre, com ideias perfeitamente definidas:

- Socialismo? Não obrigada, não quero andar vestida de igual.

Do outro lado, Luci, a loura de cabelos levemente ondulados caídos sobre os ombros, um corpo quente e irrequieto, vestido cingido, realçando as formas, numa tentadora visão tanto de frente como de costas. Luci não disfarçava a exibição dos seus dotes: gostava de ser admirada sem complexos.

Ela e o Jaime eram as grandes estrelas da companhia, os animadores que quando calhava entravam num dize tu direi eu de ditos, anedotas, conversas sem nexos, num jogo de ténis com palavras, nunca se sabendo quem ficaria sem resposta.

Para César era a novidade, a redescoberta da alegria pela alegria, numa camaradagem adolescente que quase esquecera. Agora, ali estava, encantado, naquele banho de boa disposição e de filosofia de vida, depois de meses tensos de convulsões políticas, em que amizades, projectos, confianças se faziam e desfaziam num temporal de promessas, lutas, discussões, crispações, reservas e dúvidas, tornadas inúteis, atiradas fora na convulsão revolucionária e contrarrevolucionária.

César olhava-os, brincalhões, sem muito dinheiro para gastar mas felizes, como que à parte de um mundo dividido em blocos ou pelo menos à parte do resto do país,

declamatório e oportunista. Divertiam-se como queriam, mesmo numa tasca barata. Não seria isso afinal o pluralismo?

Depois dos patuscos e incomodativos educadores do proletariado, depois dos tradicionalistas sérios e sempre indignados, depois dos teorizadores e politólogos revolucionários de vida curta, terem sido sacudidos como mosquitos para outros postos, os políticos procuravam desmistificar teorias e divertir pelo seu espectáculo: mesmo quando já se sabia que afirmavam o contrário do que pensavam, tinham mais êxito as boas anedotas ou as inconsequentes promessas que longas explicações.

Num país onde durante anos o riso fora suspeito, onde na sequência a festa poderia acabar em tragédia, como não alinhar na farsa política, entremeada de paródias, de promessas facetas e quixotescos rompantes contra qualquer mourama?

Porque não havia César de estar de acordo com tudo isto?

E se a vida pode ser uma festa e um espectáculo, porquê complicá-la?

IV

César, na sua nova vida, tinha o tempo ocupado, mas estava disponível. Durante o dia fazia assinaturas, preparava lições, via provas e aborrecia-se.

Acabara até com a questão de ser o chefe que pessoalmente verificava os erros e omissões, assunto que lhe era obscuro, mortalmente enfadonho e sobretudo ridículo.

Que importava que aqui ou ali houvesse falhas? Alguém, algures, havia, ou não, de conferir e detectar. Afinal que importância tinham aquelas resmas de papel listado de verde, colunas e colunas de números empilhados, alinhados, cópias que se multiplicavam e distribuía, por pessoas e locais, não se sabia bem onde, nem porquê, nem para quê. César pensava que se alguém se preocupasse minimamente a ver o que lhe enviavam não faria mais nada. O destino daqueles papéis era ir para o lixo, quando muito algumas linhas seriam introduzidas noutros mapas e relatórios que por sua vez teriam idêntica existência.

César encolhia os ombros e interrogava-se:

- Que importa tudo isto, e quem se importa? Os militares não tinham querido continuar na guerra nem podido continuar na política; para os fazedores da opinião pública estavam a mais nos seus postos, nas suas funções, no orçamento.

Aliás, o que acontecia agora aos militares, aconteceria mais tarde aos demais: todos de facto de mais no orçamento, menos eles próprios, consagrados “opinion makers”, assim designados, pois o provincianismo bacoco adopta facilmente as terminologias alheias

Enquanto fazia horas até ir para as aulas, César, tentava vencer o tédio e deixava passar o tempo com alguma conversa. Dava-se abertamente com todos, mas com Luci, Céli e Jaime, em primeiro lugar. Luci era demasiado irrequieta e jocosa para conversas sérias, contudo gostava de escutar, disfarçando a sua falta de cultura e capacidade de raciocínio com a vivacidade. Jaime não tinha grande gosto por conversas longas, era do género volátil; os olhos procuravam constantemente algo em que se fixar; delicado, espirituoso às vezes, mas disperso. Os colegas tinham-no em grande conta e não prescindiam dele nos momentos de convívio; a sua disponibilidade,

resultante talvez de uma grande solidão - vivia sózinho - tornavam-no imprescindível. Celi era quem mais o atraía. Tinha uma filosofia prática da vida, motivos de conversa que não eram pretensiosos nem idiotas, não se resumindo a falar de gente conhecida, das modas, dos penteados e das recém aparecidas telenovelas. Entre os outros havia pessoas com mais ou menos interesse que o escutavam como chefe, concordando delicadamente, por consideração.

De qualquer forma o trabalho era uma sensaboria. Estavam, de facto, como num posto abandonado, num deserto ou numa ilha, rodeados de papel por todos os lados. Com a crise económica e a austeridade de que se falava, um dia, era certo, alguém se lembraria de eliminá-los pondo um traço a vermelho sobre qualquer organigrama. Ali, apenas se esperava que o subsídio de despedimento fosse razoável.

Toda esta rotina, toda esta expectativa, toda esta noção do inevitável, era compensada com uma agitação, um frenesim de comemorações, encontros, pequenas festas, porque alguém fazia anos, ou estava bem disposto, ou precisava de ficar como tal. Motivos não faltavam.

Pouco tempo depois de lá estar, César foi convidado a participar numa pequena reunião no final do dia: mandavam vir umas cervejas, sumos, doces e salgados, espumante.

Perante a habitual comissão constituída por Luci, Jaime e Celi, que fazia o papel de figurante sorridente e sedutora, César admirou-se:

- Aqui no serviço?

- É assim que costumamos fazer. Pelo menos às vezes - respondeu Luci com descaramento.

- E o Major Praxedes autorizava?

- Isso não sei.

- Como não sabe?

- Talvez o Jaime pedisse.

- Talvez?

- Não se irrite, sr. capitão! Não se zangue connosco, ainda por cima nos meus anos - interveio Jaime - Senão fico estragado, estragadinho o ano todo.

César olhou-o espantado: estariam a gozar com ele? Estaria a fazer figura de parvo, ainda por cima ao pé de Céli. Acalmou-se.

- Então vocês faziam farras aqui, no serviço?

- Farras? Quem, nós? Isso é engano. Andam a enganá-lo, capitão. Isto é tudo gente séria - disse Luci.

Jaime mandou-a calar:

- Oh! Luci. Cala-te, menina! Que raio. O assunto é comigo e com o nosso capitão.

- Ó Jaime explique-se, por favor.

- Explicar o quê? Eu só vim convidá-lo para os meus anos.

Como César se calasse prosseguiu com ar inocente, meio suplicante:

- Apareça, sim? Não faça uma desfeita a mim, que sou tão seu amigo, e aos nossos colegas. 'Tá bem?

César voltou a lembrar-se do velho major e reparou de novo no sorriso de Celi. Gostava de se aproximar dela e de conversar calmamente. Pensou que não adiantava argumentar com os outros dois. Desistia.

- Olhem, façam o que quiserem, mas eu não sei de nada.

- Ah! Já percebi - disse Luci com ar sabido - Mas nós queremos que o sr. venha, capitão. Não se preocupe, é tudo depois da hora de saída. Já no tempo do major...

- Autorizava?

- Isto é, não sabia de nada. Ele nem entrava nos gabinetes...

- Bem, vejam lá. Já agora, Jaime, muitos parabéns e... quantos faz?

Jaime, surpreendido, estremeceu

- Eu? Vintes... e... alguns...

Luci, cheia de segundos sentidos, pôs todos a rir:

- Oh! Senhor capitão, a ele, não se pergunta...

Ao fim da tarde César compareceu. Foi servido com deferência e posto em posição de destaque.

Depois dos primeiros momentos em que manteve conversas de circunstância com alguns subordinados, o ambiente distendeu-se e César, logo que pode, aproximou-se de Celi, mas foi ela que o interpelou:

- Então, que tal se dá por aqui, connosco?

- Estou a aprender a gostar.

- Somos todos muito amigos. Há uma grande camaradagem... Também é o que vale, compensa o que não recebemos no ordenado.

- A quem o diz. De facto não há nada que pague um bom ambiente... e uma boa companhia. Estou convencido que me vou dar muito bem por cá.

- O nosso major não era má pessoa. Velhote. Lá tinha as suas manias. Já estávamos fartos dele.

- E ele de vocês.

- Ora, o que se há-de fazer. Temos de levar a vida a rir.

- A Celi é muito alegre?

- Sou.

- Sorridente, mas silenciosa, tenho reparado.

Celi sorriu de lábios franzidos encolhendo os ombros.

Prosseguiram assim, durante algum tempo, numa conversa indefinida, que César pretendia afectuosa, sem reparar nos olhares de cumplicidade que Luci e Jaime trocavam. De repente César lembrou-se:

- Oh! Quase sete. São horas de ir para a escola.

- E eu! Tão tarde! Tenho de ir - e desapareceu a correr.

César despediu-se do Jaime, da Luci e do restante pessoal. Foram todos simpáticos e pareciam satisfeitos com a sua presença. Quando estava à porta do elevador apareceu Celi:

- Espere! Espere! Capitão!

- Pelos vistos está atrasada.

- Sim. Tenho um encontro marcado.

- Quer que a leve?

- Não é preciso e o senhor também está atrasado.

- Comigo não há problema.

- Deixe lá, é mesmo aqui à porta. Está o meu marido à espera.

César sorriu enfaticamente.

- Ah! Bom...

Chegados ao rés-do-chão Celi saiu a correr e César seguiu-a instintivamente. Do outro lado da rua estava um carro mal estacionado. Lá dentro um sujeito de bigode e cabelos negros encaracolados olhava fixamente na direcção da porta. Celi antes de atravessar sorriu-lhe:

- Até amanhã, senhor capitão.

César cumprimentou-a delicadamente com uma pequena vénia:

- Até amanhã Celi - e apressou-se para as aulas. Era mais que certo que ia faltar à primeira hora.

César rendia-se cada vez mais à filosofia prática daquele grupo de amigos, tão evidente que não admitia contestação. Invejava-os como uma criança ao ver brincadeiras alheias. Discussões políticas entre eles, estavam banidas. Afastados os comunistas do poder, o resto tanto lhes fazia: eram todos iguais e só lá estavam para se encherem eles próprios. Quanto aos comunistas eram uns chatos e queriam que todos pensassem da mesma maneira. Ora, eles preferiam ter o direito de não pensar em coisa nenhuma.

Claro que não passavam a vida em almoços, festas, idas aos bares e discotecas ou aos espectáculos musicais do Coliseu, mas faziam o possível.

Comemoravam os princípios do mês como príncipes em locais e com vestuário muito acima das suas posses, depois, a partir de meados, não tinham dinheiro: sobreviviam de café com leite, bolos secos e sandes da pastelaria ao lado - frequentemente fiados.

César uma vez convidou a Celi para almoçar, mas não aceitou:

- Se quiser venha connosco ... e aceitamos o que nos oferecer.

Um pouco vexado acompanhou-os ao café e pagou. Porém sentia-se cada vez mais atraído por Celi, ciumento até da sua camaradagem. Acontecia estar fora e nesses dias em que não a via, sentia a sua falta por não lhe ter falado e partilhado a sua alegria.

César, ia a reuniões de serviço de que não conseguia entender o sentido e muito menos aperceber-se das conclusões. Serviam normalmente para rever conhecidos, conversar e decidir o que se havia de tratar em reuniões futuras. Frequentou também uns cursos de que não descortinava qualquer utilidade prática. Recebeu manuais e regressou. Pelo menos, figuraria nas estatísticas da formação.

De forma não oficial, Celi, era agora a sua auxiliar, não tanto técnica, que esse papel pertencia à dinâmica Luci ou ao competente Jaime, mas auxiliar para passar o tempo.

Falavam do que ambos mais gostavam: da cidade, da noite, do espectáculo, das luzes e dos sons das horas mortas - para quem tem de trabalhar normalmente -, da excitação, do brilho e do vibrar dos locais onde se cantava e dançava, onde se podia observar e conviver com pessoas especiais, longe das contingências do dia a dia; estar desinibido, apreciar os outros nos seus jogos amorosos, deambular até ao sol nascer e retirar-se quando o mar de gente volta a afogar a metrópole, para regressar mais tarde

ao movimento das suas avenidas, ao brilho das suas montras, ao esplendor das suas facilidades e prazeres.

No global, César, considerava levar uma vida agradável e só se sentia frustrado por não poder acompanhá-los sempre que organizavam programas. Por vezes não se concretizavam, mas valia a excitação da ida a uma discoteca ou a um bar recém aberto, do qual alguém conhecia o dono...

César chegou a desafiar Elsa para uma saída com o grupo, mas Elsa não esteve para isso. Primeiro, não conhecia nem estava interessada em conhecer aquelas suas novas amigadas; segundo, não gostava de ambientes cheios de fumo e barulheira nem da gente que os frequentava; terceiro, preferia ficar em casa a ler um livro e ouvir música de que gostasse, a aturar conversas superficiais e idiotas. Deviam era ter falta de trabalho e preocupações, para fazerem essas noitadas: infelizmente na FAMAT era preciso trabalhar a sério, faltando-lhe disposição para paródias daquele tipo - concluiu.

César ficou furioso, mas não sabia o que dizer. Lamentou-se. Não era do género de lamentar-se; via-se com 36 anos, cheio de energia e sentia-se encurralado em casa. Olhou irritado para Elsa, na sua tranquilidade, que apesar de tudo achava bela e enfureceu-se ainda mais, pensando:

- As mulheres castram o homem. Nem todas, claro... O casamento...

E pensou no filho, meio conformado.

Ser livre. César reviu-se nas palavras de Luci, tempos atrás:

- Não me interessa a política nem a democracia. Se alguém começa a pensar na sua liberdade sente-se prisioneiro. Só se é livre quando não se é obrigado a pensar nisso. Numa sociedade feliz ninguém sabe o significado da palavra felicidade.

Seria a liberdade assim? Não pensar no amanhã, na opinião dos outros, não temer nem deuses nem chefes. Uma espécie de liberdade descomplexada, desintelectualizada, não prevista nem pelos militares nem pelos intelectuais oposicionistas ao regime anterior. Uma liberdade que não era teórica nem racional,

mas que fazia as pessoas moverem-se; uma liberdade mensurável, quantificável, formulável em padrões de consumo, em relações de poder, e nas habilidades de cada um para vencer o vizinho.

É verdade que as conversas e as acções dos seus novos amigos não iam ao encontro das preocupações do passado recente. A realidade é que estas passavam a ser esquecidas e portanto dadas como não existentes: seguia-se o princípio de que o que não era útil, não podia ser verdadeiro. Porém, é claro que sentir a contradição e reagir é um problema não de ideologia, mas em primeiro lugar de sensibilidade e de carácter.

A recusa de Elsa tornou César mais desobrigado para aceitar os convites que Luci lhe fazia em nome dos colegas, tanto mais que verificava que as suas relações no serviço não saíam prejudicadas. De facto, escondia dele próprio que em primeiro lugar procurava a presença de Celi, num ambiente mais descontraído. Procurava não ter complexos quando chegava a casa mais tarde; afinal cada um era livre de se divertir como gostava e, quanto a ele, não havia nada para se recriminar. Contudo as relações com Elsa tornavam-se mais distantes e as intimidades mais espaçadas, rotineiras e sem fogo. A casa cansava-o e sentia na frieza de Elsa uma censura.

Estaria disposto a cortar com tudo e ceder a Elsa? Ora, Elsa recusava acompanhá-lo - também não eram assim tantas as vezes! - e ele não insistira. Elsa preferia passear pelo campo, pela praia, por lugares afastados e solitários; para ela o movimento e a animação das pessoas era comparável ao correr de manadas dos mesmos sítios para os mesmos sítios, como se o único objectivo fosse moverem-se. Pelo contrário, César sentia-se mortalmente aborrecido, indisposto com a natureza, desde que não tivesse sido adequadamente transformada pela designada indústria turística. Elsa chamar-lhe-ia destruída.

Eram diferentes, muito bem; quanto a ele tratava-se de cada um assumir essas diferenças e não obrigar o outro a fazer o que não lhe apetecia. Não era Celi casada e não os acompanhava? Não se faziam perguntas e isso seria o mais natural.

Era agradável falar com Celi, no barulho de um bar, obrigando-os a aconchegarem-se, a falarem ao ouvido, forçando-os a uma intimidade especial no meio da promiscuidade geral, cúmplice, alegre e tolerante. Ali, Celi e César eram quase amantes. E sem que ele se apercebesse, à sua volta, os do grupo piscavam os

olhos e faziam votos por aquele caso que consideravam de sua responsabilidade; tacitamente faziam-se apostas acerca de quando seria o passo decisivo.

Chegado a casa Elsa tinha olhares de enfado e um sorriso de distanciamento que roçava o desprezo. César compreendia que era inútil tentar qualquer explicação: achava-se inocente e para Elsa tudo o que ele dissesse eram as mentiras habituais: bastava-lhe o ver o seu ar comprometido, querendo disfarçar a euforia; bastava-lhe o cheiro do tabaco, do whisky, do café; de suor e de perfume feminino.

Imperceptivelmente identificava o cheiro de Celi sem a conhecer.

Elsa começou a verificar que não se tratavam de festas comemorativas de amigos e colegas uma ou duas vezes por ano, mas que começava a haver uma regularidade inquietante, ou melhor, irritante.

Uma noite, folheava Tolstoi e ouvia Beethoven, César ao chegar a casa - passava das 2 horas de uma sexta-feira - aproximou-se para lhe dar um beijo:

- Não me pegues o teu cheiro ordinário - disse.

- Só quero dar-te boa noite. Não posso?

- Não.

- Não te posso dar um beijo?!

- Não, cheiras mal!

- Afinal, que se passa?

- Estás imundo.

- Já é tarde o melhor é irmos descansar e evitar discussões.

- Primeiro vai tomar banho. Não dormes comigo com esse cheiro. As tuas amigas ou não se lavam, ou não sabem usar perfumes adequados, ou então andas em ambientes muito poluídos.

- Amigas? Quais amigas... Se quisesses...

- Olha, vai-te lavar.

Elsa levantou-se, voltou-lhe as costas e saiu para a cozinha, para beber um copo de água.

César ficou sózinho. Estava furo. Não havia nenhum caso com ninguém. Amigos...

Elsa recusou qualquer contacto e no dia seguinte continuou magoando-o com o mesmo ar de tolerância e desprezo. César não se sentia culpado, pois com Celi não havia nada além de amizade e aquelas intimidades próprias de bares e discotecas.

Por isso achava que era fiel a Elsa. Gostava das duas, é facto, desejava Celi, mas a que homem não acontece o mesmo? De qualquer forma nunca lhe passara pela cabeça separar-se da mulher.

Ao fim da tarde propôs a Elsa irem ao cinema; não quis. Discutiram e César saiu sózinho:

- Se não queres vou eu! Preferes assim, não é?

Elsa não respondeu e preparou-se para sair com o filho: ir passear pela areia numa praia próxima de Lisboa. Porém, César, pouco depois regressava. Sentiu-se mal, voltando as costas à mulher e ao filho. Pensando bem, amava Elsa, sentia a sua falta; lamentava que as personalidades de ambos não estivessem mais próximas, mas o amor que houvera entre ambos ficava como uma esperança para o futuro.

Nessa semana, ambos, cuidadosamente, como se caminhassem numa vereda serpenteada de espinheiros, tentaram uma reaproximação, pensando ser necessário reaprender muito acerca da sua convivência. No emprego evitou as recentes amizades - era assim que considerava os subordinados - procurando estar mais próximo de Elsa, responder melhor às suas solicitações e preocupações.

Elsa achava que haveria culpas de parte a parte: tinha-se desleixado um pouco com o marido, aceite a fadiga da rotina com demasiado conformismo fechando-se no seu mundo interior, deixando vazio o espaço de vida comum.

Foi a leitura de conselhos sexológicos numa revista que lhe deu a ideia: uma nova experiência reacenderia a chama do desejo entre eles, quebraria o aborrecimento, torná-los-ia amantes, efectivamente. Sugeriu então a César passarem um fim-de-semana longe de tudo e de todos - do filho também - passeando, esquecendo, amando-se, reencontrando-se.

César, um pouco surpreendido, concordou.

O filho ficaria em casa da avó, partiriam sexta à noite, para uma pequena estalagem. O local era lindo, próximo de Peniche, no cabo Carvoeiro.

- Em Peniche? - estranhou César - Onde foste desencantar isso?

- Uma amiga minha já lá ficou. É maravilhoso. Vê-se o mar, avistam-se as Berlengas... Saíamos sexta à noite.

- Sexta? Tenho aulas...

- À saída. Levamos as malas. Já pensaste como é acordar no sábado, no sossego, ouvindo as gaivotas, os apitos das traineiras.

- Mas escuta, sexta tenho aulas. Não podemos sair no sábado?

- Eu espero por ti no carro. Vamos devagar; à noite não há movimento. Já imaginaste a luz dos faróis no escuro, pelo campo, na estrada deserta. É lindo.

César achou que o melhor era não a contrariar e pôs-se rapidamente de acordo:

- Talvez tenhas razão. Vou ver se combino, na escola, transferir a última aula para outro dia. Ou então tenho de faltar...

- Vês... - rematou Elsa com ar sedutor.

- Oh! Tu não és exigente, mas acabo por fazer sempre o que queres.

- Desta vez vou ser muito exigente - sorriu dando um segundo sentido às palavras.

Na realidade Elsa nunca fora exigente, pelo contrário. A energia sexual de César, fora intensa e assídua, não lhe deixando tempo para os desejos se formarem, amadurecerem e explodirem. A frequência e a constância não lhe tinham permitido apreciar as nuances. Agora, com o relativo afastamento dos últimos tempos, entendia melhor o significado das necessidades sexuais, conjecturando fantasias.

Chegaram a meio da noite à pequena pousada. César cansado deitou-se abraçou-a e fez amor rapidamente. Elsa, gostaria que tivessem mais algum prazer, mas compreendeu que insistir seria violar as próprias leis da natureza.

Enquanto César, pesadamente adormecia, abandonando-se ao sossego dos locais isolados, Elsa, ficou um pouco a olhar o marido com curiosidade e condescendência, como se procurasse naquele abandono a revelação de qualquer segredo que lhe escapasse.

Vestiu um roupão e foi até à varanda, encostando-se à balaustrada de alvenaria, ficando a olhar, compenetrada, o céu escuro, sem luar, as estrelas entre as nuvens que corriam de noroeste, baixas. Ali perto, o farol do cabo Carvoeiro emitia os seus grupos de quatro relâmpagos vermelhos, ao longe faiscavam as sinalizações brancas e verdes dos ilhéus, espalhadas pelo mar as luzes das embarcações eram como estrelas no céu. Ouviam-se os sons de aves nocturnas e de roedores, ruídos indefinidos, estalidos, sussurros, arrastos, pios, murmúrios, tendo como pano de fundo a percussão do mar, confidências da natureza que ela sentia, comovida, arrepiada ante a insondável imponência dos mistérios da noite. Pensava então, quase com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces: "Como a noite é bela, como eu sou um animal da noite, como ela me possuiu e o meu amor se espalha, até aos fundos da escuridão,

até aquelas ilhas misteriosas, indefinidas, suspensas no negrume, até ao infinito do mar, com todos os barcos que o sulcam, levantando cachão, que efémero brilha com as luzes de bordo. Como amo a Natureza, a Terra mãe de todos os seres, eterna mutante nos seus ciclos constantes. Ah! O amor é tão pouco para o que eu desejo, e no entanto não sou capaz de fazer a viagem da vida, sem o ter".

Mais uma vez olhou César qual atlante em repouso de barriga para o ar, respirando forte e pausado. Havia tanta coisa que ela não compreendia, apesar do passar dos anos. Tanta coisa... Deitou-se e com um sorriso como que à socapa pôs a mão no sexo do homem a seu lado, que lasso e mole repousava sobre a perna.

E foi assim que acordou; o sol ainda a despontar, tardio numa manhã encoberta e fresca; o sexo do marido apesar do seu sono, agora mais leve, tinha crescido, estava duro e quente. Voltou-se na cama e tocou-lhe ao de leve com as duas mãos em carícias envolventes e contínuas. César voltou-se, abriu um olho e reconheceu finalmente onde estava. Elsa mantinha-se numa expectativa sorridente. Então ele aproximou-se mais um pouco, procurou o pleno contacto dos corpos e beijou-a ao de leve nos lábios, preparando-se para a possuir.

Elsa não deixou, empurrou-o com as mãos nos ombros, colocando-o novamente de costas e tomou a iniciativa, acariciando, beijando o seu rosto, o seu corpo, indo com a boca até locais secretos onde nunca se tinha aventurado, colocou-se sobre ele, fez ela própria a introdução e comandou o ritmo dos movimentos. Escolheu novas posições, fez durar o acto e por fim, antes de César, teve a verdadeira explosão dos sentidos que a fez dar pequenos gritos. César acabou pouco depois voltando ambos a adormecer.

Quando acordou já ele tinha tomado banho e preparava-se para se arranjar. Sorriu-lhe envergonhada sem saber o que dizer. Arranjaram-se e foram até à vila, dar uma volta, ver montras, o mercado, o jardim, passaram por lojas onde senhoras idosas faziam obras de arte em rendas de bilros, complexas teias de fios e pauzinhos; pela doca de pesca onde pescadores àquela hora descarregavam peixe e voltavam para terra onde as mulheres e filhos os esperavam; observaram a sombra tenebrosa do antigo forte - prisão política - lembrada num museu de resistência ao regime salazarista.

Na zona do porto escolheram um pequeno restaurante de pescadores, antiga taberna, onde à porta grelhavam sargos, robalos grandes de pele cinzenta escura,

postas de garoupa e vulgares carapaus, brancos e gordos; havia também pargos para cozer. Elsa comeu uma tigela de sopa de massa com hortaliça e sargo grelhado, bebendo pequenos goles de vinho tinto servido em jarro de vidro, com gosto forte, acre, mas adocicado, espesso, que sujava o copo, escorria e deixava manchas em rodela estreladas na toalha de papel por cima do plástico.

Depois do café, arrastou César para ir ao farol, estava um vento frio e húmido e a nebulosidade não permitia ver muito longe; passearam até ao Baleal e Elsa correu pela areia sobre as marcas das gaivotas, ria feliz e procurava arrastar César para as suas brincadeiras. Olharam o Oceano, do outro lado da ria; foram até à orla dos pinhais e à tarde voltaram para a vila. Elsa quis ir novamente à doca perdendo-se no bailar cadenciado dos barcos e do seu arvoredado, arrastando César pela muralha até onde as ondas se desfaziam. Então falou, como se recitasse para o que a cercava:

- "Hoje o mar deve estar rijo. A surriada molha os homens nos barcos, as traineiras sobem e descem na crista das ondas desfeitas. A vaga colhe as proas, embate nas amuras, varre o convés e escorre. Nesse momento os homens são deuses na sua glória e tragédia, mas só num momento. Depois tudo volta à terra e ao efémero.

Grande e eterno, implacável e bondoso como um Deus, só o mar. Sábios são os demiurgos que sabem o que fazer para te agradar e te aplacar."

Elsa declamava sobre a ponta da muralha até onde as ondas deixavam:

- "E eu queria ir nos barcos de pesca. Queria amar e proteger os pescadores como uma deusa da antiguidade. Bela, poderosa e sumamente boa."

César olhava-a espantado e ela, cabelo e vestido soprados pelo vento, ria-se de si própria, da sua fantasia, das suas loucuras. Satisfeita.

- Esta rapariga é maluca - disse ele, sinceramente admirado.

Ela beijou-o com força como se tentasse comunicar-lhe toda a vida que se expandia dentro de si.

Devagar, caminhando de mão dada regressaram à procura de um sítio para jantar. Acabaram por ir até um café-restaurant que dava para o jardim onde serviram bife à casa que chegou para os dois, uma vez que não conseguiu obrigar César a comer peixe duas vezes seguidas.

Não era tarde, mas naquela altura do ano a noite chega cedo. No fim da refeição, sozinhos na sala que acabou por ficar deserta, César reconheceu não ter ou não saber o que fazer.

As 9,30 da noite pareciam duas da manhã num bairro periférico de Lisboa. Na pequena pousada – que mais seria uma simples residencial - não havia televisão no quarto, o cinema da terra levava um filme de 5ª categoria. Quanto às ruas já tinha passado no três vezes pelos mesmos sítios.

- Tirando Lisboa o resto é paisagem - relembrava César como todo e qualquer português encandeado pelas luzes da capital. - Ainda não são dez da noite e isto parece um deserto.

Elsa replicou:

- Tudo é deserto. Grandes são os desertos - Fernando Pessoa.

- Olha, essa está com piada - comentou César.

Viram um pouco de televisão num café e regressaram. César deitou-se e Elsa foi mais uma vez respirar o ar puro da noite, escutar a harmonia de sons e luzes perdidos em espaços indistintos, antes de se deitar nos braços do seu homem, de novo tomando a iniciativa, sendo apaixonada, rebelde, activa. César tentava o que lhe era habitual ou o que considerava normal, um pouco surpreso contudo, abandonando-se e colaborando nos prazeres desses jogos. Na suavidade das ondas vindas do inconsciente esqueceu-se até de Elsa e de Peniche e à medida que o clímax se aproximava imagens loucas cavalgavam na sua mente, dispersavam-se pelos seus sentidos, até ao sonho, até de olhos e punhos cerrados, imaginar a contrastante nudez da loira Luci e da morena Celi, que se apoderavam do seu corpo.

Na manhã seguinte, depois de bem desperto, olhando pela janela do quarto, de onde se via o Sol a tentar romper entre faixas de nuvens acinzentadas, o seu problema foi saber o que fazer.

- Não me digas que vou outra vez gramar Peniche.

- Podias ter trazido um livro para ler. Quando se vai de viagem... - respondeu-lhe Elsa debaixo do chuveiro.

César olhou-a com estupor, desorientado.

- Se houvesse barco íamos às Berlengas! - prosseguiu Elsa enquanto se enrolava na toalha.

- Às Berlengas. Vais tu. És doida. Vomitavas pelo caminho.

- Não vomitava nada. E hei-de lá ir no Verão.

- Está bem, mas isso é daqui a meses. Já vi tudo o que havia em Peniche.

Claro que não, argumentou Elsa, havia a Igreja de S. Pedro e a da Misericórdia, mas não valia a pena insistir. Era tudo uma questão de tempo, de querer ou de ser capaz de perder tempo, não de achar o tempo, apreciando as pequenas coisas, sentindo a sua história.

César tinha que se mover rapidamente de um lado para o outro, nada achando que o prendesse mais num sítio que noutra, aborrecendo-se sempre onde quer que estivesse. Viajar era isso mesmo, ir de um lado para o outro. E no entanto era capaz de passar uma tarde sentado numa esplanada ou deitado numa praia atulhada de gente.

Vá-se lá compreender - concluía Elsa que viu recusada a sua proposta de ir a Óbidos visitar o Museu: "Oh! Não! Uma chatice para arrumar o carro".

- Estamos muito aborrecidos consigo. Ah! Não ria! É verdade. Agora nem nos liga, já não fala. Oh! Sr. Capitão, nem tem ido tomar o café connosco.

- Eu?!

- Sim, capitão. Nem se despede. Está zangado? Fizemos-lhe mal. Que pena. E nós que simpatizávamos tanto consigo...

- Está bem Luci, não tem calhado. Tenho andado cheio de trabalho, a correr dum lado para o outro.

- Sim. Está bem, deixe. Não acredito. Já disse: não quer é falar connosco. Não me diga que vai pôr-se um chefe à antiga, como o major Praxedes. Ahh! Só o nome, - Luci fez uma careta cómica e repugnada - Não, o nosso capitão é César, um nome bonito, uma pessoa simpática. Tão simpático, dizia eu à Celi...

- Calma. Não é nada disso que está a pensar. Nem sei bem ao que a Luci se refere. Vocês não pensam senão em divertir-se, mas eu tenho problemas... e às vezes não dá.

Luci fez um ar consternado.

- Problemas? Pois é, toda a gente tem. O que se há-de fazer. Se calhar em casa? Saúde?

César não respondeu. Luci, não insistiu, abandonando o ar de confiança que tinha colocado.

- E nem ao menos se vai despedir de mim e da Celi nos fins-de-semana. Pensa que não ficamos aborrecidas. A Celi até me disse: "Não insistas, ele já não gosta de nós. Conversávamos tanto e agora quase que nos volta as costas." Não está certo. Até parece que não se quer dar com as pessoas.

César escutava com um sorriso comprometido fazendo o possível por evitar tudo o que pudesse complicar aquele imbróglio que na realidade não entendia. Luci puxou uma cadeira para junto da secretária, sentou-se sem pedir licença e, procurando dar um tom de intimidade à conversa, pousou os braços começando a brincar com uma caneta.

- Então, passou-se alguma coisa?

- Claro que não. Gosto muito de estar aqui e trabalhar com vocês. Gosto muito da Luci e da... Celi.

- Damo-nos muito bem, não é? Pena ganharmos pouco... As pessoas nem querem sair de cá. E os que saem vêm cá para nos ver e falar connosco. Já viu como é a nossa camaradagem? É sensacional. Não diga que não se dá bem entre nós.

- Mas eu não digo.

- Mas faz.

- É a vida. Há alturas em que andamos cansados, ou não temos disposição, ou... Não levem a mal.

- Mas anda aborrecido?

- Não. Nada. Enfim, são fases.

- É verdade - respondeu Luci fazendo-se discreta - Tem razão. Se é isso. Então não está zangado connosco.

- Não, nunca estive.

- Que bom.

As mãos de Luci passeavam pela secretária como se desafiassem as de César, sem deixar de o fitar.

- Tenho mais uma coisa a dizer - acrescentou com ar brincalhão, falsamente envergonhado.

- Diga, Luci, diga.

- Não sei se vale a pena.

- Vale. Não vale, porquê?

- É que vamos fazer uma festa e queríamos convidá-lo.

- Se puder, vou...

- Não me diga que vai faltar aos anos da minha menina. Não posso crer. Sim, não percebe. A Celi faz anos. Quer dizer, não é agora, é para a semana, mas nessa altura não pode ser... Então combinamos reunir-nos na quarta-feira em casa do Jaime. Começamos cedo, o acabar é com cada um. Já se sabe há quem não possa ficar até tarde e no outro dia trabalha-se.

César pareceu meditar, olhando-a divertido e concluiu resolutivo:

- Bem, eu não quero faltar. Temos de fazer as pazes, não é?

- Que bom - Vou já dizer-lhe.

- Não diga a ninguém. Não sei se vou.

- Ai, agora dá o dito por não dito.

- Eu só disse que não queria faltar...

- Vai sim senhor, que eu vou pô-lo na lista, e se não aparecer estamos todos contra si!

César tinha procurado, nos últimos tempos, limitar o relacionamento com os subordinados que graças aos animadores do grupo, Luci e Jaime, se tinha tornado numa espécie de intimidade, aliás a única possibilidade que César tinha evitar essa doença que é o tédio.

Sentia-se culpado perante Elsa e por este motivo tentava afastar-se fazendo cessar o quase idílio que estava a manter com Celi. Não tinha havido aborrecimentos, antes pelo contrário, continuava a apreciar a sua presença e a reconhecer que em muitos aspectos os gostos dela estavam mais próximos dos seus que os de Elsa. De facto, em casa as coisas tinham voltado pouco a pouco à situação anterior. Cada um tinha os seus gostos, César não entendia os de Elsa e vice-versa: a convivência de ambos era feita em grande parte de silêncios. Procuravam ser simpáticos um para o outro e evitavam discussões. Além disto havia o filho e o trabalho de cada um que preenchia as vidas respectivas.

Quanto à festa, César, convenciu-se de que não havia razões para não ir. Ainda há duas semanas tinha havido um jantar de professores e levava Elsa. Teria sido melhor para os dois que ela não fosse. No regresso Elsa ridicularizou os seus colegas, as suas ideias preconcebidas, o seu intriguismo, a incapacidade de aprender, as suas vaidades e futilidades de divulgadores de banalidades, a forma mesquinha como utilizavam o pouco poder de que dispunham. O que a incomodou mais foi o bar onde decidiram ir no fim do jantar, como se de um ritual se tratasse: fumo, barulho, espaço reduzido, gente tão enfatuadamente igual e inútil como um bando de pavões sem terem a virtude de serem agradáveis à vista, apesar de se considerarem eles e elas belíssimos exemplares de atracção e força sexual ou intelectual, e o pior era alguns quererem juntar as duas coisas.

César encaixou as críticas como se lhe fossem dirigidas porque aceitava aquele estilo de vida sem o turvar com considerações inoportunas. Insensivelmente, ouvindo as recriminações de Elsa, interrogava-se sobre qual teria sido a reacção de Celi. Esta situação selou uma renovada frieza entre ambos, não abertamente admitida, disfarçada, mas que recolocava o relacionamento de ambos no período anterior à ida a Peniche.

Elsa também se tinha cansado de parecer uma ginasta sexual ou uma profissional do sexo, se estas procedessem como tal. Compreendera que não seria por esta via que o interesse mútuo se renovava. Sentia-se ridícula querendo exhibir forças ou desejos que não tinha, perante um César que não lhe agradecia íntima e profundamente, o que era afinal uma dádiva maior de si própria. Concluía que a identidade entre as pessoas só se estabelece no plano da uma cultura comum.

Alguns dias antes da festa de anos de Celi, na realidade antecipada para aproveitar uma ida do marido em serviço, para qualquer parte, Luci tornou a insistir com César. Era um dia especial, comemoravam-se os anos de Celi:

- Faz 29 anos e está cada vez mais linda - ria-se.

Em casa, César disse a Elsa, com ar displicente:

- Quarta-feira faz anos um tipo amigo. O Jaime, da repartição. Depois das aulas passo lá por casa dele. Tu não queres vir, pois não?

- Não. Não estou interessada nos teus amigos. Provavelmente terei de arranjar os meus, também...

E a conversa ficou por aqui.

Na quarta-feira, César, deu as duas primeiras aulas, para as quais tinha marcado testes e correu para casa do Jaime. Quando chegou, a festa tinha começado a animar-se.

Celi dançava com um desconhecido na enorme sala comum do apartamento, obscurecida com luz negra e um pequeno candeeiro de canto.

Na sala ou na cozinha, pares dançavam, conversavam de copo na mão, comiam, riam-se ou, agarrados, beijavam-se. César ficou parado na entrada da sala olhando Celi, com o pequeno embrulho da prenda na mão.

Celi acenou-lhe, sorriu-lhe, mas foi Luci que a trouxe. Beijaram-se nas faces:

- Mais uma vez parabéns, Celi - disse César profundamente, agarrando-a pela cintura e beijando-a nas faces - Toma, é para ti.

Celi abriu o embrulho. Era um palhaço de vidro colorido.

- É vidro italiano - declarou logo Luci, conhecedora.

- Tão bonito. O palhacinho... Olha Luci, olha o meu palhacinho... está triste.

- Os que divertem os outros não são necessariamente alegres - disse César.

- O quê? O que é que estão a dizer? - interveio Luci - Não se ponham hoje com essas chachadas. Toca a divertir. Que lindo palhacinho, Celi, hás-de pôr na tua secretária lá no emprego.

Celi deu o braço a César e levou-o a comer qualquer coisa.

Havia gente do serviço e vários desconhecidos, alguns apenas vagamente conhecidos de Celi, como ela lhe explicou:

- São os amigos dos amigos... Quem organiza tudo é a Luci e o Jaime.

Celi estava radiante e radiosa com um vestido amarelo até aos pés, com um decote profundo que despertava a curiosidade pelos seus pequenos seios.

Apresentou-o aos tais amigos dos amigos que encontrava e depois foram dançar. Olhavam-se nos olhos, bebiam pelo mesmo copo, comiam dos mesmos bolos e voltavam a dançar, de corpos colados em danças lentas, a boca de César percorrendo o seu pescoço, o seu ouvido, a sua face até juntarem os lábios. No entanto César não tinha coragem de dizer a palavra que o queimava por dentro:

- Como te desejo, Celi!

Jaime apareceu mascarado de índio da Amazónia, semi-nu, dançando e cantando em "play-back" com um disco brasileiro, requebrando o corpo, compondo as expressões do rosto, revolteando no círculo formado pelos assistentes, como se os

fosse agarrar e levar com ele, mas sem nunca lhes tocar. Foi Luci quem acabou por acompanhá-lo, incapaz de ficar quieta. Começaram então a ouvir-se, ritmados, pedidos de:

- Luci! Luci!

Ela continuou indiferente, satisfeita.

No fim do disco desapareceu arrastando o Jaime:

- Já venho. Esperem-me.

Pouco depois apagaram-se as luzes e começou a ouvir-se um disco antigo, certamente dos seus tempos de adolescente. Não se sabia se era alegre ou triste, talvez porque sincopada e angustiadamente a canção perguntava: "Oh! Little darling, where are you my love?"

Quando as luzes reduzidas se voltaram a acender, Luci estava no centro e, descalça, dançava nas pontas dos pés. Ao ritmo da música foi tirando e atirando aos assistentes a blusa, as calças justas de seda azul escura, os colants. Foi César quem lhe desapertou o "soutien", quando ela se colocou de costas para ele, depois de Celi lhe ter dado uma cotovelada para o decidir. Luci cativou a admiração e entusiasmo de todos com a beleza dos seus seios grandes, de uma brancura rósea, como mármore, uma pequena auréola escura, invulgarmente pequena para a sua idade; o seu belo corpo resplandecia revolteando na escuridão, depois o disco acabou e ela saiu da sala escondendo o peito com as mãos, entre palmas, risos e bravos.

Todos achavam que Luci fazia a sua felicidade com a alegria dos outros. Nem que fosse exibindo-se pelo prazer de contrariar a monotonia. As outras mulheres e jovens não a acompanharam, porém, no seu desafio e voltou-se ao normal da festa, perturbado e desinibido pelo Jaime e pela Luci.

Ao chegar a casa, tarde, César encontrou Elsa acordada a ler um pequeno livro. Não estava, pois, disposta a irritar-se e a ter discussões. Aliás para quê, ele tresandava a fumo, a whisky, a suor e perfume de mulher. Para ela, tinha apenas um nome: hipócrita. Mas preferia nem lhe falar. Levantou-se e foi para a sala acabar de ler o livro apesar dos protestos e pedidos de César.

- Chegas a esta hora e ainda estás com medo que eu fuja - ironizou Elsa.

- Foi apenas uma festa com o pessoal lá da repartição. Não podia faltar... - procurava desculpar-se César.

A semana passou-se numa frieza hostil que Elsa quebrava com fugazes tempestades a propósito de qualquer ninharia em que aproveitava para deixar escapar a raiva que sentia por César. No fundo estava insegura e desiludida. Esforçara-se por reconquistá-lo, parecera-lhe possível uma vida em novos moldes e por fim voltava-se ao mesmo. Não era apenas o facto dele chegar tarde, era sentir a presença de outras mulheres que ela desconhecia, mas de quem era obrigada a respirar os odores.

César achava que Elsa não se podia aturar e desejava a segunda-feira como quem vislumbra um oásis. Foram juntos às compras e no domingo à tarde dar uma volta com o miúdo, mas Elsa recusou uma tentativa de reconciliação. Estava demasiado confusa para tal. Pior, não sabia se de facto gostava de César. O que mais a revoltava era ter-se revelado, foi ter-se dado tanto naquelas noites em Peniche.

A sucessão dos dias de trabalho veio como uma lufada de vento norte aliviar a canícula e ajudar ao esquecimento dos problemas caseiros. César procurava a companhia de Celi, apreciava a sua alegria não muito exuberante, mas positiva e directa, que ajudava a recompor o seu ego. Parecia-lhe, às vezes, que ela adivinhava os seus pensamentos; a sua presença tornava-se quase que indispensável.

Celi? Porque não Celi? - perguntava-se. Eram já um par fixo que não valia a pena esconder dos colegas do serviço ou dos conhecidos dos cafés e restaurantes habituais, mas não tinham apesar de tudo, dado nenhum passo decisivo. Porquê?

Uma tarde César chamou Luci.

- Luci gostava de lhe falar num problema. Preciso da sua ajuda.

- Sou toda ouvidos - disse sorridente.

- É sobre a Celi. Nós...

- Vocês...

- Nós... A Luci sabe o que sinto por ela, sabe o que ela sente por mim. Acho que não podemos mais continuar assim nem cá nem lá, não assumirmos que gostamos, que precisamos da companhia um do outro. Eu digo isto porque penso que se passa o mesmo com ela.

- Talvez. O sr. capitão...

- Oh, Luci, agora trate-me por César, como amigos. Luci preciso de ti, da tua amizade - agarrou-lhe nas mãos - Luci achas que a Celi?

- Eu não tenho nada que achar. O César já falou com ela?

- Não é isso. Quero dizer, não é bem isso. Precisamos de estar a sós.

- Já percebi.

- Mas se não for num sítio onde ela sinta confiança, está tudo estragado. Até se pode ofender.

- Ai, vocês só me arranjam problemas - reflectiu Luci, fazendo um trejeito com os lábios - A Celi tem um marido que é um nojo. Ela é um amor, por isso a ajudo, porque ela merece e porque o capitão é dos nossos. Mas pense bem César, eu não vou permitir que a faça sofrer ou se divirta à custa da minha menina.

César fez um ar submisso.

- São todas minhas meninas, mas a Celi é a primeira, seu maroto - acrescentou Luci rindo-se e afastando um pouco os braços.

Passado algum tempo Celi e César aproveitaram a hora do almoço para ficarem sós na casa de Luci que lhes emprestou a chave, com muitas recomendações a César sobre o risco que ela própria corria.

Sentiu então melhor o ardor dos beijos de Celi. O seu corpo moreno realçado pela roupa interior de um vermelho claro, vivo, como fogo sobre a pele. Confirmou a graciosidade do seu corpo flexível, as pernas cheias e bem torneadas, os seios que cabiam na mão. Mas era o seu rosto, não de uma beleza de espantar, mas com uma sensualidade cheia de alegria e desprendimento, que mais o atraía.

Comeram pastéis e empadas, beberam de uma garrafa de espumante, que tinham levado, amaram-se, conheceram-se e regressaram ao serviço, separando-se numa rua próxima.

César sentiu-se reviver; reconciliado com a vida e consigo próprio, apto a ser activo, a trabalhar e lutar. Claro que havia Elsa e o filho. Mas ninguém pensava em separar-se. Nem Celi lhe tinha exigido nada.

- Na nossa época o drama está ultrapassado - pensava - Quanto a Elsa há-de passar-lhe a mosca. E se eu a levasse ao S. Carlos? - lembrou-se.

Luci bateu e entrou no gabinete interrompendo-lhe os pensamentos. Estava tão contente que se levantou abraçou-a e beijou-a nas faces:

- Correu tudo bem Luci. Se não fosses tu... És uma rapariga maravilhosa. Se eu não te tivesse conhecido, Luci...

V

- Qual é a sua flor preferida?

- O girassol.

- E porquê? - continuou Tomás.

- Porque sim - respondeu Elsa.

- Mas qual é o significado do girassol? Todas as flores têm um significado não é?

- Se quisermos. Para mim têm os significados que cada um quiser dar, aquele que sentir. Eu gosto do girassol. O engenheiro não gosta?

- Francamente, nunca pensei muito nisso. Gosto de flores em geral. Sim, também gosto de girassóis.

- O girassol é belo, é forte, é expressivo. E já que quer saber, tem vários significados. Para mim significa admiração. Adoração. O girassol é grande, imponente e humilde perante o Sol, perante a fonte da Vida, perante a origem da natureza. Por isso o girassol é a flor minha preferida.

Tomás escutava-a com um sorriso atento convidando-a a falar. Elsa continuou com uma certa animação na voz.

- O girassol tem qualquer coisa de especial: cortado, apanhado do campo, perde o seu grito de alegria, de glória. Não fica bem posto numa jarra, é algo de estranho, de cruel, de desajustado, ali, encerrado numa sala. Onde está o Sol que o faz mover, o ar livre no qual se baloiça? Uma flor que era toda ela riso, brilho, alegria, parece escura, maléfica, espinhosa. Afinal assemelha-se ao espírito humano... Aliás o girassol também pode significar volubilidade.

Tomás fitava-a como se procurasse respirar o perfume especial da sua presença e das suas palavras, incapaz de lhe dizer como gostava de a ouvir, como ela o fazia esquecer, repousar de tantas interrogações, de tantas crises e diferendos da sua vida.

- Às vezes, Elsa, penso que está tão longe do que a rodeia. Você é uma pessoa diferente, as pessoas não a conhecem. Gosta tanto de ler, de pensar...

- Já me disseram que eu não era inteligente, mas sabia pensar - disse com ar modesto e brincalhão - Do que eu gosto mesmo é de viver. "E eu que amava tanto a vida. A vida..." lembra-se de Cavaradocci na Tosca, de Puccini?

- Sim, lembro-me.

- Viver para mim é amar o que é belo.

- Mesmo o que é triste ou nostálgico?

- Se apenas se apreciar o riso fácil não se vive mais, foge-se da vida.

Tomás e Elsa ficaram a olhar-se sem quebrar o silêncio. Lá fora a noite caía. Tomás gostaria de dizer-lhe que também ele gostava do Sol, das flores, da areia das praias, da brisa da tarde que vem do mar, mas ficou pensativo; afinal, poderia parecer oportunismo, além de que não teria a convicção devida, a sua cabeça estava cheia de preocupações.

Na empresa o horário normal terminara e quase todos tinham já regressado a casa. Tomás ficara a corrigir um trabalho com Elsa enquanto o Dr. Neves e o Major Guedes tinham ido para o ministério tentar resolver os problemas habituais: falta de dinheiro em caixa, encargos financeiros, incerteza quanto às encomendas no futuro.

É certo que a situação já fora mais desfavorável: tinham-se pago dívidas, feito alguns investimentos, melhorado a carteira de encomendas inclusivamente com alguma exportação, aumentado os ordenados e introduzidas mais regalias sociais. Porém, a empresa estava (continuava) descapitalizada, necessitava de empréstimos para financiar a produção, continuavam as indefinições e havia ameaças quanto ao futuro, tendo em conta as declarações contraditórias de sectores próximos do poder.

Contudo, Tomás e os outros membros da equipa directiva tinham posto a FAMAT a funcionar. Só precisavam de resolver o problema financeiro e de garantir uma cota de mercado em condições que os protegessem como indústria nacional, tal como os Britos tinham tido.

Duarte, o responsável pelo desenho, espreitou pela parte superior da porta envidraçada e abriu-a:

- Boa tarde, eng. Tomás. Boa tarde, Elsa. Então, ainda aqui...

- Estamos à espera do Major e do doutor que foram ao ministério - respondeu Tomás.

- Esperemos que tragam boas notícias.

- Esperemos que sim. Que diabo depois de tudo o que fizemos também precisamos de algum apoio.

- Temos que ser optimistas, não é verdade? Bom, vou andando. A Elsa vem? Eu levo-a.

- Não. Eu fico mais um pouco.

- Então até amanhã.

- Até amanhã, Duarte - disse Tomás, não lhe escapando a leve perturbação que Elsa procurou disfarçar.

Havia então alguém? Nunca notara nada; aliás Elsa era uma pessoa apagada, frágil, pelo menos aparentemente; lembrava-se agora de a ver frequentemente com o Duarte. Curioso. No momento em que se sentia tão perto dela, tão tranquilo com a sua presença, encontrava como que um grão de ciúme pela amizade entre Elsa e outro!

- Então o seu marido?

- Lá está. Está bem, penso.

- Hoje não vem buscá-la.

- Não. Ele trabalha até tarde e eu vou para casa da minha mãe, onde está o menino. O César passa por lá quando vier das aulas. E a sua mulher?

- Também dá aulas.

- E gosta?

- Acho que sim. Como também não deve estar em casa... - respondeu laconicamente Tomás fazendo um sorriso que Elsa interpretou como se ele dissesse: Que se há-de fazer.

Tomás deixou de a olhar com receio de deixar transparecer o que sentia, mas era Elsa que continuava a ver. Mexia nos papeis à sua frente, lia mais um parágrafo do trabalho que estava a corrigir e era para ela que voltava a olhar encontrando de novo a expressão tranquila do seu rosto, que lhe parecia tão distante do que o agitava.

Elsa não era bonita, mas tinha um certo ar, tão simples e tranquilo que se tornava misterioso. Um ar sempre sorridente e atento, um certo espanto ingénuo pela vida. Seria pelos lábios finos na boca um pouco rasgada? Seria pelos olhos azuis bem abertos, no rosto oval e pálido? Quando olhava havia uma suavidade, uma ternura, na qual se descobria uma sedução inesperada, tal como no seu corpo magro, que o andar ágil tornava insinuante.

Nunca fora uma menina bonita apesar dos cabelos alourados e dos olhos claros, nem uma adolescente bela, nem sequer tivera as últimas modas que apreciava em algumas colegas ou se limitava a ver nas montras. Era de uma classe média baixa, vestira-se sempre de forma simples e somente o seu ar gritava a capacidade de amar e os desejos de sonho e ternura que a possuíam. Gostava de toda a gente porque queria que todos gostassem dela, sem maldade, sem vulgaridade, mas unicamente porque ficava apaixonada pelos mistérios da vida.

Tomás levanta os olhos e, de novo, repara em Elsa. No seu cabelo escorrido apanhado atrás como um rabo-de-cavalo. Às vezes vinha com o cabelo enrolado emoldurando o rosto, mas ele gostava mais, assim, como estava. Tomás repara nas suas pernas roliças, e no tronco magro com pequenos seios disfarçados na blusa folgada. Como seria Elsa? Ela olhava-o com o seu sorriso, amigável.

Tomás irritou-se consigo próprio pensando ter-se desmascarado perscrutando o seu corpo.

- Está a fazer-se tarde - disse Elsa para quebrar o silêncio.

- Um pouco, sim. Devem estar a chegar. Amanhã é preciso acabar de fazer as emendas e alterações neste trabalho. Está bem?

- Claro, eu trato disso! Já está marcado na cópia?

- Quase tudo... Olhe são eles, não ouve lá em baixo.

- Sim, ouço. É a porta da rua.

Levantaram-se e foram até ao corredor: o major e o economista subiam a escada.

- Então?

- Ora... Conversa.

- Nada?

- Nada. São umas enguias estes tipos. Os gajos estão feitos com o patronato.

- Aqui o Neves exagera - dizia o major.

- Bom, venham cá para dentro conversar.

- Não há nada que se beba? Estou farto. Elsa, arranja aí café e água mineral, para a gente, sim?

- Eu vou arranjar.

- És um anjo Elsa.

Foram para a sala de reuniões, Elsa trouxe os cafés e sentou-se um pouco à parte, também com um café à frente.

- Aquilo é tudo conversa fiada - insistia o Neves.

- Não sejas sectário - dizia o Tomás acalmando-o.

- Está bem. Olha, o major que conte.

- Então?

- Bom, em primeiro lugar não fomos recebidos pelo ministro. Tinha compromissos.

- Mas estava combinado e confirmado.

- Pois sim, estão a ver. E eu é que sou sectário. Olhem o trabalho que eu tive para acalmar o pessoal da Comissão de Trabalhadores.

- Fomos recebidos pelo chefe de gabinete - prosseguiu o major - Ouviu-nos, tomou notas e prometeu fazer um relatório para o ministro e discutir o assunto pessoalmente com ele. Seguidamente seria convocada nova reunião já com o homem mais dentro dos assuntos.

O economista interrompeu-o:

- Se não está dentro dos assuntos é porque não quer. Isto é simples e está farto de ser explicado: é necessário aumentar o capital da empresa e obter um financiamento a longo prazo com juro bonificado. Que diabo, o crédito é para investimento e para a produção, não é para pagar salários sem se fazer nada. O ministro só precisa passar um aval. Há mercado, sabemos produzir, temos projectos de desenvolvimento. A empresa é do Estado, os bancos são do Estado, grande parte do mercado é do Estado. Não percebo porque andamos a perder tempo no ministério. Isto parece-me evidente.

- Evidente dentro de uma certa lógica. A tua, a do socialismo. Se a lógica for outra não é nada evidente, pelo contrário - respondeu o major.

- Mas não se dizem socialistas e não está na Constituição o socialismo como meta?

- Então o que se deve fazer? - perguntou o Tomás.

Excitado o economista prosseguiu:

- Sei lá! Olha, o que parece é que não se preocupam nada em reduzir as importações e só estão interessados em arranjar crédito e subsídios para empresas privadas que nem sequer estão à altura da nossa para responder ao mercado.

O engenheiro encolheu os ombros. Não valia a pena discutir. Estavam nervosos e cansados.

- Podia-se ir ao Conselho da Revolução entregar o dossier que preparamos. Incluía-se também o relatório técnico que fica pronto amanhã.

- Estou de acordo - disse o major dirigindo-se ao engenheiro - Já falei a alguns camaradas meus de forma não oficial. É claro que não querem atritos com o governo. Problemas já eles têm.

- E na Presidência da República.

- Sim, sim. É possível lá ir a também a Comissão de Trabalhadores.

- O Neves podia falar na banca. Tem lá amigos, gente de confiança.

- Ora. Ora. A malta de confiança que podia decidir alguma coisa já foi corrida ou está na prateleira.

- Bem, isto já é tarde. Não adiantamos mais nada hoje e a Elsa também se quer ir embora, não é? Amanhã prosseguimos - disse o major.

- Prosseguimos sim. Só há um caminho é ir em frente. Aqueles sacanas têm de nos dar apoio. Somos um sector estratégico para a indústria nacional - insistiu o Neves. - E tu, Tomás, metes-te no avião e vais a Inglaterra, quanto mais depressa melhor. Temos de avançar com o novo projecto.

- Vamos embora. Amanhã também é dia.

Foram saindo. Elsa apanhou-os no átrio do rés-do-chão.

- Quer que a leve? - ofereceu-se Tomás.

- Não, não é preciso obrigado. Apanho ali o autocarro.

- Deixe-se disso. Vai para casa da sua mãe, não é? Então fica-me em caminho.

Eu levo-a. - decidiu o major.

A preparação do novo projecto e a proposta de fabrico dos veículos pesados obrigavam Tomás a um trabalho intenso. Era necessário fazer estudos, rever detalhes técnicos, preparar especificações e orçamentos.

É certo que contava com a experiência dos operários e encarregados das oficinas para resolver muitos problemas e questões de ordem prática que surgiam. Porém, o pessoal de escritório, mesmo técnico, tinha pouca experiência desta forma de trabalho, com base num projecto, em que era necessário efectuar planeamento e cálculos. Estavam habituados a orçamentar apenas o rame-rame: com coisas novas ficavam meio perdidos, incapazes de raciocinar mesmo por analogia com trabalhos idênticos. Faltavam-lhes precisamente os conhecimentos para estabelecer essas analogias. Tomás nada dizia aos colegas para não os desanimar, mostrava-se confiante e arcava com quase todas as tarefas. Quando chegava a casa era tarde, vinha cansado, preocupado e antes que se dissipasse a influência do trabalho na sua mente, não era capaz de pensar nem de conversar. Sentava-se distraído a ver televisão, a ler o jornal ou deitava-se um pouco.

O ambiente em casa deteriorava-se. Sara sentia-se passada para segundo ou para terceiro plano, sentia-se desprezada, ignorada, e implicava com Tomás, como forma de impor a sua presença, de se afirmar, acusando-o de não ligar ao filho, à casa, a ela própria.

Atravessavam-se por vezes períodos de discussões violentas, desesperadas, seguidas de silêncios, de ressentimento e de desgosto, no fundo, de estupefacção.

Tomás não entendia o que se passava!

- Porquê isto?! Porquê? - perguntava-se ao mesmo tempo que sentia sobre si a responsabilidade de centenas de postos de trabalho. Seria possível que a sua própria casa fosse o único sítio onde o seu trabalho não era apreciado, onde não lhe reconheciam valor.

De noite não dormia. Ou dormia mal. Pensou em cortar com o café e o tabaco, mas pareceu-lhe que ainda ficava pior. Na FAMAT o entusiasmo pelo seu projecto acabava por fazê-lo esquecer os conflitos com Sara, entregando-se cada vez mais a preparar o trabalho para apresentar nas reuniões com os licenciadores ingleses.

Na véspera da partida, Elsa foi ao gabinete de Tomás levar a pasta do correio para assinar e as últimas correcções de um documento.

- Penso que está tudo pronto.

- Amanhã parto para Inglaterra, lembra-se?

- Quem me dera ir consigo!

Tomás olha-a surpreendido:

- Venha, porque não? - disse Tomás com arrebatamento, como se tomasse a frase à letra.

No dia seguinte, de manhã, Tomás foi ao escritório buscar os dossiers e procurou-a. Elsa estava sentada na sua pequena secretária a fazer um telefonema. Pela porta entreaberta Tomás sorri-lhe:

- Então, trouxe a mala?

Ela desliga o telefone.

- A mala?

- Sim, não vem comigo?

- Eu estava a brincar - diz Elsa admirada por Tomás a levar a sério.

- Eu sei... Também, viagens de trabalho.

- Pois é. Mas sempre se foge da rotina, deste ambiente...

- São cansativas.

- Não me diga que não tira uns bocados para passear, para ver coisas novas.

Sobretudo para estar só.

- Ora, estar só... Eu preferia que viesse comigo. Aproveitávamos para conversar sobre assuntos que ficaram em suspenso.

- Falamos noutra altura.

- Está combinado.

- Eu vou ficar a pensar na viagem. É como se fosse. Depois conta-me tudo. Está bem?

Riem-se os dois e naquele sorriso quase triste de Elsa como que envergonhado, os seus olhos iluminam a face que não consegue esconder algum desgosto que lhe atormenta o espírito.

- Então adeus.

- Adeus.

E foi este, entre ambos, o primeiro sonho comum e exclusivo.

No regresso Tomás trouxe-lhe uma lembrança.

Um pequeno cesto em porcelana com flores. Elsa olha-o de olhos brilhantes. Está triste. As lágrimas surgem. Tomás baixa a cabeça para não a ver a chorar.

- Obrigado. É tão bonito. Desculpe-me de ficar assim... comovida. Tenho andado tão nervosa nestes dias.

- Sim? O que se passa?

- Problemas. Problemas meus.

- Posso ajudar?

- Não. Ninguém pode. Há coisas que temos de ser nós a resolver. Não tem importância. Olhe, já estou mais bem disposta graças ao seu cestinho com flores. Vou pôr na minha secretária.

- Ainda bem que gostou. Não sabia...

- Gosto sempre de flores. Lembram-me os espaços abertos e livres. Às vezes falta-me a respiração. Custa-me... Olhe vamos almoçar hoje? Quer?

- Queria, mas não posso. Tenho uma reunião. Amanhã. Fica combinado, está bem?

- Sim.

No dia seguinte Elsa não pode ou não quer. Depois é Tomás que não pode. Elsa aceita, mas vai adiando. Por fim Tomás desiste, fita-a de forma penetrante e diz-lhe procurando sorrir:

- Quando quiser... Agora sou eu que fico à espera que me convide.

Durante o dia Tomás vê Elsa a falar com o Duarte. Seria por razões de serviço?

Pela primeira vez experimenta um sentimento desconhecido, raiva, desejo, inveja, ânsia, desgosto, ternura. Seria isso o ciúme? Mas então se sentia ciúmes, é porque tinha amor e desespero. Seria mesmo?

Contudo à tarde, Elsa veio ao seu gabinete para ficarem a conversar, sem qualquer motivo especial. Tomás sente-se satisfeito, confiante, tranquilo; fala-lhe dos seus projectos, do futuro, do saneamento financeiro da empresa, do que seria possível. Agora, a produtividade aumenta e o ambiente de trabalho com os operários é melhor.

- Eu sempre me dei bem com os operários - explica Tomás - É verdade que aquelas erupções esquerdistas perturbavam o funcionamento da fábrica. Para eles eu era um burguês. Tão explorador como o Brito. Felizmente que isso praticamente acabou e a maior parte está arrependida.

- Sim, mas há outros a tentar seduzi-los.

- São os cantos de sereia da social-democracia. Promessas, só promessas, para que a classe operária abandone a luta. Sabe o que iria acontecer depois?

- Vinha aí outra vez o Brito e os despedimentos...

- Não só. Perseguições, saneamentos políticos, despedimentos selectivos. Tentativas de reduzir ou eliminar os direitos dos trabalhadores. E mais, desinteresse pela actividade produtiva. Não creio que estejam interessados em investir na fábrica.

- Então, e o seu projecto?

- Iria por água abaixo. Dava-lhes mais lucro importar tudo feito e não teriam problemas com os trabalhadores.

Tomás está cansado, mas sente-se feliz por conversar com Elsa, por desabafar, como não pode fazer nem casa nem junto dos outros gestores para não ser acusado de derrotismo. Ela ouve-o atenta, com um sorriso de admiração, no fim diz-lhe:

- Já é tarde e tenho fome.

- Também eu. Mas não me apetece ir para casa. Queria ficar aqui a falar consigo. A Elsa é a única pessoa que me atura. Você é maravilhosa. Tão calma.

- Eu?! Não diga isso. Eu sou uma pessoa aborrecida. Nem sou nada divertida. Sempre com os meus problemas. E quanto a calma. Bem se vê que nunca me viu irritada.

- Eu gosto de ouvi-la falar sobre a vida, sobre todas as coisas. Gosto de a ouvir sonhar.

- Sonhar. Quem tem tempo... e espaço para sonhar? Sonhar? Eu diria antes fugir. Sonha-se como os escravos: imaginando-nos sem correntes.

- Porque é assim, triste?

- Mas eu não sou triste. Sou até bastante alegre.

- Mas é como que amarga.

- É o que a vida faz de nós.

- Posso ajudar?

- Não. Ninguém me pode ajudar. Eu é que tenho que resolver os meus problemas. Oh! Já é tarde. Vamos, sim? - disse Elsa com um sorriso.

Tomás acompanhou-a até à paragem do autocarro que passava perto da casa da mãe, a sua antiga casa de Campolide não aceitando que ele a levasse.

- Não quero, também se faz tarde para si e a sua mulher deve estar à espera.

- Como queira. Então e o César?

- Não pode vir, tem uma reunião.

- O que se há-de fazer...

- O que se há-de fazer. Sim. Resta-nos o emprego, os amigos, os camaradas...

- E sonhar... para fugir de tudo e de todos - riu Elsa.

- Ainda tem o seu filho...

Elsa suspirou sorrindo:

- E você também, só que eu, como sou mulher, tenho que me sentir compensada de tudo com o filho para cuidar. Não posso fugir, não é? Nem dizer que é um fardo, como os homens fazem.

Tomás, espantado, abriu a boca sem nada dizer.

A aproximação do autocarro interrompeu-os:

- Até amanhã.

- Amanhã falamos mais - diz Tomás.

- Sim. lá estaremos: O emprego, os amigos, os camaradas. Não é o que nos vale?

Tomás ficou a vê-la desaparecer na porta do autocarro, depois a sua figura por detrás dos vidros a caminhar pelo corredor e por fim quando ele já se afastava a voltar-se e a acenar-lhe.

Cerrou os lábios. Aquele adeus tocara-lhe como uma farpa. Doía-lhe, pesava-lhe. Como a impotência, como a solidão. Não lhe apetecia ir para casa, deixar para trás o emprego, os amigos, os camaradas... e Elsa.

Não eram camaradas, pelo menos no sentido de pertencerem a um partido. Ela porque não tinha tempo nem vocação para a militância política, ele porque, antes, tinha considerado parecer oportunismo e nas condições actuais, dada a sua posição na empresa, seria preferível não o fazer.

O governo caía. Na FAMAT, como um pouco por todo o lado, as pessoas perguntavam-se o que iria acontecer. Tomás, o major e o economista, procuravam acreditar que seria possível uma política de esquerda. Não havia no parlamento uma clara maioria nesse sentido? Não era essa a vontade do povo, repetidamente expressa? De facto tinham a certeza que uma política de direita significaria a curto

prazo, mais dificuldades para a empresa, a inviabilização ou a entrega ao antigo patrão, despedimentos.

Entretanto, as conversações na Inglaterra não tinham sido animadoras nem dado resultados concretos. Em reuniões anteriores, perante a perspectiva de uma economia coordenada pelo Estado e uma política de defesa da produção nacional, os ingleses aceitavam transferir tecnologia e que se produzissem componentes para não perderem o mercado nacional. Agora, pelo contrário, quando era proclamada fidelidade ao sistema económico dos designados "países amigos" e a redução de barreiras alfandegárias, aumentavam as exigências, nomeadamente financeiras, e o interesse em produzir no país peças e componentes era muito menor, para não dizer nulo.

A situação na FAMAT não podia ser, pois, mais incerta.

Tomás passa o tempo na empresa e em reuniões. Propõe, discute, organiza. Fala com os encarregados, com fornecedores, com clientes, vai ao Ministério. Não lhe falta o entusiasmo nem as esperanças que, apesar das dúvidas, se comunicam de uns para outros. Quanto às oportunidades de falar com Elsa não são muitas. Parece-lhe esquiva. Sente-se irritado quando a vê falar com os colegas e espia as suas relações com Duarte. Não chega a conclusões. Parecem amigos, são bastante afáveis e delicados um com o outro, aliás como é o feitio, do tipo muito gentil, do Duarte, mas não os vê particularmente juntos.

Chega a casa cansado. Fatigado por dentro e por fora. Há uma solução de continuidade entre a vida da rua e a de casa. Por vezes tudo lhe parece alheio, a mulher, o filho, ele próprio um estranho e o ambiente deteriora-se.

Sara discute por se sentir ignorada, por não saber qual é a sua posição na vida de Tomás, entre o emprego, os amigos, os camaradas...as amigas, as camaradas. Não é ser a primeira que lhe interessa, é ser a única. Por isso, impõe os seus direitos, a sua exclusividade. Se Tomás chega tarde a casa e cansado então Sara quer sair, ir passear para um centro comercial, meter-se no carro e ir ver montras, sentar-se no café, jantarem num restaurante. "Se tens tempo para o teu emprego e para as tuas amizades, também há-de ter para a tua mulher e o teu filho" - diz-lhe Sara.

Mas não é só uma questão de tempo e de disposição física, é também de disponibilidade material e mental. Noutros tempos, Tomás podia-se dar ao luxo de fazer um horário; mesmo que trabalhasse com horário livre e normalmente horas a mais, podia chegar mais tarde no dia seguinte. A fábrica não ia parar por isso. Agora

tem a sensação que precisa ser o primeiro, que se não estiver a produção pára, o serviço atrasa-se, os erros cometem-se e ninguém corrige, as decisões não são tomadas.

As indefinições, o excesso de responsabilidades que toma sobre os seus ombros incompatibilizam-no, tornam-no hostil a outros compromissos. Talvez precisasse apenas de calma, de se sentir confiante e seguro. Mas não. Há ainda outro problema, que o compromete aos olhos da mulher, que o fragiliza. O nível de vida diminui a olhos vistos. Começa a sentir-se a falta de dinheiro, não propriamente necessidades, mas a ter de reduzir o padrão de vida que, embora médio, levavam.

O último aumento fora em 74 ainda no tempo do Brito. Em 75 não houve problemas, aliás Sara tivera razoável aumento de vencimento, mas a partir de 76 começara a escalada da inflação, as medidas de austeridade, os pacotes do FMI e o endividamento do Estado, a diminuição do poder de compra. Cada medida era apresentada como sendo a condição "sine qua non" para o milagre económico... No fundo tratava-se apenas de transferir a riqueza de uns para outros. Não há capitalismo sem capitalistas e, os verdadeiramente dignos deste epíteto, não arriscam o seu dinheiro. Daí que, para haver capitalistas, para motivar empresários, modernos e dinâmicos que os governos reclamavam como artigo de primeira necessidade, era preciso alterar a repartição do rendimento nacional para os níveis anteriores à revolução.

Democraticamente, uma habilidosa propaganda convenceu cada um que os outros - trabalhadores - trabalhavam pouco e ganhavam muito. Quem parecia ter razão, no final, era Vilfredo Pareto, que afirmara:

"A desigualdade de repartição de rendimentos parece portanto depender muito mais da própria natureza dos homens do que da organização económica da sociedade".

Pareto, que apoiou no seu início a Ordem Nova do Mussolini, é acusado de ser um pessimista, mas talvez no estilo que o marxista Gramsci apontava: "a lucidez do pessimismo contra a estupidez dos optimistas".

Com o correr dos tempos Tomás e Sara tinham-se colocado politicamente em campos distintos.

Sara partilhava cada vez menos as suas ideias, opiniões e esperanças, de forma que os comentários de um ou de outro acerca da política governamental acabavam por ser tomados como animosidade pessoal e tinham o efeito de pôr feridas a descoberto.

Sara que se pretendia positiva, avaliava os factos pelo lado prático e pelos resultados, culpando invariavelmente Tomás pela difícil e incerta situação material em que viviam:

- Se estamos assim a culpa é dos teus amigos - dizia Sara acentuando as últimas palavras - O que é que vocês querem afinal?

- A culpa?! A culpa de quê? De querermos uma política que defenda os interesses dos trabalhadores e do país? De sermos contra a submissão ao imperialismo e pela defesa da independência nacional?

Sara cortava cerce, impermeável a dialécticas:

- Vê-se o resultado. Se começasses por defender os interesses cá de casa e assumisses as tuas obrigações...

- As minhas obrigações?!

Para quê explicar o que queriam? Às vezes também ele o sentia como uma obstinação. Todos os dias, pela manhã, olhando-se ao espelho, interrogava a sua figura:

- Será que tenho razão?

E essa dúvida só se desvanecia ao chegar à fábrica, ao sentir o funcionamento das máquinas, ao aperceber-se dos esforços colectivos que eram necessários para que se produzisse e fossem também objectos de libertação. Só se desvanecia, ao ver a determinação dos sindicalistas e membros da comissão de trabalhadores; ao ver o optimismo paciente do Neves ou do Guedes (mas quem saberia das suas dúvidas?); ao ver a delicadeza de Elsa, também ela parte daquele conjunto, daquele colectivo, com o qual ele se identificava e que não poderia abandonar de forma alguma.

Contudo, frente a Sara e ao filho sentia a responsabilidade da falta de dinheiro. Havia quem vivesse com menos. Com muito menos. Mas pensava nos dois carros em que pelo menos o seu tinha já devia ter sido trocado, nas férias em Espanha e na ida a Paris adiadas, nos restaurantes que tinha que evitar, nos silêncios de Sara, nas exigências do filho, sem resposta.

Depois do jantar, sem apetite, pegava num livro ao acaso, numa revista ou no jornal e tentava ler, acabando a maior parte das vezes, estático, a fitar pontos

imaginários, desesperando-se sem compreender o que acontecia. Sara nunca fora exigente, pelo contrário, era antes para o poupado, do género de fazer economias. Porquê agora aquela frustração por não poder gastar, consumir ou exhibir padrões de quase luxo, para os quais não havia meios. Praticamente sem aumento há anos, estava-se agora à espera de uma correcção salarial, se o ministério resolvesse os problemas financeiros mais urgentes. Sempre o mesmo. Caía sempre no mesmo, acabando por pensar nos antigos colegas de curso que se destacavam e apareciam com bons lugares em empresas multinacionais, na administração pública ou mesmo trabalhando por conta própria.

Antes do 25 de Abril de 74 os seus rendimentos pouca diferença faziam dos deles, agora ficavam cada vez mais longe, tão distantes que nem parecia fazerem parte do mesmo grupo profissional. Aparentemente, bastava-lhe dar um pequeno passo, na opinião de Sara: sair da FAMAT, como vários outros, técnicos e encarregados tinham feito. Os mais espertos, contestava-lhe Sara; mas para ele, havia um abismo a traspor. Sara não entendia o seu apego à FAMAT. Como explicar aquele afã, aquela labuta sem horas, correrias, viagens, a troco de quê? Por fantasia? Por poder? Qual poder! O do major! Ou o da Comissão de Trabalhadores! Fazer de criado de quem? se nem havia patrão? E a troco de quê? Não, para Sara, se Tomás trocava a família pela FAMAT é porque ali havia mulher no caso.

Gostava de alguém de lá e mesmo que não houvesse um caso, não tinha dúvidas sobre isso.

Era, pois, natural que surgissem atritos e discussões e quando não discutiam suportavam-se com dificuldade, como uma obrigação de parte a parte. Tomás apreciava o sossego, afastar-se da cidade, dos centros comerciais, as pessoas irritavam-no, não se reconhecia nelas, preferia o ar livre, o campo, a praia. Sara, que parecia querer recuperar qualquer tempo perdido ou simplesmente acompanhar os novos hábitos adoptados pelos conhecidos, queixava-se de não ir aos mesmos sítios que eles.

O que deu nesta mulher que faz tudo para me contrariar? - interrogava-se Tomás. E de facto, tirando alguns períodos em que, quase inexplicavelmente, as coisas pareciam correr bem, achava que Sara fazia o possível para o irritar. Mas Sara apenas desejava chamar-lhe a atenção, despertá-lo do torpor em que parecia mergulhado e que a enfurecia.

- Chegas do emprego e não te lembras de mais nada. Parece que nada mais existe - reflectia Sara chamando-o para as realidades como as contas para pagar, as reparações a efectuar, os objectos a comprar e, além do mais, o serviço da casa. Aí Sara não perdoava:

- Tanto direito tenho eu de fazer como tu.

- Mas eu faço. O que é preciso?

- Não sabes? Está à vista. Também tenho de ser eu a dizer? Isso é que é ser progressista? Afinal fazem o mesmo que os outros.

- Não posso chegar a casa cansado? Venho do emprego sabes? - replicava Tomás elevando a voz.

- Do trabalho, daquela grande empresa... - ironizava Sara - Não te desfaças.

- Não tenho direito a ler, um pouco?

- Tens, mas a casa e o filho também têm direitos. Também eu gostava de ler e gostava de ir ao cinema e ao teatro e sair com os amigos. Também gostava e não vou.

- Mas vai.

Aqui punha-se um dilema a Tomás se a proibisse era machista, mas se não se opusesse significava desinteresse.

Sara, secretamente, preferia que ele a proibisse e lhe dissesse: vamos, vem comigo. Mas ele era incapaz disso, então Sara acusava-o:

- Serves-te de mim como de uma criada. Explorador.

- Queres dizer que eu sou um parasita - replicava Tomás excitado - Um chulo!

No fim Sara escondia-se no quarto e por vezes chorava.

- Fui enganada. Muito enganada.

Quando Tomás a ouvia, insistia:

- Enganada? Por quem?

- Deixa-me. Como pude acreditar...

Tomás ia para a sala, o miúdo refugiava-se no quarto e acabava por adormecer. Cada um resolvia as suas frustrações sozinho e em silêncio.

Na sala, Tomás, passeava de um lado para o outro incapaz de trabalhar, de ler, sequer de ouvir música, olhando pela janela o curto horizonte disponível. Sentia-se esgotado, sem interesses, pressentindo apenas as suas potencialidades recalçadas. Era de enlouquecer. Se lá de dentro, do outro lado da casa vinha algum ruído, voltava-

se, olhava, pressentindo Sara. Mas não, não era ela. Tudo continuava pesadamente calmo. Deixava-se cair no sofá e por vezes adormecia ali mesmo.

A manhã era algo estranho, irreal: a claridade vinha como uma barra branca mal encobrir manchas antigas e profundas. Pesadamente, despertava do seu subconsciente a FAMAT. Era preciso, pois, caminhar, caminhar.

A vida é como uma torrente onde nos debatemos, nos orientamos num sentido ou noutro, mas onde somos inapelavelmente arrastados.

Ao chegar ao emprego acaba por sorrir: lá, nem aborrecido pode estar. Elsa era a primeira a detectar o seu estado de espírito:

- Ai, que cara! Logo de manhã!
- Que mau que está hoje, com essa cara.

Ou então:

- Está aborrecido, já vi. Hoje não se pode falar consigo.

Então Tomás sorri:

- Pode, pode, pelo contrário. Até não estou aborrecido. Cansado. Dormi mal.

Outras vezes era Elsa que aparecia mal disposta e Tomás dizia-lhe:

- Está triste.

E ela escondia o rosto.

- Não, não estou. Já passa. São coisas...
- Não, Elsa, não fique assim.
- Sabe que eu tenho muito mau feitio.

Tomás ria-se. Certa vez, em que a conversa se prolongava, Elsa, replicou:

- Acredite. E quem se chega muito ao pé de mim, depois sofre.
- Mas conte-me o que se passa.
- Não. São problemas meus. Ninguém me pode ajudar.
- Já adivinhei, são problemas lá em casa. Com o marido, não é?
- Desculpe Tomás, não quero falar sobre isso, não somos suficientemente íntimos para ter essas conversas.

- Compreendo. Desculpe. - Disse Tomás um pouco despeitado.

Elsa sorriu-lhe:

- Não leve a mal, sim. Eu hoje não estou bem. Não sou uma boa companhia, já lhe tinha dito.

Nesse dia, Tomás teve de sair para uma reunião, ao regressar parou num centro comercial e comprou uma pequena figura em porcelana, que se lembrava ter visto antes. Era um menino pintado em tons suaves de azul, violeta e creme, segurando um pequeno ramo de flores; a seu lado, poisado, um cesto também com flores. Mandou fazer um embrulho bonito e levou-o para Elsa.

Ao chegar ao escritório chamou-a pelo telefone, com voz neutra. Ela veio, um pouco admirada, mas já bem disposta, Tomás disse-lhe:

- É para si. Espero que a ajude a ficar menos triste.

Elsa pegou no embrulho espantada e curiosa.

- Para mim. Mas...

- Sim. Peço-lhe... - o sorriso de Tomás era quase suplicante - Não me leve a mal.

Elsa sorria, revirando o pequeno embrulho de papel de fantasia.

- Obrigado, não devia... - depois de um curto silêncio entre os dois, acrescentou - Eu não vou abrir aqui. Depois digo-lhe se gostei.

Mais tarde, Elsa abria a porta devagar, timidamente e espreitava, Tomás continuava sózinho.

- Queria agradecer-lhe. Gostei imenso. Sabe, eu... chorei, sozinha ao ver o bonequinho.

- Não era minha intenção fazê-la chorar.

- Não, eu sei - sorriu Elsa - Fez-me bem, chorar.

- Se está um pouco menos triste já me sinto feliz.

Elsa pousa a sua mão na de Tomás e diz-lhe com um sorriso que pretende terno, mas está de novo à beira das lágrimas.

- Obrigada - e corre para a porta, aí pára e diz-lhe - Vamos hoje os dois almoçar.

Quer?

- Eu gosto na Natureza, do Sol, do ar puro, do campo, dos areais perdidos. – disse Elsa - Já experimentou passear nessas praias onde ninguém vai? Ir pela beira da água, apanhando conchas, lançando-as de novo ao mar, ver os restos de objectos que dão à costa, pedaços esquecidos da vida que já foi, saltar nas rochas, observar aqueles pequenos animais, com tentáculos e conchas movendo-se nas poças da maré vazia. E o vento nas dunas? As ervas oscilam, as ondas rebentam, ao longe já é campo, rectângulos de vários tons de verde e castanho salpicado de casario branco, as arribas onde o mar se desfaz e um ribeiro que desagua no fim da praia.

Gosto de passear perto da antiga casa dos meus avós, ainda lá tenho primos. Nos dias de Sol, no Inverno, ponho um lenço na cabeça, uma camisola e lá vou, sozinha. O mar tem outra cor, um esverdeado escuro, outra força, a que lhe vem de tempestades passadas e longínquas, o Sol quase rasa o horizonte atrás de nuvens estreitas, compridas, acinzentadas e rosa pálido.

Às vezes levo um livro, de poesia, mas é pela companhia, não leio mais que meia dúzia de páginas. A poesia está ali no mar, no céu, na minha solidão, no vento nas estevas, nos homens que labutam ao longe, nos barcos que passam perdidos nas vagas, ínfimos na imensidão do mar e céu.

- Quando eu penso em tudo que há para descobrir, em toda a beleza, em tudo que está escondido para se revelar a quem procura, só, longe dos olhos das multidões que vivem ao sabor dos cartazes publicitários, só para os olhos puros dos que apreciam em silêncio. Quantas vezes viajo sem sair do mesmo sítio, faço programas, invento itinerários. Quero conhecer as ilhas que há nos lagos das barragens, passear de barco pelas albufeiras e acampar numa ilha. Uma ilha só para nós, os pássaros e os pequenos animais. Ou descer um rio, num pequeno barco, calmamente, sem destino, acampando nas margens.

Há tanto mundo... e nós aqui desgarrados. Às vezes penso ir mais longe; é fácil viajar assim. Penso nos Pirinéus, nos picos gelados, nos vales verdes de erva húmida e fofa, nas veredas de bosques cerrados, onde nos sentimos pequenos e, no entanto, imensos por podermos apreciar aquela beleza. E esta minha ideia: percorrer a França pelos canais, num barco, tinha que ser a motor. Há quem o faça! Vai-se pelos canais do interior visitam-se lugares esquecidos, dorme-se no meio dos campos, e contudo num barco. Conhecem-se aldeias antigas, onde há a boa cozinha, o bom vinho, saboreiam-se os bons petiscos e descansa-se ao Sol. Já pensou como será estar

dentro dum barco atracado no canal, e ouvir chover lá fora, aqueles aguaceiros do fim do verão, a chuva desenhando círculos na água, o cheiro da terra, o pressentir a frescura do Outono que se aproxima! E ir de veleiro até às Antilhas? Não, não é preciso ter um barco, há excursões, cada um trabalha...

- Mas você é muito louco. Que ideias...

- Não gostava?

- É demasiado maravilhoso para me lembrar disso. Já pensou fazer isso com a sua mulher?

- Ela não gosta, prefere a cidade.

- É como o César... Está tudo trocado, não é?

A caminho da FAMAT havia um jardim, vieram devagar, em silêncio, observando as flores, sorrindo-se quando os olhares se encontravam, como se pedissem desculpa a si próprios do que acontecia. Ele não lhe toca, sente-a, adivinha que ela procura o seu contacto, que se encosta ao seu ombro, que lhe toca na mão. Ele fica parado à procura do automóvel, como se quisesse fugir dali não sabe bem para onde. Quando entram no carro ela dá-lhe a mão, os lábios entreabertos sorrindo, os olhos sérios, como que ansiosos. Ele atrai-a sem fazer a mínima força, ela inclina-se. Beijam-se e os seus olhos imploram ternura.

Quando, perto do emprego o sonho se dissipa, ela diz:

- Logo, digo ao César que saímos juntos.

- Ele importa-se?

- Creio que não. Já lhe tenho falado em ti.

- Foram momentos muito belos, Elsa. Não os posso esquecer mais.

- Não somos livres.

- Há qualquer coisa que nos atrai. Quando estamos próximos é como se houvesse, como dizer, uma espécie de ressonância entre nós e tudo se amplia, se torna mais belo, mais perfeito, de outra dimensão.

- Sabes, Tomás, eu não quero compromissos. Sim? Deixa que tudo aconteça naturalmente. Quando calhar encontramo-nos outra vez.

Sai rapidamente do carro, fazendo, como despedida, um sorriso gracioso, compreensivo, acariciando-lhe a mão. Nas janelas superiores do edifício dos escritórios havia quem os observasse com curiosidade. Elsa ignora-os e diz ainda, ao fechar a porta, voltando-se para dentro do carro, ante o embaraço de Tomás:

- Tomás, eu não sabia, afinal tu és tímido... - e riu-se correndo para a entrada.
O atraso era de cerca de uma hora.

- Vamos até ao Parque? É o meu jardim preferido. Talvez lá tenha deixado a minha adolescência.

- Tu nunca deixaste de ser adolescente.

- Às vezes quando tenho problemas ou estou cansada, penso que passeio por lá, como antes. Vou, quando posso, mas tão pouco.

Sinto-me bem ao ficar num recanto sossegada e esquecer o resto... Tenho tanta coisa para esquecer, sobretudo no presente.

- É por isso que te agarras ao passado?

- Nem tempo tenho para isso... Agora que a minha mãe está fora, desde há dez dias que a minha vida se resume ao Carlos Manuel e ao emprego. E se não fosse o emprego dava em doida. De manhã, levantarme a correr e tratar do miúdo, arranjar a casa, preparar o lanche, levá-lo ao colégio, vir para o emprego. À noite o inverso. E ainda por cima César acha que eu o ignoro. Quando me deito tenho vontade de desaparecer... para outro universo.

- E ele que faz? Não ajuda?

- Ajuda. Guia o carro: leva-nos, traz-nos, quando pode. E brinca com o menino enquanto eu arranho a casa. O que já ajuda, pois senão ele chora ou parte coisas...

- Ah! Isso é importante.

- Os homens consideram que sendo o seu trabalho altamente qualificado os dispensa do resto...

- Mas... César trabalha bastante não?

- Trabalha, sim. Catorze horas por dia - bom, pelo menos não está em casa. Agora também viaja, o que me complica a vida ainda mais. E eu que faço sempre o mesmo! O Carlos Manuel está comigo e este papel de mãe toma-me muito tempo. Devora-o, sem eu dar por isso!

Confesso que nunca me senti dotada para este género de exercício. Eu gosto do Carlos Manuel, mas aborrece-me porque é preciso sempre ocupar-se dele e não me deixa um único minuto livre. Estou tão ocupada que já não tenho nem tempo para pensar. Dizia eu ao César: Se isto continua assim acabo por me tornar uma verdadeira dona de casa. É triste... Ainda por cima eu não tenho vontade de ser dona de casa! Já nem tenho tempo para ler. Que pena!

- Tens que te organizar. Assim já podes repartir o tempo pelas diversas coisas e dedicar momentos à leitura.

- Organizar! Organizar com o Carlos Manuel e com o César! É bom falar.

- Serve a ordem e a ordem te servirá, diziam os romanos.

- Isso cheira-me a fascismo. Não te conheço.

- É um erro pensar que a ordem é privilégio do fascismo. O fascismo é a desordem regulamentada em favor do mais forte. É um erro trágico pensar-se que a desorganização libertária e anárquica está próxima da democracia. Apenas engendra o seu contrário...

- Oh não! Pareces o Neves a teorizar! Agora, não quero discutir essas coisas. Já basta a minha solidão com o Carlos Manuel.

Tomás ficou a olhá-la com um sorriso forçado. Elsa fitava-o em ar de desafio, prosseguindo impetuosa uma espécie de monólogo:

- Não posso habituar-me a esta vida idiota que levo. Passar o tempo a vesti-lo, a lavá-lo, a fazer comer, a deitá-lo a horas, depois a recomeçar a mesma coisa. É de uma pessoa se atirar pela janela. Eu sei que há uma quantidade de mulheres que educam os filhos em condições mais penosas que eu e não se queixam. Penso que têm muita sorte por saberem aceitar esse estado de coisas.

Além disto, o Carlos Manuel, às vezes desgosta-me faz-me sofrer. Sabes, as crianças têm momentos em que são tão egoístas, são tão más que parecem ter prazer na tortura que causam. Não se consegue acreditar que aqueles pequenos seres se satisfaçam em contrariar, em desesperar as pessoas de quem dependem. Isto acontece-me com o Carlos Manuel, por exemplo quando estou atrasada ou quando já estou saturada e só desejava um bocadinho para mim, para descansar, para viver a minha vida. Não entendes?... E, contudo, nada disto me impede de me dar inteiramente a ele. Ele, que parece tão feliz quando eu lhe sorrio, ele, que gosta tanto que eu o beije.

Enfim, parece que tenho de me habituar ao meu papel de dona de casa e mãe de família. Não posso viver constantemente neste estado de depressão. Vou fazer um esforço para viver razoavelmente... quero dizer, sem pensar. E como o Carlos Manuel vai crescendo, talvez as coisas mudem. Se calhar é por ser filho único - também sou filha única... - ou por pressentir o que se passa com os pais.

- Há algum tempo, quando estive fora, também passei num parque, solitário e silencioso, por entre frondosas faias, tílias, castanheiros. Sentei-me num tronco de árvore e pensava em ti. Como gostaria de te ter ali ao lado para apreciarmos, para vivermos aquela paz, aquele desprendimento. Vi então um esquilo que pulou dum ramo e ficou a observar-me. Os esquilos são esquivos e tímidos, mas meigos. Quando me aproximei dele fugiu um pouco para mais longe, mas ficou ainda a olhar-me à espera de qualquer coisa que eu fizesse, talvez... Depois separamo-nos. Para sempre. Nunca mais verei aquele esquilo.

O curioso é que pensei em ti como aquele esquilo, ou melhor, se o esquilo não é o teu animal. Se tu não te afastas, não foges, não te perdes na tua solidão. Se não é possível agarrar e guardar os momentos belos que a vida traz.

- Os esquilos não se perdem nos bosques. Quem os perde são os homens quando lhes tocam. Fausto perdeu-se por um momento belo na vida.

- E não vale a pena procurá-lo?

Sara olha-se ao espelho. As rugas que começam a aparecer no canto dos olhos, os vincos na boca, as faces que caem, as olheiras vincando o rosto, os traços no pescoço, o corpo abatido, fraco, nervoso. Odeia o espelho, e os traços vincados. Onde está o seu rosto do passado, de forças e de revoltas libertadas em sorrisos, multicolor, multifacetado, húmido e macio, tão belo? Odeia as aulas, e os alunos, as colegas e as amigas. Odeia a sua vida, mas sem forças, como que num enjoo, quando se odeia o barco que nos sacode e onde fora dele não há salvação. Do quarto o Rui Manuel chama, quer roupa lavada, quer sapatos que aqueles já não servem, quer... quer. E ela

satisfaz-lhe o querer protestando, lastimando. Mas o Rui Manuel é dela, há-de obedecer-lhe, não lhe pode fugir. Vai fazer 12 anos. Eu dou conta dele, pensa. E depois, olha-o de relance e surgem-lhe interrogações: Vale a pena sacrificar-nos pelos filhos? Depois nem agradecem... Mas ele há-de fazer o que eu mando, o que eu quero. Para que serve o pai? Farta. Já não me interesso por homens. Nunca mais. Se se visse livre deste não teria mais nenhum. Pelo menos casada. Nunca mais. Sara corre de olhos vendados na prisão do seu ser. "A tua liberdade é um recinto fechado se não souberes sair de ti próprio" - pensa. Assim dizem as escrituras. Sair de mim própria! Sara, o que fizeram de ti! Um monte de frustrações. Um sexo frio, os desejos que se odeiam por surgirem. Convive com os colegas, às vezes fecha os olhos e pensa: "Que borracho". Sorri sozinha porque ninguém a vê nem lhe descobre os pensamentos. Sorri. Sorri, de raiva, de desprezo, de desespero. E sente a falta de dinheiro, de vestidos, de carro, de férias no Algarve ou no estrangeiro, num hotel com piscina.

E Tomás? Tomás não era nada. Partira-se o vidro da montra, derrubara-se o presépio e Sara não estava habituada a ficar para trás.

Culpava Tomás e o casamento por tudo isso, mais do que culpas, recriminava, revoltava-se contra o que a envolvia, mesmo que lhe sentisse a falta. Tornava-se amarga. Ácida. Quase invejosa. Se iam a qualquer lado, o prazer que podia haver era estragado, pois Sara, recalcada, apenas pensava na razão por que não tinham lá ido mais vezes.

- Já podíamos ter vindo.

- Não viemos porque não quiseste - respondia Tomás. - Lembra-te que fui eu que tive a ideia. Mas se não gostas...

- Gosto. Mas todas as minhas amigas já cá vieram.

- Problema delas e teu, talvez.

- Para virmos foi preciso a tua família ou as tuas amigas dizerem.

- O quê? Por favor... É falso.

Mas Sara dito o disparate não saía dali. Não interessavam justificações; prolongar a conversa era caminhar para a discussão.

Claro que Sara sentia a frieza de Tomás, o progressivo distanciamento, a ausência de comunicação, a mútua contestação, a estranheza com que se olhavam, tentando reconhecer o objecto de uma paixão antiga.

Esta hostilidade, o ambiente na FAMAT, as responsabilidades que assumia, os múltiplos dilemas em que se envolvia, a crescente atracção por Elsa, que se lhe tornava cada vez mais necessária, deixavam Tomás esgotado.

Sara (saberia já do começo do envolvimento com Elsa?) picava-o.

- Nem dormes... A minha consolação é que nem dormes.

- É curioso que isso te console. Mas é verdade: durmo mal, sim. Nisso tens razão.

- Deves ter a consciência pesada.

- Por favor, amanhã tenho de sair cedo...

- As tipas com quem andas não te incomodam.

- Eu não ando com ninguém.

- Escusas de mentir que eu sei tudo.

- Tudo o quê?

- E ela é casada.

- Meu Deus. Amanhã tenho de ir para fora com o carro. Conduzir. Se não durmo espeto-me por aí.

- Pensavas que me enganavas. Mas não. Nem penses. Pode-te sair caro.

- Deixa-te de processos de intenção. Não há nada. Falo com toda a gente. Tenho amigos e amigas. É proibido? E tu?

- Eu?! Eu não me esqueço do meu filho. Mas um dia ficas sózinho. Vou-me embora, não sou tua criada. As putas com quem andas que tratem de ti.

Tomás fecha os olhos e pensa em quanto tempo falta para a madrugada.

Elsa passa apressada por Tomás. Atira-lhe um sorriso e desaparece na precoce escuridão do entardecer de Outubro.

- Até amanhã.

- Até amanhã, Elsa.

Quase instintivamente procura acompanhá-la acelerando o passo. Na rua vê César que espera dentro do carro; Elsa entra, fala-lhe, mas não o beija. Afastam-se, ao longe repara que conversam com veemência sobre qualquer assunto.

César faz um gesto com a mão, Elsa abre os braços e desaparecem na curva.. Quando Tomás lá chega, vê-os parados, retidos pelo trânsito; César tem o cotovelo encostado à janela e olha em frente aguardando que o sinal abra e o engarrafamento se desfaça, Elsa continua a falar, fazendo gestos repetidos e impetuosos. A conversa degenerou em discussão. Tomás pára espantado, é como surpreender Elsa na sua intimidade. Ela já não fala: grita, volta-se para César e gesticula, este procura ignorá-la, tentando descortinar algo no emaranhado de carros.

Tomás, subitamente, sente uma onda de ternura, de nostalgia, de ironia. Continua olhando o casal, mas agora sorri: lembra-se de Sara. Afinal com eles era a mesma coisa.

- Está tudo trocado! - conclui e sorri pensando ainda: pobre Elsa.

O tráfego, finalmente libertado, move-se e o carro de César e Elsa perde-se nas luzes da cidade.

No dia seguinte Elsa está triste, mas não quer falar-lhe, evita-o, quase. Tomás procura-a, chama-a.

- Hoje não - diz Elsa - Hoje não tenho disposição não quero falar com ninguém. Estou aborrecida e depois as coisas entre nós não podem ser assim. Não compreendes? Eu não quero, não posso, não tenho vontade de ter outro relacionamento.

- Mas eu só quero falar contigo. Deixa-me ajudar-te Elsa.

- Eu sei, mas não pode ser. Não me sinto capaz de aprofundar as nossas relações.

Elsa sai. Ao almoço Tomás corre a um centro comercial e compra-lhe uma prenda que viu há tempos: numa pequena moldura um bordado com girassóis. No pano de fundo azul o amarelo gritava.

Quando o abriu Elsa ficou com os olhos húmidos e olhou Tomás por baixo, envergonhada.

- Desculpa-me.

Tomás sorri-lhe com ar confiante.

- Também tem um papelinho...

- Um papelinho... Ah! - encontra-o desdobra-o e lê-o em silêncio:

"Para a minha inesquecível amiga de olhar de criança, a suave Elsa"

- Estás enganado a meu respeito Tomás. Eu não sou como pensas.

- Não te quero triste - diz Tomás.

Ela sorri finalmente limpando os olhos.

- Já não estou triste. Obrigado - e olhava-o, terna e dorida, vencida e apaixonada.

- Vamos sair os dois, hoje.

- Não. Especialmente hoje não. Quero ficar só. Preciso pôr as ideias em ordem.

Nos dias seguintes, por razões e coincidências várias, Elsa e Tomás pouco se vêem, não têm oportunidade de se encontrar, nem de voltar a conversar. Será que ela o evita? - interroga-se Tomás. Porquê? Não existe uma inegável aproximação entre ambos? Não lhe é Elsa cada vez mais necessária para arduamente poder prosseguir a sua caminhada. Não é a sua figura, as suas palavras, a sua própria expressão, que recorda, repetidas vezes, demasiadas vezes.

Mas, por que se recusa a sair com ele, Tomás? Por que conversa ela com o Duarte? Especialmente com o Duarte. Porquê? Por que fica a falar com qualquer colega? Chega ao ponto de invejá-los, de ter desgosto, de sentir, obviamente, ciúme!

Dorido, promete esquecê-la, ignorá-la, mas não consegue. Quando se vêem, ela fala-lhe ternamente de assuntos banais ou do serviço. Vivem uma espécie de mal entendido que não querem esclarecer; era como se tivessem pisado uma berma da qual procuravam afastar-se. Era como se tivessem voltado atrás nas suas relações, omitindo a parte da atracção e da paixão que tinha despontado.

E, contudo, sentiam ambos necessidade de falarem das tais viagens, dos tais livros, ou filmes, ou do que quer que fosse, desde que se ouvissem, se completassem nas ideias e nos interesses, como se fosse possível ignorar que cada um deles tinha um passado e compromissos e que o futuro se esgotava também nos breves momentos que passavam juntos.

Foi o acaso de um trabalho urgente que os juntou num sábado à tarde. Terá também sido acaso tudo ter corrido tão bem que Elsa pode dispensar as suas colegas mais cedo e assumido sozinha a conclusão do que faltava.

Para Tomás, Elsa parecia uma garota do liceu, com "jeans" azuis, camisola de lã rosa pálido, os cabelos apanhados atrás em rabo-de-cavalo.

- Está tudo pronto, Tomás - disse à entrada da porta do gabinete - Queres ver?

- Acredito que esteja tudo certo. Deixa aqui. Não estás cansada, Elsa? Senta-te.

Estava de facto abatida, doíam-lhe as costas e os olhos, mas não parecia: Tomás achava-a fresca e leve como nunca.

Elsa sentou-se, pondo o seu ar habitual de cabeça inclinada para a esquerda, sorrindo com ar paciente na expectativa. Tomás olhava-a, com uma admiração próxima do êxtase. Seria possível que ela não percebesse o brilho do seu desejo, da alegria de tê-la ao pé de si e também do temor de a perder daí a momentos.

Tomás inexplicavelmente sorri. Sorri como se tivesse acontecido algo de insólito. Admirada, ela pergunta-lhe:

- O que foi?

- Nada. Estava a pensar que o maior triunfo do homem, a sua verdadeira glória é tornar uma mulher feliz.

A resposta de Elsa foi mais séria do que ele esperava.

- E pode fazê-lo no casamento?

- Talvez. Depende das pessoas. Se fizerem um esforço por isso.

- E o Tomás? És feliz? Já tentaste falar disso com a tua mulher?

- Desculpa-me. Não te queria aborrecer.

- Não estou aborrecida.

- Estás. Compreendo o que quiseste dizer.

- O quê?

- Mandares-me falar com a minha mulher. Eu entendo.

- Não é nada disso. Não, não sejas tolo. Gosto é ver cada um aplicar as suas teorias.

- De acordo. Tens razão. E o César? Como vai isso entre vocês?

- Não sei.

- Não sabes? Olha, eu penso... penso que ele gosta bastante de ti.

- Porquê?

- Não sei. Enfim tenho certos indícios, certas coisas que falaste. É a minha ideia.

- Sim, talvez ele goste mais de mim que eu dele. Mas é à sua maneira e eu não gosto muito dessa maneira.

- Por que não tentam passar um fim-de-semana sós, num local isolado...

Elsa solta uma pequena gargalhada, com gosto.

- Já tentámos tudo - e continua a rir-se de boca fechada. - Às vezes Tomás tens coisas ingénuas. E se queres saber tudo eu digo-te: vivo com ele porque não tenho outra solução. Porque não tenho dinheiro para viver sozinha.

- Mas Elsa, por que é que o casamento acaba com a sedução? Por que é que se estabelecem relações de força e de posse de um sobre o outro. É isso que leva à destruição.

- E tu não és ciumento?

- Eu?! Não.

- Sim. Não pareces. És bom rapaz, sabes?

- Tenho-te ajudado em alguns momentos, não tenho?

- Tens, bastante.

- Isso faz-me feliz.

- Sim, por vezes foi ao pé de ti que encontrei paz quando eu própria não me reconhecia. Falávamos de tanta coisa e eu esquecia o resto. Ao pé de ti encontrava-me novamente. Às vezes sentia-me de porcelana como se ao mínimo choque eu me quebrasse, eu não aguentasse mais... viver. E então via os teus olhos, o teu olhar que me procurava, a tua admiração por mim, a maneira como me escutavas, e eu ficava bem. Pensava que havia alguém que me queria, que era capaz de viver para mim e por mim. Sonhava. Sonhava que fugia de tudo, para um jardim imenso, para uma praia deserta. Há tempos, nestas férias, estava eu na praia a ler um livro e lembrei-me de ti, foi para ti que o li, que meditei, foi contigo que conversei.

- Nunca me disseste nada.

- O mundo inteiro há-de desaparecer, também para nós, e só ficarão as recordações...

- Chegaste a falar ao César do nosso relacionamento, de sairmos?

- Sim, falei.

- E ele que disse.

- Não se importa com o que eu faço, só não quer é saber. E tu que dirias?

- Eu... Eu diria que não me importa o que se faz, importa-me a razão por que se faz. Que achas?

Mas Elsa não respondeu, estava pensativa de olhos baixos. Tomás agarra e acaricia-lhe a mão, que ela não retira.

- Só tive um caso além do meu marido - diz por fim - Sou alegre, dou-me com toda a gente, mas só tive um caso. E não significou nada para mim. Eu sou normal, gosto de sexo. Gosto bastante. Mas foi um fracasso. Afinal com o César era melhor. Hoje somos amigos, passou, como se nada tivesse acontecido.

Tomás sabia, adivinhava: o Duarte! Era ele! Bem suspeitava. Mas não lhe quis mal por isso. Sentia uma imensa ternura, por aquela fragilidade, aquele abandono, como uma ave espantada perdida em busca de um abrigo.

- Eu amo-te, Elsa. Amo-te.

Ela sorriu encolhendo os ombros; num momento os braços de Tomás apertavam-na. Sentiu o seu corpo agarrado e percorrido por mãos nervosas e meigas, sentiu o beijo que lhe sugava os lábios, e percorria o rosto, o pescoço, lambia os olhos e os ouvidos, até ela também o agarrar e puxar a si e responder às suas carícias por todo o corpo.

- Eu amo-te Elsa - repetiu Tomás.

- Não me deixes. Eu preciso de ti... - murmurou Elsa, de dentes cerrados, respondendo ao seu olhar intenso.

Há situações em que os sentidos, o corpo, os órgãos passam a ter vida independente e dominam todo o ser.

Na vertigem das sensações uma penumbra de esquecimento desce sobre o resto da existência, apagando a memória e fica apenas a intensidade daqueles momentos imperiosos, indefinidos.

Possuíram-se ali mesmo, primeiro encostados à parede próxima, depois caindo sobre a mesa das reuniões, como que apenas prolongando o abraço, dando-lhe uma forma mais íntima, mais definitiva.

VI

O Duarte. Mas porquê o Duarte? Aquela figura tão evidentemente sedutora, alto, rosto comprido, de voz meiga e olhos doces, lábios bem desenhados, cabelos algo grisalhos apesar dos seus quarenta anos. Duarte tem o ar de intimidade e confiança que as mulheres desejam para qualquer romance.

Se tinha havido um caso entre Elsa e Duarte era claro que já não se manifestava. Por vezes via-os a conversar, mas apenas quando havia a justificação do serviço; de resto pareciam evitar-se, embora permanecessem amigos.

No entanto, o que acontecera entre Elsa e Tomás não voltou a repetir-se. Apesar dos momentos de intimidade Elsa falava-lhe com um distanciamento delicado, terno, que Tomás não era capaz de quebrar nem para se afastar nem para se aproximar.

No próprio dia, ao despedirem-se, Elsa, dissera-lhe com um ar melancólico mas firme, antecipando-se com inegável bom senso a Tomás:

- O que aconteceu... aconteceu... Não vamos forçar nada. Deixemos que aconteça, se tiver que ser... outra vez.

Tomás compreendia que esta era a atitude mais sensata, que lhe deixava toda a liberdade e lhe permitia evitar quaisquer complicações no futuro, contudo sentia-se irritado, como que preterido e sem valor. Elsa sentira prazer, mas significaria que tivesse a mesma paixão que ele lhe dedicava? Se calhar punha-o ao mesmo nível do Duarte. Ou existiria ainda alguma coisa entre eles?

Uma ocasião, no fim da tarde, a sós no gabinete, Tomás aproveitou para abordar Elsa:

- Bom tipo o Duarte. Não achas?

Ela não respondeu.

- Bom colaborador e honesto. Sem dúvida que em qualquer outro lado lhe pagavam muito mais. Mas disto todos nós nos podemos queixar. Talvez no futuro,

cada um possa ser recompensado devidamente. De qualquer forma temos feito um bom trabalho em conjunto.

- Eu tenho muita consideração pelo Duarte.

- Sim? Bem ele lá tem problemas... como todos. O divórcio atirou-o um pouco para baixo. Coisas da vida... Depois andou por aí, por onde calhava; agora parece que acalmou. Ao fim e ao cabo, caem todos no mesmo: vive novamente com alguém, uma antiga namorada, julgo.

- Eu sei. Eu sei tudo sobre o Duarte - disse Elsa rapidamente, com um aceno de cabeça nervoso.

- Não é bem uma antiga namorada, é um caso antigo e ao que parece, também se divorciou para ir viver com o Duarte. Não é assim?

Elsa olhou-o de frente, com olhar inexpressivo, mas duro.

Tomás calou-se dominado pela feminilidade de Elsa, simultaneamente frágil e orgulhosa, apaixonada e desprendida.

Conhecia os seus problemas, a sua tristeza, o seu amor pela vida, via-a tão próxima e inacessível, ele próprio tão ridículo e impotente.

A custo abriu uma gaveta tirando um pequeno embrulho:

- Tenho aqui uma prenda. Há dias ao olhar uma montra vi uma peça que me fez recordar-te.

Elsa sorriu, infantil:

- Posso ver?

Era uma bonequinha em porcelana azul que representava uma criança, praticamente um bebé, a brincar com uma flor.

- Imagino-te assim quando eras pequena.

- Eu? - disse encantada Elsa, e o facto é que lhe parecia ser verdade.

Para Tomás não havia dúvidas ela amava-o tanto como ele, com um amor diferente, mas ela era sua. Era junto dele que encontrava tranquilidade, que esquecia dissabores, que se enternecia.

Dias mais tarde Tomás convidou-a para ficarem juntos.

- Preciso de ti. Quero amar-te.

- Quando e onde? - perguntou Elsa secamente.

Ele esperava outro género de considerações e ficou indeciso. Claro que não tinha nada previsto e estava fora de causa levá-la para um quarto de pensão barata como havia pela cidade. No fim era Elsa que sorria ao vê-lo atrapalhado.

- Tomás, eu não quero que as coisas entre nós sejam assim. Tem sido tão belo, sabes? Tens-me ajudado tanto. Não fiques triste. Eu tenho os meus problemas.

- Eu posso ajudar-te a resolvê-los.

- Ninguém pode. E tu tens os teus. Não tens? Que achas?

- Pensar que podemos acabar, assim: voltando as costas um ao outro...

- Também não podemos voltar as costas aos que vivem connosco.

- Eu sei, eu sei. Mas não te posso esquecer. Pensava que já não seria capaz de amar como... como te amo.

- Ora... Não digas isso. O amor é como o sentimento de um artista, quem sabe o que na realidade sente quando pinta, escreve ou compõe?

Elsa acabou por ajudar Tomás a encontrar um local, nos arredores de Lisboa, queirosianamente a caminho de Sintra, e a criar também a sua oportunidade numa altura em que César estava fora, talvez porque ela também quisesse fazer uma prova a si própria antes de decidir o seu destino.

Depois de se amarem, falaram de suas recordações e esperanças. Elsa, tranquila, abandonava-se nos seus braços e confirmava que junto dele se sentia em paz: Tomás admirava-a tanto, olhava-a tão embevecido que ela disse-lhe sorrindo:

- Pareces um girassol!

- Eu?! E tu és o meu Sol!

- Não sejas palerma.

- Não sou e não te posso esquecer. Não podemos deitar fora todos estes momentos.

- Cala-te. Não digas nada.

Ficaram em silêncio. Tomás acariciava-lhe a pele fina do ventre, lisa, branca, sedosa, aflorava apenas, com os dedos a orla do púbis e voltava até aos seios.

Depois parou, sério.

- Posso fazer uma pergunta?

- Que pergunta?

- Promete que não te ofendes.

- Depende.

- Não. Assim não digo nada.

- Agora diz lá o que é. Assim não vale!

- Estiveste com o Duarte?

- Mas eu disse-te. Ou melhor dei-te a entender não foi. Não te escondi nada.

- Não é isso. Não me importo que tenhas estado com o Duarte. Desculpa não é isto que eu queria dizer. Por favor. Entende. Não é o facto de teres conhecido outro homem, em relação a mim és livre. E depois, para mim o que conta és tu, não o que fazes, Elsa. Eu conheço-te. Eu sinto-te. Parece-me que às vezes toco o teu espírito, de tal maneira te entendo. O que eu queria saber era o porquê. Porquê, com o Duarte?

- Eu já sabia que eras curioso. Talvez deformação profissional, sr. engenheiro. Mas não, com o Duarte não contou. Era amiga e ainda sou. Parecia-me como eu, solitário, incompreendido. Sabes que ele teve um princípio de úlcera devido ao processo do divórcio, a questão da filha, etc. E no entanto sempre foi um homem calmo, tranquilo. Aquela calma e tranquilidade de que eu tanto necessitava. Outras terão andado atrás dele por razões diversas, comigo foi só uma vez sem significado. E depois correu tudo sexualmente mal. Ambos o reconhecemos. Ele amava outra sem o querer confessar a si próprio e eu não amava ninguém...naquela altura. Talvez tenhamos procurado um consolo, ido em busca de algo que nos escapava, mas que, compreendemos, não o alcançaríamos juntos.

Duarte está esquecido. Arrependida? Não. Não me arrependo de nada que faço, como aliás toda a mulher que se preze. Na realidade, aqui para nós, não sei se estou ou não, arrependida. O Duarte não existiu sexualmente. Vemo-nos, estivemos juntos na cama... rapidamente aliás, mas é como se nada se tivesse passado. É estranho, nem sequer do corpo dele me lembro e com ele parece passar-se o mesmo. Há como que uma amnésia desse dia. Só recordo o seu rosto. E somos amigos. Reconhecemos as nossas dificuldades, e eu sei que ele me estima porque eu sofro. E mais, há muito que ele sabe o que sentes por mim.

- Ele? O Duarte! Suspeitou...

- E tenho a certeza que ficará feliz se eu também ficar. Ele não me ama... nem mesmo o considero um grande amigo: admira-me muito, tenho a certeza, mas os nossos caminhos são diferentes. Eu acho-o limitado..

- Não sei o que dizer, Elsa. Sinceramente, eu... penso como tu.

Ela tapou-lhe a boca com um beijo e fizeram amor novamente.

Quando regressaram, Elsa deixou claro que aqueles momentos eram como que uma despedida. Não uma despedida definitiva, não o esqueceria, mas ele tinha de a aceitar assim. Precisava resolver os problemas da sua vida e aquele relacionamento só poderia perturbar o seu espírito e trazer-lhe complicações.

- Às vezes penso que não mereço o amor e a admiração que tens por mim. Eu também te admiro, mas acho que não sou como pensas.

Fez-lhe uma festa no rosto, para consolar o seu sorriso triste e deu-lhe um beijo rápido, intencionalmente forte, e saiu do carro.

Na FAMAT começava a falar-se na desintervenção do Estado na gestão da Empresa e parecia que tudo corria mal para Tomás.

A decisão de desintervencionar a empresa constituiu um processo complexo a que os jornais desse tempo deram algum relevo embora de forma desigual. A maioria salientava as dívidas e mostrava-se muito preocupada, indignada até, com os prejuízos suportados pelo Estado; pouco relevo se deu às propostas apresentadas pelos trabalhadores, aos aspectos positivos conseguidos nos anos da intervenção; também não foram referidos os subsídios que se pretendia conceder aos antigos donos, em comparação com a penúria financeira existente.

Esta luta, porque de uma luta se tratou, embora conhecida nos seus aspectos gerais, Tomás viveu-a e sofreu-a por dentro e na primeira linha de acção e de responsabilidades.

Simultaneamente o ambiente com Sara não podia ser pior. Por culpa do caso com Elsa? Ou o contrário? É certo que mesmo antes da aproximação e da maior intimidade com Elsa já as relações eram difíceis, por vezes tempestuosas. Sara não compreendia, nem aceitava o crescente alheamento, distanciamento e cansaço com que Tomás encarava o que dizia respeito ao casal. Sara tomava todas as decisões, por feitio e porque, segundo ela, se via obrigada a isso. Tomás sentia-se ultrapassado

e invariavelmente em desacordo quer por razões económicas quer pelos critérios utilizados.

- Se queres tratar de tudo, trata, mas é contigo - protestava Tomás - Eu não dou mais opiniões e não te queixes que o dinheiro não chega.

- Trato de tudo, sim, porque não dás importância, não ligas, aos problemas da casa e do teu filho. Onde é que andas com a cabeça?

- E tu queres fazer tudo como entendes.

Que remédio, as coisas estão todas às minhas costas. Que espécie de progressista és tu que a casa só te serve para comer e dormir.

- Eu trabalho, sabias?

- E eu? Não trabalho? Ganho para mim. Pelo menos não vivo às tuas custas.

- Escuta, Sara, escuta - dizia Tomás tentando uma posição conciliatória - Acho que devemos combinar as coisas. Não é cada um fazer o que entende. Mas quando se combina uma coisa deve respeitar-se o acordado.

- Ora! Filosofias. Se fosse assim não se fazia nada cá em casa.

- Eu quero ser ouvido nas despesas. Não se pode gastar como fazes. Cada vez falta mais dinheiro!

- Que graça! E é culpa minha?

- Podias comprar coisas mais baratas e pelo menos só as que fossem necessárias.

- Compro o que gosto e para o meu filho quero do melhor. Há-de ser educado como eu entendo. Se fosse pela tua conversa estava bem servido.

- Mas eu também tenho opinião. Não achas?

- Não acho nada. Perdeste a razão. És mesquinho. Aqui em casa já não mandas nada. Vai mandar lá nas gajas do teu emprego.

- Não te admito!

- Não admites. Isso é que era bom. Julgas que não sei das tuas amizades. Lá não discutes, não. És muito simpático, delicado. Aqui em casa para a mulher é que te armas em besta!

- Estás a provocar-me. Cuidado com o que dizes...

- Se calhar ainda me ameaças ou vens dar ordens. Porquê? Por seres homem. Por teres uma coisa entre as pernas pensas que podes fazer o que queres, não?!

As discussões podiam assim prolongar-se de forma estúpida e quase rancorosa em que nenhum deles sabia ou era capaz de parar, por muito que o desejasse, pois surgiam então rescaldos de outras discussões mal sanadas.

Uma frieza cada vez mais persistente instalava-se entre Tomás e Sara, atravessada por tentativas de reconciliação, pelo contrário cada vez mais fugazes.

Nas férias Sara decidiu ir para o Algarve.

Tomás não podia, nem lhe agradava gastar dinheiro que iria faltar mais tarde. Para ele era dinheiro inútil e sem proveito, além disso teria preferido ir para outro lado. Sara achava que se tratavam de desculpas para não estar com ela e decidiu:

- Se não fores vou sozinha com o meu filho. Todas as minhas amigas vão. Eu não sou menos.

Tomás acabou por ir passar uns dias, mas os atritos e discussões entre ambos foram tão frequentes que cada um finalmente compreendeu que estava melhor longe do outro.

A partir daí e coincidindo com as inquietações e incertezas do emprego, Tomás sentiu-se invadido por uma imensa e inexplicável tristeza, uma atonia, apenas quebrada quando exercia as suas funções de direcção e quando o olhar de Elsa lhe reacendia o fulgor.

Em casa, Tomás assumia uma crescente passividade, com a razão de, pelo menos, evitar discussões e que se destruíssem ainda mais. Além disso, para quê dar lamentáveis exemplos ao filho, já com 12 anos, testemunha muda, pacífica, desorientada e temerosa do que se passava?

Sara assumia, para além do seu emprego, a direcção da casa e o respectivo trabalho; Tomás procurava ajudar nalgumas tarefas, porém o mais certo era dar origem a novas quezílias, pois Sara achava que ele só fazia asneiras:

- É melhor seres tu a fazer para a próxima vez! - respondia Tomás.

Sara transformava-se numa mulher amarga, corrosiva, mal amada, que não hesitava em arrasar os nervos de Tomás. Passava o tempo a protestar, a ameaçar, a lastimar-se, ou da casa, ou do marido, ou do filho, que se tornava desobediente; criticava o seu trabalho e as colegas; criticava até os pais que estavam velhos. Uma crescente irritação nervosa aproximava-a da instabilidade emocional.

No meio de tudo isto, Tomás, não encarava as suas já comprometedoras relações com Elsa como infidelidade. Não fazia essa ligação. Elsa era-lhe necessária

como o ar que respirava. Era um assunto à parte, não tinha nada a ver com o que se passava em casa; o casamento com Sara era uma obrigação, um dever a cumprir, em primeiro lugar para com o filho.

Pensaria Tomás que essa situação se poderia prolongar? O seu presente era tão preocupante que não lhe deixava espaço para visionar o futuro. Alguém da FAMAT deu o toque que ajudou o futuro a compor-se: foi procurar Sara à escola onde ela dava aulas e com umas quantas evasivas pelo meio para ficar de bem com a sua consciência contou o que entendeu sobre Elsa e Tomás.

Sara não distinguia entre certezas e suspeitas, isso não lhe interessava: bastava que os outros suspeitassem.

Tomada a decisão, o seu espírito tornou-se frio de ódio, formado pela dor e pelo despeito. Era todo um passado de promessas e ilusões que desabava, mas era também o seu amor-próprio que - se não fosse suficientemente forte para tomar uma atitude - se afundaria. Em primeiro lugar procurou um flagrante do marido com a amante, porém Elsa estava naquela fase em que queria resolver os seus problemas sozinha e por isso os contactos, mesmo amigáveis com Tomás eram muito reduzidos.

Intuiu então que se não havia já tinha havido, além de que as informações que lhe traziam apontavam para a existência de laços afectivos entre o marido e a tal secretária, tanto mais evidentes quanto os procuravam disfarçar.

Sara não teve paciência para esperar mais. Rebentava de ira só de pensar no tempo que tinha feito de parva perante a choldra da FAMAT. Procurou um advogado, informou-se das condições da separação e, nessa noite, para evitar escândalos perante o filho e os vizinhos teve uma conversa com Tomás dentro do carro num sítio isolado. Contou-lhe tudo o que sabia mais o que deduzira e propôs as suas condições de separação. Se não as aceitasse faria um escândalo no emprego que lhe sairia caro a ele e à outra que também era casada.

Tomás ficou siderado. Apesar de tudo não entendia que o divórcio fosse solução. Sentia-se apanhado em falta, culpado, frágil, desarmado e com má consciência. Perante a evidência dos factos que tentou explicar sem desmentir e a determinação de Sara, nada lhe restava senão aceitar o ultimato desta. As tentativas de evitar a separação, as desculpas que deu, as promessas que fez encontraram da parte de Sara recusas veementes e desprezo. Tomás desejava ainda salvar, perante Sara uma

certa imagem dele próprio, mas era tarde; sentia que aos olhos da mulher tinha caído muito baixo.

- É tudo inútil. Já basta. Não quero desperdiçar mais a minha saúde e as minhas forças. Não insistas, não há qualquer saída entre nós, não há qualquer hipótese de voltar atrás. Estou farta! Que vida passei... Já não tenho lágrimas nem quero recordações. Acabemos com isto. Separemo-nos. Tem ao menos coragem para assumir o que fizeste. Eu, para já, não saio de casa com o Rui Manuel, mas qualquer dia quando chegares não nos encontras. Agora prepara-te tu também, que foste o causador de tudo.

Tomás semicerrou os olhos. Do sítio onde estavam viam-se passar os barcos que faziam a travessia do rio, com as luzes acesas nas cobertas. Mas olhava para o seu passado, para Sara, para o início do seu amor, calmo e seguro, para aquelas tardes de domingo de merenda e livros no estádio universitário. Uma paixão benévola. Parecia-lhe absurdo que um fio de água pura que se escoasse sem turbilhões da fonte, chegasse à foz tão sujo, tão conspurcado. Enquanto pensava, preso às luzes que circulavam no escuro, quase esqueceu Sara, e quando falou de alto, interrogava talvez os céus, os deuses fazedores de destinos, ele próprio e o seu passado:

- Fomos tão infelizes... Porquê?

E repetiu ainda a pergunta como se alguma resposta fosse possível:

- Porquê, tão infelizes?

Ligou o carro e voltaram para casa em silêncio. Sara deitou-se e ele deixou-se ficar caído num sofá, como se pudesse reconstruir os imensos puzzles da vida de cada um, até fechar os olhos e deixar cair a cabeça de cansaço e tristeza.

Insistentemente solicitada - já lá ia o tempo em que as Comissões de Trabalhadores entravam pelo Ministério adentro quase directamente para os gabinetes das altas instâncias - a reunião com os trabalhadores da FAMAT acabou por ser marcada quando já se levantavam vozes apelando a (mais) uma manifestação frente

ao edifício, em conjunto com outras comissões do sector, pressionadas pelo espectro da falta de encomendas e dos salários em atraso.

A reunião decorreu numa sala acanhada para o número de participantes que a CT punha frente ao Secretário de Estado, acompanhado do seu acessor. A deficiente renovação de ar tornava o ambiente cada vez mais carregado de fumo, cheiro a corpos transpirados e roupas usadas, dos elementos da Comissão.

O Secretário de Estado - e o seu acessor -, na ponta da mesa, enfrentavam com estoicismo aquela massa de gente física e mentalmente pesada, ou melhor, de grande inércia. Ainda jovens, vestiam impecáveis camisas com colarinho de cor diferente, gravatas italianas ou francesas, compradas nalguma viagem, fatos leves e de bom corte.

Até ao momento, a reunião tinha sido uma conversa de surdos; uma espécie de ritual que o Secretário e o seu acessor ouviam conspícuos, trocando olhares cúmplices, suportando a lengalenga da comissão como um dever de ofício, que esperavam devidamente reconhecido e recompensado pelo Poder, como expressão do seu sacrifício no altar das ideias democráticas.

Ainda há poucos anos militavam na idolatria maoista, da qual apaixonadamente assumiam a verve e a expressão anarquista. Educadores da classe operária - e de todo o povo, continuavam evidentemente na docência, o único lugar para que se achavam talhados, porém como o povo tinha chumbado no exame de admissão ao paraíso, mudaram de disciplina - e de cadeira. O inimigo principal continuava a ser o mesmo, de revisionista passou a ser designado ortodoxo, conservador, dogmático; dos imperialismos, que eram dois, foi suprimido um: o tal do tigre de papel.

A continuidade teórica estabelecia-se no axioma de que na origem do progresso está a revolta dos mais explorados; simplesmente os verdadeiramente explorados eram agora os empresários. Explorados pelos trabalhadores que não trabalhavam, não mereciam nem agradeciam o pão que os patrões lhe davam a comer; explorados pelos sindicatos, suma burocracia de cúpulas e clientelas; pelo Estado que fazia leis e cobrava impostos; ambos, exemplos acabados do nítido cunho classista em favor das tais camadas privilegiadas. Havia leis proibindo despedimentos sem justa causa e obrigando a idades de trabalho e salários mínimos. Havia impostos para delapidar em empresas e serviços públicos! Quem quisesse saúde que a poupasse ou a pagasse. Quem quisesse educação que pensasse... no cifrão.

Os grandes dirigentes da revolução mundial eram agora: Milton Friedman - Prémio Nobel da Economia, uma espécie de Martinho Lutero do capital e o profeta Alvin Tofler, o novo Hegel das multinacionais, ambos iluminados pelo Pangloss do imperialismo, o futurólogo Herman Khan!

O proletariado tinha agora um novo caminho para se libertar da exploração: o desemprego e a redução do tentacular Estado-Providência... Um número crescente ira no futuro encontrar estas novas formas de liberdade que indefectíveis democratas lhes preparavam abnegadamente.

Tarefa ciclópica só para espíritos superiores, iluminados pelas grandes certezas que - ah! o hábito... - lhes chegava belamente encadernado do estrangeiro. Enfim, que paciência não era preciso ter num país cujo atraso se podia medir pela persistência no parasitismo dos dogmas marxistas de uma parte apreciável da população e tão retardado a acorrer com fé - como nas exemplares democracias dos "New Industrialised Countries" asiáticos... - à grande revolução cultural das novas tecnologias e do neo-liberalismo.

Era, pois, com espírito de penitência e missão que encaravam estas reuniões insanas com trabalhadores, que os impediam de saudáveis fins de tarde no "squash" ou na piscina, ou do simples convívio com amigos nos bares da moda.

Situação transitória, já que a vitória final lhes sorria: professariam na política ou entrariam no século, competindo dia a dia na administração dalguma empresa.

Há duas horas que a reunião decorria. Cada uma das partes repetia com inconcebível seriedade os argumentos conhecidos. O acessor já lançara o habitual aviso:

- Muito claramente gostaria de deixar aqui expressa a minha opinião. Só a vocês compete decidir, porém não se deixem controlar por correntes minoritárias.

- Por acaso até existe uma maioria de esquerda na Assembleia - replicou um dos dois ou três membros da Comissão que falavam.

O Secretário de Estado pontuou a resposta com um gesto curto e rápido da mão:

- A expressão da vontade popular não vai no sentido da estatização da economia.

- A democracia não se esgota no acto eleitoral, além disto o governo aceitou que se constituísse uma comissão coordenadora para o sector...

- Não foi este governo.

- Eram os mesmos partidos; foi publicado em decreto-lei e houve compromisso de...

- Compromisso, não: foi admitida a hipótese. Mas as circunstâncias alteraram-se, têm de entender.

A Comissão não entendia: queria a coordenadora da metalomecânica, queria o Ministério, queria o Estado, mas não queria os patrões de volta. Insistiram para que o secretário aceitasse um volumoso processo sobre o passado da empresa.

- Não vejo utilidade... Como querem que eu leia isto?

- O Ministério tem pessoal que chegue para lhe fazer uma informação. Estão aqui indicadas as culpas, as fraudes cometidas pelos Britos.

- Culpas! Fraudes! Mas provas... Não se podem acusar as pessoas assim, é grave. Estamos num Estado de direito.

- Desculpe, mas é o inquérito levado a cabo pela Inspeção de Finanças que o afirma.

O Secretário de Estado olhou rapidamente o seu acessor a pedir-lhe confirmação e auxílio.

O acessor do Secretário: - Existe efectivamente um relatório.

O Secretário - Sim, nós sabemos.

O acessor do sr. Secretário - Dá-me licença, o relatório porém conclui com meras possibilidades de fuga de natureza fiscal, como uma relativa sobrevaliação de existências e outras infracções menores, cujos processos seguem os seus trâmites nas instâncias competentes. Nada está definitivamente provado, e até á decisão judicial as pessoas devem ser consideradas inocentes

- O governo pôs algum processo?

- Nem tem que pôr. Não deve interfwrir com a independência do poder judicial, nem a gravidade é grande. Aliás antes da intervenção de 75 não houve qualquer inculpação da gerência.

- Sr. secretário, a gerência fugiu, deixou a empresa ao abandono, procedeu ao desvio de fundos, etc., etc., como está indicado no documento que entregamos. Queria além disso lembrar-lhe o artigo 87 da Constituição: os meios de produção...

- Tenho de esclarecer que o governo não cede a pressões. Democraticamente interpreta o desejo da maioria dos portugueses.

- Não me diga que eles votaram nos Britos.

- Penso que nada mais há a dizer. Vamos tomar em consideração os vossos documentos.

- Representam a vontade dos trabalhadores e foram aprovados por unanimidade em plenário...

- ... Em plenário... naturalmente em votação de braço no ar. - Ironizou o aessor - Além de que esse relatório foi feito em 75.

- Põe em dúvida?

- Pelo vosso governo...

- Contesta-o?

- Foi uma altura conturbada, agitada. Acusações de parte a parte. Quanto a nós essa época está ultrapassada.

- Quer dizer que as fraudes cometidas em 75 ou antes pelo patronato sabotador não são passíveis de julgamento?

- Essa linguagem também está ultrapassada senhores da Comissão de Trabalhadores. As CT's têm de agir como as dos seus colegas da Europa.

- Da Bulgária?

- Assim perdemos tempo meus senhores. Pedia-lhes um esforço para serem construtivos. Não sei se será muito difícil.

O porta-voz da Comissão franziu o sobrolho, acusando a estocada. Duro, puxou de um papel:

- Construtivos, nós? Com certeza, quer ouvir o que os trabalhadores propõem embora da vossa parte não se note qualquer apoio:

"A resolução dos problemas da empresa passa por:

- estabelecimento de contrato de colaboração e transferência de tecnologia com empresa estrangeira de acordo com as conversações avançadas até ao momento e que é necessário concretizar

- reconversão dos trabalhadores para os novos postos de trabalho

- facilidades de crédito à produção

- realização de investimentos necessários à compra de máquinas e equipamentos

- alteração das formas de controlo de produção

- melhoria dos métodos de trabalho

- redução de stocks

- economias de energia

- estudo da produção de máquinas agrícolas, montagem de camiões e autocarros em colaboração com outras empresas do sector. Não sendo assim dentro de anos o défice do sector transportes poderá atingir um peso cada vez mais elevado na economia nacional, equivalente ao défice energético ou ao alimentar.

- A estrutura da FAMAT pode também assegurar a comercialização e a assistência técnica".

Além disto, achamos que as desintervenções feitas até ao momento, não estão correctas. Têm-se visto casos verdadeiramente escandalosos em que os trabalhadores não são ouvidos; em que apesar da nítida recuperação das empresas obtida pelos trabalhadores as mesmas são devolvidas ao patronato, sem quaisquer garantias para a economia nacional nem quanto aos direitos dos trabalhadores.

O Secretário fez um ar desolado e encolheu os ombros:

- Claro que algumas podem ser criticáveis, vivemos em democracia. O certo é que há leis sobre o assunto e estão a ser cumpridas. O governo tem legitimidade democrática para as fazer aprovar, em sede própria e para as fazer cumprir. Parece-me que é isto que vos escapa.

- Trata-se da interpretação da lei. A lei diz que as empresas podem ser entregues aos trabalhadores para autogestão, ficarem em economia mista ou serem entregues ao antigo patrão. Em termos de economia mista também pode ser entregue uma parte aos trabalhadores, ficando o Estado com o resto e não o patrão.

- Não compreendem que neste processo complexo há aspectos políticos a considerar.

- Quer dizer compromissos negociados à margem da Assembleia da República, isto é, secretos.

O Secretário agita-se, nervoso olha o relógio: está na hora. A entrevista tem de acabar. Com um trejeito de desprezo põe-lhe fim:

- Excedemos o nosso tempo. Não podemos desperdiçá-lo, o país espera de nós a recuperação do caminho para o abismo para onde os vossos camaradas o arrastaram. Se não compreende isto, paciência, o povo percebe. Em democracia a minoria sujeita-se à vontade da maioria.

- Se se trata da recuperação do país não se esqueça de ler o dossier que lhe entregámos. Já leu... Bom e quanto à constituição de uma cooperativa não

entendemos os vossos preconceitos quando ainda há pouco tempo a autogestão e as cooperativas eram a base da vossa propaganda.

- Aqui somos governo de todos os portugueses. O mal é trazer para esta reunião propaganda, isto não é uma sessão de esclarecimento partidário, não estamos aqui para os convencer: somos governo e orientamos o país em função dos interesses globais...

- Geoestratégicos, não?... - interrompeu o porta-voz da Comissão.

- ... que correspondem às menores despesas de capital por parte do Estado e que pode passar pela entrega da empresa ao capital privado. Temos que gerir bem o dinheiro dos contribuintes.

- E assegurar a manutenção dos postos de trabalho. O sr. Secretário não esqueça que também somos credores com os salários em atraso. Voltamos a pedir que estudem a nossa proposta.

O Secretário reflectiu:

- Vou pensar, mas são as nossas propostas que vocês devem estudar. Não são vocês que fazem as leis em comícios de braço no ar e manifestações. Isto que fique entendido: as empresas intervencionadas são uma nódoa no tecido económico.

- Já tínhamos ouvido isso. Que pensarão os vossos militantes?

- Não se preocupe. Preocupem-se antes com os vossos votantes e em não ficarem isolados, num "ghetto" para onde vós próprios se remetem. O que desejamos é um sistema de mercado livre que é necessário deixar funcionar...

- Para a reconstrução dos monopólios e penetração das multinacionais, não é verdade, sr. Secretário?

O Secretário e o seu acessor levantaram-se quase simultaneamente, de rosto fechado. Era possível que, por um momento, a vontade fosse pôr aquela gente na rua sem mais nem menos, com um palavrão por despedida, contudo, diplomático o Secretário concluiu, formal, esboçando até um sorriso:

- Lamento muito mas chegamos ao fim. Fico com os vossos dossiers, mas não prometo nada. A decisão final não depende de mim.

O economista Neves deitou-se para trás, na cadeira, a rir:

- Ah! Vocês são uns tipos intratáveis. Dizer uma coisa dessas ao homem! Ah! Depois não querem que lhes chamem sectários!

Os três elementos da Comissão de Trabalhadores não riram: estavam acabrunhados e indignados.

- Estamos fartos de ser enganados. O que é que vamos dizer aos trabalhadores? O pessoal assim não aguenta: uns estão revoltados e querem avançar para a confrontação, outros desmobilizam. Há quem queira ir-se embora. Elementos válidos, fundamentais para a produção, e depois? Nós só queremos que o Governo cumpra a lei. As leis que eles fizeram. Não é pedir de mais!

Obstinado um outro elemento disse com veemência:

- Se for preciso vamos para a luta.

O major olhou para o economista e para o engenheiro admirado ante o irrealismo da afirmação: Luta! Qual luta? Queriam fazer greve contra eles próprios? Queriam fazer manifestações de protesto para se descreditarem cada vez mais aos olhos da opinião pública?

Tomás quis introduzir uma nota optimista:

- A Coordenadora ainda existe...

- Só no papel - interrompeu alguém da C.T.

- ... O projecto dos novos autocarros vai para a frente. Que empresa há no país com mais tecnologia, capacidade produtiva e experiência, do que nós? Temos um acordo de transferência de tecnologia bastante vantajoso com o nosso licenciador. Podemos aumentar a participação nacional em colaboração com outras firmas do sector. Um amigo do Ministério da Indústria deu-me um estudo do mercado que prevê um acentuado crescimento da procura. Além disto há pareceres favoráveis à nossa participação no âmbito de projectos de produção nacional de produtos importados cuja viabilidade está assegurada. Basta a autorização do Ministério para arrancarem com os financiamentos.

- Entretanto não há com que pagar salários no fim do mês - cortou o major.

- E a taxa de utilização da capacidade produtiva é de 60% - concluiu um dos membros da C.T.

Tomás prosseguiu como se aquelas interrupções não tivessem existido:

- Temos mão-de-obra altamente qualificada,
- ... e barata, com salários em atraso... - ironizou o economista.
- ... elogiada pelos estrangeiros e com elevadas potencialidades de aumento de produtividade. Em condições normais a C.T. deveria ocupar-se também desta questão. Há muito a fazer e tenho várias ideias a pôr em prática para melhorar...

O Neves abanou a cabeça:

- Acalma-te Tomás. Não há ilhas de socialismo. O problema é político, não é técnico nem económico. É preciso um novo governo e uma nova política. Quando as forças democráticas se unirem e conseguirem impor uma alternativa política, então será possível uma política alternativa.

- Agora ainda não estão criadas condições - sorriu o major.

Sentindo-se tocado Neves replicou:

- Aí é que te enganas: estão. Nas bases há unidade, porém as direcções dos partidos reformistas...

- Estão ou não estão?

A discussão sobre estratégia política prosseguiu ante o nervosismo e alheamento dos membros da C.T., mais interessados na resolução dos problemas do fim do mês, dos salários em atraso e das garantias de postos de trabalho.

Discutiram-se as novidades e os palpites sobre a situação política, gerando-se nos casos de discordância mútuas acusações de futurologia, voluntarismo e idealismo. Por fim, um elemento da C.T. talvez vencido pelo cansaço, como se despertasse de um mau sonho ou volvesse às recordações da reunião anterior, falando para si próprio, fez-se ouvir:

- Que grandes filhos da puta!

Por entre os risos que espontaneamente se ouviram, ouviu-se o comentário do Neves:

- Com ofensa para as ditas!

Só então se aperceberam do adiantado da hora e dos problemas que no dia seguinte esperavam resolução.

O major Guedes olhava atentamente Tomás, com um sorriso compreensivo, sem o ouvir. Perdera o fio condutor do seu raciocínio, ou melhor, abandonara-o, desligara-se por não entender para que servia o seu esforço nem a firmeza das suas convicções. Tomás explicava exaustivamente as vantagens do projecto da FAMAT, a sua viabilidade económica, o efeito dinamizador noutros ramos industriais, o elevado valor acrescentado, a contribuição para a redução do défice da balança comercial, o factor aquisição tecnológica e inovação. Tinha gráficos, tabelas, actas de reunião, relatórios, cálculos. Como habitualmente devia estar tudo certo e, para mais, convincente. No entanto o major Guedes sorria; não podia evitá-lo.

Achava-se ele próprio ridículo por estar a ouvir aquele arrazoado, talvez perfeito, mas inútil. Tudo aquilo soava-lhe como uma língua morta. Como se o engenheiro se exprimisse em grego, latim, sabe-se lá, celta, por exemplo. Tomás parecia-lhe uma peça demasiado perfeita num maquinismo que não funcionava, ou funcionava de forma diferente. Que importaria uma roda dentada de molibdénio e assente em rubis se não tinha as medidas necessárias e o resto das engrenagens estavam ferrugentas?

Que importava a sua lógica se não eram esses os interesses em vista por quem decidia? Que importava o impacto económico se a questão era política? Tecnologia? Arranjar-se-ia outra melhor, pelo menos diferente. Defesa da Balança Comercial? Conceito obsoleto, substituído pela ocorrência das intenções de investimento dos "países amigos", que transformariam Portugal numa nova Suíça como alvitava alguns políticos - certamente para não dizerem Singapura. Emprego? O futuro estava na informática, nas novas tecnologias, nos serviços. Aumento das ligações interindustriais? Nada de criar "elefantes brancos" às custas do Estado!

Para quê demonstrar ao Tomás que o seu trabalho era sem valor perante os critérios de quem competia avaliá-lo.

As respostas que ia fornecer nada tinham que ver com o que o júri pretendia escutar. Até neste campo, falta de compreensão do factor mercado...

O major deixava então Tomás fazer-se ouvir pelo Dr. Neves, para quem a luta continuava sempre, de empresa em empresa, de manifestação em manifestação, de comunicado em comunicado, com a certeza da vitória final. O Neves que o levasse a sério, mais a Elsa que, com a habitual eficiência, tomava notas entusiasmada - não porque tivesse grandes certezas, mas porque sentia necessidade de crer e obedecer. A ele, major Guedes, bastava-lhe não sorrir de comiseração nem adormecer, pois sabia que pouco tempo lhe restava como presidente da Comissão Administrativa da FAMAT.

Talvez a sua formação mais militar que ideológica lhe fizesse aceitar vitórias e derrotas com outro espírito.

Nunca se perde nem ganha tudo, definitivamente. Na vitória é preciso estabelecer a defesa adequada, isto é, controlar os nossos pontos fracos perante o inimigo. Na derrota planejar a retirada. Estava nesta fase, por isso ainda não revelara as informações confidenciais que lhe anunciavam a sua saída para breve nem que já tinha falado com amigos, talvez fosse melhor chamar-lhes ex-camaradas de armas, no sentido de integrar uma empresa para a cooperação com os países africanos de expressão portuguesa.

Iria ter saudades unicamente das pessoas com quem trabalhara: admirava-os. Às vezes custava-lhe a acreditar que houvesse pessoas assim, vivendo por uma ideia, que transformavam em ideal. Para ele as ideologias valiam pela forma como funcionavam.

Quanto ao resto era conformar-se com a lógica dos efectivos, do potencial e das estratégias em presença. Os resultados eram depois inevitáveis. Claro que os bons soldados lutavam até ao fim, casa a casa, pedra a pedra, mas isto pouco alteraria o desfecho.

O que iria acontecer provocava-lhe já um rictos de desgosto e um encolher de ombros: seria o mesmo que em tantos outros locais. Uma Comissão Administrativa vetada pela C.T.; o ciclo das promessas às ameaças, que acabaria com exhibições de aparato policial e processos disciplinares; a pressão sobre os filiados nos partidos que apoiavam o governo para activamente se demarcarem das maiorias de braço no ar; a pressão económica da falta de encomendas e dos salários em atraso, motivando rescisões voluntárias de trabalho; o tempero das divisões na C.T., sopradas pelos

interesses partidários, o sal das intrigas pessoais e os cogumelos de despropositadas reivindicações esquerdistas.

Porém, de momento, Tomás estava seguro, orgulhoso mesmo, do seu trabalho, das negociações de transferência tecnológica com o estrangeiro, das possibilidades técnicas e económicas da FAMAT. Pois, não detinha a empresa, antes da Revolução de 74, em certos sectores 60% do mercado interno, não se abriam agora novas possibilidades como as exportações para África e para a Europa do Leste? Para quê interrompê-lo? Passaria mais um fim de tarde empolgante sendo ouvido pelos seus amigos mais próximos e, sem dúvida, um princípio de noite feliz com Elsa.

Para quê desiludi-lo?

Durante as semanas seguintes, viveu-se um clima de trabalho intenso que serviu para esquecer as dificuldades do dia-a-dia e fazer renascer esperanças, em particular do lado de Tomás. Tratava-se do concurso para a aquisição de mais de uma centena de autocarros para empresas transportadoras com capital do Estado, segundo um contrato-programa plurienal, que constituía uma oportunidade única para a viabilização da FAMAT e o ponto de partida para a sua expansão e reestruturação.

No passado, a empresa tinha sido de longe a mais importante fornecedora do mercado nacional. A concorrência limitava-se agora à E.M. Lda., a Emanuel Marcelo, representante e montador sobretudo de automóveis ligeiros, mas que trabalhava também em veículos pesados. A E.M., tal como a FAMAT, estava com problemas devido à quebra do mercado e a dificuldades financeiras.

Como era de esperar a proposta da FAMAT apresentava um valor acrescentado nacional muito superior ao da E.M. e um preço global inferior, porém devido às dificuldades na obtenção de crédito o pedido de primeiro pagamento era mais elevado, o que, conforme o cálculo financeiro adoptado, os poderia colocar em desvantagem.

A comissão técnica de apreciação das propostas propôs a repartição da encomenda pela FAMAT e pela E.M. em partes iguais, o que se justificaria em face do

elevado número de unidades exigidas a curto prazo, considerando que nenhuma empresa parecia estar em condições de cumprir globalmente o contrato no prazo pretendido. A decisão era supostamente confidencial até à decisão pelo ministro e anúncio final, o que não obstava a que os interessados tivessem já conhecimento.

O major foi o mais optimista: para ele tratava-se de uma boa solução que podia assegurar a sobrevivência da empresa.

- Sobrevivência? Isto é um golpe para a FAMAT - considerava o Tomás - e para o nosso projecto. Com metade da encomenda não é possível desenvolver o potencial produtivo da empresa. Necessitávamos era que o prazo fosse dilatado. Além disso a EM não tem nem capacidade, nem suficiente experiência, nem tecnologia própria ao nosso nível. Além disto a nossa incorporação nacional é muito superior.

- Querias monopólios não! - comentava o major.

- Quais monopólios? Quando rebentarem com isto ficam os outros sozinhos. E se têm problemas com os prazos por que não encomendaram antes? Faz falta a planificação, não é verdade?

- Chamemos-lhe apenas planeamento e coordenação...

Os planos a nível político, porém, eram outros: apesar deste parecer, uma nova comissão foi designada para reexaminar as propostas.

Quem trouxe a novidade foi o major.

- Tomás, vai haver uma nova reunião por causa dos autocarros. Há uma nova comissão de apreciação.

- Uma nova comissão? Mas... porquê?

- Não sei, mas não é difícil imaginar. O Ministro não disse que o governo pretendia apoiar o sector privado? Para eles fifty fifty não é apoiar, é pôr em igualdade de circunstâncias...

- Sabes bem que não, a nossa cota de mercado era muito superior.

- Pois sei. Mas há as ajudas que não temos...

Alguns dias depois a FAMAT foi convocada para uma reunião com a nova comissão.

Difícilmente poderia ter corrido pior: começou com as reticências postas à parte técnica em que foram feitas exigências anteriormente não especificadas, acabou com considerações de economia política quando Tomás querendo salvar as aparências referiu a importância da FAMAT do ponto de vista socioeconómico como empresa do

Sector Empresarial do Estado. Em má hora, pois os seus interlocutores eram dos que, como o economista J.K. Galbraith tinha referido há algum tempo, faziam doutrina dos preconceitos anti-Estado:

- Preocupem-se em viver sem estar encostados ao Estado, operarem num sistema concorrencial, isso é que é o mais importante do ponto de vista empresarial.

O Dr. Neves levemente irónico replicou:

- Não pretendemos reprimir, como dizem, o livre jogo do mercado... portanto haja concorrência leal e a FAMAT à partida tem melhores condições: um bom preço, mais experiência, melhor conhecimento das necessidades dos clientes nacionais, maior participação nacional. Não temos medo da concorrência se forem garantidas condições iguais para todos os participantes, porém o que se vê é que a política do Governo consiste em apoiar de modo desigual, para não dizer exclusivamente, as empresas privadas.

Um dos elementos da comissão de apreciação apressou-se a responder:

- Para haver concorrência é preciso iniciativa privada. Foi a política que o povo português escolheu. Têm de viver neste quadro mesmo que não gostem. Paciência...habituem-se.

O presidente da Comissão, ponderadamente, reflectiu:

- O Estado não tem vocação para gestor. Sabem quantos milhões são desviados para cobrir os défices das empresas públicas? Dinheiro dos contribuintes que falta para sectores prioritários como a saúde, a educação, a segurança social. Isto é que nos deve preocupar a todos.

Mas o Neves não ficou calado, como se se tratasse de uma discussão ideológica em vez de uma transacção comercial - em que o cliente, por definição, deve, pelo menos parecer ter sempre razão:

- A nós preocupa-nos o desemprego, o não aproveitamento das capacidades produtivas, os nossos défices nos campos industrial e tecnológico. Quanto ao Sector Empresarial do Estado, se analisar bem os números, verificará que é globalmente positivo.

- Globalmente positivo? Só nos últimos sete anos os prejuízos acumulados atingem 535 milhões de contos.

- Não entendo. Os vossos números nesse período devem apontar, salvo erro, para mais de 90 milhões de contos de resultados positivos...

- ... à custa da banca e seguros, claro. Falo das empresas industriais, que não podem continuar a ser suportadas pelo erário público e pelos contribuintes.

- Sr. engenheiro, as empresas do Sector Empresarial do Estado pagaram só no ano passado 185 milhões de contos de encargos financeiros. Três vezes o valor dos encargos com os trabalhadores. Só a dívida externa, a que foram obrigadas, duplicou, devido à política de desvalorização do escudo.

Portanto, os resultados brutos de exploração são positivos, isto apesar de se incluírem empresas com preços de carácter social, fixados administrativamente e com indemnizações compensatórias que não são pagas, pois o Estado deve 600 milhões de contos às empresas; apesar, ainda, da má gestão, nomeadamente financeira, que lhe é imposta - continuou o Neves - O que não podemos também esquecer são os milhões de contos entregues aos empresários por via de benefícios fiscais, isenções, subsídios, créditos bonificados ou a fundo perdido, eu sei lá que mais.

O presidente fez um largo sorriso, divertido e afável, voltando a cabeça de um lado para o outro sem fitar ninguém, mas como se os tivesse encarado a todos e, em jeito de despedida, deu por terminada a reunião. Tomás ainda quis saber algo sobre o resultado do concurso. A resposta foi o mais formal possível:

- Oportunamente contactaremos por escrito.

Ao descer as escadas do Ministério, Tomás desabafou depois de um palavrão:

- Estes tipos estão a transformar a proposta da concorrência num novo Caderno de Encargos!

Como não lhe respondessem continuou sózinho a expor argumentos e protestos. Para o major estava tudo decidido, quanto a ele havia apenas que tentar a sobrevivência com muitas cedências, mas, claro, os outros não entendiam esta linguagem.

Para o economista, bem podia o engenheiro falar: era muito bom com números, dados técnicos, normas. O problema era político. Aqui não se tratava nem de estudos técnico-económicos, nem de mais ou menos Estado, nem de melhor ou pior Estado, mas sim a quem pertencia o poder do Estado, e de quem estava ao serviço.

De qualquer forma, na sua opinião, aqueles dois amigos tinham uma compreensão limitada das coisas - por isso achava-se tolerante. Os autocarros eram muito importantes sem dúvida... havia o emprego de centenas de operários, havia a defesa da produção nacional e de uma empresa fora do sector capitalista da

economia, havia que barrar o caminho à penetração imperialista através do concorrente, etc. Contudo era preciso não esquecer que o objectivo final era dominar o aparelho de Estado e pô-lo ao serviço dos trabalhadores e do país. Sem esta condição tudo o resto seriam vitórias de Pirro.

Quando regressaram aos escritórios, ao fim da tarde, tensos, silenciosos, despediram-se e cada um foi para o seu gabinete arrumar os papeis antes de seguir para casa.

- Fazes tu o relatório - disse o Neves para o engenheiro.

Elsa tinha ficado à espera de Tomás.

- Então?

- Correu mal.

- Porquê?

- Aqueles porcos nem os 50% nos querem dar.

- Nem 50%?! Mas a nossa proposta tem maior valor acrescentado nacional. E o preço? E os prazos? E as garantias técnicas? Eu não percebo nada disso, mas...

Tomás sorria.

- Só tu me fazias rir. Não se trata de questões técnicas. Primeiro chumbaram o nosso projecto. Implicaram com tudo: quando respondíamos diziam que havia melhor lá fora e apresentavam, como exemplo, soluções de outros fabricantes, muitas vezes discutíveis. Muito deve ter aquela gente passeado, só para dar cabo do nosso projecto. Até implicaram com os varões para os passageiros se agarrarem. Vieram com normas que não estão em vigor, nem eram referidas no Caderno de Encargos. Mas quais normas? Não há normas nacionais nem internacionais generalizadamente reconhecidas. Para eles, foi fácil deitarem-nos abaixo, bastou passar o nosso projecto para a mão dos técnicos estrangeiros da marca do E.M.

Portanto, quanto a projecto nicles...Percebes, sem um projecto defensável, adeus vantagens, adeus argumentos. Primeiro, puseram-nos a fazer o mesmo que os outros em termos de incorporação nacional o que é mentira. Depois conseguiram demonstrar que o nosso material é mais antiquado, mais pesado. Talvez fosse uma vantagem por ser mais robusto, mas para eles não era. Queria dizer simplesmente má concepção.

Portanto, tecnicamente passamos a estar piores.

- E o preço?

- Pois bem, por fim, acerca do preço apareceram os financeiros que fizeram as contas aos encargos das nossas condições de pagamento entrando com as taxas de juros mais elevadas da Banca: passamos a ficar mais caros.

- Vocês não protestaram?

- O Neves ia fazendo uma fita das dele. Disse que no preço da concorrência deveria entrar-se com os encargos que o Estado suporta com o contrato de viabilização da E.M., os créditos bonificados e as verbas entregues a fundo perdido, com o argumento do desenvolvimento tecnológico, que eram nem mais nem menos que os encargos de engenharia e de equipamentos para esta encomenda.

-E eles que disseram?

- Encaixaram. Responderam muito secamente, como uma espécie de prostitutas respeitáveis, de que não tinham instruções para análises daquele tipo.

- Será que nos vão tirar a encomenda.

- Não vão tirar porque não a deram.

- Em condições normais deveríamos fazer praticamente a totalidade da encomenda.

- Isso era ter um monopólio e ainda por cima do Estado! Há-de existir um monopólio, sim, mas para a E.M. quando nos tiverem encostado à parede e não lhe possamos fazer sombra.

- Mas então... o que vamos fazer - inquietava-se Elsa.

- Uma parte, não têm coragem de tirar tudo... de uma vez.

- Achas que sim?

- Vão dar-nos para aí 30%. Têm medo... têm medo daqueles lá em baixo - e apontava para as oficinas - ou então querem guardar alguma coisa para os Britos - acrescentou em voz baixa.

Elsa continuava a fitá-lo. Com os olhos azuis muito abertos. Tomás sentiu que ela o desejava. Sorriu-lhe com ternura.

- E o relatório? - disse Elsa.

- Deixa o relatório. - Tomás sorriu-lhe - Agora o que eu desejava era que ficasses aí, sentada, apenas sentindo a tua presença, enquanto trabalho, sem nada dizermos.

Elsa ficou suspensa: o que ela ouvira era como uma declaração de amor, sentia mais que a presença física: havia entre eles uma identidade que nada podia separar. Foi ela que se levantou e pousou a mão no ombro de Tomás que se manteve imóvel,

fitando-a. Puxou-o aproximando-se mais e mais, até ao abraço final, ao beijo apaixonado, cego e subitamente violento, ao amo-te, amo-te, amo-te, finalmente balbuciado.

O novo relatório da FAMAT apresentava um estudo técnico-económico bem fundamentado. Começava por apontar a necessidade evidente de um aumento de capital, atendendo à desvalorização do escudo e à inflação, apoiado nas opiniões da Banca e do Instituto de Participações do Estado, confrontando a situação desastrosa da empresa no caso deste aumento não ser efectuado. A percentagem de encargos financeiros na produção já era tão grande que inviabilizava a empresa a curto prazo e impedia o seu funcionamento por falta de fundos para efectuar os aprovisionamentos.

Noutro capítulo era denunciado o boicote do governo e as acções prejudiciais levadas a cabo pelos antigos accionistas privados.

Apontavam-se medidas a curto prazo, tendo em conta a dinamização económica proporcionada pelos investimentos do Estado, em curso ou previstos: estabilizar situação com fornecedores, congelar dívidas (que passariam a capitais do Estado), eliminar restrições ao crédito, ter juro bonificado para o investimento. Concluía-se afirmando que não era necessário efectuar despedimentos, mas proceder à reconversão do pessoal, avançando com a fabricação de autocarros e camiões, aumentando a incorporação nacional, expandindo o fabrico de componentes, concretizando a colaboração entre empresas do sector em projectos comuns, patrocinados pelo Estado.

Tomás teve a sensação de se tornar ridículo. Como alguém que aparecesse de fraque e chapéu de coco. Por muito jeito que o chapéu e o fraque fizessem, por exemplo, num dia frio e chuvoso. Mas a moda agora não era essa: as esperanças estavam na abertura da Bolsa e nos negócios com as grandes empresas estrangeiras do ramo. Seríamos o que eles quisessem que nós fôssemos. Não eram eles o mercado global?

Elaborado o novo Relatório, preocupados com a situação de indefinição que se vivia, tanto a Comissão Administrativa como a Comissão de Trabalhadores fizeram insistentes pedidos para uma reunião no Ministério.

O Secretário de Estado acabou por recebê-los com o sorriso habitual, desenvolto e tolerante:

- Então, por cá de novo? Como vão?

Houve os habituais cumprimentos e piadas de parte a parte.

Depois de todos sentados, o major fez uma pequena introdução e entregou o relatório elaborado por Tomás e pelo Neves.

O Secretário folheou distraidamente, lendo um parágrafo ou outro.

- A vossa situação é grave, não é verdade?

- Não é grave, é absurda - interveio Tomás.

- Talvez as duas coisas.

- Talvez sim.

O Secretário continuou a folhear fixando-se em algumas passagens.

- Os vossos prejuízos... Como sabem a política do governo é acabar com as empresas estatizadas que dão prejuízo, são um fardo para o erário público, que pesa na bolsa dos contribuintes.

- Mas a FAMAT não dá prejuízo ao Estado.

- Como assim?

- Está aí indicado. Se não fossem os encargos financeiros haveria mais de 30.000 contos de lucro. Quero dizer que é o Estado, através da banca, que recebendo esses encargos, recebe o lucro ou seja o excedente financeiro que libertamos.

Aliás as soluções que preconizamos são simples e evidentes: passagem do crédito a curto prazo para médio e longo prazo; não compreendemos porque é que a Banca não aceita concretizar esta medida, quando empresas como a EM, têm obtido os créditos que precisam sem quaisquer dificuldades. Repare, o capital da nossa empresa é apenas de 3% do valor da facturação, acha isto lógico? Os encargos financeiros são 30% das despesas com o pessoal. Acha que isto é uma boa gestão por parte do Estado?

- Aí está. O Estado não tem vocação para gestor.

- Mas nós não queremos que o Estado venha gerir a empresa - interveio o porta-voz da C.T. que era metalúrgico - o Estado tem que definir uma política para as

empresas, privadas ou estatizadas para o sector. Por que razão há um tratamento desigual? Isso os trabalhadores não entendem.

- Vai haver uma solução a curto prazo. Estamos de acordo que estas situações não podem prolongar-se.

- Quer dizer que irá funcionar finalmente a Comissão Coordenadora?

Para evitar a conversa naquele tom o secretário voltou a folhear o relatório. Num dos capítulos era feita uma espécie historial da empresa e referidas as acusações de desvios de fundos, fuga ao fisco, etc., atribuídas aos Britos.

O porta-voz da C.T. não se calou:

- Tem sido afirmado que a empresa dá prejuízo e está mal gerida. A nossa interpretação é diferente. De acordo com factos, durante a primeira fase da intervenção, isto é, enquanto a Banca não começou a levantar-nos dificuldades, os resultados foram quanto a nós bastante positivos, conforme está aí relatado:

- a empresa não teve prejuízos em 75 e deu um lucro apreciável em 76

- durante a primeira fase da intervenção, foram feitos investimentos, em 30% com os recursos da empresa, aumentaram-se as vendas e previa-se que estas quase duplicassem caso o contrato com o Estado tivesse sido efectivado na data inicialmente prevista

- foram aumentados salários, garantido complemento de subsídio de doença

- aumentado subsídio de refeição

- admitidos 40 novos trabalhadores

- elaborados projectos que, com nível de investimentos reduzido, permitiriam criar mais algumas dezenas de postos de trabalho, aumentar incorporação nacional na produção, etc.

Tudo isto é já vosso conhecido, pisado e repisado - concluiu.

- Muito bem - disse o Secretário de Estado considerando-se informado - como eu disse, há uma solução a ser estudada...

- Podemos saber qual é...

- Lamento, mas até os detalhes estarem definidos não posso dizer nada. Além disso não estou autorizado a falar-lhes no assunto, que será discutido em primeiro lugar apenas com a Comissão Administrativa.

Posto isto nada mais avançou: não sabia, não podia dizer e, quanto ao resultado do concurso, não seria ético.

À saída o sentimento geral, exceptuando talvez o major, era de indignação e revolta: a situação deles como ficava na mesma só podia tender a agravar-se. Contudo, algum tempo mais tarde, a Comissão Administrativa foi chamada ao Ministério para uma reunião. Estavam presentes responsáveis da Indústria, das Finanças e do Trabalho e foi-lhes comunicado que iria ser nomeada uma nova Comissão. O major, apesar de não se surpreender, ainda perguntou a razão porquê, se o trabalho feito não satisfazia, etc.

Nada disso: a forma como aqueles elementos tinham desempenhado as suas funções seria tida em consideração no futuro.

O major achou a resposta ambígua, mas não insistiu. Quanto a ele, habituado e desiludido com as voltas do mundo, já sabia com o que contava: na parte militar iria alinhar-se na "prateleira" juntamente com tantos outros camaradas.

Argumentou ainda que era necessário o parecer da C.T.

- Certamente. Guiamo-nos pelos princípios democráticos.
- Pode-se saber quais são os vossos indigitados?
- Claro. Ia precisamente comunicar-lhes para, mesmo antes de entrarem em funções, serem esclarecidos por vós sobre as condições da empresa.

O major não se apercebeu logo do que se passava. Para ele eram nomes ou desconhecidos ou mais ou menos ligados aos partidos do governo e aliados, porém o Neves mordia os lábios, branco de fúria, lá fora explicaria que eram gente ligada aos Britos.

- E quanto ao resultado do concurso...
- Quanto ao resultado do concurso está pendente da nomeação da nova Comissão Administrativa...

A nomeação, porém, encontrou as dificuldades habituais: o plenário dos trabalhadores rejeitou os nomes e a nova Comissão não foi aceite. Fez-se então saber que sem essa aceitação o governo não poderia dar aval aos financiamentos e permitir que fosse tomada a decisão de encomendar os autocarros. Boatos acerca do quantitativo da repartição da encomenda começaram então a circular desencontrados, das oficinas à gerência.

As más notícias acumulavam-se: a representada do sector de ligeiros deixou de lhes garantir a exclusividade. O assunto foi discutido entre todos na direcção e concluiu-se que havia ali mão do Brito e não só, provavelmente.

Que ele conseguira apoios lá no alto era um facto. Fazia agora pouco mais de dois anos que, um dia, o major chegara à empresa com a novidade:

- Os Britos voltaram!
- Como sabes? – perguntou-lhe Tomás.
- Sei, até vinha num dos jornais de má-língua. Já cá estão.
- Os tipos podem ser processados.
- Podem, podem... tu é que vais ser processado se não te pões a pau.

Mas não se ouviu falar mais deles. Nem pareciam interessados na FAMAT. Tinham constituído uma firma para comercialização e reparação de automóveis embora com uma estrutura incipiente que não lhes fazia concorrência. Foi muito mais tarde que o Major e o Neves se preocuparam em averiguar melhor o que se passava. Souberam então que os Britos tinham mantido no estrangeiro negociações com a representada. Aproveitando-se das dificuldades financeiras da FAMAT e das facilidades que eles próprios estavam a obter, montaram uma estrutura comercial paralela podendo inviabilizar um sector da empresa que, se não era dos mais importantes, era na actual conjuntura o mais rendível.

A divisão entre os trabalhadores era agora notória. Um núcleo fez um comunicado em que se demarcava da recusa em não aceitar a nova Comissão Administrativa e em que protestava contra o facto de ao não aceitar a nova Administração se defenderem interesses partidários e os sindicatos mais uma vez mostrarem ser a correia de transmissão de partidos que tinham adeptos seus colocados em posições no aparelho de Estado, muito para além da sua representatividade democrática:

“A nós não nos interessa quem gere, mas como gere. Estamos na defesa dos verdadeiros interesses dos trabalhadores que só são possíveis com uma nova gerência sem estar enfeudada a partidos políticos.” E terminava: "A quem interessa afinal a contestação e a degradação da empresa?"

Tomás, como se o girar do Mundo, dependesse do seu esforço preparava agora uma nova versão do seu Relatório, tentando adequá-lo às novas exigências do concurso, analisando as diversas hipóteses. Porém, nem o major nem o economista tiveram acesso à versão final: a substituição da Comissão Administrativa ocorreu entretanto, apesar da opinião contrária dos trabalhadores. Chegou a haver ameaças

de paralisação e impedimento da entrada na fábrica dos novos elementos, mas o próprio major aconselhou-os a não serem intransigentes.

Deste modo, saíram o Major, o Dr. Neves e foi substituído o representante da Caixa Geral, cujo papel era, ultimamente, nulo.

Na véspera juntaram-se num almoço com Tomás e alguns colaboradores mais próximos. Elsa também foi. Fazia parte da vida deles, da FAMAT, das horas de luta, de esperança, de ideais quotidianamente contestados e reafirmados.

Ideais que permaneciam em nome das horas em que o sonho parecia possível, em que a sua vivência era tão forte, em que toda a sua vida estava identificada com eles, em que já não havia distinção entre o pensar, sentir, viver. Então podia-se dizer que não tinham defendido quaisquer interesses, nem mesmo os seus, mas apenas, ideais.

O que não queria dizer que estivessem certos. Mas o que estava certo? Perguntava Tomás, desiludido, triste, sabendo que se encerrava um capítulo da sua vida, sentindo-se mais só sem a alegria do Neves, sem a presença tranquila do major Guedes, pouco conhecedor de metalomecânica, mas de uma curiosidade e bom senso notáveis.

Reinava a nostalgia de terem estado tão próximos de vencer, de alcançar o que pretendiam e, finalmente, verem-se derrotados, afastados, tantas vezes caluniados.

No final, Elsa, ao mesmo tempo irónica a triste, fez como que um resumo e conclusão:

- É caso para dizer como Brecht:

"Que erros cometemos! Se tivéssemos tido tempo!

Mas o povo não dispõe senão de uma hora.

Que infelicidade se nessa hora não estiver completamente preparado, pronto para a luta."

- Brecht? Em que peça? - perguntou o Dr. Neves.

- Em "Os dias da comuna". Conhecem?

Nenhum deles respondeu. Tomás pensativo reflectiu:

- Estar preparado? Nunca se está preparado... Mesmo Brecht duvidava, e também escreveu: "Não sei... Será que não exigimos demasiado da natureza humana?"

Foi o major que rompeu o silêncio comprometido de todos:

- Bom, mas não se preocupem, agora vamos, todos, ter muito tempo para ler.

Quando se despediram Elsa e Tomás ficaram mais sós, mais unidos. Parecia que no mundo, de seguro, nada mais existia senão que se passava entre eles.

O major foi colocado num obscuro gabinete sem rigorosamente nada para fazer, até ser posto na reserva; o Dr. Neves regressou ao Ministério para um gabinete com boa vista sobre Lisboa, encarregado de fazer uns estudos sobre o sector industrial da fundição de metais não ferrosos em Portugal e na CEE, que nunca ninguém chegou a ler.

Não voltaram a reunir-se nem sequer a encontrar-se. Para quê comemorar as derrotas e as frustrações de cada um?

Os novos elementos da Comissão Administrativa eram jovens com ideias próprias, adquiridas em conceituadas revistas estrangeiras, colóquios e cursos patrocinados por organizações que espalhavam as teses dominantes do neo-liberalismo. Estavam deslumbrados com os passes de mágica do dólar sob a administração do presidente Reagan, mas ignoravam por demasiado desagradável o reverso da medalha, exposto, por exemplo, na tragédia chilena do ditador Pinochet ou no aumento da pobreza nos próprios EUA.

Acerca do novo relatório de Tomás deram, numa conversa rápida, o seu parecer sobre os tópicos, reagindo com cepticismo e enfado.

- Está desenquadrado... Não é isto que está em causa. A nossa economia deve ser aberta. A modernização não se mede pelo valor acrescentado, isso são ideias arcaicas, "cassetes". Mede-se pelo grau de evolução tecnológica, pela abertura e cooperação com empresas estrangeiras que detêm tecnologia avançada. Isto é andar para trás: implica proteccionismo.

Tomás, atónito, reagiu calmamente à argumentação:

- Não se pode chamar proteccionismo à defesa da indústria nacional e à evolução tecnológica. O próprio Paul Samuelson, Prémio Nobel de Economia, adepto do liberalismo, defende que as indústrias nascentes ou dos países com economias em desenvolvimento - jovens economias - carecem de protecção temporária a fim de alcançarem as suas vantagens comparativas. Nestes casos, ele próprio admite que o planeamento do Estado pode antecipar tendências melhor que o mercado livre. Há ainda os casos que devem ser tomados como excepção às regras da vantagem

comparativa, nomeadamente as actividades que se justificam em termos de segurança ou de independência nacional. Estão neste caso as indústrias estratégicas...

Retorquiram-lhe:

- O que é isso de indústrias estratégicas?

- O impacto do nosso projecto no desenvolvimento económico e tecnológico do país está bem claro no Relatório, a partir de elementos colhidos no próprio Ministério da Indústria.

Os circunstantes sorriram entre si, mas Tomás prosseguiu:

- O facto é que o projecto é economicamente viável e tem um saldo de divisas mais positivo do que quaisquer outras hipóteses.

- No papel. No futuro nunca se sabe. Esse projecto não corresponde a uma estratégia de modernização.

- Já que fala em modernização não se esqueça que os nossos concorrentes estão muito mais dependentes do licenciador estrangeiro, não dominam sequer a tecnologia da produção, limitam-se a incorporar mão-de-obra barata. Não têm nem o mesmo saldo em divisas nem a mesma capacidade de gerar emprego.

- Claro que não é como está a dizer. Isso é uma deformação. Estão a ser reciclados trabalhadores. Estão a ser realizadas milhares de horas de formação profissional..

- Com dinheiros do Estado. Como eu proponho para a FAMAT, em proporção aliás muito mais reduzida.

- O problema da FAMAT é que não se podem invocar situações de monopólio ou de privilégio e não vale a pena sonhar com projectos fantasiosos que requerem elevados investimentos do Estado...

- ... que são reprodutíveis e pagos no próprio projecto - interrompeu Tomás.

- Mas não são possíveis sem reestruturar a empresa e resolver a questão financeira.

- Como eu proponho no Relatório.

Relutantes, mas mais para evitar que se prolongasse uma discussão que não lhe convinha, os homens da Comissão Administrativa prometeram analisar o Relatório, comentando entre si que Tomás não se podia aturar, tinha mau feitio, enfim era preciso dar uma solução ao seu caso.

- Trata-se de um problema de confiança. Um quadro num lugar com as responsabilidades que ele tem não pode tomar atitudes destas. Não há sintonia com a Administração - acentuaram.

Quanto ao resto do pessoal a nova Administração avançou com largos sorrisos, andar dinâmico, agitar de ancas e braços. Pela manhã, havia bons dias a todos revolteando a cabeça sem olhar ninguém como se perfurassem o ar estilo parafuso sem fim. Alojaram-se em metade de um andar, arranjaram consultores no exterior para os mais diversos assuntos, obrigaram, como lhes competia, toda a gente a ouvir o seu programa de advertências, a larga lista de objectivos generalizadamente genéricos e finalmente asseguraram que a nova encomenda estaria para muito breve.

Porém os trabalhadores, mal agradecidos, não apreciaram devidamente as promessas e as correspondentes palavras altissonantes, de forma que a colaboração com vista aos objectivos propostos foi por água abaixo: na realidade a encomenda obtida pela FAMAT não atingia sequer os 30% do total.

Claro que era melhor que nada, como consideraram alguns, mas Tomás explicou-lhes que aquela fracção da encomenda impedia a viabilização da empresa, impossibilitava que fossem feitos os necessários investimentos de reestruturação, obrigava-os a produzir com equipamentos e segundo processos de trabalho obsoletos, tirava-lhes força para obter da Banca novos créditos e do Estado o aumento de capital, etc. Quer dizer, se por um lado permitia a sobrevivência a curto prazo por outro agravava todas as dificuldades e perspectivas de futuro. Além disto, continuariam as dificuldades nos pagamentos de salários e aos fornecedores. Quanto a aumentos de vencimento dificilmente poderiam ser satisfeitos, de qualquer forma nunca para compensar a inflação.

A Comissão de Trabalhadores fez um plenário e um comunicado denunciando estes factos em estilo considerado pela Comissão Administrativa provocatório e calunioso. Concluía dizendo que: "Os interesses dos trabalhadores estão sendo prejudicados. O país está sendo defraudado."

Para cúmulo elegeram o engenheiro Tomás seu representante na Comissão Administrativa agora designada por Conselho de Gestão. Evidentemente que, apesar da lei, nunca tomou posse nem teve assento em qualquer reunião daquele órgão.

A forma do Conselho de Gestão rentabilizar a FAMAT se não foi original, foi bastante curiosa: considerou-se que a comercialização e a assistência a ligeiros não

eram a vocação da empresa. Curioso, conforme contestava Tomás, pois era o único sector verdadeiramente rendível na altura. No entanto, era também aquele que mais que interessava aos Britos, pois tinham criado uma estrutura equivalente. Apesar disto, o Conselho de Gestão insistia em que era a forma de terem rapidamente o dinheiro em caixa que continuava a ser recusado pelo governo.

Apesar de diminuta, pois não acabava com a inactividade, havia dificuldades na concretização da encomenda por falta de liquidez para pagamento aos fornecedores, que, tal como a Banca, não concediam crédito à FAMAT.

Todos os fins de mês era a mesma coisa. Tomás, lá ia informando a contabilidade das necessidades de dinheiro e era ele, muitas vezes, com os conhecimentos que tinha que desbloqueava "in extremis" as verbas mais prementes. Na Comissão Administrativa assinavam admirados. Quanto ao reforço de capital e ao contrato de viabilização iam dizendo que estavam a tratar do assunto.

- Está para breve - garantiam - Agora com a queda do governo não sabemos. É o que dá não haver estabilidade política...

Com ou sem essa estabilidade a E.M., que tinha passado a Sociedade Anónima, vivia um período brilhante da sua história. O ministro tinha efectuado uma visita às novas instalações, elogiando a empresa e elogiando-se pela forma como conseguia o progresso do país e a participação da iniciativa privada. No seu discurso ao almoço disse uma frase na altura de certo modo arrojada para um membro de um governo que jurara cumprir a Constituição: "os empresários são o motor do progresso e do desenvolvimento". Então, tinham deixado de ser os trabalhadores?

Porém passados meses o governo era demitido, o ministro, ele próprio criticado, perdia o lugar e as simpatias dos empresários, embora tivesse desbravado um caminho: o seu sucessor repetiu a frase de todas as maneiras possíveis sem que ninguém estranhasse.

Aliás a EM era bem o exemplo da nova onda de modernização e desenvolvimento tecnológico que empresários dinâmicos espalhavam pelo país. Recebera cerca de 500.000 contos com juros bonificados e pagamento a longo prazo para modernização da sua fábrica, 200.000 dos quais a fundo perdido e fora beneficiada claramente nos concursos públicos. Produzia a pleno e criara novos postos de trabalho.

Na FAMAT a situação era um pouco diferente: nem sempre havia dinheiro para pagar salários; apesar das propostas de reconversão e investimentos, apresentadas pelo Tomás ou pela Comissão de Trabalhadores. nada tinha avançado; faltava financiamento para a produção. A situação agravou-se ainda mais após as conversações com a marca de ligeiros: as exigências desta aumentavam, a cota de vendas da FAMAT diminuía. Incapaz de criar stock, e sem crédito, a empresa estrangeira retirava-lhe os privilégios antigos que iam sendo tomados em primeiro lugar pela empresa onde os Britos pontificavam.

Os homens da administração rejubilavam:

- Vejam: como nós dizíamos, temos de nos retirar desse sector.

Quanto à parte de veículos pesados as coisas não corriam melhor.

A FAMAT ia assim atingindo o estado de ruptura financeira, mas não só: também a ruptura económica e social. Apesar do mercado em expansão as vendas não aumentavam, isto é, reduziam-se as cotas de mercado. As previsões eram ainda mais pessimistas: não havia contratos novos e as empresas representadas estabeleciam outros canais. Os aumentos salariais continuavam adiados, a incerteza permanecia no fim do mês, os trabalhadores mais experientes iam saindo da empresa. Os técnicos considerados progressistas eram marginalizados, a desorganização instalava-se. Tinha-se acima de tudo uma sensação de insegurança e fatalidade, depois de anos de lutas. A Comissão de Trabalhadores. já não era recebida no Ministério e para qualquer lado que se voltasse sentia ser enganada. O Conselho de Gestão escusava-se, dizendo que a intransigência de que davam provas era a única responsável pela situação.

A Comissão de Trabalhadores reagia mal, acusava o Conselho de inconfessados objectivos, de querer desmembrar a empresa, proceder a mais despedimentos e entregar o que fosse rentável aos Britos. Por fim, foi apresentado aos trabalhadores um dossier com um plano de viabilização, avalizado pelo Ministério.

A solução era simples e parece mentira como é que na empresa os trabalhadores não se tinham lembrado dela há mais tempo ou tivessem acreditado não ser possível: desintervenção do Estado e entrega aos Britos.

As coisas não foram, contudo, assim tão fáceis: A Comissão de Trabalhadores recusou o plano, contrapôs as outras hipóteses que a lei dava, sem ser a entrega ao antigo patrão e não abdicou do seu parecer favorável para que a proposta se concretizasse.

- É evidente que a vontade dos trabalhadores será tida em conta - foi-lhes respondido - Deverão fazer um referendo, o único processo verdadeiramente democrático nestes casos, garantindo uma votação secreta que o Ministério do Trabalho fiscalizará.

A Comissão de Trabalhadores protestou, mas como eram cada vez mais os trabalhadores cansados de promessas e conflitos, dispostos a tudo para garantir minimamente a sua segurança e a da empresa, a situação foi aceite, bem como o facto dos contratados a prazo não terem direito a voto.

Mesmo assim, o resultado do referendo foi favorável à manutenção da intervenção, em segundo lugar aparecia a posição defendida pelo núcleo socialista, sociedade de capitais mistos, maioritariamente do Estado.

A Comissão de Trabalhadores e Tomás consideraram este resultado uma vitória, regozijaram-se - o que era novamente inexplicável para o Conselho de Gestão e para o Ministério - e acreditaram que podiam agora levar a empresa para a frente.

Durante um certo período em que se meteram feriados, assuntos quentes na Assembleia da República, deslocações do ministro ao estrangeiro, nada mais se avançou. O ambiente começou no entanto a ficar tenso de novo, até que, cerca de dois meses depois do referendo, foi recebido um telex em que eram informados da desintervenção e entrega aos Britos.

Fizeram-se novamente plenários, foram pedidas audiências, feitas reuniões com o Conselho de Gestão que encolhia os ombros, abria os braços e não fazia nada, até que por fim, do ministério, informaram verbalmente que a desintervenção era um facto irreversível.

E foi. Emitiram-se mais comunicados, considerou-se que a decisão era ilegal e arbitrária, mas isso não impediu que, com a GNR a ajudar, o Brito voltasse a subir as escadas até ao seu gabinete no primeiro andar do edifício dos escritórios, que os

elementos do Conselho de Gestão tinham deixado arrumado e limpinho. Prometeu que dali em diante as coisas iam ser diferentes: era trabalhar a sério, iam pagar-se os ordenados a tempo no fim do mês, e ele, Alfredo Brito, era um democrata e por isso respeitava os direitos dos trabalhadores, mas primeiro estavam os interesses da empresa, que precisava ser salva do caos em que tinha caído.

E como todos os salvadores precisam de meios, também lhe foram dados alguns. A citada GNR sanou com os métodos que lhe são próprios, nos primeiros dias, a questão do bloqueio à reentrada da nova Gerência nas instalações da empresa, o que levou à suspensão e posterior despedimento de parte da Comissão de Trabalhadores e mais alguns activistas. Pelo Governo foram perdoadas as dívidas da empresa à Banca (algumas centenas de milhares de contos) e recebidos 100.000 contos em dinheiro fresco de auxílio financeiro extraordinário. Não houve dificuldades nem atrasos a pôr estas medidas em prática; há muito que estava tudo combinado.

O dirigente do núcleo socialista clamou que tinham sido atraíçoados e demitiu-se do partido e da empresa. Como era competente e dinâmico, estabeleceu-se por conta própria.

Um pouco mais tarde Tomás sairia da FAMAT, deixando atrás de si um comunicado, amizades e saudades de um tempo que, mais tarde viria a parecer-lhe quase irreal. Deixava também Elsa que, despromovida do lugar de confiança de secretária de direcção, passara a simples dactilógrafa - mas apenas no que dizia respeito ao emprego: quanto ao resto já tinham decidido que não se separariam mais.

Os Britos não tinham estado parados depois de saírem de Portugal. O dinheiro que levaram e o que possuíam lá fora dava-lhes para fazerem uma vida tranquila até ao fim dos dias. Porém, é evidente que não eram desses capazes de viverem sem fazer nada: eram o que se chama empreendedores.

Tinham começado por pensar em transferir os seus interesses para o Brasil e recomeçar aí a sua actividade. Contudo, foram contactados por uma personalidade

política que insistiu que não o fizessem, pois muito em breve poderiam regressar e recuperar o seu património ou desenvolver novas actividades: teriam todo o apoio. Contaram também com a colaboração e ajuda de amigos que os aconselharam:

- Não podemos desistir. Se abandonarmos o país aquilo volta às mãos dos comunas.

- Eu só volto se aqueles índios forem varridos da minha empresa à porrada. Têm de pagar pelo que fizeram.

- Hão-de pagar, comendador, tão certo como a sua quinta ainda estar no mesmo sítio.

- Não foi ocupada?

- Claro que não. Demos garantias aos rendeiros que haveria terras para eles e para as famílias.

- Davam as minhas terras? Vocês só dão o que é dos outros.

- Foi uma promessa. Se for preciso terra vamos buscá-la às cooperativas da Reforma Agrária.

- E quem trabalha as minhas?

- Ó tio - interveio Joaquim Alfredo - deixemos a quinta, isso é secundário. Aqui o dr., veio conversar connosco sobre as empresas. Faça favor de dizer.

O dr. Lima, um amigo, expôs-lhes a situação, não omitindo as partes mais complicadas como o facto da força dos trabalhadores ainda ser grande, das dificuldades, ou melhor, impossibilidade de desintervenção da empresa de imediato e disse-lhe confidencialmente:

- É preciso ter calma e coragem para lutar. Mas podem ter confiança no governo.

- E o Conselho da Revolução?

- Isso é o pior. As medidas mais frontais não podem ser tomadas já.

- Os índios...

- Mas eles vão abaixo mais depressa do que pensam. Ninguém os apoia... Só o PCP e com estes nem ninguém se quer misturar.

Ficou então combinado que os Britos regressavam: receberiam créditos para fundarem uma nova empresa. Créditos a longo prazo, com juros bonificados e sem preocupações com o pagamento.

Claro que os Britos voltaram, discretamente. Foram para a casa do tio onde estava tudo em ordem. Ficaram espantados, não tinha sido ocupada nem sequer

assaltada. Olharam os móveis, as carpetes, os bibelots que tinham deixado, coisas sem importância - o que era de valor estava nas quintas, especialmente na do Norte. Até os filhos menores sentiam agora um apego diferente àquelas paredes, ao jardim, aos muros, às cadeiras onde se sentavam, até aos tapetes que pisavam: eram deles. Era a sua propriedade e isso tinham-no aprendido naqueles meses. Não era uma dádiva natural ou de direito divino, era o resultado de uma conquista, de uma luta, permanente, eterna, não apenas de defesa, mas de ataque e destruição dos inimigos, com as armas que fossem necessárias.

O comendador agora servia de pouco, muito ligado ao regime anterior, envelhecido, fanaticamente contra a democracia, falava comprometedoramente demais, não escondia devidamente o que pensava - ficou no Conselho de Administração, a título honorífico como Presidente. O Joaquim Alfredo era Administrador-Delegado, o executivo. Viajou para o estrangeiro reatando antigos contactos, tratando em primeiro lugar de apanhar o que na FAMAT dava mais dinheiro: os veículos ligeiros, a comercialização e a assistência.

Utilizou informações da Banca contra a FAMAT, divulgou o endividamento, a situação financeira precária, as necessidades de recursos a curto prazo, o facto dos operários terem salários atrasados, a bagunça de um PC a dominar a Comissão de Trabalhadores. Funcionou uma espécie de solidariedade de classe entre gente que detém capital, conseguindo os seus objectivos imediatos: foi quebrado o exclusivo da FAMAT para a representação dos veículos.

Mais tarde, ao reassumirem a Administração da empresa, os Britos deram na sua quinta no Ribatejo uma pequena recepção aos amigos mais chegados, num agradável fim-de-semana. Um conhecido semanário prontificou-se a fazer uma reportagem e uma entrevista.

O comendador também estava. Soubera do caso e não queria deixar de meter a sua colherada.

- Pois. Esses rapazes têm papas na língua. Há coisas que é preciso dizer, talhar a direito. Andam muito enganados. Quem tem razão é o Diabo. Esse é que vocês deviam ler. Viste o que eles escreviam acerca da entrega da FAMAT? Viste. Os outros calaram-se, ou meia dúzia de linhas. Estavam comprometidos. Eu não me esqueci do que andaram a dizer depois do 25 de Abril e do 11 de Março.

- Ó tio, calma. Tenha calma.

- Mais calmo que isto? Estás a ver ò Mali - dizia ele voltando-se para a mulher.

O jornalista chegou um pouco antes da hora combinada. Tiraram fotografias no jardim, com os filhos e o comendador a podar uma roseira. Não tinha jeito nenhum para aquilo, mas a fotografia era premonitória; nisto o jornalista foi perspicaz ao indicar-lhe o seu lugar futuro.

Alfredo pousou com a mulher nos sofás de couro junto à lareira a ler, claro, o tal semanário, e no escritório absorto em complicados estudos financeiros. Depois deram uma pequena volta pela quinta e, finalmente, à sombra, junto à piscina onde estava posta uma mesa com aperitivos e colocado um carro com bebidas, sentaram-se. Alfredo convidou-os a estarem à vontade, a servirem-se e considerou-se:

- À vossa disposição. Fazem favor de perguntar.

O jornalista quis saber em primeiro lugar qual era a origem da sua riqueza. Respondeu o comendador:

- A origem da nossa riqueza já que fala nesses termos é o trabalho. Meu pai era rendeiro, precisamente aqui no Ribatejo, tinha vindo do norte, conheceu a minha mãe e aqui ficou. Filhos éramos só eu e o meu irmão, o falecido pai do Alfredo. Como a terra não dava fui para Lisboa e o meu primeiro emprego foi como paquete, ou "groom" como se dizia na altura. Agora já nem há uma coisa nem outra.

- Lembra-se do primeiro ordenado?

- Lembro sim, muito bem, foram 35\$00 por mês! Mas eu tinha vontade de trabalhar, era esperto e isso foi reconhecido. Já tinha a quarta classe, à noite tirei o curso comercial e pouco tempo depois passei para o escritório duma casa que representava uma marca de automóveis que já não existem: os Guillementti. Não se lembra não é verdade? Pois, uns anos mais tarde passei para outra firma. Ah! Esqueci-me de dizer que entretanto o meu irmão tinha vindo para Lisboa e começara também a trabalhar no ramo automóvel. Já então eu tinha alguns bons relacionamentos no meio e na banca, e foi através dos conhecimentos num banco, um importante credor aliás, que fui para a firma de que lhe falei.

- Que interessante. Queira continuar sr. comendador.

- Durante a guerra houve necessidade de fazer em Portugal coisas que dantes vinham do estrangeiro.

- Houve quem ganhasse muito dinheiro nessa altura, conta-se, não é verdade sr. comendador?

- É verdade. Mas eu trabalhei muito e gastei pouco. Juntei o que pude, e lá fiquei com umas economias que não davam para grande coisa, consegui um empréstimo e fundei a minha primeira empresa. Não era apenas comercial, tinha também oficinas. Desenvolveu-se fortemente devido à procura que então estava a aumentar muito. Nessa altura podemos dizê-lo Portugal era o país com os melhor parque automóvel da Europa.

- Ainda não era a FAMAT.

- Não, era o Brito e Brito, Lda. O meu irmão estava a trabalhar comigo.

- E os seus pais?

- Na terra. Nunca quiseram largar o seu cantinho. Mais tarde é que comprei o resto da quinta e fiz esta casa onde eles acabaram os seus dias.

- A expansão deu-se então na altura da guerra?

- Sim e não. Foi principalmente depois do fim da guerra. Com o ressurgimento da Europa aproveitamos para estabelecer contactos com empresas estrangeiras que nos deram apoio e onde aprendemos muito em termos técnicos e de gestão. É sempre com gratidão que recordo esse apoio e essa colaboração. Entretanto tivemos oportunidade de expandir as actividades e comprar ou assumir posições noutras empresas.

- E tiveram outros apoios?

- Já lhe digo. Tivemos e não tivemos. Não pense que era simples. Os bancos na altura não davam dinheiro com facilidade, foi preciso fazer sacrifícios e grande parte dos investimentos que fizemos foi com os lucros que obtínhamos, para permanecer independentes.

- E quanto ao governo?

- Ao governo de Salazar? Dizem muito mal dele, mas não tenho razão de queixa. Sempre me dei bem . Eu trabalhava e ganhava honestamente. O que criei foi nessa altura. Não tenho cursos superiores e fizeram-me comendador por mérito, por reconhecimento.

- E quanto às outras empresas do sr. comendador?

- Estão já todas na nossa posse. A FAMAT era a última.

- Muito bem, falamos do passado. Agora passemos ao presente e ao futuro, Dr. Alfredo. Qual...

- Só mais uma coisa que o sr. jornalista não pode esquecer-se de perguntar: de que forma fomos afectados pelo 25 de Abril.

- Bem creio que isso já é conhecido de todos.

- Conhecido e facilmente esquecido. Esquecido que o país ficou a saque. Que me roubaram tudo. Que o capital investido nas empresas e na banca foi usurpado, que os meus bens se foram na voragem das ocupações selvagens. Até o meu carro me roubaram da garagem.

Fez-se um silêncio que ninguém ousava quebrar.

- Ponha aí também, que fomos muito passivos e pacíficos na altura. Hoje temos um grupo de seguranças, são os nossos "super-heróis", como dizem os meus netos. E os outros sabem disso. Hoje só sairíamos depois de lutar e com armas na mão se necessário. Eu dava-lhes o remédio para a legalidade revolucionária.

- Pois muito bem, sr. comendador. Prezamos as suas declarações, muito obrigado. E se nos permite passamos ao Dr. Alfredo. Em primeiro lugar algumas perguntas de carácter pessoal. É católico?

- Sim, claro. Temos uma capela na quinta e é rezada missa quando cá estamos. Considero-me praticante embora sem grande rigor. A minha mulher é nesse aspecto mais zelosa que eu.

- Onde passa as férias?

- Olhe, gosto do Brasil. Deixei lá amigos e este ano tenho pena de não voltar, mas talvez vá a um país da Europa. A França. Até por razões de negócios, mas vou aproveitar para ver zonas menos conhecidas. Por exemplo, gostaria de passar talvez uma semana ou duas, no Languedoc.

- Muito curioso, e no nosso país?

- A minha mulher e os filhos que têm maior disponibilidade passam parte das férias no Algarve, onde temos uma vivenda. Eu vou lá nos fins-de-semana, mas na realidade prefiro a nossa quinta no Norte perto de Barcelos.

- Pratos preferidos? Sabemos que é uma pessoa de bom gosto.

- Gostos simples, o que não quer dizer que não tenham o seu requinte; faz parte da civilização. Pois bem, gosto de sardinhas assadas, de bacalhau,... de lampreia e dum cabrito assado no espeto com fogo de lenha. Quanto ao vinho; um vinho tinto, leve, clarete, como temos aqui na quinta.

- Sei que tem um barco de recreio.
 - Temos, mais concretamente, quatro. Utilizamos nos fins-de-semana quando posso. Um está em Vilamoura. Os meus filhos, que também gostam de velejar, fizeram até um grupo de amigos para regatas. Eu é que já não estou muito em forma para competições.
 - E que marcas de automóvel prefere?
 - As minhas. As que represento...
 - Sabemos que tem uma colecção de carros valiosos.
 - Está enganado.
 - Queria parecer-me...
 - É o meu tio. Ele tem efectivamente dois Mercedes, um Chrysler, um Jaguar e um Rolls Royce, além dos BMW e Alfa Romeo. Carros antigos, algumas verdadeiras preciosidades.
 - Quais as personalidades que mais admira?
 - No nosso país admirava o Dr. Sá Carneiro antes do acidente. Acho que foi acidente, não é? Quanto aos outros prefiro abster-me. No estrangeiro admiro o presidente Reagan e a Sra. Margaret Thatcher.
 - Que pensa do amor?
 - Essa pergunta é um tanto íntima... Pois bem, penso que é o mais importante na vida e como em tudo é preciso acertar. Pode ser maravilhoso, mas também pode ser horrível quando não se acerta.
 - Diga-nos, deu dinheiro a partidos políticos?
 - Temos sempre que dar, de uma forma ou de outra.
 - E a quais?
- Sorriso aberto do Alfredo Brito
- Aquele que está no poder... e aos que podem vir a estar.
 - Incluindo o partido socialista?
 - Claro. Penso que teve e tem um papel importante na sociedade portuguesa enquanto se mantiver nas posições de modernidade e abertura como até aqui.
 - Vejo que neste campo é um liberal.
 - Suficientemente... E não só neste.
 - Ó sr. jornalista - interrompeu o comendador - pela minha parte pode pôr aí que quero que os socialistas vão para o raio que os parta.

- Off record, não é verdade - disse o jornalista sorridente.

Voltando-se para o Dr. Alfredo prosseguiu:

- Que investimentos pensa realizar a curto prazo?

- É um domínio que compete em definitivo ao Conselho de Administração.

- Deve ter contudo conhecimento da estratégia a adoptar pelo vosso grupo.

- Sim, devo dizer-lhe que para investirmos têm de ser dadas garantias inequívocas de segurança para os nossos bens. Falta a definição do que o sector privado deve ser. Não há estímulo nem confiança se o Estado quer intervir na economia, perturbando o mercado e funcionando como um concorrente.

O Comendador que circulava por ali interrompeu-o:

- Fique sabendo que não volto para investir nem mais um tostão do meu dinheiro, sem antes recuperar o que perdi, o que nos roubaram.

O jornalista meneou a cabeça, sorriu e voltou-se de novo para Alfredo Brito:

- Consta que enquanto esteve fora teria aconselhado homens de negócios estrangeiros a não investir no nosso país. O que nos pode dizer sobre isto?

- Apenas aconselhei, à semelhança de outras pessoas do mundo empresarial, que o capital estrangeiro aguardasse até a situação se estabilizar. O investimento só deveria começar depois da atmosfera política se ter clarificado.

- Não acha que isso poderia de alguma forma ter prejudicado a situação económica do país na altura?

- A sinceridade é a melhor maneira de fazer negócios. Evitar o desapontamento - inevitável nas circunstâncias de então - era garantir o futuro.

- E actualmente? Como vê a situação actual?

- Penso que a política se deve orientar por bases realistas e não ideológicas. Supomos que o Estado tem já a experiência para avaliar da sua capacidade de gestão e dos custos que tal acarreta. Ficaram provadas as consequências desastrosas de querer transformar toda a gente em funcionários públicos. É preciso agora dar mais incentivos à iniciativa privada.

Portugal tem de se modernizar, tem de avançar, tem de modificar as leis provenientes do período revolucionário e a própria Constituição, que impede o progresso. Se assim não for, a acção da iniciativa privada não poderá desempenhar o papel que todos esperam.

- E quanto às suas empresas?

- Em primeiro lugar encaramo-las já na óptica europeia, considerando como irreversível a nossa opção de adesão à CEE. Estamos a constituir um grupo económico em bases modernas, financeiramente sólidas e com ligações internacionais.

- Tem algumas reservas ou receio quanto à integração plena?

- É um desafio. Temos de aproveitar o tempo que nos separa dessa data para nos prepararmos devidamente e ter respostas correctas e adequadas. É evidente que poderá haver situações delicadas por exemplo a nível da Balança Comercial, mas confio que se forem feitas as mudanças estruturais que a iniciativa privada defende, se colherão benefícios insofismáveis.

- Mais uma questão ainda. A sua família ajuda-o e compartilha as suas preocupações.

- Sem dúvida. A minha mulher em primeiro lugar. Companheira que me deu grande apoio nas horas difíceis e que é a dona de casa ideal, a verdadeira chefe da família, no sentido de manter aquele ambiente necessário ao nosso trabalho e à educação dos nossos filhos.

Quanto aos meus filhos o mais velho já me ajuda na empresa. Organizou a parte informática. Ele é um especialista nisso, sabia? Penso lançá-lo no sector da exportação. O do meio, irá fazer um curso sobre gestão em Inglaterra antes de começar a trabalhar connosco. O mais novo está no colégio secundário, mas por agora a especialidade dele é mais o "wind surf"!

Queria ainda referir o meu tio, que é um verdadeiro conselheiro, amigo e que muito nos apoia com a sua experiência.

- Muito obrigado Sr. Dr., muito obrigado Sr. Comendador. Penso ter terminado a nossa entrevista. Agradeço sensibilizado a vossa gentileza e a forma como nos receberam.

- Não tem de quê. Antes de se ir embora quero ainda mostrar-lhe a nossa adega e a nossa garrafeira. Depois se quiserem podem de lá levar umas recordações.

(Novamente risos e agradecimentos entre vénias).

*VII**INTERLÚDIO*

Olá Luísa!

Olá! Como vais? Desculpa não te ter escrito antes, mas não podes imaginar o que tem sido a minha vida. Só agora recupero e tenho algum (algum!) sossego. Para já, obrigado pela tua carta e pelos postais. Eram lindos. Espero que tu e o Raimundo se dêem bem por aí. Muito trabalho, não é? Dá-lhe beijinhos e pergunta-lhe quando vamos tomar a bica juntos.

Não imaginas como penso tantas vezes em vocês; pergunto-me se não terão tido razão em voltar as costas a esta terra - onde as pessoas desistiram de pensar pela própria cabeça - e partirem como cooperantes para S. Tomé. Por aqui é como te digo, as moscas (as mesmas) estão cada vez mais gordas (todas democráticas e bem falantes) e a terra cada vez mais mesquinha (basta ver as fábricas a fecharem, os campos a serem abandonados, os barcos de pesca a serem abatidos).

Sabes que tenho uma grande ternura por S. Tomé, desde miúda. Já no liceu (não sei se te lembras) havia no livro de Geografia (ou seria no de Português?) umas gravuras com paisagens sobre S. Tomé e Príncipe. Eu ficava horas esquecidas olhando-as, imaginava-me, junto ao mar, na areia muito branca, as águas verdes cristalinas e a orla da floresta, exuberante, bordejando a praia. E havia pequenos cursos de água com vegetação alta nas margens e coqueiros e aldeias com casinhas brancas como no Alentejo. Será mesmo assim como eu pensava?

Mas houve alguma coisa que fosse como eu pensava?

Bem, agora as minhas novidades. Deixei o César... e vivo com o Tomás. Deves estar a rir e a julgar-me maluca. Quem se vê livre de um e vai logo viver com outro não merece a sorte que tem, não é o que dizem (os homens, "mutatis mutandis")?

Bom. É tudo muito complicado. O sacana do César saiu-me melhor que as encomendas. Então o gajo que andava enrolado com as tipas do emprego, uma cambada de putas e uma pouca-vergonha de que, ao que parece, fui eu (como convinha) a última a saber! E o mais engraçado é que ele teve lata para dizer que

gostava muito de mim, que eu seria sempre a primeira, etc., etc., e ainda por cima propõe-me, como se eu aceitasse, uma espécie "menage à trois".

Era de ficar doida. Ainda hoje penso como aguentei aquilo tudo. O tipo até me disse que sabia que eu também tinha as minhas amizades e que ele não se importava. Não devia era dar escândalo. Nesta altura voou uma jarra pela sala.

Havias de ver os olhos dele e a jarra em fânicos na parede.

Eu estou a contar-te isto e até parece que é para o jocoso, mas digo-te que não é para rir. Desde que o César foi transferido arranjou umas amizades esquisitas lá no novo serviço. Sabes que eu nunca fui de prender ninguém, muito menos sabendo que o César gostava de se divertir de outra forma e ir para aqueles sítios onde eu me aborrecia, por isso não liguei. Claro que quando comecei a apanhá-lo em mentirolas as coisas azedaram entre nós. Deves lembrar-te disto porque ainda cá estavas e chegámos a falar no assunto, embora eu procurasse não dar grande importância. A certa altura, quando as nossas relações se agravaram, tentámos uma reconciliação, mas com o correr do tempo, verifiquei não ter resultado. Voltava tudo ao mesmo ou ainda pior. Ele passou a andar metido com uma tal Célia. Um coiro de primeira: o que o marido fazia por um lado fazia ela pelo outro. Chateou-se de variar e então tratou de se lançar ao César, que ainda por cima era o chefe. Percebes?

Passei então um período muito difícil. Sentia-me sozinha, isolada, transformada cada vez mais em dona de casa, enquanto o marido arranjava forma de se ausentar em viagens, cursos, etc. O Carlos Manuel por sua vez sem o pai, exigia de mim o dobro, e eu tinha metade da paciência.

Valia-me a minha mãe, que me ajudava a cuidar do meu filho, e o emprego. Como te lembras a camaradagem sempre foi boa, havia (e há ainda, embora menos) uma grande amizade entre todos. Por outro lado, sempre me trataram com consideração. Mesmo que um dia mude, não posso deixar de recordar os tempos difíceis (não havia dinheiro para os ordenados!) em que não se perdia a boa disposição, diziam-se graças, discutiam-se as ideias malucas de cada um e lá ficávamos se não com mais dinheiro pelo menos com mais esperança.

Passei então a relacionar-me mais de perto com as pessoas, a aceitar os convites que me fizessem, a divertir-me também, a conviver. Aproximei-me mais de algumas pessoas, conheci melhor o Duarte, mas coitado: era delicado, simpático, mas sem interesse e foi então que, pouco a pouco, criei amizade pelo Tomás.

Lembras-te? O engenheiro. Ele tinha também problemas em casa, de outra ordem é claro, mas tinha. Enfim a vida dele não era comigo, mas acabávamos por carpir, ou melhor, por esquecer as nossas mágoas em conjunto. Descobrimos que tínhamos os mesmos gostos, os mesmos sentimentos, que nos compreendíamos e que as coisas entre nós corriam muitíssimo bem.

Andamos assim um tempo sem preocupações, nem compromissos, cada um queria esquecer e sobreviver aos remoinhos em que andava metido. Éramos acima de tudo amigos.

É claro que hoje compreendo que essa fase não passava de um equilíbrio altamente instável. Alguém meu amigo ou dele (enfim, nosso) foi contar à mulher, não sei o quê, mas exagerando certamente, o que se passava. Parece que ela se lembrou então que tinha marido e fez-lhe uma fita, superior às habituais, parecia um tremor de terra, parecia que vinha a casa abaixo como vim a saber mais tarde. Tomás não me contou, mas eu adivinhava qualquer coisa. A mulher (chama-se Sara) exigia que ele nunca mais me falasse ou procurasse ver. Tomás, que parece uma criança em certas coisas, continuou a procurar-me e a falar-me como se nada se tivesse passado. Imagino agora o que ele deve ter então sofrido. Em face disto, nova crise e a boa da Sara vai-se embora mais o filho para a casa da mãe. O mais curioso é que nem isto eu soube pelo Tomás.

Entretanto, pelo meu lado as coisas iam de mal a pior. O César começava a pensar que tudo lhe era permitido e tinha transformado a tal Célia em amante oficial; esta considerava o César como marido sobresselente.

Quando o meu caso com o Tomás começou, há muito que isto era assim e eu só não me tinha ido embora de casa por não ter meios económicos: por estar dependente do César e não ter para onde ir. Não, voltar para casa da mãezinha, para aquele sítio onde toda a gente me conhece desde miúda, nunca mais! Mas as relações entre nós também eram tensas, feitas de mentiras e com frequentes discussões. Mesmo quando ele pretendia agradar-me, do que eu duvidava, até isso me repugnava, tais eram as mentiras em que estávamos envolvidos. Foi então que ele me atira em cara com as minhas amizades, inventando um chorrilho de dislates, colocando-me ao nível da tal Célia, querendo que eu a conhecesse, que fossemos todos amigos. Pela parte dele, que gostava muito de mim, considerava-me sua e dava-me liberdade para as minhas

amizades, conquanto não fizesse escândalo e, claro, deixasse de ver o Tomás. Aqui apercebera-se ele, que havia algo entre nós de muito sólido e importante.

O resultado foi o esperado. Ruptura definitiva. Pensava ele que eu era como a sua amiguinha? Queria medir tudo pela mesma bitola? Enganou-se e ficou sózinho. O que me levou a deixá-lo foram as atitudes dele, depois. Eu já lhe tinha dito que nos íamos separar, só não sabia bem como, continuávamos a viver lá em casa, mas o Carlos Manuel ficou uns dias em casa da minha mãe. Pois ele queria vir dormir comigo, queria utilizar-me, não posso chamar aquilo fazer amor. Como me recusei pretendeu empregar a força e argumentos do género: Ainda sou teu marido. Tenho o direito, etc.

Depois disso, como a casa é dele, fiz as malas, fui-me embora e apareci em casa do Tomás.

Ele já estava a viver sózinho. O filho queria uma reconciliação, queria que ele fosse buscar a mãe, etc., mas coitado (tem 14 anos) está tão longe dos problemas dos adultos, que não os consegue entender. Quando eu telefonei ao Tomás a dizer-lhe que estava no café ao pé de casa da minha mãe à espera dele, teve um choque, não podia acreditar, veio buscar-me e passamos essa noite a chorar, agarrados os dois. Eram os nervos.

Necessitava de solidão e o Tomás felizmente sabe respeitar estes meus "vibratos" ou melhor estas minhas "fugas". Não podia continuar como então. Que vida era aquela em que caía na cama sem sensibilidade para ler, para ouvir boa música, para pensar, para amar, até! Enquanto o Carlos Manuel pedia mais isto e mais aquilo, até ficar exausta. Eu adormecia a pensar na roupa, no comer, nas horas, na escola. Em certas alturas estava tão saturada, tão esgotada que não o via como um filho querido, como desejei ter e como ele é para mim, mas como um ser que me devorava o pouco que me restava dos estragos feitos pelo pai, o cérebro, os nervos, a inteligência, eu sei lá, coitado.

Às vezes penso que se calhar não tenho um carácter muito maternal, ou talvez seja demasiado lúcida para desmontar os maquinismos egoístas com que os filhos nos prendem. Afinal, são comportamentos orientados para nos seduzir ou para nos constranger em seu benefício, para o que eles pretendem.

Não é verdade que nos pássaros recém nascidos é a cor das goelas abertas que atrai a mãe e a obriga a regurgitar?

Amo o Tomás. Ele é bom, é uma pessoa extraordinária. Não faz nada sem me perguntar primeiro se quero ou se estou de acordo. Depois gostamos de passear pelos mesmos sítios. Não passamos um fim-de-semana em Lisboa, vamos normalmente para a casa que era da minha avó. Levo o Carlos Manuel, excepto quando fica com o pai, ou o Rui Manuel, mas por vezes fazemos um fim-de-semana só para nós. Talvez penses que é egoísmo, mas que alívio. Que bem me faz à minha saúde mental. Afinal é apenas o princípio, temos de aproveitar o nosso tempo não é? Agora que tudo passou temos um pouco esse direito, não achas? Se calhar nunca tive grande jeito para o papel de esposa e mãe...

É pena que no emprego as coisas não corram como deviam. Já lá estão os Britos outra vez. Ao Tomás não lhe perdoam ser de esquerda nem a mim por, além de viver com ele, ter sido secretária da direcção nos outros tempos.

Paciência! Não tenho medo, se for preciso faço como tu: vou para aí. Há lugar para nós?

Deseja-me felicidades, sim?

Escreve.

Beijinhos para ti e para o Raimundo

Tua amiga

Elsa

Olá Luísa!

Obrigado por me teres escrito e pelos postais que me enviaste. São lindos! Se as coisas corressem bem ia aí passar férias mais o Tomás para o ano. Que achas?

Desculpa só ter escrito agora. Tanta coisa e depois já sabes como sou para escrever, penso, penso, mas sou mandriona. Tenho de estar nos meus dias, ter tempo, inspiração... e sossego.

Por acaso hoje tenho.

Vimos (eu, o Tomás e o Carlos Manuel) passar o fim-de-semana a Porto Novo e aproveitei para me levantar mais cedo e dar uma volta sozinha. Faço exercício e quase vi nascer o Sol.

Eles dormiam. Levantei-me devagarinho e saí. Uma brisa orvalhada envolveu-me, a mesma brisa que revolve o céu acinzentado e que sussurra pelas árvores acordando os pássaros. Puxei a gola do blusão para cima e lentamente tomei aquele caminho do pinhal que vai dar à praia. A natureza despertava e havia já um hino em cada um dos pássaros que desfiando as penas, iam de ramo em ramo até às copas mais altas espreitar o Sol.

Mais adiante, para além da falésia, o Sol ainda se escondia atrás de nuvens; sob o céu escurecido a terra não tem sombras, é tudo uma mistura de esbatidos, de tons homogéneos, sem contrastes. Sob uma ponte de madeira corre mansamente a água escura de um ribeiro bordado de choupos que se baixam como que acariciando-o; pelos pinheiros o vento ensaia melodias.

Aproximei-me do fio de água que se escoava lentamente entre os pilares da ponte entrelaçados de hera, ali a minha face treme e agita-se, ri em gargalhadas enormes e mudas, tem choros abafados nas pequenas ondas, ora fica calma como uma esfinge, ora é retalhada de horríveis rugas. E é o Sol que me rouba aos meus pensamentos. Um pequeno raio vem beijar-me o rosto e eu deixo que todo o meu ser seja envolvido por uma maravilhosa beleza.

Como tudo se torna simples, lógico... bom.

Ah! dentro de mim tudo se mistura numa melodia sublime, são os pássaros, as árvores, o som distante de sinos, o rumor das vagas na praia, tudo me parece um cântico.

O Sol inunda o horizonte duma penumbra azulada e eu deixo-me envolver por essa ternura. Sinto-me da natureza, quero sê-lo ainda mais, despir-me de toda a alienação e que no meu coração a magia não ofusque o sorriso terno que ora me paira nos lábios.

Ao longe o mar chamava-me. Não pude resistir. Corri pelos campos, as ramadas mais baixas batiam-me na cara e o orvalho ficava-me a escorrer pela cara como lágrimas, embora estivesse feliz, muito feliz.

É o mar! Gritei para mim mesma. O mar imenso desfazendo-se em espuma, como um bordado no areal doirado.

Parei imóvel a escutar, depois agarrei numa vara e fui caminhando pela areia até lentamente regressar já o Sol claro inundava de luz o céu azul brilhante.

Tinha aquela sensação estranha de fazer parte da Natureza, de me integrar plenamente no que me rodeava, era como se eu própria me dissolvesse na paisagem, fosse com o vento, balançasse nas ondas, rolasse nas dunas e depois me reencontrasse.

Então quando cheguei a casa, comecei a escrever, senti vontade de contar tudo, mas por escrito de modo a que a memória permaneça. E como tu às vezes aturavas as minhas "telhas" desta vez foste tu também que tiveste que me aturar.

Sabes, gostaria que estivesses aqui, havíamos de dar grandes passeios.

Os mandriões cá de casa já se levantaram. É o que dá ficarem a ver televisão até tarde.

Aí têm televisão? Se não tiverem, deve ser o verdadeiro paraíso.

O Tomás trata do Carlos Manuel de forma que vou poder continuar a escrever-te. Eles que façam o pequeno-almoço e arrumem os quartos! Espero que não comecem a discutir os dois!

O Tomás veio ter comigo e prometeu que me trazia o café e torradas. Estou cheia de fome, e o pão daqui é tão apetitoso! Estou feliz. Cheia de apetites plenamente satisfeitos. Também satisfaço-me com pouco. Acho...

Agora passemos às novidades, depois da primeira parte da minha carta serem patéticas. Desculpas, não é? Mas já sabes como eu sou. Escrevo o que sinto.

Pois bem. Das pessoas que conheces, o major Guedes, claro que saiu e foi colocado num departamento-prateleira.

O Dr. Neves tinha também que sair. Está agora numa empresa que faz comércio de importações e exportações para países socialistas. Às vezes encontro-o, continua sempre bem disposto. Pergunta pelas pessoas lá da Empresa, como vão as coisas, critica o governo e a política de direita e depois lá vai à vida dele. Ficou em todos nós uma saudade enorme por aqueles tempos em que estivemos juntos, mas eu já não acredito que voltem outra vez. É certo que houve muita coisa errada... e o povo não pode cometer erros. Como dizia Brecht.

Quanto aos Britos estão na mó de cima. O comendador parece que está xexé e posto de parte embora sirva de figura, como hei-de dizer, de proa. Por vontade dele corria com todos os que não lhe agradassem, que não tivessem dado provas de fidelidade. Quis mover processos à Comissão de Trabalhadores e nas outras empresas dele é um pandemónio. Arranja pretextos para despedir, por tudo e por nada. Está-se nas tintas para as leis diz que nas suas empresas quem manda é ele. Os que puderam foram-se embora. Não estão para o aturar. Entretanto contratou seguranças (antigos comandos, policias, etc.) e traz aquilo num ambiente de terror. Ai dos que se atreverem a ser delegados sindicais. O facto é que ainda há quem se atreva.

Tem feito despedimentos e suspensões por dá cá aquela palha e está-se nas tintas para os processos que estão todos encalhados nos famosos Tribunais de Trabalho.

Sabes a melhor: vangloria-se de ser agora mais bem recebido no Ministério do Trabalho do que antes do 25 de Abril. Acho que uma vez nessa altura, delicadamente lhe recomendaram que evitasse conflitos. Sinais dos tempos. O facto é que a selecção política das pessoas para os cargos é capaz de ser hoje mais rigorosa que então. E eu que o diga que passei de secretária da direcção para operadora de telex e com muita sorte, pois havia quem me quisesse pôr no expediente.

Protesteij, pois sei línguas e acabaram por me mandar para o telex; estava assim posta de parte a hipótese de conhecer os segredos dos patrões (ou parte deles) ainda por cima sabendo-se agora a minha ligação com o Tomás.

Mesmo assim o patrão Alfredo não é dos piores. Pelo menos é delicado, não é como a besta do velho que não fala (nem nunca falou) a ninguém.

Mas os Britos vão de vento em popa. Têm tudo outra vez nas mãos, mais o que arranjam entretanto. Dinheiro não lhes falta. Donde vem não se sabe. Isto não

significa que as coisas corram bem ou pelo menos estejam melhores na FAMAT, se não há salários em atraso há dívidas de horas extraordinárias e subsídios de doença que vão ser retirados, bem como outras regalias que tínhamos. O facto é que a FAMAT não lhes interessa, dedicando-se principalmente às empresas meramente comerciais, algumas das quais até nos fazem concorrência.

Ao que consta desejaria vender a FAMAT a um grupo estrangeiro, ou associar-se, mas para isso tem de dividir a empresa em várias unidades e fechar o que na óptica dele (deles) não é rentável.

Entretanto continuamos sem aumentos, os melhores vão saindo, os mais velhos são praticamente forçados à reforma. Pode-se perguntar que perspectivas são as nossas? Que foi feito do dinheiro que recebeu e das promessas feitas? Porém ninguém nos dá respostas, nem sequer nos querem ouvir e até os próprios trabalhadores estão cansados e deixaram (quase...) de acreditar que tinham o direito de pedir responsabilidades aos políticos pelas promessas feitas.

Tudo isto tem afectado o Tomás que é deliberadamente marginalizado na empresa. Está saturado e, estou convencida, acabará mais tarde ou mais cedo por se ir embora. É aliás o que os Britos desejam e ele só não o fez por problemas de consciência, pois pensa ter assumido uma responsabilidade para com os trabalhadores.

Como sabes, ele foi eleito delegado dos trabalhadores no Conselho de Gestão, mas isto hoje já não tem qualquer validade nem aplicação, de forma que é como eu lhe digo: que se deixe de ideias, trate da vida dele que é o que todos fazem, pois já não adianta mais nada.

Tomás vê-se rejeitado, anda com tantos problemas que já não aguenta muito mais. Embora seja uma decisão que lhe custe não lhe resta senão abandonar a empresa, a curto prazo.

Um homem tão competente! Noutro país seria certamente aproveitado, poderia gerir uma indústria florescente, dinâmica, como sempre sonhou, fazendo reuniões com os trabalhadores, dando opiniões, esforçando-se pela produção, sentindo a fábrica como sua, um local onde as pessoas se realizam e não um local de imposições a troco do ordenado ao fim do mês.

Sabes, por momentos, no passado, sentimo-lo. Sonhamos tanto com isto que apesar de tudo o que se passou, acreditámos que o estávamos a viver.

Hoje, a FAMAT torna-se uma empresa fantasma, com metade dos trabalhadores, um ambiente de desconfiança, dívidas ao pessoal, degradação do património. O calendário das prestações a que a administração se comprometeu, não é cumprido; apesar de ter recebido o dinheiro do Estado: não foi pago o 13º mês; não é paga a segurança social; há regalias que vão ser retiradas, etc., etc. Só ficam os que não têm para onde ir e estão a tentar obter uma indemnização razoável. O Tomás diz que os Britos só esperam melhor oportunidade para fechar de vez. O dinheiro que receberam, investiram noutros negócios mais lucrativos.

Enfim, tirando isto (se é possível tirar) passamos um período difícil, mas tanto quanto os problemas dos filhos deixam, tranquilo. Tenho confiança no Tomás e ele em mim; uma confiança plena, íntima, por reconhecermos as nossas semelhanças, nas dificuldades como nos bons momentos.

Por agora, o Carlos Manuel durante a semana tem estado normalmente com a avó. Penso que é o melhor para ele, não o queria ver envolvido desde já na nossa vida e depois não tenho assim tanto tempo disponível para lhe dar, por isso vou a casa da minha mãe e estou com ele o máximo de tempo possível. Quando as coisas acalmarem e tiverem mudado um pouco poderá ficar connosco. O Tomás, por ele, não se importa, claro, e podia até ser já, mas também tem os seus problemas e há o filho dele, o Rui Manuel, que vem para nós fim-de-semana sim, fim-de-semana não. Vive com a mãe, mas há problemas. O rapaz está a crescer, a mãe vingá-se (por assim dizer) do pai no filho, sendo rigorosa demais. Enfim complicações... Para mais agora. A Sara vivia com a mãe e o filho, mas como acabaram por não se dar bem, arranjou uma casa ao pé da Escola onde dá aulas e foi para lá com o Rui Manuel. Quanto a homens não me consta nada. Lá anda com os colegas, dá-se com uns e outros mas não sei de nenhum enredo. Aliás não tenho rigorosamente nada com isso.

Quanto ao César, vais gostar de saber o que aconteceu. Verdadeiramente divertido. O rapaz, depois de ficar sózinho, deu-lhe para o sentimento e como do meu lado não se governava foi para a outra (a tal Célia), que, entretanto vivia separada do marido, embora continuassem, ao que fazia constar... muito amigos. Esta gente quanto mais javardice faz, mais evoluída quer parecer!

Bom. Aqui é que bate o ponto, ela não quis sair de casa, nem que o César fosse para lá viver, disse que não estava certo, que parecia mal por causa dos pais (que lata,

hein!), que podia prejudicar as relações do pai com o miúdo, patati, patatá, e etc. Em resumo, antes assim do que pior e em primeiro lugar estava o filho.

Como vê esta faz o triplo: ao mesmo tempo mulher, mãe e amante! Desta forma não restava mais ao bom do César senão ficar em segundo plano! Por agora as coisas continuam assim, andam juntos embora ele, quando calha, tenha outras. Vai aproveitando do que aparece...

Bem, acho que a minha carta já vai longa demais.

Quando começo a escrever é assim! E ainda havia tanta coisa para te dizer. Espero que da próxima vez tenha notícias um pouco melhores.

Por agora adeus.

Não te esqueças de me escrever e mandar mais postais!

Felicidades!

Beijinhos para ti e para o Raimundo

Tua amiga

Elsa

Comunicado aos Trabalhadores da FAMAT

1 -Após quase 10 anos de trabalho nesta empresa vejo-me neste momento obrigado a pedir a demissão por imperativo de consciência e honestidade para comigo próprio e para os que em mim confiaram.

As razões que me levaram a esta decisão difícil são simultaneamente de ordem profissional e pessoal e eu não poderia deixar de apresentá-las.

Devo uma justificação àqueles que me elegeram representante dos Trabalhadores no Conselho de Gestão e depois da empresa reprivatizada me propuseram para membro da Comissão de Trabalhadores. Devo neste momento essa justificação a todos que em mim confiaram e de quem recebi sempre provas da maior colaboração e camaradagem.

2 -Em primeiro lugar, permito-me e compete-me denunciar como representante dos trabalhadores, as manobras que desde há alguns meses têm sido efectuadas na empresa.

Apenas alguns exemplos:

- reorganizações com o objectivo de colocar gente de confiança em postos chave e sem corresponderem a reais necessidades de serviço.

- tem-se assistido à entrada de pessoas sem experiência no ramo, mas de confiança da Administração para cargos de chefia, subalternizando trabalhadores que durante anos deram provas da sua dedicação e competência.

- Abandono dos projectos anteriormente em curso e pelos quais eu me sentia responsável, projectos esses cuja validade e viabilidade técnica estava comprovada, preferindo-se a importação de modelos completos ou as montagens parciais "à moda antiga".

- Constata-se que não foi dada satisfação aos compromissos assumidos com a desintervenção:

- Não foram criados novos postos de trabalho.

- Não foram feitos os investimentos previstos com os créditos e subsídios recebidos.

- Onde está o propalado desenvolvimento tecnológico e o aumento da produção?

3 - A empresa, gerida democraticamente, estava prestes a arrancar para a recuperação, procurando-se com o esforço dos trabalhadores vencer as dificuldades resultantes da situação em que os patrões a tinham deixado.

- A situação da FAMAT é um verdadeiro crime contra a economia nacional e contra os trabalhadores que está a ser cometido com total impunidade pela gestão privada dos Britos.

- Durante a intervenção o governo ignorou os pedidos da empresa, mas agora os cofres da banca estão abertos para o patronato que transfere da firma os subsídios e empréstimos que lhes são facultados para outras empresas e actividades onde têm interesses como o sector da comercialização, turismo, imobiliário. Este estado de coisas é já do conhecimento público e foi recentemente denunciado na imprensa.

4 -- Sempre defendemos que pela sua importância estratégica a FAMAT devia pertencer aos Sector Empresarial do Estado. Bem gerida teria permitido o desenvolvimento de um importante ramo da metalomecânica e dos transportes de forma a contribuir para a redução do défice da Balança Comercial e permitir o desenvolvimento tecnológico e a melhoria da estrutura industrial do nosso país.

- Em vez disto, que verificamos? Foram perdoadas as dívidas do patronato, aumentaram os ritmos de trabalho e a repressão na empresa, mas o nosso futuro não está seguro.

- O que está por detrás disto tudo?

5 - Os trabalhadores sabem que se pretende a divisão da empresa de forma a permitir mais facilmente dividir os trabalhadores, enfraquecer a sua luta, proceder a despedimentos e ao fecho das partes que não interessam ao capital. Tudo isto integrado num processo no qual está envolvida a ligação da FAMAT a uma multinacional e a não interferência nas actividades de outra multinacional do ramo, que entretanto obteve largos favores do governo.

- Vamos ver se não é esta a única parte do protocolo a ser cumprido.

6 - No ambiente que se vive na empresa vi-me impedido de desempenhar as minhas funções.

- Já antes, como gestor eleito pelos Trabalhadores, o último Conselho de Gestão não aplicou a lei.

- Hoje compreendemos porquê!

- Actualmente como membro da C. T. vejo-me marginalizado, manietado e desautorizado na minha actividade profissional.

- Apesar dos sorrisos e boas falas da Administração o clima de gestão é de permanente desconfiança e ameaça e os trabalhadores já têm experiência de como pode ser brutalmente autoritário, pelas lutas que desenvolveram pelos seus direitos.

7 - Os fundamentos da minha decisão devem-se não por ter desistido da luta e muito menos por ter deixado de acreditar nos ideais e nas conquistas de Abril, mas porque:

- as possibilidades de defender os interesses dos trabalhadores são para mim agora nulas, na FAMAT

- estou a ser desconsiderado e desaproveitado em termos profissionais

- não posso concordar nem aceitar passivamente os planos da Administração em que forçosamente teria de participar e que considero lesivos dos trabalhadores e do interesse nacional.

8 - Julgo que o anteriormente dito pode de algum modo contribuir para o esclarecimento dos trabalhadores e uma maior consciencialização para as lutas que os aguardam.

Encontrar-me-ão como sempre do vosso lado na mesma luta mas noutra trincheira e como sempre também ao vosso dispor para tudo em que lhes puder ser útil.

O meu abraço a todos os que comigo trabalharam e me ajudaram durante estes anos.

Para todos a minha certeza num futuro melhor que juntos havemos de conseguir

Tomás Alves Branco

VIII

Sara, de manhã, arranja-se rapidamente. Sempre teve um certo pudor do seu corpo. Só nos tempos em que se sentia feliz e realizada aceitava o desafio da sua imagem nua reflectida no espelho. Mas esses tempos tinham passado e, como na adolescência, fugia de uma frontalidade que a colocava no caminho de desejos, diariamente recusados.

Ao princípio, quando deixou Tomás pensou que a sua capacidade de amar fisicamente se tinha esgotado. Um grau a mais na liberdade da sua vida, achara. Esquecera o amor da cama. Uma parte dela como que morrera e o desejo do sexo parecia-lhe algo tão irreal e longínquo como fluídos de outro planeta.

No entanto, sem dar por isso, quando pensava ter finalmente atingido a calma, o desprendimento que isola e liberta, pouco a pouco, insensivelmente, começou a tomar consciência do seu pudor um pouco ridículo que chegava a diverti-la, a redescobrir o seu rosto e depois todo o corpo: os seios, as ancas, o ventre. Admirada ou preocupada, recordava em cada vinco, em cada ruga o passar de um desespero, o arrastar de uma revolta em dias tristes e cansados. Reaprendia a esboçar sorrisos mais abertos, a vincar os lábios, a pintar os olhos, a massajar as faces e, por vezes, sempre rapidamente, com a culpa de estar a roubar tempo aos seus deveres, palpava a firmeza das pernas e dos seios.

Na realidade, o que lhe interessava era o seu trabalho na escola. Comprazia-se no esforço, em fazer mais para poder exigir mais aos alunos, servir de exemplo às colegas e criticar as que não se dedicavam como ela, as que tinham sempre compromissos para sair da escola, desculpas pelos atrasos e faltas, as que não apresentavam trabalho mais qualificado, implicitamente atacando a vida que as mulheres repartiam com os seus homens.

E interrogava-se: seria feliz e realizada? Mas quem o é senão por breves instantes, que mais tarde reconhece terem sido de engano?

Ao colocar esta questão, Sara, sabia estar a comparar-se com outras, suas conhecidas, mais o rol dos seus problemas físicos e psicológicos, o que detestava. Não queria isto dizer que não tivesse e não reconhecesse os seus pontos fracos; pelo menos num caso se encontrava indefesa: O Rui Manuel, o filho, centro das suas preocupações.

Crescera, tornara-se rebelde, ganhara outros interesses, criara o seu próprio espaço, onde Sara tinha cada vez menos lugar. O suave romance com o filho, aquela solidão partilhada, que architectara com uma fraqueza de um romantismo alimentado com a sua vontade e a força dos seus sacrifícios, vendo-se a lutar pela vida, unidos no seu mundo à parte, desfazia-se pouco a pouco, à medida que o Rui Manuel ensaiava voos cada vez mais longos fora da área materna.

Então as noites, os fins-de-semana, as férias, começaram a ser mais difíceis de passar e Sara voltou a olhar-se com outra preocupação, com outro interesse, com outro tempo, para não se deixar desaparecer numa voragem de saudades, remorsos e fracassos.

No início, quando Sara foi para casa da mãe esperava ainda, sem o confessar, que Tomás em breve a procurasse. Tinha quase a certeza que passado algum tempo iriam aparecer desentendimentos entre ele e a "outra" e seria a sua vez de impor condições. Aceitá-lo? Provavelmente sim, atendendo ao filho, aos anos passados juntos, ao casamento, apesar de tudo. Mas Tomás teria de mudar, teria de compreender que primeiro estava a mulher, o filho, a casa e não todo o resto lá fora, em que a família era peça de um xadrez sem coerência.

Estas conjecturas fazia Sara com mais ou menos certezas conforme a disposição, depois de dissipadas as iras e aparecerem as primeiras sensações de desconforto e fragilidade.

Acreditava então que entre Tomás e a "outra" tudo não passasse de um devaneio que as realidades da vida desvaneceriam. Perdoar-lhe-ia, mas teria de ser castigado e humilhado; Sara ganhava assim um pouco de consolação imaginando a sua variante de Canossa.

Tomás, porém, nos breves contactos com Sara acerca dos assuntos do filho, refugiava-se numa tímida formalidade e não abandonava a frieza inicial, nem mostrava o esperado arrependimento.

Com o tempo, Sara acabou por pôr de parte a ideia do regresso e aceitar como definitiva a nova situação, consolando-se ao pensar que nenhum deles podia ser verdadeiramente feliz. De qualquer forma procurava ter boa consciência: intimamente não lhes desejava mal, mas garantia a si própria, que a vida se encarregaria de lhe fazer justiça.

Pouco a pouco foi-se desfazendo-se do passado, de uma forma lenta, mas consistente. Vivendo inicialmente com a mãe, cedo começaram os atritos. O fracasso com Tomás, o facto de ter de criar e educar sozinha o Rui Manuel acentuara a sua tendência para o autoritarismo. Por seu lado, a mãe achava que estando a filha separada e lá em casa, tinha a obrigação de impor os seus critérios e exercer um controlo sobre o modo de vida de Sara e do neto.

Sara não aceitava este género de situações e cedo começaram os conflitos, as críticas de parte a parte, as discussões. Chegou, pois, à conclusão que, se queria verdadeiramente ter sossego, devia viver sozinha: já não podia aturar a mãe que, ainda por cima, para se queixar ou desabafar, falava da vida da filha com as vizinhas e amigas.

Não tinha nada a esconder, embora comesse a relacionar-se com colegas, a conhecer pessoas agradáveis de acompanhar, a aceitar que a trouxessem a casa, a sair aos fins-de-semana, a conviver no café com, a ir ao cinema e vaguear pelos centros comerciais. Não estava disposta a sujeitar-se a controlos, comentários, críticas, interrogatórios. Que diabo, já tinha 38 anos!

A interferência nas suas acções sempre lhe fora intolerável. Passou a detestar o sítio onde tinha nascido, a deixar de poder encarar as vizinhas que a conheciam de garota e comentavam agora os meandros da sua vida: foi-se embora. Fez uns sacrifícios, exigiu mais algum dinheiro a Tomás e arranjou um apartamento perto da escola onde estava colocada.

Foi sem dúvida um período de descoberta de si própria. Um tempo tranquilo e sem angústias na excitação das novidades que o dia a dia ia trazendo. Não propriamente novidades, mas que o pareciam por novamente poder e ser capaz de as apreciar de outra forma.

Sara podia agora achar o tempo de se olhar, de gostar de si própria, de gostar de viver. Mudou de carro, vestiu-se nas boutiques em voga, aumentou significativamente

o consumo de perfumes e cosméticos, passou a ter sessão marcada no cabeleireiro-esteticista todas as semanas.

O Rui Manuel era para ela ainda como que uma criança, ia nos seus 15 anos, não era desobediente, mas ficava muito tempo entregue a ele próprio - sabe-se lá com que companhias andava - estava um pouco fraco na escola, mas enfim...

Não tinha o que se pode chamar casos na sua vida, mas tinha amizades; amigas que iam em voz baixa e com olhares carregados de subentendidos sugerindo para sua apreciação, tal ou tal homem; amigos que se insinuavam nos espaços vazios da sua personalidade e da sua vida e já não escondiam que a desejavam como mulher, plenamente.

E tudo começa um dia, ou melhor, uma noite em que depois de um jantar e de uma ida a um novo bar, depois de uns copos de espumante, fresco, doce, com piquinhos de gasoso, se dança um pouco, se abandona o corpo a uma certa lassidão, se vem acompanhada no carro até casa, se beijam, se combina um novo encontro. E que argumentos tem uma mulher descomprometida para recusar um homem das suas relações que a deseja?

Houve, pois, casos que aconteceram com homens como ela descomprometidos, ou que passavam por sê-lo. Eram delicados, gentis, simpáticos. Que mal havia se ela retribuísse na mesma moeda. Amor? Sara achava esta questão estranha e que só a podia fazer rir. O amor seria como os sabonetes, vai-se usando, perde o perfume, gasta-se.

Rui Manuel estranhava; acostumara-se a vê-la discreta, distante do resto do mundo, dedicada exclusivamente a ele. As saídas de Sara começaram a perturbá-lo. Ficava sózinho ou com a avó, mas atormentava-se, sem saber para onde a mãe ia, com quem ia e quando vinha a mãe. Umaz vezes cedo outras vezes tarde, Sara chegava normalmente alegre e ele fingia dormir para não lhe falar.

Começava a duvidar dela e da sua honestidade, envergonhava-se, pensava o pior, o que lhe vinha à cabeça e que ao fim e ao cabo, era ciúme, era inveja por ver que a sua mãe podia estar alegre sem ele. Alguém a utilizava, alguém roubava o que lhe tinha pertencido só a ele, até ali.

Rui Manuel torturava-se, imaginando que a mãe deixara de ser digna. Na sua mente de adolescente o real e o imaginado, tomavam proporções disformes que ele

não podia aceitar. Culpava-se de ser injusto e revoltava-se contra as injustiças de que se sentia vítima.

Não sentia como dantes os doces afagos e os olhares meigos da mãe dos primeiros tempos de solidão, que se tornavam mais raros e ele acabava por recusá-los com brusquidão.

Sara começava a reconhecer no filho um homem e a não o entender; Rui Manuel tornava-se arisco, evitava-a, achando que não devia partilhar carícias que lhe eram roubadas por algum qualquer estranho. Por quem?

E o talvez inevitável, acontece. Um dia, um fim de tarde, Sara sobe com um amigo, oferece-lhe uma bebida, apresenta-lhe o filho meio atónito e deixa-o esperando na pequena sala comum, enquanto se arranja para irem jantar fora e ao cinema. Carlos seguiu-a até ao quarto sem dizer nada. Sara enquanto se arranjava dizia-lhe em voz baixa:

- É só um bocadinho filho. Vou ao cinema com o Sr. Nogueira Alves. É meu amigo, já nos conhecemos há muito tempo. Convidou-me. Queres que te deixe em casa da tua avó? Não? Já jantaste? Olha, tens comer no frigorífico. É só aquecer. Eu depois trago-te uma prenda, está bem.

Sara beijou-o rapidamente e correu para a sala.

- Já estamos atrasados. Até logo filho. Porta-te bem. Eu venho cedo.

- Até logo, Rui Manuel - disse o Nogueira Alves delicadamente.

Sara conhecera o Sr. Nogueira há uns dois anos, quando era directora de turma do filho. Ele aparecia nas reuniões de pais e despertara-lhe a atenção e simpatia pela forma ponderada como falava, pelas suas observações pertinentes, pela maneira como sabia escutá-la em silêncio, com um olhar atento meneando por vezes levemente a cabeça em assentimento.

Parecia ter sempre tempo disponível e depois das reuniões gostava de conversar com ela sobre os problemas da escola e do ensino. Achou-lhe graça por se interessar tanto por aquelas questões. A curiosidade levou-a a saber que era gerente duma agência bancária, estava separado da mulher e vivia com uma jovem que devia ter metade da idade dele. Quando o filho deixou de ser aluno da escola deixou de vê-lo.

Um dia, mais tarde, voltou a encontrá-lo. Estava num pequeno café restaurante com duas colegas e ele numa mesa ali perto lendo um semanário, esperando que o

servissem. Quando reparou nela levantou-se e veio cumprimentá-la com os requintes de delicadeza habituais.

- Permite que a cumprimente, sra. dra.? - disse fazendo uma vénia - E as sras. dras., também?

Cumprimentou-as sem estender a mão.

- Tenho muito gosto em vê-la, sra. dra.! Como vai. Há tanto tempo que não tinha o prazer...

Sara e as amigas sorriam, dizendo banalidades.

- Muito trabalho? E os alunos?

Sara perguntou pelo filho.

- Lá vai, sra. dra. Está numa universidade privada tentando tirar o curso de direito.

Fez uma pausa, mas Sara não falou e ele prosseguiu:

- Sabe o problema é que há dificuldades com o reconhecimento dos cursos pelo Ministério da Educação.

- Têm de mudar de professores! - disse Sara.

- É isso, é isso! Houve uns quantos que o Ministério não aceitou e vão ser contratados outros. Vamos ver, não é? E a sra. Dra. como vai? Bem? Já lá vão uns tempos desde que eu a maçava com os problemas do meu rapaz. Que tal estão os alunos agora?

- Na mesma. Quando nos habituamos, passam os anos e achamos tudo igual. Apenas um bocadinho pior.

- Não me diga!

O empregado de mesa aproximou-se

- Sr. Nogueira Alves o almoço está servido.

- Ah, sim? Dão-me licença, minhas sras. Muito gosto. Com licença.

O Nogueira Alves retirou-se com mais uma vénia, às arreguas, impecável no seu fato completo abotoado, gravata de seda, camisa branca com risquinha verde, sapatos pretos engraxados. De estatura meã, cabelo negro puxado para trás, estes requintes de elegância, davam-lhe um ar quase tão antiquado como se usasse botas com elásticos.

Não era muito difícil imaginá-lo dobrando meticulosamente a roupa, em cuecas de cano comprido antes de ir para a cama.

Voltaram a encontrar-se mais vezes, como que por acaso, se o acaso não fosse afinal uma série de circunstâncias, as aparências das verdadeiras causas, desconhecidas, que neste caso não o seriam tanto.

Ele vivia actualmente sózinho. A sua jovem namorada - como se usa dizer - voluntária ou involuntariamente responsável pela quebra da cadeia matrimonial, fatigara-se do amável e metódico quarentão e procurara outros bulícios.

Quando o Nogueira Alves viu Sara, os bons sentimentos de pai, vieram ao de cima e encheu-se de ternura pela eficaz, justa e dedicada, antiga professora do filho. Relembrou as conversas de ambos e tudo isso lhe parecia agora extremamente romântico, mesmo sensual.

Sara não deixou de se aperceber do elevado número de coincidências que ocasionavam os encontros, mas não tinha disposição para recusar a companhia de pessoas civilizadas, nas quais reconhecia afinidades.

Enfim, a presença do Nogueira tornou-se tão persistente que as colegas de Sara davam risinhos e diziam-lhe as graças habituais. Mas nada de comprometedor se passava: ele tratava-a como se pode imaginar para a namorada de um senhor de colete; além de que ela era a ex-professora do filho e isso impunha ao Nogueira, traumatizado ainda pela destravada da miúda que lhe virara a cabeça e o deixara, uma sensação de respeito e seriedade.

Sara não estava nem irritada nem encantada, deixava acontecer. Sentia-se lisonjeada por aquele senhor que, sentando-se à mesa com ela e as colegas, subtilmente monopolizava as conversas, conhecia as mais variadas histórias de pessoas e locais, ora divertindo-a com factos curiosos - ora dando opiniões sensatas. E Sara tinha os seus momentos de glória, ao ver o espanto mesclado numa pontinha de inveja das amigas, que transparecia nos seus risinhos e nos seus olhos brilhantes fixos no Nogueira Alves. Então Sara não deixava de repetir para si mesma: ele está aqui por mim e elas bem o sabem.

Acabou por ser Sara, curiosamente mais preparada do que ele para um devaneio, mesmo para uma ligação ocasional, que o incentivou um pouco mais. O Nogueira procurava uma mulher para viver, a estabilidade e o sossego de um lar. Tal como João Sebastião Bach, segundo Ana Madalena, pensava que "uma casa sem mulher não é um lar". Mas para isto, Sara não estava ainda preparada: tencionava habituar-se à promiscuidade dos fins-de-semana citadinos, a ligações com gente

agradável e sem complexos, quando a disposição fosse bastante. Recordava amiudadas vezes com um sorriso, a filosofia de uma amiga que sentenciava:

- Homem em casa, para quê? Hoje f.... quando se quer e com quem se quer!

Sara tinha é certo encarado a hipótese de viver com alguém, mas mais tarde, quando o filho fosse um homem, quando tivesse a vida arrumada, etc. Sara era daquelas mulheres que bem ou mal nada fazem na vida que não se justifique com ou pelos filhos. Já um pensador, do tipo prático e certamente causídico afirmara que "na vida não é preciso fazer tudo certo, é preciso é ter bons argumentos".

Foi assim que, de repente, como se de uma revelação se tratasse, Sara descobriu que o Rui Manuel necessitava de alguém que substituísse o pai. Que substituísse aquele louco, aquele inqualificável Tomás!

A presença de um homem, metódico, disciplinado, calmo, culto, bom conversador, compreensivo, atento e conhecedor dos problemas dos adolescentes só poderia ser benéfica. Isto é, sem o Nogueira Alves a sua casa não seria um lar!

Ela, sozinha, já não tinha a força, a paciência, o tempo, a disposição de acompanhar e resolver as dificuldades da educação de um adolescente, cada vez mais perto de se tornar um homem, para os devidos efeitos e com as correspondentes necessidades. Por este motivo se justificavam o seu progressivo afastamento, as respostas duras, uma certa falta de respeito, o aumento da agressividade. Rui Manuel já não era a criança meiga de sua mãe e, não sendo plenamente um homem, movia-se naquela zona de penumbra, de semi-adolescência que tantas vezes se prolonga, em algumas pessoas, pela vida fora. Então, Sara concluía:

- Já não faço nada dele e com o pai não posso contar. Nunca pude contar...

O Nogueira Alves delicadamente admirava-a, não tinha para ela uma palavra desagradável nem fora do registo médio. Sara compreendia que a sua delicadeza não era modéstia, mas um indelével toque de poder, que passara a admirar incondicionalmente ao apreciar a firmeza das suas decisões e o respeito como eram acatadas.

Tomás estava, pois, esquecido, nem despeito sentia: nada, apenas um misto de desprezo e piedade, de comiseração pela estupidez dos seus ideais absurdos. Que na verdade nunca partilhara.

Que igualdade queria ele, afinal? Alguma vez ela se compararia à sua cabeleireira ou a qualquer dactilógrafazita como a "outra". Felizmente que se tinha

posto travão a tempo ao descalabro, antes que a multidão acabasse com as coisas boas da vida.

Estava dado o primeiro e decisivo passo no sentido pretendido pelo Nogueira Alves. A partir dali o percurso seria comum.

O Rui Manuel chegou pelo anoitecer, à hora do jantar, trazendo na mão uma pequena mala.

Atrás dele tinha ficado um bilhete para a mãe que fora passear com o Nogueira Alves, comunicando que ia viver com o pai. Atrás dele ficavam as discussões com a mãe, a recusa de diálogo com o Nogueira que tentava acamaradar e que pensava poder captar o interesse do adolescente com os seus múltiplos conhecimentos. Porém, Rui Manuel via-o como um intruso, no seu espaço físico e afectivo, embora o Nogueira Alves não ficasse lá em casa por via das conveniências e por Sara temer a reacção do filho. Contudo eram cada vez mais frequentes as vezes em que lhe dizia:

- Hoje venho mais tarde, ou então - Hoje não venho a casa.

Rui Manuel pressentia que o novo casamento de sua mãe estaria para breve; teria então de viver lado a lado com o untuoso do Nogueira. Foi assim, como forma de protesto contra o que já era inevitável, que deixou o lacónico bilhete avisando da sua ida para casa do pai.

Tomás fitava-o emocionado e indeciso, ali estava o filho, sózinho, frágil, desorientado, mas determinado nas suas intenções.

Elsa olhava espantada como se se tratasse de algo irreal não querendo acreditar no que acontecia. Tomás pressentia o desacordo de Elsa e para evitar mais complicações tentava ser conciliatório.

- O melhor é telefonar à tua mãe.

- Não está, nem sei a que horas vem. Foi sair com o outro gajo.

Tomás trocou um olhar rápido com Elsa encolhendo os ombros, procurando o apoio desta.

- Não devias fazer isto, o que vai pensar a tua mãe.

- Não quero ir para casa enquanto aquele tipo lá andar. Qualquer dia mete-se lá de vez. E eu também já disse que dali não saio para ir viver para casa dele.

Fez-se silêncio.

- Já jantaste, Rui Manuel? - perguntou Elsa.

O rapaz nem se lembrava. Tinha comido qualquer coisa.

- O melhor é jantares - disse o pai aliviado por quebrar o estilo da conversa.

Foi para a cozinha e Elsa disse-lhe:

- O rapaz janta e depois tu falas com a Sara.

Rui Manuel comeu, ficou a ver televisão e pouco a pouco a conversa caiu em assuntos triviais como a vida dele na escola, os colegas, o filme da televisão.

Entretanto as horas iam passando e Sara nem telefonava nem era encontrada. De vez em quando, Tomás levantava-se e sem dizer nada ligava para a mulher, mas não obtinha resposta.

- O melhor é dormires cá hoje. Amanhã falamos com a tua mãe. Vocês têm de fazer as pazes.

- Já estou a ver que não me querem cá - e olhou de relance para Elsa.

- Não é nada disso. Não podes é abandonar a tua mãe.

- Pois não! Só tu é que pudeste!

- Rui! Primeiro vê como falas e além disso não te admito que mintas ou lances acusações infundadas.

Rui encolheu os ombros. Estava revoltado e farto deles todos, mas não queria discussões. Discutir o quê?

Já passava da meia-noite quando Sara telefonou. Excitada, a sua voz poderia ouvir-se em toda a sala. Queria ir buscá-lo, chamava-lhe ingrato, mal-educado, culpava o pai, culpava Elsa, etc., etc.

Tomás evitava que os outros percebessem o que ela dizia e, sobretudo, conhecendo Sara, tinha de impedir que ela aparecesse ali, fazendo um escândalo, aquela hora da noite, para a vizinhança.

- Acalma-te - repetia Tomás - Amanhã falamos e logo se vê.

- ...

- Não! - endureceu Tomás - agora não podes cá vir. Amanhã. Lembra-te que não és só tu que estás em causa. Ele fica cá hoje. Pronto. Acalma-te e não dramatizes as coisas.

- Ela não vem cá a casa, ouviste, Tomás - interveio Elsa - Discussões é na rua. Olha, o melhor é ires tu à escola falar com ela.

Tomás tentava apanhar o que cada uma dizia.

- Sara... escuta. Ouve-me por favor. Eu vou ter à escola com o Rui Manuel por volta das 10 horas.

- Mas eu não posso ir aí falar com o meu filho?

- Isso não depende só de mim, não achas?

Não são assuntos para falar na escola, nem na rua! Terei que utilizar outros meios para ir ter com o meu filho? Afinal o que é que pensam que eu sou?

- O melhor é ela vir cá falar com o rapaz - disse Tomás tapando o bocal do telefone.

Elsa meneou a cabeça e por fim disse:

- Então só cá aparece depois de eu sair.

- Está? Sara? Olha vamos tratar isto com calma. Está bem, amanhã apareces por cá pelas 10 horas. Mas calma, de acordo?

- Está descansado que eu tenho calma. Eu estou aí às 10 horas. Agora chama o Rui Manuel.

- Agora? Vê lá, não lhe digas nada desagradável.

- Chama-o, fazes favor.

- Rui, a tua mãe quer falar contigo.

- Para quê? O que é que ela quer?

- Anda cá, Rui, e ouve a tua mãe.

O rapaz foi:

- Mãe.

- Rui Manuel, a mãe vai aí falar contigo amanhã. Pensa bem no que fizeste, para não nos zangarmos. A mãe está aborrecida contigo, mas eu quero pôr uma pedra em cima do assunto. Percebeste?

- Está bem, amanhã falamos.

- Então, boa noite, um beijo da tua mãe.

- Adeus... até amanhã... mãe.

Sara apareceu muito antes das 10 horas logo após Elsa ter saído para o emprego. Desabafara com o Nogueira Alves e este não deixou de a apoiar: trouxe-a e esperava por ela no carro.

Sara de forma expedita queria que o filho se arranjasse e a acompanhasse. Discutiram.

- Não vou enquanto lá andar aquele tipo.
- Qual tipo?
- Sim, o seu amigo o Nogueira ou o que é.
- Mas ele não está lá em casa.
- É como se estivesse. Não deve faltar muito para se meter lá de vez.

Finalmente Rui fora verdadeiramente claro. Até ali nunca tinha tocado no assunto nem teria coragem para tal, fazia-o apoiado na presença do pai.

Foi um sobressalto para Sara. Tentou ainda uma aproximação, mas compreendia que estava perante um dilema. Pressentira-o? Admitira-o e recusara-o como absurdo.

- Parece mentira Rui. Uma pessoa tão tua amiga. É por isso que voltas as costas à tua mãe. Não compreendes que és injusto, que voltas as costas à tua própria felicidade.

Rui permaneceu silencioso e Sara decidiu jogar tudo por tudo.

- Escuta o Nogueira Alves está ali em baixo, veio acompanhar-me, veio buscar-te para irmos os três. Anda, podes vir ter com o teu pai quando quiseres, mas não deixes que ideias parvas se metam entre nós, nos separem.

- O quê, e eu ainda tenho de ir com ele?

- Rui, sacrifiquei-me a vida toda por ti. Tenho direito à minha vida agora que és quase um homem. Volta para casa.

- Não quero: está lá outro homem.

- Não vês que não tens lugar aqui, nesta casa. Esqueces-te do filho da "outra".

- Não vou, aquele é o lugar do meu pai e ele ocupa-o.

- E o lugar da tua mãe, quem o ocupa?

Rui Manuel encolheu os ombros sem responder, virando a cara para o lado, evitando o olhar da mãe. Sara exasperada prosseguiu, uma oitava acima:

- E para ficares aqui já não tens pruridos? Ao pé de uma mulher com quem eu não me comparo.

Tomás incomodado, tanto sustinha a respiração como respirava fundo, fazendo sinais por causa dos vizinhos. Aproveitando o silêncio de Sara, tentou ser conciliatório e acalmar a mulher:

- Também eu estou parvo com a reacção do miúdo, Sara. O melhor é deixar passar o tempo.

Mas a resposta deixa-o sem ilusões:

- Boa solução. Isso é mesmo teu. Onde é que queres chegar? Nunca sabes o que queres.

Sara acha o filho um ingrato, aliás, todos uns ingratos; sem darem por isso Sara e Tomás entram, por fim, na fase de recriminações mútuas.

Não conseguindo impor os seus pontos de vista, Sara volta as costas a Tomás e ao filho e, talvez por reflexo, encaminha-se para a janela e fica por momentos a olhar a rua onde o Nogueira Alves a espera. O seu rosto agora não traduz nem a autoridade que pretendia impor nos primeiros momentos, nem perturbação sequente, fecha-se numa calma dura e tensa.

- Rui, se pensas que me vou entregar aos teus caprichos e esquecer o resto do mundo, desengana-te: tens o teu lugar, mas não desisto de viver a minha vida. É inevitável que o faça. E porque não o faria? Daqui a uns anos voltas-me as costas, fico sozinha e virás ver-me por favor quando a tua mulher deixar. Sacrifícios, está bem, estou disposta a fazê-los ainda mais, mas não deixo que me torturem a sangue frio por capricho. Vais fazer 17 anos, agora escolhe. Pensa bem, e que o teu pai te aconselhe. Talvez seja a altura de ele se preocupar contigo.

Depois disto Sara olhou Tomás e Rui bem nos olhos e saiu. Tomás disse, para si próprio: "Esta mulher não mudou nada: pouco maleável". Ao mesmo tempo verificava ter um problema de que ignorava os contornos e implicações.

Naquele dia Tomás teve o bom senso de ir buscar Elsa ao emprego.

- O Rui Manuel não quis ir com a mãe. Ficou lá em casa. No fundo não aceita um padrasto.

- Pelos vistos ficaste muito lisonjeado com isso.

- Não. Claro que não. Mas o que posso fazer?

- O que podes fazer não sei. O meu problema é: o que tenho eu que fazer?

- Espero que seja temporário.

- Ou não, Tomás. Acho estranho que tendo-me sacrificado a passar tanto tempo longe do meu filho que tem 8 anos, que fica com a avó a maior parte das vezes e só vejo a correr, a quem não dou a assistência necessária, se espere agora que me seja possível fazer tudo e apoiar todos. Como vou poder tratar também do teu filho? Que vai restar para o Carlos Manuel e para mim? Quando resolvemos viver em comum, procuramos que não houvesse nem barreiras, nem farpas entre nós, como se não existisse passado, talvez de forma egoísta, mas que no fundo era a que melhor convinha a todos. E vens tu dizer-me que esperas que seja temporário. O que aquele egoistazinho tem são ciúmes da mãe. Precisava duas estaladas e posto a andar outra vez para casa dela.

- Não fales assim Elsa. Sabes que não o posso fazer.

- Mas é o que tens de fazer.

- Acalma-te Elsa.

- Curiosa essa tua maneira. Quanto mais desorientado estás, mais calma recomendas aos outros.

Em casa, Elsa, procurou fazer entender ao Rui Manuel que devia ir para junto da mãe. Era lá o lugar dele. Ali em casa seria sempre bem recebido, quando quisesse vir, mas a casa dele, a vida dele, era junto da mãe. Ela também tinha um filho pequeno para cuidar e como infelizmente não tinham sempre possibilidades nem tempo suficiente ficava muitas vezes com a avó. Além disso não podia fugir-se ao que estava combinado em relação a um e a outro dos dois rapazes.

Elsa ficou aliviada por ter falado, mas talvez não tanto se soubesse que a sua conversa, tinha posto o Rui Manuel, estranhamente bem disposto, divertido mesmo, triunfante quase.

Afinal, concluía, eles não sabem o que fazer comigo. Eu sou importante. Perturbo. Desoriento-os. Pensavam que à margem da minha pessoa gozavam o bem bom com consciência tranquila de pessoas sérias e do dever cumprido. Mas não! Cá estou eu. Cuidado! Agora tremam. Cheguei e nada será igual.

No dia seguinte na escola, dava gargalhadas, palmadas nas costas dos colegas, corria, e gritava:

- Cuidado, cheguei!

Foi mesmo expulso duma aula por, ao chegar atrasado, gritar isto para a turma.

Em casa não perdia oportunidade de discutir com Elsa, de contrariá-la, invadindo o seu espaço de sossego e de intimidade, com o nível e qualidade dos sons e luzes.

Passados dias aborreceu-se com o pai e foi para casa da avó: descobrira que tinha 3 casas e nem um único lar.

Da escola aparecem as más notas e as informações de mau comportamento. O pai, ou a mãe, são chamados ao director de turma, ouvem sem saber o que fazer. Sara pensa nos conselhos que dava aos outros pais, também ela professora. Mas o Rui Manuel diverte-se, descobre um encanto especial na vida: a ausência de regras, a quebra das poucas que subsistiam e por isso tão identificáveis e frágeis.

É difícil controlá-lo e destrinçar as verdades das mentirolas. Chega tarde a casa, vai para as discotecas, acompanha com quem encontra. O pai não o quer contrariar nem tem tempo, cada vez mais assoberbado com trabalho, para sobreviver com o mínimo de decência que considera ser obrigação ter-se na sua categoria social. Elsa, a quem a simples ideia de um jovem assim repugna, faz por ignorá-lo, revoltada.

Liberto da família, Rui Manuel, escolhe a sua tribo, não se pode dizer que o homem tenha deixado de ser um animal social; fuma e já experimentou, evidentemente, as chamadas drogas leves.

As afinidades estão agora com o seu clã de jovens que se consideram livres, olham o resto do mundo certo ou errado, com igual desprezo, só consideram que vale a pena viver sendo jovem, por isso a destruição física não os incomoda, é até desejável, já que o individuo adulto, de qualquer forma entrará em decadência, perderá a alegria, a liberdade e o direito de ser jovem. Depois da adolescência, a velhice... por isso a droga não se torna uma perversão, um vício, mas uma opção.

De forma alguma Rui Manuel era ainda um viciado decadente e irrecuperável, mas era isso que captava dia a dia, no pequeno morrão que fumava conscienciosamente em grupo, na displicência de modos, atitudes e convicções.

A vida sentia-se na intensidade dos riscos aceites, assumia-se na indiferença e agressividade, para os que tinham por obrigação cuidar deles, amá-los.

Elsa tornou-se pois sua vítima. Ficava doente só de o ouvir.

- Não consigo ler, não consigo pensar - queixava-se para si própria ou para o Tomás - Tenho de ouvir a música dele, de suportar o seu barulho, as suas luzes, a sua má educação. Assim não posso Tomás. Estamos a destruir-nos; ele está a destruir-me... conscientemente.

Tomás lastimava-se:

- Que posso fazer? A mãe só se importou com ele quando era miúdo. Agora que não o controla não quer saber. Aliás foi sempre assim com toda a gente. Quando não as consegue controlar abandona-as.

O pior é que Elsa aproximava-se do estado de ruptura psicológica. As tentativas de aproximação ao rapaz, no sentido de ao menos se aceitarem como pessoas e terem um mínimo de convivência pacífica sem permanente hostilização tinham falhado. Mais complicados eram os problemas com o seu próprio filho. Elsa começava a sentir uma crescente indiferença; apercebia-se que a sua presença era apenas tolerada pelo Carlos Manuel, cada vez mais atraído pelo pai. César, de propósito ou por ser essa a sua maneira de ser, queria compensar com o filho as suas frustrações familiares, encenando uma vivência de aventura e companheirismo.

No meio de tudo isto Tomás não podia dar a Elsa o apoio que necessitava, ele próprio indeciso e sem saber o que fazer entre as solicitações de uma intensa vida de trabalho, e respectivas preocupações, e os conflitos que, contra vontade, se levantavam à sua frente.

Um dia Elsa veio do escritório a meio da tarde e surpreendeu o Rui Manuel com jovens, amigos e amigas deitados uns por cima dos outros no quarto, fumando o que calhava, incluindo "erva", rodeados de cinzeiros sujos e garrafas de cerveja, não se sabendo se entravam ou se saíam de uma orgia.

Elsa enfurece-se e põe tudo na rua. Com os nervos em franja responsabiliza-o e ameaça-o com o pai, mas o Rui Manuel responde-lhe perguntando se é só o pai que pode trazer putas para casa.

- As minhas amigas não abandonaram marido e filhos - conclui ao mesmo tempo que leva uma violenta estalada.

Ele cresce para Elsa e ameaça-a.

- Nunca mais me toque sua porca.

Elsa recua, sente medo dos olhos dele, medo e repulsa, enoja-a e revolta-a, aquele rapaz, tão jovem, mas mau. Corre para o quarto, fecha-se numa crise de choro e vai buscar comprimidos para poder repousar, para, parecia-lhe, conseguir que a cabeça não estourasse.

Quando Tomás chega procura inquirir o que se passou.

Elsa arrasada, doente, conta-lhe, mas o Rui Manuel responde-lhe de forma displicente:

- Divertia-me.

Tomás então quer bater-lhe, agarrando-o por um braço e procurando atingir-lhe a cara, mas o filho desequilibra-o com um empurrão.

- Nunca mais me bata senão tenho de me defender - diz-lhe com um olhar cruel, de raiva mal contida e sai para casa dos avós.

Elsa, a custo, levanta-se. Na casa de banho pára a olhar o copo e o frasco dos comprimidos.

- Não posso continuar assim - pensa olhando-se ao espelho, recusando a sua imagem desfigurada.

Mas está tão nervosa e angustiada que tem de tomar mais.

Elsa tenta recompor-se; durante alguns dias procura de novo o seu equilíbrio, mas é evidente que para além da solicitude de Tomás está a inquietação pelo filho e a turbulência de sentimentos que este deixou atrás de si; situação que aliás se agrava quando a avó do Rui Manuel, a mãe de Sara, não o quer lá em casa. Queixa-se que é incorrecto, que não a deixa sossegar, que está velha e com pouca saúde e já não tem nem forças nem paciência para tomar conta do neto, que só quer fazer o que entende.

- Não tem respeito por ninguém. Está um autêntico malcriado - repete insistentemente.

Tomás procura então falar com ele. Convencê-lo a adoptar outra vida, a reconciliar-se e a voltar para casa da mãe, que embora ligada ao Nogueira continua a viver sozinha. Rui Manuel volta, simplesmente ao fim de poucas semanas sai novamente para casa do pai. Discutia frequentemente com a mãe que não lhe queria satisfazer as exigências de dinheiro. Quando chega, Elsa sente-se desesperar e diz para si:

- Vai começar tudo de novo.

Tomás tem uma conversa com Elsa e Rui Manuel apelando aos bons sentimentos e à compreensão mútua. A reacção de Rui é fria e agressiva:

- Vocês a mim não me compreendem. Fizeram as vossas asneiras e agora dão bons conselhos. Que moral têm para falar?

Elsa, continua a tomar, às escondidas de Tomás os seus comprimidos para dormir e por vezes, com o cansaço parece que lhe dói o coração. Vive a sua mágoa,

sente tristeza, uma grande desilusão invade-a. Cada vez mais o seu espírito é assaltado por interrogações angustiadas sobre a existência:

- Então será tudo assim? - pergunta-se.

Depois olha para Tomás e vê que ele está mudado, desorientado, também ele interrogando-se sobre a sua vida, precocemente envelhecido e cansado do trabalho. Tudo isto são golpes que a vida lhe desfere, saturada de problemas e cada vez com menos forças para os enfrentar. Necessita de ar, de campo, de horizontes.

Quer correr e viver. Quer amar. Como antes. Como sempre.

Aquele modo de vida não lhe desagradava. Rui Manuel deslocava-se de uma para outra casa intermitentemente. Saía quando começavam a querer controlá-lo, quando não lhe satisfaziam as vontades ou no fim de uma discussão em que procurava semear nos oponentes a maior dose possível de desgostos e frustrações. Depois circulava para outro sítio onde aparecia normalmente com um rol de queixas psicologicamente eficazes. Em casa do pai queixava-se do Nogueira; em casa da avó do pai; à mãe queixava-se de Elsa.

Assim, cada um adquiria um angustiante sentimento de culpa e impotência, procurava culpar as terceiras pessoas e para compensar o jovem, infeliz vítima, satisfaziam o melhor que podiam os seus desejos, até ficarem saturados e comecem a pensar em fazer-lhe frente, contrariá-lo, discipliná-lo. Nesta altura ele partia.

Há uns tempos que isto durava pensando cada um, para se compensar do alívio que sentia, que talvez lhe fizesse bem mudar de ambiente. Tomás achava que tinha sido mau pai, a avó que a filha tinha feito um mau casamento; Sara que tinha sido boa de mais, porém convencendo-se que seria definitivamente má se não conseguisse resolver o que já lhe parecia uma farsa a ameaçava ser uma tragédia.

Daquela vez Rui Manuel deixou a avó e chegou ao fim da tarde a casa da mãe. Esta ainda não estava, mas veio pouco depois acompanhada pelo Nogueira.

- És tu? Já te esperava... - disse Sara.

- Venho para casa. Se me quiserem...

- Se te quiserem? Tu é que não queres ninguém nem sabes o que queres. Mas vamos subir... os três. Temos muito que falar mas é em casa.

O rapaz olhou-a um pouco espantado, tentando um ar de desafio:

- Os três? Quero falar contigo, mas é sem estranhos.

- Mais uma razão para não estares a falar na porta do prédio. E decide-te que tenho mais que fazer. Aliás, não tens nada que decidir. Vamos embora, quem quer falar contigo sou eu.

Sara praticamente empurrou-o pela porta e Rui foi à frente um pouco atarantado, olhando de soslaio o Nogueira Alves que se mantinha impassível e fechava a porta atrás de si.

Em casa, Sara, atirou o casaco para cima de um sofá e enfrentou-o de rompante.

- Senta-te aí. Acabou-se a paródia, Rui Manuel. Agora vais ouvir-me. Há já algum tempo que tinha de te falar. Acabaram-se as farras e as farsas. Não sais mais daqui de casa. E se saíres vai a polícia atrás de ti. Eu é que sou responsável por ti, ouviste! O que quiseres fazer é com meu conhecimento e autorização. As regalias que tiveres é em função do que produzires, isto é, estudares, das notas que tiveres. E tem mais. Tens de te habituar ao Nogueira, ao Senhor Nogueira Alves, pois vamos casar.

- Pois é, logo vi - disse o Rui Manuel levantando-se e gesticulando - quer é ver-se livre de mim. Vou para casa do meu pai. Ele há-de saber no que se tornou...

Antes que ele tivesse concluído ou precisado o seu pensamento, Sara em fúria aplicou-lhe duas violentas bofetadas que lhe deixaram a cara encarnada. Por um momento, por um instante muito breve pensou-se que tudo poderia acontecer, poderia voltar-se contra a mãe, atirar-se ao Nogueira Alves, partir a mobília e a loiça. O Nogueira observava-o pronto a saltar-lhe em cima se ele se movesse contra Sara; mas esta não desarmava, dominava-o com o seu olhar intenso e antes que ele se recompusesse deu-lhe um empurrão que o sentou de novo no sofá. Ficou semi-prostrado e atônito dominado por aquela noção animal de respeito pelo território alheio e pelo predomínio dos mais aptos, que organiza as espécies e se sobrepunha nele, caída a máscara da imaturidade e fatuidade juvenis

- Chega. Chega de acusares toda a gente. Agora vais ter de responder perante mim. Não vou deixar que me faças o mesmo que fizeste aquela parva... aquela infeliz, que vive com o teu pai. Não...

- Você não pode...

- Para já não me tratas por você, senão apanhas uma estalada. Mãe... sou tua mãe. Quanto ao resto, posso. E de muitas maneiras. És menor, estás sob a minha tutela e já sabes que não vou deixar-te fazer o que quiseres. Queres luta, pois vamos lutar. Mas eu luto para o teu bem. Agora ficas cá em casa e sabes que o Sr. Nogueira Alves tem muitos conhecimentos, se não tiveres boas notas vais trabalhar, nem que seja a dar serventia nas obras e estudar à noite; se não te portares convenientemente se não deixares essa malta, essa escória com quem te juntaste, olha não penses que vais para casa do paizinho, vais fazer um estágio num colégio interno.

Rui Manuel estava confuso. Desta vez era a sério, acabou por se calar, imaginando o que podia e não podia fazer. Tomava evidentemente o papel de vítima. Mas não era isso que ele objectivamente procurava quando martirizava os outros com o seu comportamento grosseiro, incorrigível?

- Agora vais tomar banho e vestir outra roupa. Amanhã cortas o cabelo. Arranja-te que vamos jantar fora - voltou-se para o Nogueira - de acordo? Então, pronto, está decidido. Vamos, não fiques a olhar para mim, aí feito parvo. Vai-te arranjar.

O rapaz desajeitadamente levantou-se cabisbaixo.

- Onde está a roupa lavada?

- Não te preocupes que há aí roupa boa, que ainda te serve. Já te dou - disse Sara enquanto o empurrava para o corredor.

- Olha, a propósito, dá cá o tabaco - e meteu-lhe as mãos nos bolsos - isto vai tudo para o caixote do lixo. Acabou-se. Estás em óptima altura para deixares de ter vícios.

Quando Sara voltou à sala, deixou-se cair numa cadeira, apoiando a cabeça nas mãos. Não sabia se havia rir se chorar. O Nogueira Alves olhava-a sem ser capaz de adiantar uma das suas banalidades extremamente delicadas em que era exímio.

Por fim Sara olhou-o sorrindo, como quem pede desculpa.

- Afinal ele é apenas um miúdo. Não é?

IX

FINAL

Tomás olha-se no espelho enquanto faz a barba; a sonolência acentua o seu ar cansado, é como se o dia pesasse. Já não olhava, ou fingia não reparar, nos cabelos brancos que cada dia, cada noite, pareciam ser mais. Às vezes lembrava-se do pai, quando em criança o observava fazer a barba com uma máquina "gilette" antiga, metálica, o ritual de afiar a lâmina num copo de vidro, para durarem mais, as diferentes marcas e os papeis coloridos com as siglas e símbolos.

Foi quando lhe apareceram os primeiros cabelos brancos que voltou a recordar-se do pai; viu-se, já no princípio da adolescência, novamente a observá-lo, as pequenas manchas brancas que se alargavam nas fontes, sobre as orelhas e rompiam até à nuca.

- Está velho - pensou nessa altura. Ele crescia, sentia a sua força, o poder da sua virilidade a surgir e compreendia como o pai encetava um outro ciclo, que seria descendente.

Mas a ele faltava-lhe o espelho de uns olhos adolescentes nos quais ele se avaliasse ou se iludisse. Ao menos teria alguém que o admiraria, que acreditaria nele, com olhos vivos e despertos para a vida. Que lhe deixassem alguma réstia de esperança e ilusão.

Tomás sentia-se mal, na sua pele, no seu corpo, no seu espírito. Tinha a sensação de ser vítima, ou culpado de qualquer coisa que não podia precisar, mas na realidade sentia-se apenas impotente, para não dizer derrotado.

O trabalho na pequena empresa onde está empregado, esgota-o, tem de fazer de tudo ou quase tudo; na parte técnica é o único capaz de tomar decisões importantes. Chega a casa tarde, trabalha à noite e aos fins-de-semana; quase não tem férias. Elsa compreende que irem a um cinema ou dar um passeio mais longo seja um sacrifício. Às vezes, Tomás, sonha que participa no seu Centro Coordenador das Indústrias Metalomecânicas, como se pensou, dinamizador da produção nacional. Afinal, os

equipamentos são importados e ele sobrevive colaborando também nessa importação maciça.

Diariamente invadia-o uma indescritível sensação de revolta impotente, de frustração, ao ver como no país a generalidade das pessoas parecia tudo aceitar passivamente, contando anedotas, indiferente à ascensão de uma camada de intermediários e especuladores que se apossava da economia através da importação e distribuição.

Em nome da economia de mercado e da criação de riqueza, prosperava-se na ilegalidade, fosse através das ligações às redes de contrabando, da fuga ao fisco, do crédito mal parado, do não acatamento das leis, em primeiro lugar as do trabalho. Antecipavam assim o que reclamavam, proclamavam, propagandeavam e exigiam como necessidade para a salvação nacional. Era como se as leis que contrariassem os seus interesses fossem dadas como não escritas e promulgadas. Tomás tinha por vezes a sensação de viver sob a alçada de um bando: falava-se em corrupção, mas tudo se esfumava como buracos no lodo, que mal são abertos logo se fecham, sem nada deixar ver do seu interior, soltando apenas um cheiro nauseabundo.

Aos seus olhos uma fauna social exhibia-se abertamente: como girinos saíam de variados charcos e enfileiravam pelas demagogias mais rentáveis e mais à moda, à babugem das riquezas que escorriam do poder instalado.

No antigo regime a condição necessária era subscrever um papel onde pela sua honra se declarava o activo repúdio das ideias subversivas.

Que ingenuidades as daqueles tempos! Agora nada de papeis, nada de honras; eram precisas provas, práticas, concretas do activo repúdio pelas tais conquistas de Abril!

Elsa entrou silenciosa e lentamente na casa de banho; ensonada, encostou-se a Tomás com as mãos e a cabeça apoiadas no seu ombro. Nos últimos tempos tinha emagrecido, a camisa de noite caía-lhe sem jeito até meio da perna. Abriu um olho e viu-se ao espelho, mas não gostou da sua figura, pois desviou o olhar.

Tomás tinha acabado a barba e deu-lhe um beijo ao de leve.

- Então como passaste a noite?

Elsa sorriu, pareceu então acordar, deixou cair a camisa de noite e abriu o duche.

Tomás por pudor não a olhava deliberadamente.

Elsa andava adoentada, macilenta, o cabelo alourado perdia vitalidade. Desde há meses que vinha a sentir-se anormalmente cansada, irritável, com ciclos de prostração e euforia inexplicáveis. Depois, periodicamente, mas de forma cada vez mais frequente assaltavam-na horríveis dores de cabeça, enxaquecas que a deixavam prostrada. Porquê? O médico não sabia ou não lhe dizia a razão. Essas coisas aparecem por muitos motivos, explicava, não se pode concluir nada de concreto. Talvez um choque nervoso... O que, numa sociedade em desequilíbrio, é sempre uma explicação válida.

Elsa toma comprimidos, mas nessa tarde voltará para casa mais cedo devido às enxaquecas. Ao fim da tarde quando recupera, olha-se no espelho e pela primeira vez sente, mais do que vê, o seu rosto a marcar um envelhecimento prematuro: 36 anos.

Olha o corpo emagrecido, pensa no último ano, horrível, que viveu, nas pancadas que ressoam na cabeça que parece rebentar. Pensa em Tomás, perdido, que sem dar por isso, persegue pedaços do passado, como que para reconstruir quimeras; pensa no filho que a trata de forma educada mas distante: não, com ele não tem as dores e as alegrias de ralar e fazer pazes, de se preocupar e partilhar. O Carlos Manuel prefere a avó e as prendas do pai, que, talvez sem ser por mal, com o seu espírito competitivo ou por insegurança, acabara por desacreditá-la comprando a atenção do filho.

Sente que Carlos Manuel não considera aquela casa como sua, parece-lhe que se compraz em fazê-la sofrer, com a sua indiferença e insensibilidade, cortando as tentativas de estabelecer o diálogo, agora que caminhava para a adolescência. Será que ninguém pode ou quer ajudar ninguém? Será que, incluindo os fugazes entusiasmos pelas prendas do pai - declaradamente corruptoras, o seu filho não era também mais um pequeno monstro de egoísmo e ingratidão, como os outros?

Havia ainda o Rui Manuel. Sara parecia finalmente controlá-lo, embora ele apostasse em não permitir que os que o rodeavam pudessem ser felizes sem sua autorização.

Segundo Elsa, o rapaz aprendia a ser manhoso, extorquia dinheiro ao pai e só fazia o que queria. Com 18 anos tinha uma namorada, colega de escola, e aproveitava como amante uma empregada de centro comercial, para os trinta e tal anos que o intercalava com o patrão. Nisto, como no resto, Rui Manuel aprendia, como grande parte da sua geração e estrato social que a vida é sem princípios, apenas contam técnicas e eficácia.

Entretanto para Elsa a vida com Tomás, caía numa rotina que a entristecia, não pelo trabalho que o absorvia, mas achava que viviam de equívocos desde que ele se lembrara de querer ser pai e santo: parecia um monge arrependido a penitenciar-se de um pecado grave.

Por vezes discutiam, o cansaço, o nervosismo, a irritação de Elsa vinha ao de cima. O mais grave não eram propriamente as discussões, mas a depressão que se seguia: ficava esgotada e voltavam as dores de cabeça.

Frequentemente partia para o campo para descansar, por vezes sozinha: Tomás não estava disponível e desistira de levar o filho que se aborrecia ficar sozinho com ela sem o vídeo, os jogos de computador, os discos, as suas amizades, o espectáculo da cidade. A avó tomava a defesa do neto.

Não era propriamente a solidão que lhe pesava, o que a assustava era sentir-se cada vez menos identificada com os que a rodeavam. Quando procurava o filho, como um refúgio, encontrava-o abandonado no meio de brinquedos electrónicos, frio e alheado, ressentido porque ela parecia não lhe dar grande importância.

Elsa chora:

- Mas não meu querido, nunca. Pensava em ti. Pensava tanto, nem sabes. Mas não podia, não, nem sempre podia. Estou cansada, esgotada por dentro e por fora. Entende, Carlos Manuel - balbucia, num murmúrio entre lágrimas - Perdoa à tua mãe.

Carlos Manuel não entende, perdoa, mas exige. Quer que deixe tudo e venha viver com a avó. Todos juntos de novo.

Elsa promete. Agora há-de prometer tudo. Sabe-se lá o que fará. O que é preciso é viver e o futuro a Deus pertence. Deus ...O Divino, a transcendência, existe. Existe em nós e na Natureza - pensa - Sem dúvida, senão para que teria vivido e amado.

Falar com Tomás para quê? Nada entende também, o pobre. Tiraram-lhe as esperanças, sente-se um mercenário, a sua fábrica de camiões e autocarros lá está no seu imaginário, com operários diligentes, como ele, a fazer andar tudo melhor, a transformar tecnologia em libertação.

Elsa toma comprimidos para as dores de cabeça e tranquilizantes para dormir, de duvidosa utilidade.

Quando deixou de esconder alguns dos sintomas e dissimular um pouco as queixas ao médico dos Serviços Sociais, este mandou fazer uma série de exames:

- Isto não deve ser nada. Mas é para termos a certeza.

Depois dos exames feitos, os resultados deixaram algumas dúvidas e teve de fazer outros.

- É preciso termos a certeza para ficarmos descansados. O melhor sítio para isto é em Oncologia. Vou-lhe passar uma credencial. Não se assuste. O facto de a mandar para lá não tem nada de especial é apenas o melhor local para lhe fazerem o que necessita.

Claro que Elsa não se assustava. Mesmo antes dos resultados, sentia o que tinha e revoltava-se contra aquele corpo estranho que a minava: detectaram-lhe um nódulo muito pequeno na base do cérebro, junto à região cervical.

- Temos de pensar em tirar isso - dissera-lhe o médico.

O rosto de Elsa contraiu-se de angústia, quase que sentia uma dor física.

- Não se assuste. Isso é muito pequeno. Mas é melhor tirar quanto antes.

A operação de Elsa correu bem, como afirmou o médico. Animou-a, disse-lhe para repousar, distrair-se e não pensar mais naquilo. Mais tarde quando voltasse ao trabalho deveria repetir os exames.

É por esta altura que, quase insensivelmente, recomeçam as dores de cabeça. Primeiro uma impressão leve, depois mais fortes, acompanhadas de indisposição, cansaço e irritabilidade. Seria do trabalho? Não deveria ter voltado, era o que lhe dizia o Tomás. Porém, em resultado dos novos exames o médico diz-lhe, com um sorriso, disfarçando o ar preocupado, como se pedisse desculpa, querendo ser meigo:

- Temos de voltar à faca. Não, não foi tudo duma vez. Não digo que seja já... Vou consultar um colega meu, mas... não esteja triste, é preciso ter coragem e confiança. São maus bocados, não é... Vai ver que passa.

Elsa sai a chorar escondendo as lágrimas. Em casa deita-se, toma comprimidos e dorme até à noite.

É estranho quando sentimos que o nosso corpo não nos obedece, que não nos pertence, que é uma entidade alheia onde se aloja o que somos na verdade; o impulso

de aspirar, de desejar, de prosseguir. Admite-se então facilmente a dualidade matéria e espírito.

O corpo que somos nós, que exige cuidados, satisfação de necessidades, torna-se um estranho, quando perde a identidade com a nossa vontade, levado por forças desconhecidas e hostis e nos faz sofrer. O espírito voa e o corpo arrasta-nos para a terra, gera mágoas e máculas, corrói, destrói o próprio sopro que o alimenta: chamem-lhe alma, espírito, mente, acabará por ser expulso daquele hospedeiro que pensava comandar ou pelo menos harmonizar.

Elsa não dirá a ninguém o que sabe; limita-se a pedir uma baixa e ir para a casa de campo e mar da avó, repousar.

Quer voltar ao princípio. Ser livre. Fugir. Sobre escombros.

A própria presença de Tomás torna-se penosa quando este lhe conta as suas preocupações, quando vem com as histórias do filho e com os problemas do trabalho, da sua excitação e da sua falta de sono. Tomás ignora que ela está mais doente. Pensa que usa a baixa apenas para se ver livre do emprego e descansar.

Não deixou de amar Elsa, pelo contrário, vai vê-la e culpa-se por não estar mais tempo a seu lado, pede-lhe apenas um sacrifício transitório, os problemas de ambos hão-de passar e voltará a ser tudo como antes.

- Será? - interroga-o Elsa.

Tomás não compreende esta Elsa tão diferente, que quase o recusa, que não o acompanha nos seus problemas, que prefere a solidão, que o abandona e se abandona.

- Estaremos mesmo separados - pergunta-lhe - Mas porquê? Que terei eu feito? Que poderei ainda fazer para te ver de novo alegre, apaixonada e ficarmos juntos para reviver o nosso amor?

Elsa compreende que estas dúvidas o atormentam, contribuem para a sua insónia. Não deixará de o amar; tem pena dele. Seria possível recomeçar? Voltar atrás, um dia? Se ao menos lhe passassem as dores de cabeça...

- Provavelmente sou eu a culpada - diz-lhe Elsa - Exijo demasiado da vida. Mas não sei viver de outra forma. Tu és fraco Tomás e imaginavas-me fraca. Por vezes puseste-me de parte como uma flor na estufa enquanto pensavas resolver sozinho os teus problemas. Sabes, não vale a pena ter remorsos por causa dos nossos jovens... A juventude pode ser tão má, tão cruel, tão egoísta como os adultos. Talham o seu caminho na destruição do que lhes estava preparado. Não sei que lirismo pode ver poesia e idealismo só por se ter essa idade. Talvez a demagogia o veja. Ou talvez porque a sua maldade é inconsciente, irresponsável e sem arrependimento.

Tomás ouve-a sem a compreender. Uma nova Elsa tão diferente da suavidade que o apaixonara. Ela sofria sim e talvez por causa dele. Tomás pegou-lhe na mão e sorri-lhe com dificuldade.

Sara é mais forte que nós. Sara venceu-nos – pensa e pergunta-se, que fiz na vida? Onde cheguei ao fim de mais de 15 anos de trabalho? Qual o meu futuro?

- Para onde iria sem ti, Elsa? – murmura-lhe.

- Somos sensíveis Tomás. Só podemos viver no meio dos outros se fizermos como as tartarugas. Debaixo de carapaças.

- Amo-te, Elsa.

Elsa sorriu, mas achava que para ela não havia muito tempo, não havia futuro.

- Estás tão bela, hoje.

E foram estas as últimas palavras que Tomás lhe disse. Talvez ainda falassem de outras coisas e se despedisse antes de partir, mas para Elsa não valia a pena ouvir mais nenhuma.

Só encontraram Elsa a meio da manhã seguinte.

Caída sobre a cama, vestida como habitualmente, as calças de ganga, uma blusa branca com riscas verdes e bolsinhos no peito, o casaco de malha. Na penumbra do quarto apenas brilhavam, gritavam, os girassóis que ela bordara numa tela.

Foi a mulher que lá ia todos os dias fazer limpezas e ajudar a preparar as refeições. Admirou-se de ver tudo fechado e a luz acesa, depois até ela percebeu: excesso de comprimidos. Um frasco e uma caixa, abertos, pareciam também jazer, impressionantes como objectos mágicos transportadores da morte, sobre a mesa-de-cabeceira. Ao seu lado um livro com uma marca, passagens sublinhadas e um papel escrito com uma transcrição.

Ficava a ideia de que se tivessem chegado mais cedo a poderiam ter salvo. Querê-lo-ia ela?

Tinha 36 anos e faltavam 10 dias para a Primavera. Partiu como ave ferida, para não regressar. Deixava em todos a sensação desesperada de que podiam ainda fazer qualquer coisa para a ajudar. Que não era justo, a vida, ou o destino, não nos dar mais uma, apenas mais uma, oportunidade. Cada qual relembra a consciência de um gesto suspenso na sua direcção.

Tomás recriminava-se por tê-la deixado sozinha e revoltava-se por ela lhe ter dado aquele desgosto, por tê-lo abandonado.

Depois de falar com o médico, compreendeu-a melhor e resignou-se.

Alguns dias mais tarde quando arrumava as coisas de Elsa encontrou o livro que estava no quarto. Os papeis que pareciam marcas eram pequenos escritos, notas certamente feitas nos últimos tempos. Provavelmente haveria mais. Dirigidas a quem? A pensar nele?

"Em frente à minha casa há uma vereda que serpenteia por um pequeno prado. Agora cobre-se de flores roxas, amarelo claras, verde pálido, verde-escuro, cor-de-rosa, vermelho. Ninguém as semeou. Será que estão ali para mim? De manhã quando acordo e as vejo é como se a natureza me oferecesse aquele ramo todos os dias.

Vou pela vereda. Na estrada algumas mulheres passam com os filhos pequenos. Vão às compras. Sei quando regressam com sacos para fazer o almoço para o marido e os outros filhos.

Reparo nas novas, como eu. Têm faces rosadas, são fortes, de expressão carregada, mas tranquilas e sorridentes. Imagino como fazem amor, à noite, silenciosas e às escuras, de forma simples sem se porem questões. No campo está-se habituado a aproveitar sem complexos o que a natureza dá. E o que acontece só tem duas ordens de explicações a naturalmente simples e a sobrenatural, onde se inclui o inevitável.

Aqui na minha vereda imagino que sou o único habitante da terra. Se o fosse, lá estariam as minhas pegadas, as minhas marcas. Saberria por onde tinha caminhado, para onde ia e donde vinha. Saberria o que tinha sonhado e o que tinha recordado. E tudo isso ficaria indelével para sempre.

Como me irão recordar. Os que passaram por mim. Os que me tocaram. O Carlos Eduardo. Há tanto tempo! Casado, com filhos. Lembrar-se-à de mim ainda? E por que vou eu buscar estas coisas agora. Revolvo o passado como num tecido com malhas caídas, à procura da falha para voltar a fazer tudo de novo. E volte-me para onde me voltar encontro Tomás. Essa presença constante em tudo o que me rodeia. Olho uma pequena jarra. Lá dentro tem um papelinho. Um dos papelinhos do Tomás. Ainda há pouco tirei-o e li-o, mas não precisava. Sei de cor o que lá está escrito até a forma de cada letra: "Para um coração meigo"...

Que sou eu agora. Um coração cansado. Muito. Um coração que parece parar. Oh! Agonia de sobreviver. A liberdade é uma companheira negra que me espera do outro lado da vida.

Compreendo as mulheres do passado. As suas transgressões e os seus riscos, para viver o amor. Por um momento. Por instantes. E morriam cedo, quantas vezes lutando, já abandonadas, em nome do ser a quem davam vida e que as condenava. Heroísmos numa batalha de libertação, de uma guerra contra a opressão.

Não sou feliz, nem infeliz. Não existo.

Para a felicidade ou infelicidade é necessária a esperança, a ambição e disto já nada me resta.

Passo a vida como um rio escondido entre areais e arribas, correndo para a foz, até ao seu desaparecimento, à sua morte.

Olho-me ao espelho. Será que as pessoas nunca repararam no meu riso. Eu rio-me assim, sem mover o rosto, a boca abre-se e os meus lábios que são finos e muito suaves mostram os dentes. Mas não consegui rir com os dentes fechados, parecia um esgar, um angustiado espanto, um delicado tremor.

Oh! Onde estás intensa alegria... E eu que amava tanto a vida!

Sim, lembro-me de Puccini e ouço Cavaradocci cantar na prisão: "E eu que amava tanto a vida! A vida..."

Sinto-me morrer. Estiolo com a falta de beleza de um mundo que não é à medida da Criação e da Natureza. Vejo a decadência dos sentimentos e paixões. O penoso arrastar de angústias e fracassos escondidos.

Recomeçar o quê? Se tivesse forças. Se não estivesse cansada. Se não existisse esta dor que nem com mais comprimidos passa. Para quê esperar pela próxima operação, tão inútil como as anteriores. Para quê sofrer mais até ao inevitável resultado.

Se...

Fecho os olhos e vejo um caminho. É aqui, na casa de campo da minha avó. Aves voam sobre as flores da primavera e eu sonho espaços verdes, flutuo no oceano e vou descendo pelas profundidades. Lentamente..."

Adeus Tomás, adeus Carlos Manuel, adeus vida. Perdoem-me."

A transcrição do livro encontrado junto do corpo de Elsa era a seguinte: (1)

"Embora a vida dos homens não ultrapasse o que vêem e ouvem, embora o coração não possa ressoar mais tempo do que bate, precisamente por isso a harmonia ergue-se perante o homem como uma derradeira dignidade e valor, determinada pelo destino a ser forma, apenas forma. Apesar disto, tudo o que aconteceu apenas pelo amor da beleza tem de ficar preso no nada vazio e ser merecedor da condenação, pois até na moderação da harmonia tal empreendimento continua submetido à embriaguês, é apenas representação.

Oh! Ai da visão que abraça a beleza da existência de reflexos de ouro, pois permanece apesar de tudo encarcerada em plúmbea cegueira!

Oh! mundo repleto de beleza, enfeitado pela beleza!

A realidade é o amor.

A realidade do amor e a realidade da morte"

FIM

(1) - Em "A morte de Virgílio" de Hermano Bloch